

**INSTITUTO  
DAS FILHAS  
DE MARIA AUXILIADORA**

**CRONISTORIA**



4 Q 301  
Portoghese



**“CRONISTORIA”**



**INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA**

# **“CRONISTORIA”**

**A preparação e a fundação 1828-1872**

Tradução:

**INSPETORIA SANTA CATARINA DE SENA**

**SÃO PAULO — 1981**

## APRESENTAÇÃO

*Com este primeiro volume, tenho a satisfação de apresentar-lhes a "Cronistoria" do Instituto, agora impressa, como resposta a um vivo e comum desejo.*

*Na introdução, declara-se como foi compilada, quais os critérios adotados e os fins visados a estabelecer, não apenas a história, mas o espírito do Instituto. Não me demoro, pois, em pôr em destaque seu mérito; limito-me apenas a evocar uma lembrança.*

*No dia 31 de outubro de 1943, o P. Eugênio Ceria, ao terminar a leitura deste primeiro volume datilografado, escrevia: "Tenho em meu poder os três volumes da "Cronistoria". Já li o primeiro e ficou-me o desejo de ver também os outros dois. Não sei se intencionam imprimi-los; o trabalho representa um precioso capital para o futuro; o conteúdo é sólido e o espírito excelente".*

*A autorizada palavra do conhecido escritor e historiador salesiano, antes sóbrio e comedido nos seus julgamentos, vem a propósito para encorajar-nos nesta hora em que, justamente na vigília do XVI Capítulo Geral, o "precioso capital" da "Cronistoria" é retirado da sombra para que possa frutificar.*

*Desejo que a leitura destas páginas, que transpiram o frescor do espírito primitivo, possa vir a favorecer a "volta às fontes" auspiciada pelo Vaticano II e que deve assegurar a contínua e promissora vitalidade do Instituto.*

*Apóia-se o voto na incisiva palavra do Reitor-Mor P. Ricceri que, em fevereiro deste ano, falando aqui em Roma, durante um curso de Espiritualidade salesiana sobre a importância de permanecer fiéis às fontes, não hesitava em afirmar: "Uma Congregação, que se desliga do seu passado, não tem futuro, como uma planta separada de suas raízes".*

*Nosso passado revive na "Cronistoria", que dele nos quer dar um sempre maior conhecimento e ser um vínculo de amor cada vez mais forte, para que se projete no futuro, em renovada fecundidade de vida.*

*Roma, 15 de agosto de 1974*

*Festa da Assunção de Maria Santíssima*

**Ir. Ersilia Canta**

**Superiora Geral**

## INTRODUÇÃO

O projeto de redigir a “**Cronistoria do Instituto**” remonta ao I Capítulo Geral de 1884; de fato, na ata da 12.<sup>a</sup> reunião — 19 de agosto — lê-se que foi falado sobre a conveniência de recolher as particularidades de cada casa para inseri-las na “Cronistoria” “que — conforme ai se lê — será confiada a algum bom escritor salesiano”.

Parece, todavia, que tal voto ficou apenas no desejo e que, pelas crescentes ocupações, não se encontrou um Salesiano que pudesse assumir o trabalho.

As assim chamadas **Prime cronache dell’Istituto**, conservadas no Arquivo, foram escritas por irmãs e não têm data.

Julga-se que a mais antiga é a que tem como título: “**Cronaca del Nuovo Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice — Mornese 1872**”. Uma nota, que depois foi acrescentada, indica por quem teria sido escrita, talvez, a primeira parte, presumivelmente entre 1885 e 1889, “acompanhando — lê-se — pequenos cadernos velhos e estragados” que, infelizmente, não foram conservados.

Precedendo a Crônica, encontram-se duas folhas, acrescentadas depois certamente — como também o sugere a diversidade de papel — nas quais se encontra uma bela exposição retrospectiva das origens do Instituto, com a seguinte nota de rodapé: “**Isto foi escrito quinze anos depois da fundação do Instituto, por Ir. Rosalia Pestarino, testemunha ocular de quanto escreveu**”.

Vários tipos de letra sucedem-se ao longo do texto, que vai até 1900. Muito pouco se diz dos primeiros anos; algumas expressões parecem provir do Pe. Costamagna, tiradas talvez de anotações suas. Na primeira parte, a compilação revela muitas inexatidões e lacunas, ao passo que, a seguir, torna-se mais direta e imediata. Não deve, porém, ter agra-

dado, porque, na primeira página, está escrita, com grandes caracteres e tinta diferente, a palavra: "Anulado".

A outra Crônica, atribuída a Madre Emília Mosca — e que vai até fevereiro de 1900 — tem a seguinte nota na capa — **"Esta crônica foi escrita depois da que foi escrita por mim, Ir. Rosalia"** Dir-se-ia, por conseguinte, ter-se inspirado na precedente ou em simples reminiscências da própria Ir. Rosalia, e que não foram conservadas. Em todo caso, não se possuem elementos seguros a respeito.

Deve ter sido escrita nos últimos anos de vida de madre Emília Mosca, entre 1895 a 1900. Tal dedução se tira do que foi escrito nos inícios da casa de Turim — 1876 — e que faz menção da professora irmã de Pe. Sala, de quem se diz: "Ecônomo Geral dos Salesianos até à morte": e o Pe. Sala morreu em maio de 1895.

Por conseguinte, tal crônica — compilada decorrido algum tempo e, ao que parece, às pressas —, feito um atento e rigoroso estudo, revela-se inexata, apresentando não poucos erros de datas, transposições de fatos e lacunas.

Uma terceira espécie de Crônica, escrita posteriormente, compreende os primeiros vinte e cinco anos do Instituto e parece — no que diz respeito aos primeiros tempos — inspirada nas duas precedentes; apresenta até trechos iguais aos de uma e da outra.

Esta também não está isenta de erros e é antes pobre em particulares a propósito dos primeiros anos de Mornese.

Chega-se, assim, ao ano de 1913.

Eleita Secretária Geral, em setembro deste mesmo ano, Madre Clélia Genghini compreendeu que seu officio lhe impunha assegurar ao Instituto uma "Cronistoria" o mais possível completa e fiel. Estava convencida de que esta não devia começar a partir da fundação — 1872 — como as precedentes, mas, retrocedendo no tempo, abraçar todos os anos anteriores da longa e gradual preparação, remota e próxima. Ainda mais, para obter uma moldura mais ampla, quis que se fossem colher na vida de Dom Bosco os traços que revelam a ação da Providência para formar nele o Fundador do Instituto.

De Madre Mazzarello, quis que fossem recolhidas todas as memórias, desde o nascimento.

Tomou a peito, antes de tudo, o trabalho de juntar o material necessário, recolhendo, sobretudo das irmãs sobreviventes dos primeiros tempos de Mornese e de Nizza, todas as recordações possíveis, especialmente em relação a Madre Mazzarello e a Dom Bosco.

Nada lhe pareceu de pouca importância: os pequenos episódios, sentenças, hábitos, detalhes aparentemente insignificantes mas que, remontando às origens, poderiam ser fragmentos preciosos para reconstruir o passado e, mais ainda, para vivificar um espírito.

Foi preciso depois examinar atentamente as memórias recolhidas, para apurar a exatidão histórica. Algumas não precisavam datas ou então reuniam fatos acontecidos em tempo diferente.

As poucas crônicas das casas, curtíssimas e às vezes fragmentárias, narrando ocasionalmente fatos dignos de nota, omitiam as necessárias circunstâncias de tempo e de pessoas.

Os dados das nossas irmãs também não estavam transcritos de maneira completa e exata, nos primeiros registros de Mornese e Nizza. Foi necessário empreender um longo trabalho para fixar num novo registro as informações precisas e completas de todos os membros que passaram pelo Instituto.

Pode-se imaginar, portanto, quanto tempo e assíduo trabalho exigissem a investigação e relativo controle da pesquisa. Levou-se anos, às vezes, para registrar uma data, que estava faltando, e que se encontrou seguindo um tênue fio descoberto com assídua e amorosa diligência.

Justamente naquele tempo, estava em curso, na Cúria Diocesana de Acqui, o processo informativo para a causa de Beatificação e Canonização de Madre Mazzarello, aberto no dia 23 de junho de 1911 e encerrado no dia 21 de julho de 1914. O vice-postulador da causa, Pe. Ferdinando Maccono, tinha escrito e publicado naquele ano — 1913 — a primeira edição da biografia da nossa Santa. Até então, tínhamos apenas os *Cenni biografici* escritos pelo Pe. Lemoyne, em 1881, e o opúsculo do Pe. Francesia, *Suor Maria Mazzarello e i primi due lustri delle Figlie di Maria Ausiliatrice*, que saiu em 1906.

Com a intenção de preparar uma segunda edição da biografia de Madre Mazzarello e mais ainda em vista das

exigências da Causa, com sua conhecida tenacidade e diligência na pesquisa, o Pe. Maccono estava recolhendo depoimentos a respeito de Madre Mazzarello e dos primeiros anos do Instituto. Em grande parte, ele também se valia das recordações das sobreviventes.

Alguns testemunhos, relativos a um mesmo fato, não concordavam, às vezes, plenamente com os que tinham sido recolhidos para o trabalho da "Cronistoria"; foi necessário proceder a novas pesquisas, como se deduz da correspondência trocada entre o Pe. Maccono e Madre Clélia, e conservada no arquivo.

Nessa mesma época, o Pe. Lemoyne preparava as **Memorie biografiche di Don Bosco**. À medida que selecionava o material, a partir de 1862 — relativo às relações de Dom Bosco com o Pe. Pestarino — e preparava a compilação do X volume, que narra a fundação do Instituto, ia aprofundando análogas pesquisas. Provam-no alguns documentos do Arquivo, relativos às suas relações com os "**carissimi amici di Mornese**", que conheceu quando foi diretor daquela Casa.

Tudo isso e mais a troca recíproca de notícias testificam o cuidado com que se procurou assegurar o recurso às fontes, para compilar a história das origens e desenvolvimento do Instituto.

A maior parte das lembranças recolhidas provêm de madre Petronilla, a fiel companheira de Madre Mazzarello, desde a sua juventude. Omitindo outros nomes, é preciso recordar Ir. Rosalia, sobrinha do Pe. Pestarino e que cresceu em Mornese. Esta, por sua vez, recorria ao irmão, Pe. Giuseppe, para completar suas recordações. Por sua vez, Pe. Giuseppe Campi de Mornese, salesiano, forneceu notícias e lembranças mornesinas.

Temos ainda Ir. Giuseppina Vigolo, enviada ainda noviça a Mornese como professora pública. Quando, em 1897, pôde satisfazer seu vivo desejo de lá viver, o conhecimento que tinha de pessoas e lugares veio a ser um válido contributo para o prosseguimento das pesquisas.

Outros trabalhos, próprios do seu ofício, solicitavam então madre Clélia. Para as pesquisas e redação da Crônica, precisou, pois, fazer-se ajudar pela Ir. Maddalena Moretti, professora de pedagogia na escola normal de Nizza. É o que justifica a nota escrita por madre Clélia, ao entregar ao Arquivo Salesiano — em setembro de 1942 — os primeiros

três volumes datilografados da “Cronistória”. Querendo modestamente ficar na sombra, fez escrever: **“redigida por Ir. Maddalena Moretti e revista e ampliada pela Secretária Geral, baseando-se em ulteriores documentos em grande parte devidos às diligentes pesquisas do rev. Pe. Angelo Amadei, ou recorrendo às Memórias biográficas de São João Bosco — Nizza Monferrato — Turim 1922-1942”**.

Todavia, é de justiça precisar que Ir. Moretti esteve em Nizza até 1924; transferida depois para outro lugar, não consta que pudesse ocupar-se ainda com a “Cronistoria”. Deve-se, pois, concluir que sua colaboração limitou-se ao primeiro volume. Aliás, como diz a nota acima, mesmo este, esboçado em suas linhas essenciais por madre Clélia, foi depois revisto e ampliado, ao mesmo tempo que dava seu contributo para o trabalho do Pe. Amadei, na compilação do capítulo VI — **“Forma la sua seconda Famiglia”** — do X volume das Memórias Biográficas, que o Pe. Lemoyne deixara incompleto.

Os três primeiros volumes da “Cronistoria” terminam com a morte de Madre Mazzarello: 1881. Seguem-se os outros dois volumes IV e V, que continuam a narração até pouco depois da morte de Dom Bosco (março de 1888).

A preocupação pela “Cronistoria”, a solicitude para levá-la a cabo no tempo prefixado, estiveram sempre presentes em madre Clélia, embora, por variados motivos e pelo suceder-se dos acontecimentos, tenha sido estrangida a interrupções prolongadas, por anos até.

Quando morreu — 31 de janeiro de 1956 — estava ainda trabalhando sobre ela: deixou-a interrompida no dia 24 de agosto de 1884. Foi retomada e continuada por quem escreve estas notas, completando o IV volume e compilando o V, obedecendo ao traçado que ela deixou, não porém com a mesma abundância de detalhes.

A “Cronistoria” é escrita em forma narrativa, de maneira continuada, reconstruindo os fatos o mais fielmente possível. Embora não tenha a pretensão de ser um trabalho científico e crítico, segundo o critério atual, é digno de consideração e é verídico. Prova é a já mencionada diligência de pesquisa, que precedeu o trabalho, em confronto com o material recolhido e conservado no Arquivo.

Está escrita segundo o estilo da época: para imprimi-la julgou-se avisado conservar o estilo original, salvo indispensáveis e ligeiros retoques.

Quisemos conservar também as indicações marginais do texto datilografado que, no texto impresso, estão inseridas no curso da narração, não como subtítulos, mas como simples chamadas para facilitar a procura dos diferentes assuntos.

O presente I volume, abraçando o período que vai da preparação remota e próxima até à fundação propriamente dita do Instituto, em 1872, mostra os admiráveis caminhos pelos quais a Providência o guiou para que gradualmente surgisse. Deixa também entrever, em rápidas fulgurações, a ação previdente e amorosa da Virgem Santíssima, que de antemão escolheu e protegeu as pedras fundamentais do monumento vivo de gratidão e de amor, do qual ela mesma fora a celeste inspiradora.

**Ir. Giselda Capetti**

## COMO A DIVINA PROVIDÊNCIA PREPARA O FUNDADOR DO INSTITUTO

(1828-1862)

Para a vida física, é próprio da economia divina deitar uma semente no terreno, a fim de que, transformando-se em flor, embeleze a terra e com frutos a enriqueça. Para a vida espiritual, lança um fio tenuíssimo, invisível, que lenta e veladamente deve unir-se a outros fios, guiados todos por sua mão, para obter assim um magnífico tecido, sobre o qual imprimir, em caracteres de ouro, o nome da Providência que o quis e os traços da bondade de Deus que o abençoa.

Para o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, esse fio de ouro foi o Pe. João Bosco. Entre muitos outros, escreveu sobre ele, com a veracidade de historiador e o amor de filho, o Pe. J. B. Lemoyne. Das memórias, que deixou, queremos destacar apenas os pormenores que vão aos poucos aproximando o homem de Deus e que — sem que ele o perceba a princípio — o levam à realização de sua missão redentora na sociedade. Mostram como se formou o fundador e pai de uma segunda Família religiosa que, ao lado da primeira e sob seu influxo vital, está inteiramente consagrada à salvação da juventude feminina.

### JOÃOZINHO BOSCO E A PEQUENA MOGLIA (\*)

1828 — Eis Joãozinho com treze anos. Está empregado no sítio dos Moglia e já se dispõe a corresponder à missão que a Virgem Santíssima lhe confiou de converter seus con-

---

(\*) Como ficou dito na introdução, esta e as demais indicações servem apenas para chamar a atenção para as notas que se encontram à margem do texto original da "Cronistoria", a fim de facilitar a pesquisa.

terrâneos. Por ordem da patroa, vê-se na contingência, ou de tomar conta de uma menina de cinco anos, ou então dizer não a quem tinha o direito de impor-lhe tarefas. “Foi esta a única vez em que parece ter-se eximido de uma obediência” — escreve seu biógrafo — e acrescenta: “Todavia, a patroa deixava, às vezes, a criança ali por perto e se retirava, obrigando-o assim a olhar pela pequena; mas ele, mal estava certo de não ser visto, afastava-se. Voltando, dona Dorotéia ralhava: — Ah, menino teimoso! E por que não quer? — Eu não fui destinado para isto! — respondia calmamente Joãozinho” (1). Era semente lançada no terreno? Era fio que se tornará tecido?

Joãozinho Bosco, o pastorzinho dos Becchi, tivera aos nove anos seu primeiro “sonho”. Uma bela Senhora, fazendo-o observar como uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos se transformavam em outros tantos cordeiros, tinha-lhe dito: “Eis o teu campo: eis onde deves trabalhar. Torna-te humilde, forte, robusto; o que neste momento vês acontecer com esses animais tu deverás fazer para os meus filhos” (2).

Temos aqui o motivo pelo qual ele, rapazinho ainda, dissera diante da menina: “Eu não fui destinado para isso”. No sonho, tinha visto apenas meninos; já havia chorado por causa da dificuldade da empresa e não queria certamente — por iniciativa própria — alargar-lhe os limites.

Mas, como estava sempre atento às divinas inspirações, teve que compreender que, na palavra da patroa, vibrava a voz de Deus. Portanto, se por reserva natural, cultivada pela educação materna, afastava-se da menina quando esta ficava sozinha, não ia tão longe que a perdesse de vista. Se por acaso se apresentasse algum perigo, Joãozinho lá estava, pronto para sustentá-la e defendê-la.

Da mesma maneira, tanto a respeito dos jogos que preparava para os meninos e rapazinhos dos sítios vizinhos, como a propósito das lições de catecismo que lhes dava, escreve seu biógrafo: “não queria a presença de meninas”. Não as queria porque tinha ouvido sua mãe tantas vezes recomendar reserva no trato com as meninas. Mas, se as tivesse encontrado de alguma maneira necessitadas de proteção e defesa, ou sobretudo em perigo de ofender ao Senhor, não se teria ele aproximado e não teria dito também a elas e

---

(1) *Memorie Biografiche di don Giovanni Bosco*, I 199.

(2) *Ib.* 125.

para elas, a exemplo de mamãe Margarida, a palavra que até aos anciãos sabia dirigir?

Portanto, se a sua precoce prudência o tornava cauteloso e vigilante, Deus, que media a força daquele caráter adamantino, certamente não escondia, ao feliz rapazinho, que também a juventude feminina se encontra exposta, tanto ou mais, do que a masculina, às insídias do mal. Desde então lhe dilatava o coração para que, no tempo propício, o pudesse abrir, qual refúgio paterno, a uma e à outra. Não importa que ele não o percebesse; nem por isso o gremem perdia sua fertilidade.

1844-45 — Por longos anos, a semente permaneceu enterrada. Guiado e sustentado pelos “sonhos”, que se repetem para delinear-lhe sempre mais claramente o desígnio de Deus a seu respeito, Joãozinho deixou o sítio Moglia, retomou os estudos de latinidade, entrou no seminário de Chieri, foi ordenado sacerdote e começou em Turim uma obra tipicamente sua; os oratórios para meninos.

Em 1844, passou as férias outonais em Castelnuovo e, feita a pregação para a festa de Nossa Senhora do Rosário, voltou ao Colégio Eclesiástico de Turim, para junto do seu incomparável conterrâneo, mestre e amigo, o Pe. Cafasso, seu diretor espiritual.

## DOM BOSCO NO “REFÚGIO”

“Depois de alguns dias, o Pe. Cafasso, tomando-o à parte, perguntou-lhe com bondade:

— Por que não me pergunta qual seja sua destinação?

— Porque — respondeu Dom Bosco — desejo conhecer a vontade de Deus por seu intermédio; tenho muito a peito nada colocar de meu; mande-me para onde quiser; parto imediatamente.

— Pois bem, faça a mala e vá para o “Refúgio”. Lá você será o capelão do **Refúgio Santa Filomena** e ao mesmo tempo, juntamente com o Pe. Borel, vai trabalhar em vantagem das jovens daquele instituto da marquesa Barolo. Mesmo trabalhando no Refúgio, Deus não deixará de mostrar-lhe o o que deve fazer pelos pobres meninos”<sup>(3)</sup>.

---

(3) MB II 233.

O Refúgio Santa Filomena era uma obra em benefício das meninas pobres ou transviadas; consistia no conjunto de instituições femininas fundadas e sustentadas pela marquessa Barolo. Esse grupo de institutos era pois o campo destinado a Dom Bosco pela vontade de Deus, expressa por meio do Pe. Cafasso.

Dom Bosco não se eximiu daquela obra diametralmente oposta ao seu ideal: ao contrário, deu muito de si, mais até do que era para se esperar e que o seu dever exigia. Entregou-se com um coração de pai, de irmão, de apóstolo.

“Durante a semana ele ajudava o Pe. Borel na direção das irmãs e das jovens em situações periclitantes; ensinava canto a um coro destas últimas; dava regularmente aulas de matemática a algumas religiosas que se preparavam para o magistério; confessava, pregava, fazia conferências sobre a vida e a perfeição monástica” (4).

## **DOM BOSCO SONHA TRABALHAR COMO ALFAIATE**

Enquanto freqüentava o primeiro ano de filosofia, Dom Bosco tivera um sonho. Contou-o ele mesmo, mais tarde, ao Pe. Domingos Rufino e ao Pe. Turco: “Eu me vi já como padre, com roquete e estola: assim vestido, trabalhava numa oficina de alfaiate; mas não costurava peças novas; pelo contrário, remendava roupas velhas e emendava um grande número de retalhos de pano. Não compreendi logo o que aquilo pudesse significar. Conversei a respeito com algumas pessoas; mas não falei claramente senão quando me tornei padre, e apenas com meu conselheiro, o Pe. Cafasso” (5).

Terá Dom Bosco se lembrado do seu sonho, quando esteve no Refúgio? Terá perguntado a si mesmo se, entre aquelas roupas rasgadas, estavam compreendidas também aquelas de que se ocupava por ordem do Pe. Cafasso, tendo que trabalhar no meio de jovens decaídas? Pobres que, nascidas talvez no meio da mais sórdida miséria e a lama do vício, a sociedade não tinha sabido ou podido salvar. Não devia ajudar também as religiosas a viver serenas no meio de tantas misérias materiais e morais, a inclinar-se para a terra a fim de ensinar a carregar a cruz olhando para o céu?

---

(4) MB II 234.

(5) BM I 382.

E não terá concluído que, se os seus sonhos falavam sempre de meninos, a divina Providência o punha, entretanto, em contato também com meninas e religiosas?

A semente já se abria na terra e se preparava, no silêncio, a lançar ao solo o primeiro rebento ao qual a linfa divina daria um frêmito de vida.

### “HINC INDE GLORIA MEA”

1846 — O rebento apareceu mais depressa do que se teria esperado.

Dom Bosco estava angustiado, à procura de um lugar onde pudesse reunir seus meninos: tendo-se recusado a abandoná-los, para dedicar-se unicamente às obras da marquesa Barolo, esta o obrigou a deixar o Refúgio.

Foi quando ele teve justamente um sonho.

“Pareceu-lhe estar na rua Cottolengo. À direita, levantava-se a casa Pinardi, no meio da horta e dos prados; à esquerda ficava a casa Moretta, quase defronte à primeira, com os pórticos e terrenos contíguos, que, mais tarde, seriam ocupados pelas Filhas de Maria Auxiliadora. Duas colunas levantavam-se sobre a porta do futuro oratório, sobre as quais Dom Bosco leu esta inscrição duas vezes repetida: “*Hinc inde Gloria mea*” — “Daqui e dali a minha glória”.

“Era evidentemente o primeiro aceno à Congregação irmã da dos Salesianos. E, se de um lado ele via estes últimos, não terá visto do outro as irmãs? Entretanto, ele nada disse então, reservado como era em dar tais explicações” (6).

Calava, pois, sabendo por experiência própria que, também para a nova obra entrevista no sonho, Deus lhe teria indicado oportunamente a hora, pondo à sua disposição os instrumentos necessários à empresa. Mas certamente terá refletido sobre ela porque, se Deus lhe indicava sua vontade — embora num futuro ainda longínquo — ele devia dispor-se a recebê-la na hora marcada e a executá-la do melhor modo possível.

---

(6) MB II 407.

## DOM BOSCO NAS ÁGUAS-FURTADAS E NOS DORMITÓRIOS DO “COTTOLENGO”

Talvez tenha tido uma remota preparação quando, nos anos 1841-42 e 43, o Pe. Cafasso o fazia subir às águas-furtadas de Turim; “baixas, estreitas, esquálidas e sórdidas, de paredes enegrecidas, que serviam como dormitório e cozinha, como sala de trabalho para famílias inteiras, onde dormiam pai e mãe e irmãos e irmãs, com a falta absoluta de conveniência que se pode imaginar” (7).

Ou quando o Cottolengo o acompanhava, em 1842, para fazer um giro por todos os sótãos e, através dos leitões, para ter uma visão das misérias materiais e morais, mitigadas em nome e por amor de Deus na Casa da Divina Providência. Lá, como nos sótãos, Dom Bosco tinha passado ao lado da abjeção e das necessidades dos jovens, com olhos e coração de sacerdote e de apóstolo.

Depois precisou interessar-se pelas famílias de seus meninos e teve ocasião de tratar com mulheres do povo ou com senhoras da sociedade, seja por estrito dever do seu ministério, seja para passar, às mãos daquelas, as esmolas destas recebidas ou ainda informá-las sobre seus filhos, consolá-las e aliviá-las nos seus sofrimentos. As circunstâncias ofereciam-lhe a oportunidade de estudar praticamente a alma feminina. Deve ter compreendido suas fraquezas, aspirações e energias, um vez que, para Dom Bosco, esperar a hora de Deus não significava repousar inerte e passivo, mas antes velar ativamente, com a alma pronta e o coração aberto.

### DOM BOSCO SE OCUPA DA JUVENTUDE FEMININA

1856 — Ele esperava trabalhando, e com que atividade! Em 1856, juntamente com seis mil cópias da *Maniera facile per imparare la Storia Sacra* e três mil da *Vitta di S. Pancrazio*, segunda edição, no mês de julho tinha feito imprimir, pela Paravia, quatro mil cópias dos *Avisi alle figlie cristiane* (8).. Agora que não mais tem nenhuma ligação com os Institutos da marquesa Barolo e sua obra está toda voltada para a juventude masculina, Dom Bosco pensa na juventude feminina, escrevendo para ela aquelas normas que podem ajudar sua formação moral e religiosa, baseado nos

(7) Lemoyne G.B. *Vita del venerabile G. Bosco* (Torino, SEI 1930) I 234-235.

(8) Cf MB V 591.

conhecimentos adquiridos. Isso prova que não considera mais tal apostolado estranho à linha do seu trabalho.

Sua resposta decidida, de vinte e oito anos atrás, dada à patroa do sítio Moglia, “não fui destinado para isso”, devia referir-se àquele período de sua vida; o que é certo é que não mais sairia de sua boca. Ao contrário, ele considera com pesar os perigos a que estão expostas as jovens, apressa-se a vir-lhes em socorro, enquanto espera que a Providência lhe indique o caminho para um mais vasto apostolado.

## **A MORTE DE MAMÃE MARGARIDA**

Parece que a divina Providência quis lhe mostrar a nova estrada, não com proporcionar-lhe novos meios, mas antes tirando-lhe o valioso auxílio, a luz santa que até então o tinha sustentado: mamãe Margarida. Naquele ano de 1858, definitivamente fundado, o Oratório começava a dar bons frutos, com a promessa de promissora messe. Numerosos eram os meninos internos e externos; as aulas estavam bem encaminhadas, cheias de clérigos e de leigos, graças também ao providencial auxílio de mamãe Margarida. Tendo se estabelecido com o filho em Turim, em 1846, contribuía para a ordem externa e moral da casa, com sua sagacidade materna, com a esclarecida economia, com o trabalho sem tréguas e a exemplar piedade. Mesmo quem não tivesse disso conhecimento, teria logo adivinhado um coração e mãos de mãe, de uma mãe rica de valores espirituais e práticos.

Mas aqueles olhos que substituíam — recordando-os mesmo fisicamente — os olhos do filho, para prevenir, advertir, sugerir, corrigir com a tácita linguagem do coração, fecharam-se para sempre. Aquelas mãos incansáveis no trabalho e no distribuir benefícios; aquelas mãos que haviam sublimado com a piedade os humildes trabalhos e atividades domésticas, passando horas a remendar as roupas grosseiras dos garotos; aquelas mãos estão para sempre inertes e repousam entrelaçadas com o rosário escuro tantas vezes desfiado. Aquele coração de mulher forte, que não tinha vivido senão para Deus e para o dever, que tinha feito suas as necessidades de todos os molequinhos e clérigos de seu filho, aquele coração descansa, para sempre, no coração do seu Senhor.

Na manhã do dia 25 de novembro, às 15 horas, morrera serenamente a querida mamãe Margarida, chorada não so-

mente pelos filhos José e João mas por todos aqueles que habitavam o Oratório. Em lágrimas, como verdadeiros órfãos, iam à porfia prestar-lhe a derradeira homenagem. Comovido com tamanha dor, Dom Bosco — que também chorava com o terno coração dilacerado — reuniu-os para consolá-los e lhes disse: “Perdemos a mãe; mas estou certo de que ela nos ajudará do céu. Era uma santa!.”<sup>(9)</sup>

Se numa família, mesmo pequena, a ausência da mãe é sempre uma desventura, imagine-se qual não teria sido em Valdocco a impressão de vazio e de desolação daqueles pobrezinhos, que voltavam para casa sem receber a bênção de quem lhes tinha feito experimentar o conforto de possuir uma mãe, uma verdadeira mãe? Que mal-estar vendo as peças de roupa rasgadas sem que uma mão materna as concertasse? Quem teria preparado as alfaias para a igreja? Quem se ocuparia da mesa de Dom Bosco e de seus filhos, pobre mas indispensável? Impunha-se a necessidade de ordem econômica e moral: era urgente providenciar.

“... Quando morreu sua mãe — narrou o Pe. Rua — Dom Bosco viu a necessidade de uma Congregação de religiosas que tomasse a seu cargo a roupa de uma tão numerosa família; mas aguardou, para tomar uma decisão, que a Providência lhe indicasse, de maneira evidente, sua vontade”.

### **DOM BOSCO PROPÓS AOS JOVENS CONVIDAR RELIGIOSAS PARA TOMAR CONTA DA ROUPARIA**

“Ele, entretanto, querendo conhecer a opinião geral, uma noite, depois das orações, fez a seguinte proposta aos jovens: — Será bom acolher em casa algumas irmãs para tomarem conta da lavanderia, da rouparia, para o concerto da roupa? Ou contratar uma funcionária que venha, durante o dia, desempenhar esses trabalhos?”

Os jovens, pensando que a presença de irmãs viesse restringir-lhes a liberdade, responderam unanimemente: — É melhor que venha uma funcionária”<sup>(10)</sup>.

Os meninos estavam habituados a imaginar as religiosas como pessoas sérias, devotadas inteiramente à oração, ao silêncio, a uma disciplina férrea; seriam assim incapazes

---

(9) BM V 565.

(10) MB V 569.

de adaptar-se a tomar conta deles, tão barulhentos, amantes do jogo e do canto. Iriam transformar o Oratório num lugar triste, pesado, semelhante a uma prisão que desagradaria até mesmo a Dom Bosco que tanto gostava da sua jovialidade, provocando-a de todo jeito. Nada, portanto de religiosa, mas uma mulher — uma mãe — disposta a ouvi-los, a ajudá-los a corrigi-los também, mas com o sorriso nos lábios; que vivesse a vida deles, entretecida de pobreza e de trabalho.

Todas elas, razões muito justas, queridos meninos; razões muito compreensíveis ao pai, que teria tirado a seguinte conclusão: para estes meus garotinhos, seria preciso irmãs feitas de propósito para eles!

Enquanto esperava que a divina vontade falasse mais claro a respeito de religiosas preparadas *ad hoc* — não tanto para o presente batalhão de jovens, quanto para o imenso exército de filhas e de filhos que já lhe povoariam a mente — Dom Bosco resolveu satisfazer o desejo dos jovens. Lançou as vistas sobre a senhora Giovanna Rua, mãe do Cl. Miguel Rua, que desde algum tempo era a generosa ajudante de mamãe Margarida. Possuidora dos mesmos sentimentos, queria também conservar intatas as tradições do Oratório. Mamãe Margarida não teria podido desejar mais digna sucessora.

## **DOM BOSCO E AS DETENTAS DE SANTA MARIA DOS ANJOS**

1858 — Em fevereiro de 1858, Dom Bosco dirigiu-se a Roma. No dia 15 de março, designado por Pio IX, pregava os exercícios espirituais às 260 detentas dos cárceres de Santa Maria dos Anjos, nas Termas de Diocleciano.

Aquelas infelizes, comovidas com suas palavras, confessaram-se todas elas com mostras de sincero arrependimento. Dom Bosco se aproximava, mais uma vez, das almas femininas; para seu paterno coração, foi uma nova experiência sobre a maneira de prevenir a mulher contra as seduções da vida.

Quanto terá refletido sobre as quedas daquelas infelizes; a maior parte delas ter-se-ia podido conservar piedosa e honesta se, no momento oportuno, tivessem encontrado um guia seguro, rico de bondade e de fé!

Dom Bosco fazia esse estudo prático justamente quando cumpria uma ordem do Vigário de Jesus Cristo, aquele mesmo Pontífice que, mais tarde, teria aprovado, ou antes, sugerido, que ele fizesse pelas meninas o mesmo que estava fazendo pelos meninos e quase ditando-lhe as normas para a nova empresa.

## FORMAÇÃO DA PIA SOCIEDADE SALESIANA

1859 — Uma vergôntea se transforma em planta. No dia 9 de dezembro, qual presente da Imaculada, Dom Bosco fez no seu quarto uma conferência aos “padres, clérigos e leigos que compartilhavam das suas fadigas no Oratório.” Admitidos no segredo de certas coisas, pressentiram eles que aquelas conferência seria importante.

“Com visível comoção, comunicou-lhes que tinha chegado o tempo de sistematizar aquela Congregação que há tanto tempo vinha desejando erigir, que tinha sido o objeto principal de todos os seus cuidados... e que tomaria, ou antes, conservaria o nome de São Francisco de Sales” (11).

No dia 18 do mesmo mês, fez uma conferência para os primeiros que aderiram à Pia Sociedade. Lemos na ata dessa reunião que os Congregados se comprometeram a erigir-se em Sociedade ou Congregação que, tendo em mira o mútuo auxílio para a própria santificação, se propusessem promover a maior glória de Deus e a salvação das almas, sobretudo das mais necessitadas de instrução e educação... que pediram a Dom Bosco, iniciador e promotor, quisesse aceitar o cargo de Superior-mor... que se pensou constituir... mediante votação secreta... o Conselho que foi denominado Capítulo Superior (12). A planta lançava, portanto, raízes profundas.

1862 — No dia 14 de maio de 1862, na solene vigília da festa de Maria Auxiliadora, “os irmãos da Sociedade de São Francisco de Sales foram convocados pelo Reitor, e a maior parte deles se confirmaram na nascente Sociedade, emitindo formalmente os votos trienais...

... Fizemos, portanto — escreveu o Pe. Bonetti — vinte e dois dentre nós, sem compreender Dom Bosco, que estava

---

(11) MB VI 333-334.

(12) Cf MB VI 335-336.

ajoelhado diante da mesa sobre a qual se via o crucifixo, nossos votos, segundo o Regulamento” (13).

A primeira família religiosa do pastorzinho dos Becchi era um fato consumado!

Transcorrido apenas um mês — no dia 14 de junho — dois dos mais fiéis e afeiçãoados filhos de Dom Bosco — o Pe. João Cagliero e o Pe. Giovanni Battista Francesia — foram ordenados sacerdotes por Dom Balma.

Dessa maneira, o pai já tem, entre os filhos, mais dois sacerdotes colaboradores e, se um será o poeta da grande família, o outro será o músico por excelência e levará o nome de Dom Bosco, para além dos oceanos, junto aos emigrantes da Itália e aos neófitos da grande civilização cristã.

Mais ou menos por essa época, parece que se deu o sonho — várias vezes repetido — a que faz menção o Pe. Francesia, no seu livro sobre Madre Mazzarello.

Sem precisar o tempo, conta ele que Dom Bosco sonhara estar na praça Vittorio, em Turim, rodeado por um grande número de meninas que faziam muito barulho e lhe suplicavam viesse em seu auxílio. Naturalmente, ele se desculpara. Aparecera então uma nobre Senhora, resplandecente de beleza, que dissera — “Toma conta delas, são minhas filhas” (14).

Por duas razões, parece que o sonho se deu nessa época.

Em primeiro lugar, porque os sonhos relativos à sua obra fundamental já se tinham realizado. Dom Bosco tem agora, não apenas meninos e clérigos, mas também sacerdotes que o ajudam e são seus mesmo, filhos do Oratório. Por que o céu não faria ouvir sua voz mais clara e segura em relação à segunda obra que espera receber vida do coração de Dom Bosco? Ele está justamente esperando a ordem da divina Providência.

Além disso, se colocamos aqui esse sonho, teremos a chave do outro que o próprio Dom Bosco narrou a seus filhos, acrescentando particulares bastante interessantes.

---

(13) BM VII 161-162.

(14) Cf Francesia G. B. *Suor Maria Mazzarello e i primi due lustre delle Figlie di Maria Ausiliatrice* (S. Benigno Canavese, Libr. Sales. 1906) 212-213.

## DOM BOSCO DIZ EM SONHO À MARQUESA BAROLO QUE DEVE OCUPAR-SE DAS JOVENS

Assim escreveram o Pe. João Bonetti e Cesar Chiala: “No dia 6 de julho, Dom Bosco contou o seguinte sonho que ele tivera na noite de 5 para 6 de julho. Estavam presentes Francesia, Savio, Rua, Cerruti, Fusero, Bonetti, cav. Oreglia, Anfossi, Durando, Provera e alguns outros.

Esta noite tive um sonho singular. Sonhei que tinha ao lado a marquesa Barolo e passeávamos numa praça que dava para uma extensa planície. Eu via os jovens do Oratório que corriam, saltavam, brincando alegremente. Queria dar a direita à marquesa, mas ela disse: — Não, fique onde está.

Começou então a falar sobre meus jovens e me dizia:

— Está certo que o senhor se ocupe dos jovens e deixe para mim o cuidado das meninas; assim ficaremos de acordo.

Eu respondia:

— Mas diga-me uma coisa: Nosso Senhor veio ao mundo para remir os meninos e as meninas, não?

— Sei muito bem, respondeu ela, que Nosso Senhor remiu todos, meninos e meninas.

— Então, eu devo procurar que seu sangue não tenha sido derramado em vão, tanto para os meninos quanto para as meninas. . .”<sup>(15)</sup>.

Omitindo a parte da narrativa que não nos diz respeito, e pensando no notório valor que têm os sonhos na vida de Dom Bosco, perguntamo-nos: como se explica que, insistindo a marquesa para que não se ocupe das meninas, ele, o apóstolo, em lugar de dizer que realmente delas não se ocupa diretamente, declara-se obrigado a fazer com que o sangue de Jesus não seja derramado em vão para elas? O pequeno renitente do Moglia está, portanto, agora abertamente a favor da juventude feminina? E tamanho é o zelo a arder-lhe no coração que esse pensamento até em sonhos o ocupa?

A transformação, aparentemente estranha, logo se explica — antes, parece natural e lógica — quando se admite que o “sonho da marquesa” foi precedido pelo outro a que

---

(15) MB VII 217-218.

nos referimos acima. Neste, a ordem de ocupar-se também das meninas é dada a Dom Bosco diretamente pela “nobre Senhora” e a ela não se podia responder negativamente. No outro, a marquesa se opõe ao que ele sabe que deve fazer: à piedosa senhora de Barolo, poderosa e rica, mas criatura deste mundo, o “pai dos molequinhos” faz resolutamente compreender que não se afastará, por pouco que seja, do seu dever, a favor também da juventude feminina.

Diz o biógrafo de Dom Bosco que, somente mais tarde, os que estavam presentes à narrativa do sonho compreenderam que, entre outras novidades, ele aludisse à sua intenção de fundar um instituto para as meninas também.

## **COMO A DIVINA PROVIDÊNCIA PREPARA A PRIMEIRA FILHA DE MARIA AUXILIADORA (1837-1857)**

1837-1857 — A Providência, que prescrevia a Dom Bosco uma obra destinada à glória de Deus, sem que ele o soubesse, preparava-lhe, em outra esfera de ação, o instrumento necessário.

Tratava-se de uma obra de preservação e de educação. O instrumento devia ser puro e dócil; assim Deus o escolheu e o formou numa humilde jovem de Mornese, pequeno povoado sobre as colinas do Moferrato, na diocese de Acqui. Não fica longe da cidade mas está fora de mão, de maneira a não atrair nenhuma sociedade comercial e a não ser servido por nenhuma rede ferroviária.

Para o nosso século de movimento e tráfico intensos, é coisa desagradável mas da qual nem se apercebiam aqueles composesos ricos de bom senso, que amavam ternamente a própria terra e exaltavam, sem o saber, com sua serena laboriosidade, as vantagens de uma vida simples e sadia.

### **MARIA MAZZARELLO**

Aí nasceu a afortunada menina, no dia 9 de maio de 1837. Era uma terça-feira, dia da semana escolhido por Dom Bosco para, nas suas casas, honrar os anjos da guarda. Parece que a Providência quisesse significar assim a missão que lhe seria confiada.

Batizada no mesmo dia, recebeu o nome de Maria Domingas em homenagem à avó materna, Maria e ao avô Domingos. Maria, o nome da Virgem Imaculada; Domingas, que significa do Senhor. Nome que foi abreviado para Maria

e que, além de ser uma herança cristã de família, era um prenúncio, símbolo e promessa para ela. A pequena logo demonstrou que o levaria com honra.

Os pais resolveram à porfia educá-la, não somente cristãmente, como eles tinham sido educados e viviam, mas santamente. Queriam que o Senhor os abençoasse nela e que a primeira flor, que lhes era concedida, embelezasse o canteiro com que sonhavam.

Passou os primeiros anos entre as paredes domésticas, ao lado dos seus entes queridos. Semeava alegria com sua garrulice infantil, com suas saídas inesperadas e sadia vivacidade. Não se afastava de casa senão para ir ao campo, onde o pai trabalhava, ou acompanhava a mãe à Igreja. Lá ia às vezes com a prima Domingas, filha de um tio paterno e que, órfã durante o cólera de 1836, passara a fazer parte da família. Mais tarde, quando a irmãzinha Felicina estava suficientemente crescida, saía com ela também.

## A AUXILIADORA EM MORNESE

No povoado dos Mazzarelli, no dia 24 de maio de 1843, foi solenemente abençoada e aberta ao público a igreja dedicada à Auxiliadora. Distava poucos passos da casa de Maria; embora só tivesse seis anos, não terá ela faltado à festa. Podemos até presumir que, durante a construção, participou de algum modo do ardor que impelia seus conterrâneos a levantar aquele devoto monumento à Virgem Maria.

Acenamos ao cólera de 1836 que, como vimos, não deixou de assolar o solitário povoado de Mornese e chegara mesmo a fazer suas vítimas na própria família Mazzarello.

No desconsolo daqueles tristes dias, o bom povo tinha, mais uma vez, recorrido à proteção da sua divina Mãe, renovando o voto que — como recordou quem ainda vivia — tinham feito quatro soldados da região, durante os turbulentos dias da invasão napoleônica, entre os anos de 1812 e 1815.

É fácil explicar a invocação de Nossa Senhora sob o belo título de Auxiliadora: naquela época essa devoção estava ligada à histórica prisão de Pio VII e à conseqüente festa anual comemorativa do 24 de maio. O próprio Pontífice a instituíra, cumprindo um voto feito a Nossa Senhora da Misericórdia, que ele coroara na primavera de 1815. Nas

localidades próximas à Ligúria não era raro encontrarem-se capelas e afrescos onde estava representada, mais ou menos fielmente, a taumaturga imagem da Senhora da Misericórdia de Savóia, acompanhada às vezes de algum santo protetor, com a indicação do título **Auxilium Christianorum**.

A igrejinha dos Mazzarelli, em Mornese, não é a única recordação da especial devoção a Maria Auxiliadora.

As diferentes imagens sacras, que a piedade popular fazia pintar na chamada rua Valgelata, no interior da região, representam a Virgem como se vê em Savona, com a inscrição: **Auxilium Christianorum**. Na parte inferior, onde antes se viam soldados armados com o elmo e a lança, está escrita a data: 1814. É o ano em que foi instituída a festa de Nossa Senhora Auxiliadora, embora, como atesta o resto da inscrição, a pintura não seja anterior ao ano de 1841.

Os dois pormenores nos fazem crer que se trata de um ex-voto de algum sobrevivente das guerras napoleônicas.

Desde que os Mazzarelli tiveram sua capela, a pequenina Maria lá ia com freqüência para rezar o terço ou cantar as ladainhas, como também por ocasião de alguma missa votiva. É de supor que lá fosse mais vezes, talvez todos os dias, para brincar com suas companheiras na praçazinha contígua. Teria olhado para a imagem pintada na fachada, repetindo a Ave Maria com a invocação de Auxílio dos cristãos, ou cantando algum louvor popular que aprendera dos lábios maternos. Dessa maneira, desde a infância lhe soava no coração o nome daquela Auxiliadora, de quem deveria tornar-se a primeira filha.

## **DOS MAZZARELLI À VALPONASCA**

Pelos fins de 1843, a família de Maria deixou a casa dos Mazzarelli e foi morar na localidade chamada Valponasca, propriedade dos marqueses d'Oria, dos quais alugara o vinhedo e adjacências.

De Valponasca vai-se à paróquia em três quartos de hora, quando faz bom tempo e é fácil atravessar as valas; mas quando a chuva ou a neve tornam os atalhos impraticáveis, a estrada fica longa e difícil. Apesar disso, nossa Maria começou cedo a percorrê-la cada manhã dos dias festivos, para ir à missa com os seus. Fa-lo-ia mais tarde todos os dias,

para assistir às lições de catecismo, ministradas às sete horas, logo depois da missa.

Por imposição da mãe, isso a habituava a vencer um outro grande inimigo: o sono. A boa Madalena Calcagno assemeelhava-se nisso à mamãe Margarida Bosco, desejosa de ver o seu Joãozinho forte contra esse adversário que, se não é vencido logo de início, rouba as mais belas e proveitosas horas da vida.

Maria tinha apenas oito anos, quando os primos Giambattista Bodrato e Catarina Pestarino pediram a seus pais deixá-la passar algum tempo em sua companhia. Tinham a secreta esperança de que ficasse para sempre com eles, já que os Mazzarello tinham uma bela coroa de filhos. Os bons pais consentiram, mas depois de seis ou oito meses, mandaram buscar a menina para que viesse ajudar a mãe, sobretudo no cuidado com os irmãozinhos. Os Bodrato ficaram muito contrariados. Maria, ao contrário, estava toda contente porque Caterina Pestarino Bodrato, embora lhe testemunhasse um grande afeto materno, não possuía o mesmo discernimento da mãe. Querendo torná-la piedosa, cansava-a, fazendo-a levantar-se demasiado cedo, conservando-a por muito tempo na igreja para recitar longas orações; sua piedade ostensiva não condizia com a natureza da menina. Deu-o a entender mais tarde com as seguintes palavras: “Eu gostava de ser boa, mas sem ficar todas aquelas horas na igreja e sem chamar tanto a atenção”. Manifestava assim sua inteligência precoce, fazendo uma reflexão que poderia ser — e realmente foi — um programa de vida, ao qual foi sempre fiel: amar o bem, praticar o bem com todas as forças, mas fugir da mínima ostentação.

O que mais custava à menina era confessar-se. Não porque lhe pesassem na consciência faltas demasiado humilhantes; mas pela sua repugnância natural a abrir-se. Não faltava talvez a insídia do inimigo, querendo barrar-lhe o caminho mais seguro de uma rápida ascensão espiritual. Mas a mãe, que se confessava a cada solenidade da Igreja, achou muito natural preparar a filha para imitá-la, apenas desabrochada a razão forte e tenaz. De maneira que Maria se viu obrigada a triunfar bem cedo dessa repugnância. E não somente dessa.

Também o sermão a aborrecia. De maneira que se esforçava para não ouvi-lo e abandonava-se ao sono, talvez porque bem pouca coisa entendesse e não encontrasse alimento para

o coração. Usava-se, então um modo de pregar frio, compassado, com exposições elevadas e freqüentes citações de autores clássicos. Ao contrário, ela teria ouvido de boa vontade uma palavra simples e clara, como a de seu pai, que ela sempre compreendia e guardava.

Contou ela mesma que, na véspera das grandes solenidades, quando os sinos repicavam festivamente, gozava apenas por um momento de seus sons maviosos. Perturbava-se logo porque a festa extraordinária trazia consigo a confissão e o sermão. Tanto mais que não bastava ouvir a pregação na igreja: durante o caminho de volta, ou em casa, a mãe queria que ela repetisse o que o padre havia dito. Se a menina não tivesse compreendido bem, repetia-lhe pormenorizadamente o que lhe dizia respeito, com tantas aplicações pessoais que acabavam por entendia-la e tirar-lhe a vontade de pô-las em prática.

Mas, se a pregação e a confissão a aborreciam, talvez pelo sacrifício que dela exigiam, o catecismo era o seu encanto. Primeiro aprendeu-o com o pai, quando era ainda muito pequenina para ir à paróquia, e enquanto o bom homem esteve em condições de responder às perguntas exigentes que lhe fazia. É que ela não se contentava com uma resposta qualquer; proposto um problema, queria ir até o fundo. Quando ficou maiorzinha, freqüentou as aulas do pároco e depois as do Pe. Pestarino. Estudou no livro. Prestava muita atenção às explicações do catecismo, afirmam suas conterrâneas, especialmente Petronilla Mazzarello, a fiel companheira que a acompanhou até à morte, sobrevivendo-lhe, e que assegura: “Não se cansava facilmente como nós. Maria nos deixava para trás”.

## PE. DOMINGOS PESTARINO

1847-1848 — Quem era o Pe. Pestarino? Para o povo era o padre; para os mais íntimos e afeiçoados era o **previn**; no céu, era provavelmente conhecido como o apóstolo de Mornese. Ao menos por uma vez ele desmentia o provérbio: **Nemo propheta in patria.**

Tendo nascido em Mornese, em 1817, começara seus estudos no seminário de Acqui, terminando-os no de Gênova. Depois da ordenação sacerdotal, aí permaneceu como prefeito dos pequenos, aceitando ainda uma capelania rural, para ter a oportunidade de fazer apostolado fora da cidade. Suspeito,

porém, aos revolucionários, durante o ano escolar de 1846-47, foi obrigado a deixar a capelania, o seminário e Gênova <sup>(1)</sup>

Voltando ao seio da família, levou seu zelo à sua terra natal, que encontrou fria em relação aos deveres religiosos, avassalada e transviada pelo jansenismo. Não demorou em reconduzi-la a uma verdadeira piedade, graças ao seu fervor, ao seu bom exemplo, à sua liberalidade sobretudo em se tratando dos pobres e da juventude. Ajudou-o sobremaneira seu tato e sua prudência.

Ligado pelos vínculos do trabalho e da amizade ao que havia de mais culto e zeloso no clero genovês — o cônego Alimonda, o prior de S. Sabina, Pe. José Frassinetti, Pe. Montebruno, o cônego Raimundo Olivieri — com ele e graças a ele, tinha aperfeiçoado bem depressa sua tendência natural ao conhecimento da alma humana. Adquirira a ciência de como conquistá-la. Uma vez em Mornese, sem nada desaproveitar e sem tomar ares de inovador, embora o coração lhe doesse ao ver Jesus tratado como severo patrão e não como pai, começou por celebrar a missa numa hora mais cômoda para a pobre gente, especialmente para as mães, sobre as quais a sensibilidade e o bom exemplo exercem maior influência. Lançando mão de leituras feitas do altar e de exortações no confessionário, conseguiu que muitas mulheres comungassem fora do tempo pascal e que as crianças freqüentassem em grande número o catecismo.

Rompeu-se o gelo: a surpresa irônica em breve se transformou em admiração; a admiração, em estima e afeto: os homens e os jovens também correram para ele, de maneira que o seu confessionário foi assediado, tanto de dia, como de noite. Levantava-se às três horas da madrugada, se alguém desejava fazer suas devoções sem ser visto e, para atender aos homens, ficava levantado até muito tarde.

Bondoso com todos, brincalhão, tinha um jeito todo especial para ensinar o catecismo; tendo-lhe o pároco dado plena liberdade, no seu ardor, repetia as aulas várias vezes por dia; para os homens, para as mulheres, para as crianças, sem jamais se cansar, sem mostrar-se aborrecido com sua lentidão em aprender e reter o que ensinava.

---

(1) Em relação à data da volta do Pe. Pestarino a Mornese, consulte-se a carta do Prefeito do seminário de Gênova, Pe. Mario Carpaneto, dirigida a madre Clélia Genghini, no dia 23 de agosto de 1926, com as citações anexas; e a cópia de um certificado do casamento celebrado pelo Pe. Pestarino em Mornese, no dia 30 de junho de 1847 (arch. Gen. FMA).

É inútil dizer que Maria não se cansava de ouvir suas lições; antes, para ela aquilo era uma festa.

Freqüentemente, por um movimento involuntário, corando fortemente, ela dava mostra de querer pedir alguma explicação. Dominava-se, todavia e calava. Porém, quando era interrogada, respondia logo. Nas competições que o Pe. Pestarino costumava fazer todos os domingos, colocando na igreja um menino de um lado e uma menina do outro, ela sempre saía vencedora.

Pe. Pestarino chamava essa competição de “ponto de honra” e quem a vencida ganhava um pequeno prêmio. Depois de uma dessas vitórias, Maria disse à amiga Petronilla: “No catecismo não quero ficar por baixo de ninguém. Não tenho medo dos meninos; quero vencê-los todos”. Naquele dia, Petronilla tinha ganho também sua menção honrosa. Entregando um livro a Maria, o Pe. Pestarino lhe havia dito, referindo-se à amiga:

— Tome! Reparta-o com ela também.

Mas Petronilla achava uma pena repartir aquele prêmio. Bonachona como era por natureza, tinha logo renunciado, dizendo:

— Repartir não dá certo. Cada uma vai ler um pouquinho.

Maria, porém, desejosa de ser sempre a primeira no estudo e na prática da religião, guardou-o para si.

Talvez se possa acusá-la de egoísta e imprudente? Não, certamente; ela conservava aquela rústica timidez própria das pessoas simples do campo; mas também, desde então, demonstrava possuir a índole franca e decidida que, bem dirigida, lhe teria proporcionado muitas vitórias. Queria vencer porque sua natureza a levava a superar todos os demais e porque tinha a peito saber a doutrina que lhe era fonte de muitas satisfações interiores. Tinha guardado o livrinho para si, somente para poder lê-lo com mais facilidade e, conhecendo melhor o Senhor, mais poder amá-lo.

## A PEQUENA CATEQUISTA

Era preciso ver com quanto desinteresse, ou antes, com que prazer e gentileza repetia a lição às companheiras mais tardas em aprender. Com seu catecismo na mão, repetia as

explicações ouvidas, adaptando-as à compreensão do seu pequeno auditório. Embora não se saiba quando nem como aprendeu, o certo é que Maria sabia ler sofrivelmente. Teria freqüentado a escola? Não. Naquele tempo Mornese não tinha escola para meninas, nem mesmo a elementar. As que não tinham meios para ir à cidade ou pagar professores particulares, deviam resignar-se a ficar analfabetas.

## COMO APRENDEU A LER

Maria foi uma feliz exceção. Como os pais não permitiam que participasse das brincadeiras das outras meninas, aprendeu a amar a vida caseira. Muito inteligente e ativa, dava logo conta dos trabalhos de casa e sobrava-lhe muito tempo. Aproveitou, portanto, dos longos serões de inverno para aprender com o pai os rudimentos da leitura. É o que assegura Petronilla Mazzarello que bem conhecia os hábitos de sua conterrânea, desde a sua primeira adolescência. Escrever não sabia, nem o próprio nome. Não conhecia nem a sombra dos números, embora contasse com os dedos e resolvesse qualquer operação aritmética elementar, sem nunca errar.

Pe. Pestarino descobriu logo a alma ardente da menina que tinha diante dos olhos, tão desejosa de aprender quanto de ajudar as companheiras a fazê-lo.

## FAZ A PRIMEIRA COMUNHÃO

1848 — Começou por admiti-la à primeira comunhão, embora não tivesse ainda a idade prescrita, 12 anos. A menina estava tão bem preparada, que não convinha adiar mais.

Depois de ter passado a quaresma em sereno recolhimento, ei-la chegada à vigília festiva. Passou a noite acordada, entre oração e desejo, arroubos de fervor que provocaram inveja em quem lhe dormia ao lado.

A função estava marcada para as oito. Mal, porém, clareara a manhã da quarta-feira santa (19 de abril de 1848) <sup>(2)</sup>, Maria já estava de pé para arrumar-se, vestir seu belo vestido novo e, pela primeira vez, pôr o véu branco que lhe dizia tanta coisa.

---

(2) Das deposições de Petronilla Mazzarello, que foi sua companheira de primeira comunhão, das notícias fornecidas pelo Pe. José Campi e por Ir. Vigolo (veja relação 25 março 1921), e da carta do Pe. José Pestarino de 4 de novembro de 1921 (Arch. Gen. FMA).

Mais do que nunca, as últimas instruções do pai sobre a divindade da Eucaristia e as recomendações da mãe para que estivesse recolhida, terão ressoado agradavelmente a seus ouvidos. Não falava; mas revelava no olhar o profundo desejo de fazer tudo direitinho e de receber Jesus com todo amor e respeito. A caminho! pela longa estrada, respirando o ar frio e leve que lhe fazia apressar o passo ao mesmo tempo que o fervor lhe dava asas à alma! Mamãe não podia acompanhá-la porque tinha um filho pequenino que reclamava seus cuidados: Maria, porém, estava igualmente contente, entre a prima Domingas e a irmã Felicina, que a segurava pela mão a olhava como se temesse que ela voasse para o céu.

É uma das primeiras a chegar à igreja, embora seja a que mora mais longe. Ajoelha-se devotamente e nada mais a interessa senão o Pe. Pestarino que dá os últimos avisos. Quando o pároco começa a santa Missa, não desprende os olhos do altar, atenta ao Pe. Pestarino que lê a preparação para o grande ato. Não perde nem uma sílaba. O rosto mais corado do que de costume, manifesta os sentimentos que lhe vão no coração e que fazem nela crescer o grande desejo.

Finalmente o Pe. Pestarino entoa o **confiteor**. Todas aquelas vozes infantis cantam solenemente a confissão de suas culpas, como tinham sido preparadas. Ouve-se também a voz segura de Maria. Seu passo é firme, o olhar recolhido, quando, radiante de felicidade e trêmula de alegria, se adianta para receber Jesus.

Na tarde daquele dia, é notável seu recolhimento durante a procissão que se costumava fazer da paróquia à igreja de São Silvestre, distante um quarto de hora de caminhada. Nela tomavam parte as outras crianças que ainda não tinham sido dispensadas da obrigação de freqüentar o catecismo. Ao anoitecer, durante a "função das trevas", recordando os sofrimentos de Jesus, ela terá reafirmado o propósito de jamais desgostar aquele Senhor que lhe cumulara a alma de tanta doçura.

Outra recordação não nos ficou de um dia tão caro. Esquiva como era de manifestar os dons de Deus e o que lhe passava no mais íntimo da alma, Maria jamais falou com alguém a respeito.

Os que, porém, a viram naquele dia, as companheiras que com ela se aproximaram do Pão dos Anjos — especialmente Petronilla — ficaram admiradas com seu recolhimento e com a alegria que lhe brilhava nos olhos.

Se, por um lado, sua precoce prudência a levou a calar sobre o que se passara entre sua alma e Deus, naqueles momentos celestes, suas obras eloqüentemente o revelaram. Depois daquele dia, ninguém a viu mais cochilar durante os sermões. Muito ao contrário. Ia ouvi-los de boa vontade, ficava presa aos lábios do pregador e depois repetia para a irmã as passagens mais difíceis, atenta a que os irmãos pusessem em prática os avisos recebidos.

Não foi mais necessário que a mãe a convidasse a confessar-se. Não que isso se lhe tornasse agradável, isso não! Mas, agora que tinha experimentado a presença do Cordeiro Imaculado, compreendia como fosse necessário conservar-se absolutamente pura e que isso só lhe era possível com a freqüente confissão. Quanta luz recebera com a primeira visita de Jesus! Compreendia agora que algumas das suas travessuras, das quais se rira como se fossem traquinices espirituosas, eram ao invés defeitos, que desagradavam a Jesus e dos quais era preciso corrigir-se. Suas orações eram agora mais calmas, mais fervorosas, mais regulares. De manhã e de noite, chamava Felicina para recitá-las, de joelhos, ao pé da cama. Quando iam à cidade, entrava com ela na igreja e a convidava a repetir jaculatórias ardentes que ela mesma formulava.

Pe. Pestarino, homem do confessionário e sobretudo do altar e do tabernáculo, assistia naturalmente a essas visitas fervorosas. Deve ter decidido consigo mesmo fazer com que os germes de virtude depositados por Deus naquele jovem coração lançassem profundas raízes e se transformassem em planta vigorosa. Começou, portanto, a cultivá-la com um empenho muito particular.

## **RECEBE A CRISMA**

O Espírito Santo veio-lhe diretamente em auxílio, inspirando-o a fazer com que Maria recebesse também o sacramento da crisma. Preparou-a com muito fervor, com uma confissão mais cuidadosa, desejoso de que a menina tirasse a maior vantagem do sacramento, recebido em Gavi, no dia 30 de setembro de 1849.

Deve ter sido depois da crisma que o Pe. Pestarino lhe deu licença para comungar com uma freqüência muito rara então. Todos ficaram compreendendo que Maria ia adquirindo uma virtude pouco comum e seus pais se convenceram

de que deviam conservar sempre mais zelosamente aquele seu tesouro.

De maneira que, não apenas um raio, mas um feixe de luz, podia o Espírito Santo lançar naquele coração. Essa efusão parecia contínua, uma vez que, de cada comunhão, Maria parecia ter obtido um vigor novo, para combater e vencer.

Com a luz, recebia o amor e a força.

O reconhecimento das próprias culpas já não vinha acompanhado de um certo despeito para consigo mesma, em vista do propósito que fizera de evitá-las. Maria compreendia agora que Jesus não podia unir-se de boa vontade a um coração pouco mortificado. A todo custo era preciso vencer a vergonha, esmagar o amor próprio, como o grão sob a mó do moinho, para acusar-se em confissão de certas faltas, para ter a força de evitá-las no futuro. Impunham-se muitas reformas. Examinando-se lealmente sem paixão, Maria pôde descobrir que sua índole ardente ameaçava tornar-se fogosa; que a seriedade, tão louvada pelo pai, podia transformar-se em altivez, de maneira a torná-la prepotente com os iguais e pouco respeitosa com os superiores. Compreendeu que, à força de ser louvada pelas companheiras e vizinhas, porque era franca e sincera, podia tornar-se petulante e independente. A nova luz lhe fazia ver os laços armados pelo inimigo.

Impunha-se um tratamento enérgico. Voltou-se a ele com a maturidade de caráter e a força de vontade que lhe eram próprias, ajudada pelos pais e, de modo muito particular, pelos conselhos do seu confessor, o Pe. Pestarino.

## **COMO MARIA JULGAVA OS DEFEITOS PRÓPRIOS DA INFÂNCIA**

Aos primeiros raios da luz espiritual, os defeitos dos quais chegou quase a se comprazer, se fizeram ver como ervas daninhas, como espinhos pungentes; há de recordá-los com pesar e combatê-los com denodo, sem lhes dar trégua.

As confidências ingênuas, que fez mais tarde a Petronilla, são revelações a respeito desse período de sua vida.

Não me lembro bem — conta Petronilla — se íamos caminhando ou se trabalhávamos juntas. O certo é que

Maria me confiou: “Gostava muito de ovo, quando era pequena. Mas não queria furtá-los e bebê-los às escondidas. Muito menos queria pedi-los. Imaginei, então, fazer assim: pegar um ou dois de cada vez, ir escondê-los no capim, no nosso vinhedo. Quando houvesse bastante, ir avisar mamãe, como se os tivesse descoberto. Dito e feito.

— Olhe, mamãe, quantos ovos escondidos no capim!

E mamãe:

— Essas galinhas que andam fazendo ninho por aí!

Eu ficava bem calada. Depois, pedia:

— Mamãe, agora que encontrei tantos, você me dá algum?

De maneira que, sem dizer mentira, alcançava o que queria e ainda imaginava estar realizando uma proeza. E o que estava fazendo era enganar mamãe, coitada... e faltá-lhe ao respeito. Só mais tarde compreendi isso.

E os queijinhos que mamãe empilhava cuidadosamente? que tentação de tirar algum! Mas como fazê-lo sem que mamãe visse? Um dia em que havia mais do que de costume, sem me dar tempo para refletir, dei um empurrão na mesa. Os queijinhos se espalharam pelo chão e eu me servi prontamente. Mamãe ao voltar, disse ao ver o que acontecera:

— Veja, Maim... E eu os tinha arrumado com tanto cuidado!

— Pois é, mamãe, mas você deixou a porta aberta; quem sabe o gato...

E ainda dessa vez, sem pregar mentira, soube arranjar-me.

Gostava muito de leite!... Quando via a bonita nata nos grandes recipientes, eu estava sozinha e era quase hora da merenda, tirava o que queria para passar no pão. Dando pela falta da nata, mamãe me chamava:

— Maria, que foi que aconteceu?

Eu vinha correndo e...

— Pronto, mamãe! Mas quantas vezes eu lhe disse para não deixar a porta aberta. O gato faz das suas!... É preciso prestar atenção para conservar a porta fechada.

O gato não perdia nada com isso, mas a minha simplicidade, essa perdia: e tudo isso por causa da gula! Que coisa feia!

Um dia — conta ainda Maria — vi que um frade mendicante se aproximava da nossa casa. Ainda estava tudo desarumado. “Mamãe, mamãe, gritei, um frade... depressa, uma vassoura!”. Não encontrando logo a vassoura, apanhei um pano de tirar pó e, sem me incomodar com as reclamações de mamãe, comecei a limpar o chão... de maneira que, quando o frade chegou, o chão estava tão limpo que se podia comer sobre ele. Naquele momento fiquei contente... mas era só por amor próprio.

Mais uma? Fui um dia ao vinhedo para amarrar as videiras. Por algum tempo, trabalhei alegremente. Mas aquelas videiras não tinham fim. Em determinado momento, apanhei a foice e, em vez de amarrar os pequeninos sarmentos brotados junto da raiz, comecei a cortá-los. Mas que remorso depois! Tive de ir confessar-me logo na manhã seguinte e... ouvir o Pe. Pestarino... Que bronca ele me deu! Eu jurava que não era coisa grave, porque nós tínhamos uma infinidade de videiras. Mas ele... começou a dizer-me que valiam não sei quanto, que podiam tornar-se isto e aquilo... e aquele bendito Pe. Pestarino que teve trabalho deveras para fazer de mim o que queria!”.

Compreende-se que o Pe. Pestarino não se contentava com pouco e tratava aquela natureza enérgica com firmeza viril, levando em conta a repugnância que a jovem ainda sentia para confessar-se. Mas, sob a aparente rispidez do ministro de Deus, ela descobria o zelo do apóstolo que desejava libertá-la de todo o impedimento para crescer na virtude. Como queria ser boa de fato, era grata, não obstante tudo, a seu pai espiritual. De maneira que ele, ao passo que a repreendia e dela exigisse a mortificação em tudo, já lhe permitia a comunhão todos os domingos. Que mais poderia desejar a jovem, agora que o amor de Deus lhe tomava conta do coração?

## **SUA FORMAÇÃO A UM CARÁTER VIRIL**

1850 — Dão-se mudanças importantes na vida da nossa Maria.

Até então, ela se ocupara com os trabalhos domésticos. Saía-se muito bem, de maneira que a mãe podia, sem receio,

ausentar-se de casa ou entregar-se aos trabalhos que uma mulher desempenha num sítio. Maria a substituíra de maneira a deixar todos satisfeitos.

Enquanto preparava o almoço e ordenava a casa, Maria cuidava dos irmãozinhos, dos seus brinquedos; às vezes tomava parte neles com desenvoltura e real prazer. Sua vivacidade mantinha ou reavivava a vida da família. Sentava-se depois para costurar ou remendar, segundo a necessidade, enquanto os irmãozinhos aninhavam-se a seus pés para ouvir uma bela história, prêmio por terem se comportado bem ou por terem rezado direitinho as orações. Tinha um jeito todo especial para contar histórias e para mandar! Ao dar ordens, talvez tivesse presente o que já tinha compreendido e que, mais tarde, exprimia assim à amiga: “Com tantas palavras, mamãe quase nada conseguia, papai falava muito pouco e todos corriam para obedecer-lhe”. Ela também falava pouco, mas de modo resoluto e com eficácia.

## TRABALHA NO CAMPO COM O PAI

Agora que a irmã Felicina está crescida e pode ajudar a mãe, Maria prefere ir definitivamente trabalhar no campo com o pai, como já deu a entender o pequeno episódio acima referido. Seu vigor físico e seu próprio caráter, além do desejo de tornar-se útil de modo mais tangível, a impeliavam a um trabalho viril.

Além disso, sem quase dar-se conta, seu pai a ia formando nesse sentido. Procurava orientar aquela natureza impetuosa e tão rica de energias à conquista de uma virtude capaz de habilitá-la a fazer mais e melhor do que o comum das jovens de sua idade e condições. Velava, ao mesmo tempo, para que nada viesse a empanar o candor daquela alma pura.

Bem cedo começou a levá-la aos mercados e feiras, para onde a juventude acorria como a uma festa. Evitar que ela lá fosse? Não, porque essa exceção daria na vista e podia até acontecer que as alusões das companheiras lhe acendessem o desejo. Além disso, seu espírito de observação era útil aos interesses da família. Mas com que clarividência o bom homem sabia interpor-se entre ela e tudo quanto a tivesse podido prejudicar! Sabia entretê-la com uma conversa interessante, quando queria evitar que ouvisse alguma palavra inconveniente: com delicado tato, sugeria-lhe a maneira de

comportar-se em determinadas situações. Maria, ia e vinha, refletia, julgava, ria. Mesmo aquilo que poderia tornar-se ocasião de tentação ou queda, se transformava em oportunidade para fazê-la mais franca e desinvolta e ao mesmo tempo mais timorata e forte.

Nos casos práticos da vida, as reflexões do pai, brotadas de uma moral muito transparente e segura, que se apoiava na base granítica da religião e que o Pe. Pestarino ia burlando, colocavam Maria numa elevada esfera espiritual. Ela gozava, assim, da paz dos simples e puros de coração.

Uma vez que o pai lhe educava o espírito e o senso prático, era natural que a menina preferisse estar em sua companhia a ficar em casa. É por esse motivo que gostava de ir trabalhar no campo, mal sua presteza a desembaraçava dos afazeres domésticos. Como sua mão era tão ágil para manejar a enxada como a agulha, tomara gosto e lá voltava com mais frequência. Afinal, pediu licença para trabalhar da manhã à noite com os empregados que seu pai contratava, o que lhe foi concedido.

A princípio, os trabalhadores a olharam com um risinho de caçoada, certos de que o entusiasmo duraria pouco. Esbelta e bem vestidinha, mais parecia feita para estar em casa do que no campo. Passaram, porém, a olhá-la com admiração, porque a brincadeira já durava por um bom espaço de tempo e ela trabalhava como um deles, de maneira que, não querendo ser ultrapassados por uma mocinha, tinham que trabalhar no duro. Alguns não resistiram e demitiram-se. Atesta uma antiga companheira de infância, agora veneranda mãe de família: “Trabalhava como um homem, para ajudar o pai”. Outras mulheres de Mornese afirmam: “Nenhuma moça de Mornese trabalhava como Maria”.

O pai procurava frear aquela paixão pelo trabalho e, obediente como era, a filha tentava moderar-se. Mas, que fazer, se a mão traía seus bons desejos e a arrastava, ligeira e robusta, sem sentir o peso da fadiga e do calor? “Se você continua dessa maneira, dizia-lhe o bom pai, eu não vou mais encontrar quem queira trabalhar no nosso vinhedo. Sabe o que andavam dizendo por aí? — Aquela moça tem um braço de ferro. Cansa muito trabalhar perto dela. Leve as coisas com mais calma, minha filha”. Outras vezes, pedia: “Se você não se modera, ninguém mais há de querer trabalhar conosco”.

Mas era um gozo para ele vê-la tão séria, tão amante da fadiga, tão senhora de si! Deus somente, porém, penetrava no seu interior; se era admirável sua vitrupe externa, suas lutas internas só eram conhecidas pelo seu anjo da guarda que podia anotar seus passos de gigante no caminho do bem.

Não sabemos se o Pe. Pestarino teria gostado mais de sabê-la em casa, entregue aos trabalhos domésticos. A verdade, porém, é que podia contar com sua virtude e com a vigilância do pai. Este jamais a deixava sozinha; no mínimo sinal equívoco, à primeira palavra contra a caridade ou contra a virtude, punha-se de pé e interrompia o discurso, às vezes asperamente. Mas, como solerte pastor, o bom sacerdote quis premunir sua ovelhinha de uma queda possível, permitindo-lhe a comunhão diária. De maneira que o pensamento de Maria estava sempre ocupado com a lembrança de Jesus que havia recebido de manhã e que devia receber no dia seguinte. Seu coração permanecia vigilante, ocupado pelo desejo de agradar a Deus.

De maneira que, chegada a hora do descanso, enquanto os operários conversavam em grupos, ela, sob o pretexto de melhor repousar, sentava-se à sombra de uma árvore, abria um livro que lhe dera o Pe. Pestarino, rezava ou meditava. Se, ao contrário, estava em companhia da prima Domingas ou da irmãzinha, cantavam alguma loa sagrada.

Uma cena tão bela na sua simplicidade, essa vida laboriosa de uma adolescente tão pura sob o olhar de Deus e do pai para o qual seu coração não tem segredos, não nos faz pensar em outra semelhante? Não recorda a adolescência fervorosa e pura, entregue também aos trabalhos do campo, sob o olhar vigilante da mãe e da proteção da Virgem Santíssima e que fez dos Becchi, primeiro um campo de apostolado e depois um santuário?

## **FAZER BELA FIGURA**

Uma coisa ainda preocupava e dava trabalho à nossa Maria. Aquela inata altivez que a levava a sacrificar de bom grado recreações e sono, contanto que não errasse nem uma palavra do catecismo e lhe assegurasse o primeiro lugar, estava ainda bem viva. Com o tempo, crescera o desejo de fazer bela figura, não tanto por um sentimento de vaidade, mas pela necessidade instintiva de aparecer, de superar os demais.

Embora não fosse belo, seu rosto agradava pela inteligência que nele transpirava e pela pureza que lhe brilhava nos olhos. Esbelta, com seu andar senhoril, Maria compreendera que um vestido bem talhado lhe realçaria a graça e a poria em destaque entre as companheiras. Confessou, mais tarde, a Petronilla: “Sabia que não estava certo, mas... eu era ambiciosa. A blusa nova devia assentar-me bem, ser do meu gosto e não do gosto de mamãe”.

Seu piedoso confessor não podia deixar de combater esses pendores. Ele entrevia o perigo. Embora não fosse grave, esse desejo de aparecer poderia arrastar consigo tão belos dotes, estragar aquela natureza generosa, empanar seu candor. Por conseguinte, recomendava que se vestisse, com propriedade sim, como requeria sua idade, mas com toda a simplicidade. Maria, que não queria desgostá-lo, vendo nele o representante do Senhor, esforçava-se cordialmente por obedecer-lhe. O trabalho era, porém, lento e fatigante.

Um dia, indo à feira com o pai, encantou-se com um par de sapatos de verniz, que estavam na moda. Comprou-os, com a intenção de calçá-los para ir à festa.

Porém, conforme lhe acontecia toda vez que seguia a voz da natureza e não as inspirações do seu anjo da guarda, quando os teve entre as mãos, sentiu mais pesar do que prazer. No dia da sua confissão semanal, acusou-se de ter cedido novamente à vaidade, mas que estava disposta a não usar os belos sapatinhos, mas dá-los à prima Domingas ou então vendê-los. “Já que você os comprou — foi a resposta — fique com eles. Mas, antes de usá-los, unte-os com sebo, para perderem o brilho excessivo”.

Foi preciso esforço e grande domínio de si para reduzir à semelhança dos outros aqueles sapatinhos que lhe haviam ferido os olhos e o coração. Mas a menina não estava habituada a discutir as ordens recebidas. Obedeceu. E como foi recompensada! Desde então, a luta que devia sustentar contra si mesma, para vencer o desejo de sobressair, foi travada sem descanso e sem tréguas: luta que leva ao triunfo, com as pequenas vitórias de cada dia.

De cada dia? De cada hora. Pe. Pastarino, que intuía sempre mais, do que fosse capaz aquela alma e a que cimos de perfeição pudesse chegar na própria santificação e no devotanto a tantas outras pessoas, tornava-se cada dia mais exigente. Sem dar saltos e sem exageros, a ia guiando ao “diletto colle — che è principio e cagion de tutta gioia”.

## O ABC DA VIDA ESPIRITUAL

Iniciou-a na mortificação da gula: o primeiro passo é muito difícil para muitas crianças, sobretudo do campo, acostumadas a lambiscar a toda hora e a comer só o que gostam. Maria conseguiu logo não comer fora das refeições e, mesmo em casa, de nada provar sem pedir licença. Foi uma espécie de experiência que o Pe. Pestarino fez. Como desse resultado e como o diamante se deixava lapidar, continuou o trabalho, secundando pela docilidade e fervor de Maria.

Quem sabe mortificar a gula tão prontamente, é capaz de qualquer outra coisa. Maria experimenta. Sacrifica o sono, sem o qual parecia não poder passar, e vai cedinho à paróquia para assistir a missa e receber Jesus.

### PROGRESSOS NA MORTIFICAÇÃO

Relativamente fácil na boa estação! O longo passeio pode cansar, mas não prejudica. Mas no inverno, quando tudo está coberto de neve e alagado pela chuva, no escuro, mesmo as melhores estradas são pouco convidativas em Mornese: o caminho é perigoso.

Qualquer outra jovem se deixaria facilmente convencer a ficar em casa, nessas condições. Mas quando foi que Maria se deixou demover pelas dificuldades? Com a vida, parecia repetir a frase do herói que andava então em todas as bocas, Napoleão: “Se é difícil, fá-lo-emos; se é impossível, tentaremos”. Da mesma forma, nossa Maria: quando o tempo é passável, leva consigo a prima Domingas ou a irmãzinha Felicina, mas, se faz mau tempo, enfia uma espécie de polainas impermeáveis, (feitas com palha e lã, em dialeto “caussotti”) e lá se vai, com seu anjo da guarda, ao encontro de Jesus. Descendo, cada manhã, naquele coração generoso, Ele de tal modo o enchia, que não sobrava lugar para mais nada. Que lhe importava agora fazer bela figura? Ao contrário, o que antes lhe fora motivo de complacência, lhe causa agora desgosto e humilhação.

Quantas vezes, passando pelas ruas do povoado, sobretudo aos domingos, quando se dirigiam para a missa solene, os olhos de todos eram atraídos pelo grancioso grupo de Maria, Felicina e Domingas, vestidas sempre com bom gosto. Aos seus ouvidos chegava a frase lisongeira: “Olha a

**bull**a, a **bull**a está passando” (**bull**a = pessoa importante e que tem disso consciência). Então, o elogio lhe agradava porque, sem ofender à seriedade que tanto prezava, a punha numa posição fora do comum. Mas, de agora em diante, não sentirá mais prazer nisso. Seus vestidos, sem serem mal feitos, nada terão de rebuscado, para chamar a atenção. Seu próprio modo de andar será mais modesto, disciplinado pela vontade férrea. Conservará o nome de **bull**a, mas verá nele apenas um inimigo para combater, um estímulo para se tornar de verdade superior a todos no combate à mesma insídia que ameaçará a juventude que, mais tarde, terá cerrada ao seu redor.

Prevenida pelo pai, talvez pelo confessor e certamente pela graça, contra os perigos da sua idade e condição, Maria não procura nem deseja reunir-se às outras companheiras, durante os longos serões do inverno, nem mesmo na sua própria casa. O isolamento do sítio e o regime adotado pelo pai a favoreciam. Ela conserva o hábito de ficar ao lado da mãe, ajudando-a nos trabalhos caseiros; entretém-se com os irmãozinhos, contando-lhes a belas coisas que ouviu na igreja ou leu nos livros; rezam o terço. Quando, indo à cidade ou de lá voltando, encontra uma companheira ou alguma mulher que, desejosas de ganhar-lhe a simpatia, lhe acenam com um futuro cor-de-rosa, e lhe dão notícias de fulano ou beltrano, Maria, séria e com dignidade se esquivava, antes que a palavra lisonjeira lhe chegue aos ouvidos.

Nesse tão delicado assunto, ela reservada até ao escrúpulo, não tem dificuldade para obedecer à sua consciência e à voz da autoridade.

## **MORTIFICAÇÃO DA VONTADE**

Maria encontra a vontade de Deus na vontade dos pais e do confessor. Neste, especialmente, pelo caráter sagrado de que é revestido. Por isso: Pe. Pestarino o sugere? Também ela o quer. Nada faz contra a obediência, nada empreende, que não leve sua marca.

Isso é fácil de dizer mas não é tão fácil de pôr em prática. Passo a passo, Pe. Pestarino quer que a mesma docilidade, que ela demonstra aos pais e a ele próprio, se estenda à irmã e à prima, bem como aos irmãozinhos. É uma tarefa difícil para a jovem, muito segura de si e cuja intuição era muito rápida. Muito difícil ceder e aceitar a opinião alheia. A educação, que recebera do pai, lhe tinha dado

tal firmeza em seus julgamentos, que às vezes parecia obstinação; a confiança, que lhe demonstrava a mãe, aconselhando-se com ela como se fora uma irmã, a levar a tal segurança de si mesma que chegava a ser chocante.

Quantas vezes, no aceso da conversa, a viam ficar vermelha como uma brasa! os lábios tremiam-lhe. Acontecia-lhe também, lançar um olhar fulminante sobre quem a contrariava e fazer menção de afastar-se... Mas parava de repente e, depois de um breve silêncio, retomava serenamente a conversa, com um dito chistoso. Se acontecia que uma companheira pouco perspicaz comentava: "Oh, como você está vermelha!", a vermelhidão se acentuava e durava mais a passar a luta interior. "Eu queria que ninguém me dissesse isso — lamentou-se um dia com Petronilla — porque eu não fico só vermelha, mas fico em brasa". A princípio, isto acontecia com frequência. Aos poucos, porém, o número das vitórias tomou a dianteira, até que Maria adquiriu tal domínio sobre si que não deixava mais perceber os ataques da índole irascível.

Não era desejo do Pe. Pestarino que ela dominasse de tal modo a própria natureza que todos se sentissem bem em sua companhia? Que, a exemplo de São Francisco de Sales, subjugasse a vivacidade e impaciência, mesmo quando trabalhava, mesmo estando sozinha? Maria, com sua nova aliada — a repugnância pelos meios termos, pela obediência pela metade —, propôs a si mesma evitar as manifestações de repulsa, qualquer impaciência, mantendo o coração fixo em Deus, voltado para o desejo de agradar-lhe. Não lhe parecia demais essa luta para dominar-se a cada momento, contanto que tivesse, todas as manhãs, alguma coisa que oferecer a Jesus, em troca do dom infinito que recebia no sacramento de Amor.

## CONFISSÃO GERAL

1852 — Qual o prêmio de uma tão bela vitória? Ou por outra, dessa seqüência de vitórias? O Senhor é fiel às suas promessas. Se depomos um elozinho de cobre sobre o altar, Ele nos retribui um de ouro, para valorizar mais a cadeia que nos deve conduzir ao céu.

Qual foi, então o prêmio?

Uma nova conquista sobre si mesma, no campo da piedade.

Maria sente ainda uma certa repugnância quando deve confessar-se. O desejo da santa comunhão a impele a apresentar-se ao Pe. Pestarino cada oito dias, mas é sempre um peso, uma penitência: penitência necessária, digna de apreço pelos benefícios que traz consigo, mas sempre penitência.

Ela se dá a Jesus médico com demasiado temor; será que Jesus não a quer curar disso também, como de um mal que a faz sofrer, e que, nas mãos do inimigo poder-se-ia converter-se numa arma capaz de cortar-lhe as asas e impedir-lhe um vôo mais ágil? Sim, Jesus há de curá-la, com a energia do Pe. Pestarino e a graça do sacramento.

Um dia, quando voltavam talvez da missa solene, Maria se achou no meio do alegre grupinho de suas conterrâneas. Foi quando a prima Domingas manifestou o motivo pelo qual não cabia em si pelo contentamento: tinha feito a confissão geral e queria animar as outras a fazerem o mesmo. Maria ficou como que interdita e jeitosamente procurou dissuadi-las de seguir tal exemplo. Ela pensava: "Se resolverem fazê-la, eu terei que fazer também a confissão geral".

Entretanto, crescia sempre nela o desejo de não ser superada por ninguém em tudo aquilo que exige esforço de vontade e é fruto do amor de Deus. Teve quase medo de que as outras fossem mais fervorosas, mais simples, mais humildes, deixando-se conhecer a fundo pelo Pe. Pestarino. Em casa, a prima Domingas voltou ao assunto. Maria ficou um pouco aborrecida e o pai, que intuiu o motivo, disse: "Para alguns, a confissão geral é necessária; para outros, é indiferente e ainda para outros, é prejudicial...". Muito bem, pensou Maria, para mim pode ser prejudicial.

Durante vários dias lutou consigo mesma. Chegado que foi o da sua confissão semanal, decidiu falar sobre o próprio caso, adiantando as palavras do pai, na esperança de ser dispensada e ficar tranqüila. Mas o Pe. Pestarino, após um momento de silêncio, respondeu:

— Sim, para alguns, é prejudicial, mas para você ela é necessária e você vai fazê-la.

— Quando?

— Agora mesmo.

— Mas eu não estou preparada.

— Eu preparo você.

“Ele mesmo me interrogou e, em breves minutos, estava feita a confissão geral que eu tanto temia”. É o que mais tarde contou à amiga Petronila.

O piedoso autor da **Pratica progressiva della confessione**, no seu tratado sobre a humildade, pergunta: “De que precisa o Onipotente para fazer de nós um santo?”. Ele mesmo responde: “De muita humildade da nossa parte”. Como, pois, não pensar que foi o Espírito Santo que sugeriu ao Pe. Pestarino exigisse da Mazzarello a confissão geral, como um ato necessário de humildade, ponto de partida para levantar o edifício de perfeição querido por Deus?

## **VOTO DE CASTIDADE**

Na verdade, foi a partir daí que Maria levantou o vôo para maiores alturas, dirigindo o olhar para o céu, onde encontrava todo o seu amor. Sob o impulso da alma fervorosa e virgem, uniu-se sempre mais a Deus pelo voto de castidade.

Não conhecemos bem o momento dessa graça singular nem podemos determinar o que a impulsinou. Mas teria o Senhor necessidade de uma ocasião especial para conceder uma graça de eleição?

Terá havido ocasiões especiais para uma Inês, uma Gertrudes, uma Catarina de Sena, uma Margarida Alacoque quando, ainda crianças, pronunciaram o voto de consagração ao Cordeiro Imaculado? Temos, aliás, a palavra autorizada de Petronilla: “Pe. Pestarino queria que fossem muito belas as festas de Nossa Senhora, em Mornese: o encerramento do mês de maio, a Assunção, Nossa Senhora das Dores, a Auxiliadora, eram celebradas com muita pompa e grande fervor do povo. Certamente deve ter sido numa dessas festas que sugeriu a Maria imitar a SS. Virgem, fazendo o voto de castidade, já que ela queria tanto bem à Mãe de Jesus. Foi de maneira indireta que eu soube que ela tinha feito voto de castidade.

Embora o Pe. Pestarino nos recomendasse que não falássemos entre nós de assunto de confissão, às vezes alguma batia com a língua nos dentes.

Um dia, ora uma ora outra, contava que tinha pedido para fazer o voto de castidade por um certo tempo. Conforme o caso ele tinha dito sim ou não. Maria, que estava

presente, retrucou com animação: “Não compreendo por que lhe pedem isso por um certo tempo. Eu não me aconselhei com ninguém e o fiz logo para sempre. Creio que não fiz mal”. Naquela ocasião, Maria devia andar pelos quinze anos”.

Se a data e os particulares da sua total consagração ao Senhor permanecem ignorados, o mesmo não acontece com as causas segundas de que a Providência se serviu para dispor, à grande oferta, aquela alma jovem, marcada pela graça. Encontramo-las especialmente nas acaloradas e insistentes exortações do Pe. Pestarino, nas leituras que ele fazia publicamente na igreja e que espalhava entre as pessoas devotas, à medida que recebia os opúsculos e folhetos dos seus amigos de Gênova.

Atestam os mais assíduos: “Nosso **previn** não se cansava de recomendar aos pais: ‘Protejam a inocência dos filhos que lhes dá o Senhor; levem-nos à igreja em sua companhia; mandem que vão ao catecismo e façam com que freqüentem o catecismo; tomem cuidado para que não recebam escândalo de ninguém!’ Por outro lado, insistia com as crianças: ‘A inocência é o mais precioso tesouro da alma; conservem-na a qualquer custo e não permitam que ninguém a roube. Tenham horror ao pecado, até ao pecado venial deliberado; amem muito o seu anjo da guarda. Recomendem-se a Nossa Senhora, para que os conserve na pureza de um São Luís de Gonzaga, de uma Santa Inês virgem e mártir, de tantos outros santos e santas, crianças e jovens, que guardaram intato seu candor, defendendo-o até com o próprio sangue, e que agora, no céu, gozam de uma glória imortal’.

Fazia com que todos sentissem a necessidade de praticar o bem e evitar o mal. Que não fossem menos ativos que o diabo que se serve de todos os meios para arrastar as almas à perdição.

Mas, para ajudar a salvar os outros — concluía — é preciso conservar-se na graça de Deus, é necessário ser puros, porque somente a pureza da alma torna eficaz o apostolado do bom exemplo, da palavra e da oração”.

Portanto, nem por sombra podia passar pela cabeça de Maria que tinha agido mal fazendo o voto de castidade. Sabia, sim, quanta paz lhe trouxera ao coração, quanto desejo de ser cada vez mais pura, para ser mais agradável a Jesus, menos indigna de honrar a Virgem Maria, de quem se sentia

mais perto. Enfim, estava mais preparada para espalhar o bem em torno de si.

## TRABALHO — ORAÇÃO

1852-53 — Maria está galgando o alto monte da virtude. Cada manhã, de volta da igreja, antes que os demais se tenham levantado, prepara a primeira refeição, arruma a casa e vai logo retomar o trabalho no campo, precedendo os operários, mesmo os mais diligentes. Dizia um deles: “Eu procurava ir bem cedo mas lá encontrava aquele **folleto** no meio do vinhedo. Quantas vezes a surpreendi rezando o terço com a irmã Felicina!”.

As mãos trabalham, trabalham, mas sem a antiga agitação. Sob os golpes da enxada, a terra se abre em sulcos, como se estivesse contente com o trabalho daquela boa mocinha. De vez em quando, a enxada fica parada por alguns instantes; pensam os homens que ela descansa, enquanto cruza os dedos, o olhar perdido ao longe, movimentando os lábios. É o momento de lançar uma jaculatória, uma prece pelos agonizantes, um ato de amor, uma invocação à Rainha de todas as dores; o momento de unir seu trabalho aos sofrimentos de Jesus, pela conversão dos pecadores, pela paz na Igreja... Apenas um instante. Mas, quem visse o lampejo daquele olhar feliz, compreenderia logo que é como derramar óleo na lâmpada cheia a transbordar, daquela virgem prudente. Quem pudesse ouvir o canto devoto que se evola daqueles lábios em prece, diria que espírito e lábios estão concordes no louvor ao Senhor.

Podem rir, os operários; poderiam dizer, se o ousassem, alguma palavra de mofa: nada consegue alterar a paz daquela jovem. Está inteiramente absorta em Deus, está como abismada na luz divina, de maneira que nada a atinge.

Somente ao cair da tarde um olhar atento poderia descobrir nela uma certa pressa. Nem espera que os operários se retirem e, se o pai não dá uma ordem contrária, põe rapidamente o instrumento de trabalho sobre o ombro, como um troféu de vitória, e ruma para casa.

Aqui, saúda a mãe, faz uma carícia nos irmãozinhos, ajuda na cozinha. Depois da ceia, corre para a janela que, voltada para o ocidente, olha para a igreja paroquial, distante, mas bem visível.

## ADORAÇÃO VESPERTINA

Pe. Pestarino tinha conseguido que, naquela hora, vários paroquianos se reunissem na igreja para rezar em comum a **Coroa angélica** <sup>(3)</sup> e ouvir a leitura espiritual que ele fazia sobre o livro **L'anima divota della S. Eucaristia**, obra do Pe. G. B. Pagani. Maria tem conhecimento disso e bem gostaria de lá comparecer, embora cansada do trabalho do dia. Mas a distância é grande e ela contenta-se com participar da cerimônia da janelinha do seu quarto. A fantasia ardente lhe faz ver o sacristão acender as velas, o recolhimento do povo ali reunido, talvez até a chamazinha da lâmpada que continuará acesa depois da função; ela, outra pequena lâmpada do altar, vencendo a distância, entretém-se com seu Deus sacramentado. A mãe dá pela falta da filha e lhe adivinha o motivo — o que não notam as boas mães? — De acordo com o marido, resolve que toda a família se reunirá defronte da pequena janela, para a oração em comum.

Maria foi-lhe gratíssima e zelou para que, na hora aprazada, todos estivessem prontos. Ela ficava bem pertinho da janela. Atrás dela, os irmãos, as irmãszinhas e a prima, que procuravam imitar o seu fervor. Todos pendiam dos seus lábios para responder às orações em honra dos anjos e recitar o rosário. A seguir, Maria acrescentava uma devota visita ao SS. Sacramento. Depois, enquanto os demais se retiravam, ela lançava um derradeiro olhar a Jesus, repetia uma das jaculatórias com as quais se professava toda sua para sempre, e lhe pedia a bênção para a noite. Fechava finalmente a janela e ia para perto da mãe fazer meias ou fiar, enquanto, mais com o coração do que com os lábios, desafogava em oração o fervor da sua piedade.

Quando todos iam repousar, ela se demorava ainda um pouco para rezar ou ler algum livro piedoso. Ficava, às vezes, tão entretida, que era preciso a voz da mãe para chamá-la à realidade: “Maria, vá se deitar, já é muito tarde”; ou então “Maria, vá para a cama; você está gastando todo o azeite!”.

---

(3) **Corona Angelica in ossequio del glorioso S. Michele Arcangelo** — com o Decreto das indulgências anexas, de 1851 — (Igual à publicada em Turim das Ed. Giulio Speiranti e figli em 1887).

## COM JESUS DESDE O DESPONTAR DA AURORA

Por anos a fio, ela tinha ido de Valponasca a Mornese, para fazer a comunhão, durante a santa Missa; não fora coisa de pouca monta. Entretanto, Maria estava apenas dando os primeiros passos no caminho da perfeição. De que não será capaz agora que vive só para Jesus, unida a Ele pelo laço de místicos esposais?

Já não lhe basta chegar a Mornese a tempo de assistir à santa Missa: quer agora emular com os anjos que estão dia e noite em adoração diante do altar. Sabendo que a igreja é aberta muito cedo — querendo o Pe. Pestarino oferecer aos mais tímidos a oportunidade para confessar-se, sem que ninguém os veja — Maria aproveita a oportunidade para satisfazer seu desejo de rezar longamente diante do tabernáculo. Como os pais ainda estão dormindo, ela fará tudo baixinho e sairá depressa de casa. Mas, e se não acordasse? Se a idade e o cansaço fossem mais fortes do que as razões do coração? Oh, ela sabe bem o que fazer!

Várias vezes, vendo a irmã profundamente adormecida, sentava-se numa cadeira para dormir, ou mesmo deitava-se no chão, até que a posição incômoda lhe interrompesse o sono. Outras vezes, sobretudo no inverno, quando, deitando-se no chão, poderia apanhar uma pneumonia, amarrava um cordão na cintura. Dificultando a respiração, o sono era leve, de maneira que se acordava várias vezes durante a noite. Como não tinha relógio, quando imaginava que o dia ia raiando, chamava Domingas ou Felicina — ambas muito fervorosas — e saíam juntas apressadas pela estrada.

## ESPÍRITO DE VIRGINAL APOSTOLADO

Acontecia, às vezes, encontrar a igreja ainda fechada. Ajoelhava-se, então junto da porta, e esperava em oração que Jesus a recebesse no seu templo. Se aparecia alguma outra jovem, êmula do seu fervor, entretinha-se com ela sobre assuntos espirituais. Durante uma dessas conversas, Maria levantou os olhos para o céu e disse: “Olhem aquelas estrelas! Como brilham! Pois bem, um dia estarão todas sob os nossos pés e nós estaremos bem acima delas”. Palavras que brotaram do mais profundo do seu ser e revelam quão viva era sua fé!

Lembra alguma companheira ter encontrado Maria e Felicina adormecidas de joelhos nos degraus da entrada da

igreja, diante da porta fechada, uma de encontro à outra, como duas pombinhas. O espírito cedera às justas exigências da natureza.

Conta a fiel Petronilla: “A respeito dessas suas fugas matinais, disse-me Maria que certa ocasião seguia com Felicina quando, ao desembocarem na estrada, viram vir um homem ao seu encontro.

— Vamos perguntar-lhe que horas são, disse Maria à irmã, assim passa o medo.

O homem respondeu e indagou por sua vez:

— São duas horas da madrugada. Onde vocês vão tão cedo?

— Vamos à missa.

— À missa?! às duas da madrugada?

— Não sabíamos que era tão cedo. Mas não faz mal: teremos mais tempo para rezar.

Continuaram seu caminho, acompanhadas certamente pela admiração daquele homem que, provavelmente, as tinha reconhecido.

Outra vez, Maria seguia com a prima Domingas. A noite estava muito escura. De repente, viram surgir, do lado do cemitério, duas grandes sombras brancas, como dois fantasmas, que vinham ao seu encontro. Apavoradas, fugiram. Mas logo Maria parou, segurou a prima pelo braço e lhe disse com segurança: ‘Vamos ficar calmas e seguir nosso caminho sem mostrar que estamos com medo. Eles não vão nos fazer mal nenhum’. Seguiram seu caminho para a igreja, ao passo que os dois deram ainda umas voltas gesticulando, mas à distância, até que desapareceram.

Maria referiu o fato a quem de direito. Ficou-se sabendo que eram dois trocistas que gostavam de meter medo em quem ia muito cedo à missa. Descobertos, o fato não se repetiu”.

Nada lograva diminuir seu fervor. Quando fazia mau tempo, não queria que ninguém a acompanhasse. Desafiava sozinha o vento, a chuva e o frio. Teria também desafiado os canhões, se os tivesse encontrado no seu caminho. Às vezes chegava tão encharcada, que devia pensar um pouco em si mesma e também no respeito devido a Jesus.

Entrava então num pequeno cômodo ao rez do chão, contíguo à igreja, propriedade de uma boa família que, cheia de admiração por ela e pelas suas companheiras, o punham à sua disposição. Tinham-lhes indicado onde ficava depositada a chave, para que se servissem sem constrangimento. Lá ela tirava os **caussotti** molhados e enlameados, sacudia a chuva e a neve e, apenas a igreja era aberta, entrava, para voltar depois e enfiar as famosas polainas que haviam secado um pouco.

Quando tudo estava gelado e Maria previa que ia sofrer muito frio, levava consigo um feixezinho de lenha. Chegada no hospitaleiro quarto, acendia o fogo e se esquentava um pouquinho, para não ficar de tal modo inteiriçada a ponto de não poder rezar.

Uma companheira sua, mais velha quatro ou cinco anos, interrogada a propósito, ficou meio ofendida com a dúvida que lia no rosto de quem fazia a pergunta, e assegurou: “Estou dizendo que ela vinha sempre. Deixava os **caussotti** num quarto à entrada do povoado e os retomava na volta. Ou então ia com eles até à porta da igreja, onde os tirava, sacudia a neve, entrava e ia para o seu lugar. Mais de uma manhã, nós a convidamos para entrar na nossa casa e se esquentar um pouco. Mas raramente ela aceitava. Lembrome de que, numa dessas vezes, não querendo perder a missa, quis ficar como estava. Mas temendo que o Pe. Pestarino, vendo-a em tal estado, a mandasse embora, foi ajoelhar-se bem longe do seu confessorário. É que ela sabia que aquele santo, severo no seu modo de ser e nas palavras, tinha um coração muito terno e zelava também pela saúde física dos seus filhos espirituais. Mas, seja que alguém lho tivesse dito, seja porque a ouviu tossir, ordenou que fosse logo para casa”.

Petronilla Mazzarello completa assim a narrativa: “Pois é; e quando Maria foi levantar-se, teve que o fazer com jeito, porque a água, que escorria da sua saia e dos seus sapatos, tinha-se congelado e ela estava presa no chão”.

Outra companheira, depois de ter falado do seu fervor, dos seus sacrifícios, da sua piedade, concluía: “Só conhecendo Maria para saber qual era sua coragem e força de vontade!”.

Mas todas as suas cautelas não eram suficientes para iludir a mãe que, embora deitada, percebia muitas vezes

quando as meninas saíam ou voltavam para casa. Não ousava contrariar a filha na sua piedade. Provavelmente o Pe. Pestarino a teria aconselhado a não obstacular o trabalho da graça na alma da jovem. Todavia, quando fazia mau tempo e a via voltar para casa toda molhada e tremendo de frio, não podia deixar de aconselhá-la a poupar-se mais. Aduzia uma porção de razões para que compreendesse que, afinal, devia resguardar a saúde. Era a mais velha, era toda a sua esperança. Quase sempre acabava dizendo: “Quando você ficar doente, como é que eu vou tratar de você?”. Maria ouvia com respeito mas replicava serenamente: “Fique tranqüila, mamãe; você vai ver que eu não ficarei doente”. Vendo a mãe sorrir, continuava do mesmo jeito.

### **PIEIDADE QUE NÃO SE TORNA PESADA À FAMÍLIA**

Por vezes aconteceu que as funções da igreja se prolongassem, obrigando Maria a chegar um pouco atrasada a casa. Isso era raro, aliás. Pe. Pestarino era o primeiro a recomendar, às donas de casa e às jovens, que não fizessem pesar sua piedade nem dessem motivo para inquietações em casa. Além disso, a mãe de Maria tinha mais cinco filhos abaixo dela, bem pequenos ainda, e reclamava se ela demorava.

Querendo obedecer e, ao mesmo tempo, não se conformando em renunciar à missa, para não dar motivo a queixas, a boa jovem se privava do descanso concedido a toda a família, se por acaso se atrasava. Depois, chegada a noite, quando os demais já estavam deitados, ela, conforme a estação, ou preparava as estacas necessárias ao vinhedo, ou fazia qualquer outro trabalho doméstico.

Se podia prever que no dia seguinte teria que demorar-se mais na igreja e se a lua clareava como se fosse dia, ela se levantava mais cedo que de costume e, antes de acordar a irmã, adiantava seu trabalho na vinha. Ou então — já que em Valponasca a água era pouca — punha sobre os ombros um recipiente com capacidade para vinte e cinco litros, descia a encosta e ia buscá-la no poço que ainda hoje se pode ver. Com o doce peso, subia de novo pelo íngreme caminho. Uma vez satisfeitas as necessidades da família, acordava Felicina e lá se iam depressa como “**colombe dal desio chiamate**”.

O desabrochar de uma piedade tão robusta faria pensar que a fervorosa jovem esquecera a antiga vivacidade.

É verdade que Maria estava vigilante e logo a reprimia, exercitando-se na humildade e abnegação. Mas, de vez em quando, embora sob outra forma e por motivos mais nobres, voltava a ser a graciosa menina que, sem mentir, tinha sabido ajuntar ovos, fazer desmoronar-se a pilha de queijos, tirar a nata do leite...

Eis um exemplo.

Uma vez, embora ela caminhasse de mansinho, o pai percebeu um ruído insólito e foi ver o que era. Assim que o viu descer a escada, Maria foi depressa ao estábulo, tirou a corda do pescoço da vaca e disse ao pai, que apontava na porta: "O animal estava solto. Eu o estou amarrando". Que podia fazer o bom homem, embora suspeitasse da verdade? Só lhe restava sorrir, voltar para a cama e deixar a filha desafogar seu ardente fervor.

Dir-se-ia que revive a palavra de São Pedro, o príncipe dos apóstolos: "O que tenho te dou!". É o que parece dizer à prima, à irmã, às companheiras: sigam-me, dcu-lhes o que tenho: um grande amor a Jesus, um imenso desejo de mortificar-me para dar-lhe prazer, um zelo que me devora.

A princípio, parecia que Domingas sobrepujasse Maria em virtude; agora a discípula tornou-se mestra.

## **ZELO FECUNDO**

Já vimos com quanta eficácia essa jovem apóstola tinha sabido afervorar o coração da prima, levando-a a trocar a cama pela igreja. Agora procura encorajá-la a ter sempre a mente fixa em Deus, a mortificar-se na comida e no modo de vestir-se. O que ela mesma conseguiu numa luta sem tréguas, vai ensinando aos outros; sua palavra, apoiada sobre o exemplo, alcança o que o zelo propõe.

Com a irmã Felicina, o apostolado era mais fácil e profícuo. É raro encontrar-se dois corações de irmãs tão unidos e tão capazes de mutuamente se entenderem. Maria tinha ensinado a Felicina as primeiras orações, lhe tinha feito saborear as primeiras doçuras da união com Deus, o conforto de mortificar-se para lhe dar prazer. Depois que o trabalho as tinha por algum tempo separado, as duas irmãs se procuravam. Gostavam de fazer suas tarefas em comum, afervoravam-se mutuamente. Escreveu Felicina:

“Quando nossos pais mandavam Maria fazer alguma compra na cidade, ela passava pela igreja para fazer uma visitinha em meu nome também. Se, ao contrário, era eu que ia, ela dizia logo: “Não deixe de visitar Jesus, hein! Faça as minhas vezes”.

Maria ficava contente quando o bom tempo lhe permitia levar consigo Felicina. Esta tinha feito tanto progresso à sua escola, que se tinha também preparado com muito fervor para a primeira comunhão. Recomendava-se ao seu anjo da guarda para que a acordasse cedinho, mesmo se fizesse mau tempo, para poder acompanhar Maria. Mas esta, embora encantada com tanto fervor, ficava firme, querendo poupá-la das fadigas que a si mesma impunha.

Além disso, Maria tinha encontrado uma companheira que, saudável e robusta, podia enfrentar também as manhãs de inverno. Dez minutos mais abaixo da Valponasca, ficava outro sítio, onde morava uma sua companheira, Rosa Mazzarelli, cognominada a Bertera. Nela também ardia o desejo da comunhão freqüente. Mas não sabia o que fazer para acordar cedo. A jovem apóstola descia então para chamá-la, esperava-a e seguiam juntas ao encontro de Jesus. Durante a caminhada, Maria aproveitava para afervorar a companheira e fazê-la subir àquelas paragens onde se sentia tão feliz.

## **PRIMEIROS SINAIS DA VOCAÇÃO RELIGIOSA**

A prova de quanto agradasse a Deus um fervor tão puro e comunicativo, é que, por esse tempo, Maria deve ter recebido o dom que Ele reserva aos seus privilegiados: o chamamento à vida religiosa.

Jamais Maria falou a respeito: nem então, nem depois. A proibição deve ter partido do Pe. Pestarino, a quem terá manifestado seu desejo. Talvez tenha sido também o temor de não poder corresponder a um tão elevado ideal, por falta do dote que então se exigia. Talvez tenha achado melhor calar-se para não alimentar — ou, quem sabe, para sufocar — um desejo irrealizável. O que é certo é que outrora recebia com todo respeito os frades que vinham pedir esmolas e procurava que estas fossem abundantes; agora, um véu de tristeza se lhe espalhava sobre o rosto, embora procurasse disfarçar. Uma vez, disse aos irmãozinhos: “Vocês estão vendo como os frades são santos? Vamos, façam-se frades

vocês também. Poderão mais facilmente evitar o inferno e assegurar a salvação de suas almas.

— Por quê? — perguntaram os irmãozinhos?

— É... porque eu não posso. Mas se fosse homem!...”

Os irmãos olharam-na com admiração. Mais do que nunca devem ter se lembrado do que corria de boca em boca na aldeia, sobretudo das mães: “Maria sobressai entre todas pela sua virtude. É um modelo para todas as jovens da região”. Sem a mínima inveja, estas estavam disso convencidas. Depôs uma delas: “Lembro-me que Maria sempre me edificou, sobretudo pela sua piedade. Quando a víamos em humilde oração, ou quando se aproximava do banquete eucarístico, estávamos certas de ter diante dos olhos uma alma eleita, seriamente voltada para progredir na perfeição e na qual Deus habitava com alegria”.

1854-1857 — O Senhor fizera Maria ouvir seu convite divino à vida religiosa, cuja porta, entretanto, parecia fechada para ela. Estava convencida de não poder realizar seu ideal, quando um novo caminho se abriu diante dela, uma oportunidade para dar expansão ao seu zelo.

## ANGELINA MACCAGNO

No grupo de jovens que mais correspondiam às solitudes do Pe. Pestarino, sobressaía Angelina Maccagno, natural também de Mornese. Estava mesmo em maior evidência do que Maria, por ser mais velha — nascera em 1832 — pertencia a uma família abastada, era suficientemente instruída, sobretudo em relação à época e ao atraso de Mornese. Dotada de um coração generoso e de muito bom senso, queria e podia dedicar-se inteiramente às obras de apostolado. Era o braço direito do Pe. Pestarino no que dizia respeito à juventude feminina. Parece até que este, conhecendo seu fervor e capacidade, sabendo que ela estava livre de qualquer compromisso e que a mãe viúva lhe dava todo o apoio, lhe teria dito: “De agora em diante, eu vou trabalhar junto aos homens e meninos; fora da igreja, as jovens e as mulheres ficam por sua conta”.

Parece que Angelina se sentisse impossibilitada de ingressar na vida religiosa, a que se sentia chamada, por vários motivos: primeiro por não ter coragem de deixar a mãe sozinha, sem outra filha que a assistisse (tinha apenas

um irmão); depois talvez porque não se sentisse capaz de um total desapego de tudo; enfim, porque muito delicada de saúde. O certo é que um dia, de comum acordo com a prima Maria Arecco, expôs ao Pe. Pestarino quanta glória daria a Deus e à Virgem Maria, quanta vantagem traria para o povoado e para as jovens, uma associação que reunisse, com particulares vínculos de piedade, as moças que não desejavam ou não podiam fazer-se religiosas e que, sem tomar outro estado, queriam santificar-se no século.

A fim de convencê-lo, fez-lhe ver como seria belo se, em tempos tão sombrios para a pátria, enquanto as seitas agitavam e lançavam o povo contra a Igreja, contra a religião, houvesse um grupo de mulheres dispostas a opor armas contra armas. Isto é, mulheres prontas a trabalhar sem ostentação, sem que ninguém o percebesse, para introduzir Deus nas famílias e no Estado, para fazer amar a Igreja e o Papa tão maltratado naqueles anos dolorosos. Mais ainda, como seria oportuno se, ao passo que a cristandade se preparava para acolher com alegria o dogma da Imaculada Conceição, as jovens de Mornese se reunissem numa Associação que tomasse justamente o nome de Maria Imaculada.

O fervor da Maccagno não poderia ter-se dirigido a um coração mais disposto a acolhê-lo. Mas quando ela propôs ao Pe. Pestarino que escrevesse a propósito um pequeno regulamento, o piedoso sacerdote achou melhor que o fizesse ela mesma. Prometeu revê-lo ou fazê-lo rever. A Maccagno obedeceu prontamente e logo lhe entregou um esboço de regulamento, que foi remetido ao Côn. José Frassinetti, prior de S. Sabina, para que o revisse.

## **O PRIMEIRO REGULAMENTO DAS FILHAS DA IMACULADA**

O esboço em questão <sup>(4)</sup> propõe-se a atingir dois fins: Um particular, composto de cinco artigos, outro geral, composto de três.

**Fim particular:** santificação das associadas mediante o voto de castidade, feito a conselho do Diretor e apenas por espaço de um ano; voto de obediência ao Diretor ou a uma companheira da União, por ele designada. Especial estudo para adquirir uniformidade de espírito, a fim de che-

---

(4) Anexo n. I. — cf. ed. italiana p. 321.

gar à uniformidade de intentos e de ação: para o conseguir, terem todas o mesmo confessor.

**Finalidade geral:** cooperar para a glória de Deus e da religião com o bom exemplo, com a frequência dos sacramentos, com o amor a Jesus vítima de amor por nós e com a “terna e especial devoção à nossa Mãe, a Virgem SS. Seja divisa e finalidade da Pia União — diz o regulamento — inculcá-la e promovê-la em toda espécie de pessoas: jovens, mulheres e até rapazes e homens, proibindo-se, porém qualquer relação direta com homens, seja de que idade for e chegando-se a eles apenas por intermédio das mulheres”.

Era dever absoluto de toda Filha de Maria estar disposta a sacrificar tudo e a deixar tudo, antes que separar-se da Pia União; deveriam ajudar com as próprias posses aquelas que estivessem ou viessem a estar privadas da própria família, bem como as que não dispusessem de meios para manter-se convenientemente. Nenhuma deveria viver sozinha: o Diretor indicaria com quem morar. Era dever de cada uma fazer o que estivesse ao seu alcance para propagar a Pia União, mas com discrição, para evitar comentários desfavoráveis à religião. De alma e coração, todas deviam estar unidas, evitando as amizades particulares.

O Côn. Frassinetti era o mais indicado para fazer a revisão do regulamento, porque tinha seguido, com o afeto e com o conselho, todo o movimento de juventude que se formara ao redor de sua irmã Paula, a fundadora das irmãs Dorotéias. Mas, pouco compenetrado do valor da coisa — não obstante sua boa vontade em satisfazer ao Pe. Pestarino ao qual o ligava uma sólida amizade — perdeu a folha da Maccagno e, por um ano ainda, o regulamento ficou na esfera de um piedoso desejo.

Enquanto esperava, a Maccagno começou a reunir algumas jovens, seguindo as normas que ela mesma traçara. Vendo que a coisa caminhava, criou coragem e tornou a escrever ao Côn. Frassinetti, enviando-lhe uma segunda cópia do regulamento esboçado.

O Côn. Frassinette diferiu mais uma vez o que lhe era pedido: ou devido à morte do pai, ocorrida em fevereiro de 1853, ou por motivo do muito trabalho que tinha com sua paróquia, ou talvez sobretudo pela pouca confiança que o projeto lhe inspirava.

É interessante notar o que a respeito disse Petronilla Mazzarello: “O Côn. Frassinetti tinha perdido também a segunda cópia: ele mesmo no-lo disse numa conferência. Não a tinha podido encontrar, embora a tivesse procurado muito. No dia 8 de dezembro de 1854, a primeira festa da Imaculada, sem que o esperasse, encontrou-a sobre sua escrevaninha, como se lá a tivesse posto naquele momento. Nossa Senhora não tinha querido mostrar assim o seu desejo?

Foi o que pensou o Côn. Frassinetti pois, tendo se aconselhado com outros sacerdotes avisados em coisas do espírito, voltou ao esboço do regulamento. Retocou-o e completou-o mas, como ele mesmo asseverou, “nada de substancial foi acrescentado ou mudado” (5).

No dia 21 de novembro de 1855, o suspirado regulamento chegava a Mornese. No dia 27 do mesmo mês, Ângela Maccagno agradecia ao Côn. Frassinetti com a seguinte carta:

Rev.mo Senhor Côn. G. Frassinetti

No belo dia da Apresentação de Maria SS., nossa querida Mãe, no templo, foi-nos comunicada pelo nosso Diretor esperitual a notícia de que havia recebido o regulamento para as moças do campo que desejassem consagrar-se ao Senhor, entre as quais uma das mais indignas, mas desejosa de fazê-lo de todo coração, sou eu. Também em nome das outras tomo a liberdade de escrever-lhe estas poucas linhas para agradacer-lhe sua solicitude e o trabalho que suportou por nós. O Senhor e Maria SS., nós o esperamos, hão de recompensá-lo.

Tal notícia nos foi sumamente grata, seja pelo desejo que alimentávamos há tanto tempo, seja pelo dia em que Maria SS. nos deu tão belo presente! No dia seguinte, eu e uma companheira de ideal oferecemos a santa Comunhão de modo particular por V.Rev.ma, porque é este o único agradecimento que podemos apresentar-lhe e que, estamos certas, lhe é mais do que nenhum outro agradável. Lembrarei minha dívida de gratidão nas minhas pobres orações e comunhões; jamais me esquecerei de rezar por V.Rev.ma e de recomendá-lo às minhas queridas companheiras que,

---

(5) Prefácio Regola sulla Pia Unione delle Figlie di santa Maria Imacolata, sotto la protezione di santa Orsola e di santa Angela Merici (Genova, Tip. della gioventù 1867) 7.

graças a Deus, já são bem numerosas. E já que o Senhor me favorece tanto, não obstante minhas imperfeições e tibieza, procurarei observar exatamente as regras prescritas, tanto as particulares como as gerais.

Queira aceitar minhas saudações e as das minhas companheiras e, se lhe parece bem, transmiti-las também às boas jovens da sua paróquia. Que rezem por nós e o mesmo faremos por sua intenção. Faremos assim uma santa aliança; e beijando-lhe a santa mão que tanto trabalhou por nós, professo-me.

De V.Rev.ma

humilde serva  
Ângela Maccagno <sup>(6)</sup>

Mornese, 27 de novembro de 1855

### **A PRIMEIRA CONSAGRAÇÃO COMO FILHAS DA IMACULADA**

No dia 9 de dezembro de 1855, primeiro domingo depois da festa da Imaculada, as jovens, que há três anos experimentavam pôr em prática o esboço de regulamento da Maccagno, reuniram-se secretamente na capela da casa do Pe. Pestarino, dando um verdadeiro e formal início à **Associação das Filhas de S. Maria Imaculada**. Eram apenas cinco: Angela Maccagno, Maria Mazzarello, Maria Arecco, Rosina Mazzarello, Giovanna Ferrettino, escolhidas pelo diretor Pe. Pestarino, entre as muitas de que fala a Maccagno na sua carta ao Côn. Frassinetti.

A escolha foi rigorosa. O prudente sacerdote queria que o manipulo destinado a nutrir os outros fosse grão de primeira qualidade, colhido num terreno bem cultivado e a salvo de qualquer erva daninha. As cinco afortunadas eram demasiado humildes para aplicar a si mesmas as palavras de Jesus: "Muitos são os chamados e poucos os escolhidos". Mas é o que deve ter pensado o bom Pe. Pestarino. Ele via diante de si aquelas ótimas moças das quais bem conhecia o valor. Bem sabia do que eram capazes, se postas em santa emulação entre si, em contato com o ardor da Mazzarello, a mais jovem das cinco mas a mais apta para dirigir as filhas de Nossa Senhora. Cinco são as pétalas da

---

(6) Originale in Arch. Gen. FMA.

rosa silvestre que nas aldeias embeleza o altar; cinco as letras do nome de Maria SS., a branca-rosa da SS. Trindade.

Ninguém guardou lembrança das santas indústrias com que o Pe. Pestarino preparou as eleitas para aquele dia; não se sabe o que o humilde ministro de Deus lhes teria dito para lhes fazer avaliar a grandeza do ato que estavam realizando. Não nos ficaram também as palavras com que as felizes jovens, unidas por um mesmo ideal, consagraram, pela primeira vez, suas vidas à SS. Virgem. Pode-se apenas imaginar os transportes de alegria com que mutuamente trocaram suas impressões.

A oferta, porém, da sua consagração, tão humilde e simples, não terá sido menos agradável a Nossa Senhora do que as solenes celebrações que, naquele mesmo dia, se realizavam em Roma e nos principais centros do mundo católico.

Não houve em Mornese esplendor de luzes, nem harmonia de sons, nem multidões em oração: somente os anjos foram testemunhas do fervoroso compromisso de irradiar pureza em nome da Santa Virgem.

**Dai virgens à terra, ó Maria Imaculada, fazei que as virgens sobre a terra sejam mais numerosas do que as estrelas do céu.**

Esse ideal foi expresso mais tarde na primeira oração de consagração que completava o Regulamento das Filhas de Maria Imaculada <sup>(7)</sup>.

## **A AÇÃO DO CÔN. FRASSINETTI**

O Côn. Frassinetti foi certamente informado da simples mas importante função. Pôde acompanhar o trabalho das fervorosas Filhas de Maria, seja pelas notícias que recebia com freqüência do Pe. Pestarino, que o ia visitar em Gênova, seja dirigindo-se pessoalmente a Mornese. Era aí recebido com muito carinho, tanto em atenção ao Pe. Pestarino, como porque nunca se recusava a fazer algum sermão de ocasião. Foi também escolhido como confessor extraordinário das Filhas de Maria Imaculada.

Ele já tinha entre as mãos as associações femininas de Gênova — a “Obra de Santa Dorotéia”, a da “Santa Infân-

---

(7) Cf. Frassinetti Giuseppe, “Regola Pia Unione delle Figlie di s. Maria Immacolata” no apêndice ao folheto *La monaca in casa* (Gênova, 1ª ed.) 219.

cia”, a “Pia união das almas que desejam fazer-se santas”, a “Congregação do Sagrado Coração de Jesus” etc. — das quais era diretor espiritual ou mesmo iniciador e promotor, como se depreende da carta que lhe dirigiu a Maccagno: “e, se lhe parece bem, transmiti-las (as saudações) às boas jovens de sua paróquia. Que rezem por nós, e o mesmo faremos por sua intenção. Faremos assim uma santa aliança...”

Quando o Côn. Frassinetti constatou as vantagens da Pia União das Filha de Maria Imaculada, sem fazer caso das antigas dúvidas, quis presentear com ela a cidade em que trabalhava. Talvez previsse seu longo e fecundo caminho. De maneira que, no domingo 16 de agosto de 1856, festejando-se na sua paróquia de Santa Sabina a Assunção de Maria SS. ao céu, ele realizou, mais ou menos como em Mornese, a primeira recepção das Filhas de Maria Imaculada. “Então — como ele mesmo escreveu — foi impresso o regulamento, em número limitado de cópias. Tudo ficou em segredo, primeiro para verificar seu êxito antes de divulgá-la, e depois para impedir as críticas e desaprovações que nunca faltam diante de novidades, sejam elas embora boas e santas” (8).

Dessa maneira, um vento amigo tinha transportado um germen da boa semente para longe do solo nativo. Nascia uma nova planta em outro terreno, fértil também ele, que se multiplicaria, numa profusão de flores e frutos, a embelezar o jardim da Igreja.

## FRUTOS DA PIA UNIÃO EM MORNESE

Em Mornese, o zelo das cinco Filhas da Imaculada ganhava terreno.

São muitas as mulheres que vão à missa todos os dias; muitas jovens fazem a comunhão diária. As festas da Igreja são celebradas com tanta afluência de gente, um tal esplendor de luzes — graças às velas oferecidas pelo povo — que facilmente se adivinha a discreta atividade das jovens apóstolas.

Não resta dúvida de que aquelas cinco jovens exercem extraordinário ascendente sobre a população. Em substân-

---

(8) *Regola della Pia Unione delle Figlie di s. Maria Immacolata sotto la protezione di s. Orsola e di s. Angela Merici* (Genova, Tip. della gioventù 1867) 7.

cia, nada mudou em sua conduta; mas algo indefinido emana das e impõe respeito. Vão, vêm, parece que em nada se envolvem; entretanto, seu nome é repetido por todos, porque todos delas recebem um conselho, um favor, uma palavra de estímulo e simpatia. A própria Maria, antes tão reservada, sabe aproximar-se agora desta ou daquela com naturalidade; acompanha-a à igreja, fala-lhe de Nossa Senhora, arranca a promessa de ir confessar-se para a tal festa, de dar um jeito em determinado vestido, de fazer a santa comunhão, de não voltar a um certo lugar etc. E, coisa digna de nota, Maria não procura as melhores, como fazia antigamente: suas preferências são agora para as mais travessas. Mas as travessas em pouco tempo se lhe afeiçoam, são impedidas, mau grado seu, a imitá-la.

## A COMPANHIA DA IMACULADA NO ORATÓRIO DE VALDOCCO

Singular coincidência: Enquanto em Mornese e, por Mornese, em Gênova, a SS. Virgem, ia formando, entre as humildes moças do campo, cândidas legiões de jovens, como para mostrar ao mundo novos caminhos de pureza, em Turim, no oratório de Valdocco, ela ia suscitando o mesmo fervor de consagração.

Para uma obra tão bela, escolhia o mais puro, talvez o mais jovem dos filhos de Dom Bosco, o que estava perto da eternidade: Domingos Sávio. Este menino santo — que pertencia à associação promovida com o fim de ter todas as manhãs no oratório um bom número de comunhões — pensou, aconselhando-se com Dom Bosco, num meio de torná-la estável. Guiado pela sua costumada e indústriosa caridade, escolheu alguns companheiros fiéis e convidou-os a unirem-se a ele para formar uma **Companhia** chamada de **Imaculada Conceição**.

O fim era assegurar a proteção da Mãe de Deus durante a vida e especialmente na hora da morte. Para obtê-la, o jovem Sávio propunha dois meios: promover as práticas de piedade em honra de Nossa Senhora e a freqüente comunhão. De acordo com seus amigos e ajudado por José Bongiovanni, escreveu um regulamento e, depois de muitas instâncias, no dia 8 de junho de 1856, nove meses antes de sua morte, pôde lê-lo, em companhia de todos, diante do altar de Maria Santíssima.

O regulamento compõe-se de 21 artigos. São todos relativos aos seus deveres como alunos do oratório e se inspiram no ardente desejo de formar, em si e nos outros, o hábito do dever bem como um caráter franco e sadiamente cristão. O último artigo, que resume todos os outros, assim reza: “A Sociedade está colocada sob a proteção da Imaculada Conceição, da qual teremos o nome e levaremos a medalha. Uma sincera, filial, ilimitada ternura para com ela, uma devoção constante nos farão arrostar qualquer obstáculo, nos tornarão firmes nas nossas resoluções, severos para conosco mesmos, benévolos com o próximo e exatos em tudo” (9)

Dom Bosco leu o regulamento, aprovou-o e, de sua própria mão, acrescentou sete condições para tornar mais fácil sua prática e assegurar a tranqüilidade das consciências. O bem que essa associação fez é comparado ao amor e à inocência de onde brotou; amor e inocência de um Domingos Sávio, que nele instilou sua luz de apóstolo e que do céu continua a sustentá-la.

De maneira que, sem que num lugar se soubesse do outro, de Turim a Mornese, subia ao trono da Imaculada o mesmo tributo de amor, o mesmo ardoroso zelo, sob o mesmo título, com as mesmas finalidades práticas. Os dois devotos mais fervorosos da Virgem Imaculada eram dois corações juvenis, que batiam unísono com Dom Bosco, o grande Pai que Domingos deveria deixar em breve, e que Maria Mazzarello ainda não conhecia. Mas já lhe era filha pelos sentimentos, pelas aspirações e pelas obras.

## **DOM CONTRATTO EM MORNESE**

1857 — Pe. Pestarino, vendo a pequena semente aprofundar as raízes e o bem alastrar-se para a glória do Senhor, não pôde conter em si a alegria. Abriu-se com Dom Modesto Contratto, seu bispo. O pároco de Mornese, Pe. Ghio, seu cordial admirador, deixa-lhe plena liberdade para expandir seu zelo como melhor lhe aprouver. Como nesse ano o mês de maio corresponde plenamente às suas aspirações, dirige-se à residência do seu amado bispo, em Acqui, para convidá-lo a tornar mais solene e proveitosa a festa de encerramento, com sua presença, sua palavra e todo o aparato

---

(9) MB V 482.

externo que precede e acompanha a vinda do venerado Pastor.

Para melhor dispô-lo a aceitar o convite, falou-lhe do renovado fervor do povo, da comunhão quase quotidiana da juventude. Insistiu sobre a necessidade de constatar pessoalmente os frutos abundantes que produzia a associação, mantida ainda em segredo, daquelas jovens unidas em nome de Maria. Com tanta eloquência insistiu que conseguiu comover o coração do Bispo que, não somente aceitou o convite de ir a Mornese mas, iluminado do alto, quis dar logo ao zeloso sacerdote uma prova patente da sua complacência: aprovou a regra da associação das Filhas de Maria Imaculada, no dia 20 de maio de 1857 <sup>(10)</sup>.

No domingo 31 de maio, na igreja cheia de gente vinda dos mais distantes sítios, diante das seis Filhas da Imaculada — já que às cinco se tinha juntado uma jovem viúva sem filhos, muito zelosa e criteriosa — renovou publicamente a cerimônia feita secretamente pelo Pe. Pestarino um ano antes. Ajoelhadas na balaustrada, um pouco confusas mas felizes, elas renovaram sua consagração e receberam a medalha de Maria Imaculada.

Em substância, qual a fórmula dessa consagração? A boa memória de Petronilla, o que se lê no regulamento, que veio pouco depois, bem como o teor de vida das Filhas da Imaculada nos fazem aceitar a seguinte:

“Eu, estando decidida, mediante o auxílio divino, a trabalhar pela minha santificação, especialmente fugindo de todo pecado, por menor que seja, plenamente advertido, e a dedicar-me ao exercício da caridade em relação ao meu próximo, prometo observar a regra da Pia União das Filhas de Santa Maria Imaculada” <sup>(11)</sup>.

As jovens associadas não deverão mais esconder a própria divisa espiritual. Agora todos já sabem qual o nome de sua associação: **Filhas de Maria Imaculada**.

---

(10) Decreto. — Estando nós inclinados para tudo o que diz respeito ao bem espiritual das almas aos nossos cuidados confiadas, para a maior glória de Deus e a devoção a M. V. Santíssima, atendendo ao piedoso desejo das Filhas de Mornese de unirem-se em Pia Associação, sob o título de N. S. Immaculada, concedemos nossa plena aquiescência e aprovamos os captiulos relativos a nós apresentados, devidamente por nós visados, Acqui, 20 de maio de 1857.

Assinado Fr. Modesto Bispo

(11) Frassinetti G., “La monaca in casa” (Sampierdarena, Tip. Libr. di S. Vincenzo de’ Paoli 1880) 167.

## **O ZELOSO DIRETOR DAS FILHAS DA IMACULADA E AS DUAS ENTRE ELAS ESCOLHIDAS**

(1857-1862)

### **AS PIEDOSAS REUNIÕES DAS FILHAS DA IMACULADA**

Acabada a festa, as Filhas da Imaculada voltaram para a sombra porque o Pe. Pestarino apressou-se em recomendar-lhes novamente que não falassem da Pia União com estranhos. Bastava a estes o que tinham ouvido da boca do Pastor. Elas deviam continuar a aperfeiçoar-se na vida de humildes violetas que, escondidas, espargem o pergume. Que se distinguissem apenas pelo modo sério de vestir-se, pela modéstia no trato e pelo zelo iluminado para impedir o mal e promover o bem.

Elas não esperaram que se lhes repetisse a recomendação.

Todos os domingos, antes que amanhecesse, reuniam-se para a reunião prescrita, na casa da Macagno. Esta, por ter sido a que propusera o regulamento, porque era mais instruída e também porque tinha alguns anos mais do que as outras, exercia naturalmente uma certa autoridade. Mas não tinha nenhum título, pois o Pe. Pestarino entendia que deviam ser todas iguais entre si.

As reuniões faziam-se na sua casa porque, como ficou dito, morava sozinha com a mãe e podia receber as companheiras a qualquer hora, sem incomodar ninguém e sem dar motivos a comentários. Mas quando se dava algum fato extraordinário, como a aceitação de alguma associada, ou uma conferência de algum sacerdote, como o Pe. Frassinetti, o Pe. Sturla, o Pe. Olivieri, ou mesmo o Pe. Pestarino, reuniam-se na capelinha do próprio Pe. Pestarino.

O missionário Pe. Luís Sturla de Gênova e o Côn. Olivieri de Acqui pertenciam ao benemérito grupo de sacerdotes

que, juntamente com o Pe. Frassinetti, difundiam por toda a Ligúria um espírito de sólida piedade, com a pregação, a confissão e o exemplo luminoso de seu espírito de sacrifício. Com freqüência, o Pe. Pestarino convidava-os a virem a Mornese a fim de ajudá-lo a reavivar o fervor do povo, como também para que ensinassem às Filhas de Maria Imaculada os meios que conheciam eficazes para fazer o bem sob variadas formas.

Nas suas reuniões, as Filhas da Imaculada geralmente liam e comentavam, fazendo aplicações práticas, algumas páginas da **Monaca in casa** de S. Afonso M. de Ligório, ou então da **Perfezione cristiana** de Rodriguez, ou da vida de Santa Teresa. Para as novenas preparatórias às principais solenidades litúrgicas, propunham-se alguma prática especial de mortificação interna e externa, conforme as inspirava o fervor, sempre porém sancionadas pelo Pe. Pestarino. Para exercitar-se na humildade — uma das virtudes mais encarecidas e nelas cultivadas pelo diretor espiritual — acusavam-se das faltas externas cometidas durante a semana: atos de impaciência, tibieza ou omissões na piedade, falta de zelo, mudança do dia da confissão, descuido dos deveres de filha, de operária etc.

Indicavam depois o bem que deviam fazer: meninas que era preciso vigiar, porque em perigo; os doentes que estavam precisando receber os sacramentos; as mulheres enfermas, necessitadas de assistência; as mães às quais fazer chegar prudentemente um aviso relativo aos filhos etc.

## AS FILHAS DA IMACULADA E AS MÃES CRISTÃS

Pe. Pestarino que, desde algum tempo, fazia separadamente conferências para os pais e mães de família, resolveu confiar estas últimas ao zelo das Filhas da Imaculada. Orientava-as na não fácil missão; era ele que escolhia as senhoras que deviam fazer parte da reunião, que marcava as leituras espirituais a serem feitas e sugeria os conselhos, privados ou não, que as circunstâncias exigiam.

Ficou assim estabelecido que cada associada tomasse a seu cargo cinco mães de família. Devia reuni-las na própria casa, ou noutra onde pudesse gozar de maior liberdade, ou mesmo à sombra de uma árvore, quando o tempo era bom. Rezavam juntas um Pater, Ave, Credo. A seguir, passava-se à leitura de um livro espiritual, à explicação do texto lido

e suas eventuais aplicações práticas. Num clima de amizade, conversava-se sobre a maneira de velar sobre os primeiros sentimentos dos filhos, sobre como encaminhá-los — as meninas principalmente — ao amor pela própria casa, a uma vida recatada; à luz da fé, buscava-se a maneira de vencer os jovens de que o baile é perigoso para a alma e para o corpo. A reunião devia encerrar-se com a recitação do **De profundis** pelas almas do purgatório e com as jaculatórias: “Santa Teresa, rogai por nós; seja louvado Jesus Cristo — para sempre seja louvado!”.

## **ZELO DA MAZZARELLO COMO FILHA DA IMACULADA**

De tal modo Maria era pontual a essas reuniões e com tanto tato sabia levar as boas mães a considerarem seus graves deveres, a ponderarem a responsabilidade dos seus atos, de qualquer descuido ou fraqueza, que deixava entrever seu ardor de apóstola e sua habitual união com Deus.

Se tal era a eficácia do seu zelo entre a mães cristãs, maior era o que desenvolvia entre as jovens de Mornese.

Havia então uma conterrânea de Maria que, não se sabe por que, resolvera não ir mais confessar-se. Nada conseguira demovê-la do seu propósito. Ela mesma nos conta: “Era ainda adolescente e, por causa de um desgosto que tivera, resolvi não freqüentar mais os sacramentos. Muitos tentaram fazer-me voltar atrás na minha resolução, sem nada conseguir. Veio então Maria e, com um tom de brincadeira, me induziu a confessar-me com o Pe. Pestarino. Foi o que fiz, com imensa vantagem para a minha alma”. Que argumentos teria usado a boa Mazzarello? Como não produzissem efeito os motivos de fé e de razão — visto tratar-se mais de um capricho do que de lógica — ela recorreu a um argumento pueril: “Se você for confessar-se, lhe dou uma galinha e, se você for boa, nós vamos comê-la juntas”.

Como foi encontrar tal expediente ela que, na escola do Pe. Pestarino se habituara a nunca falar de comida, a não dar ao corpo senão o estritamente necessário? “Mas, uma alma é uma alma, e cada alma deve ser tomada do jeito que ela é — raciocinou Maria — por isso, o que não devo fazer, eu que sou Filha da Imaculada, para conseguir que alguém volte ao bom caminho?”.

De maneira que, se antes era toda zelo graças ao fogo que lhe ardia no coração, agora, que este fogo é avivado pela

força de um regulamento, o ardor interior e o apostolado que dele deriva, atingem a perfeição. É natural: a reta intenção, que havia feito dela uma jovem obediente e exata no cumprimento do menor dos seus deveres, aperfeiçoando-se agora ao novo sopro de piedade, que a impulsiona, transforma a humilde camponesa na mais observante das Filhas da Imaculada.

## **NA AUSÊNCIA PROVISÓRIA DA MACCAGNO**

Naquela ocasião, o município de Mornese resolveu abrir uma escola elementar feminina e fez questão de confiá-la a uma das Filhas da Imaculada. O Pe. Pestarino sugeriu então à Maccagno que fosse a Gênova a fim de preparar-se durante um ano, sob a direção de bons professores, uma vez que podia pagar as despesas. Apresentar-se-ia depois para fazer os exames de professora primária. Durante sua ausência, ficaria no seu lugar, para as Filhas da Imaculada, Maria Arecco que tinha trabalhado com ela desde o primeiro esboço do regulamento enviado ao Frassinetti. As Filhas da Imaculada ficaram muito contentes pelo maior bem que ia poder fazer uma dentre elas. Maria aproveitou a ocasião para dar o último assalto à amiga Petronilla e induzi-la a a dar o nome à Pia União, antes que a Maccagno partisse.

As duas festas de Nossa Senhora, 15 de agosto e 8 de setembro prestavam-se para a nova inscrição.

## **PETRONILLA FILHA DA IMACULADA**

Petronilla cedeu. Tinha custado a dobrar-se, não porque não amasse a piedade e não admirasse o bem que faziam suas companheiras. É que era um tanto fleugmática por natureza, lenta a entusiasmar-se. Além disso, tinha receio de ter que abandonar seus hábitos, as orações a que estava habituada, para abraçar as que eram prescritas pelo regulamento.

Maria não a perdia de vista. Intuíra o bem que poderia fazer e, desde algum tempo a ia enrolando com um fiozinho de ouro, apertando sempre mais o laço, até conquistá-la definitivamente. Eis como foi.

Todas as manhãs, Petronilla corria também cedinho para a igreja e se colocava pertinho de Maria, como para gozar do seu fervor. Uma vez em que estavam esperando

que abrissem a porta da igreja, Maria lhe disse: “Não se aborreça se eu lhe disser uma coisa. Faz tanto tempo que nos encontramos na igreja, rezamos uma ao lado da outra, e nunca você me convidou para rezar com você uma Ave Maria. Entretanto você conhece a eficácia da oração feita em comum e como o Senhor prometeu ficar Ele mesmo presente entre duas pessoas que falam dele”. Desde aquele dia, sempre rezaram juntas.

A partir daí, Petronilla foi uma das primeiras a acorrer à função presidida pelo bispo e tinha participado da alegria de Maria. Perguntava-lhe o que faziam as Filhas da Imaculada, quem tinha ido engrossar suas fileiras. Enquanto isso, Maria lhe adoçava a boca, hoje com uma palavrinha, no dia seguinte lhe fazia um convite, depois uma brincadeira, até que conseguiu vê-la adornada com a medalha de Maria Santíssima Imaculada.

### **A MAZZARELLO E SEU ESPÍRITO DE MORTIFICAÇÃO E UNIÃO COM DEUS**

A partida da Maccagno não diminuiu o fervor de Maria. Continuou o ininterrupto trabalho, certamente não fácil, de melhorar sua natureza, disciplinar suas inclinações e para conquistar o hábito do recolhimento interior e alcançar a união com Deus. Era tão desejada essa santa união que, durante uma reunião, a Mazzarello achou que devia acusar-se de ter passado um quarto de hora sem pensar no Senhor. Para conseguir ficar sempre unida a Deus, impôs-se uma tal mortificação no alimento que dissimuladamente conseguiu limitar as duas principais refeições a apenas sopa e batatas ou polenta e pão. Entretanto, tinham em casa fartura de ovos, leite e queijo. Conseguia ainda encurtar o já escasso tempo de sono, ou para continuar a oração ou para adiantar o trabalho e dispor de mais tempo para ficar na igreja.

Um dia, sem se dar conta da revelação que fazia, confiou a Petronilla: “Durante esta quaresma, só mato a fome no domingo. Se Pe. Pestarino não a tivesse obrigado a moderar-se — prossegue a amiga — e lhe tivesse permitido todas as penitências que desejava, teria estragado a saúde.

Na noite de quinta para sexta-feira santa, costumávamos fazer a vigília com Nossa Senhora das Dores. Os grupos iam-se revezando, de maneira que um certo número de nós ficava sempre na igreja, rezando a Nossa Senhora ou medi-

tando na paixão de Jesus. Maria era sempre a primeira a entrar na igreja, a última a sair e, se julgava não ser observada, em lugar de ficar só com o seu grupo, ficava também com os outros”.

## **DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DAS DORES**

A devoção a Nossa Senhora das Dores também era um presente do Pe. Pestarino. Jovem clérigo, tinha comprado uma pequena tela representando a Virgem das Dores. Custara-lhe apenas duas libras e pensava tratar-se de uma litografia comum. Era, ao contrário pintada a óleo, e da escola do Dolci. Ele mesmo não lhe conhecia o valor artístico, mas gostara da imagem e, contente com a aquisição, a levava para o seminário. Alguém depois descobriu-lhe o valor e chegou a oferecer dez mil libras pelo quadro. Mas o Pe. Pestarino não o teria vendido nem por cem mil. Gastou até algum dinheiro para fazer retocar as mãos da Virgem um tanto danificadas pelo tempo.

Quando a família Pestarino obteve licença de ter sua capela em casa, o altar foi dedicado a Nossa Senhora das Dores. A linda Senhora recebeu o culto da mocidade mornesina, recebeu a primeira consagração das Filhas da Imaculada, recebeu os piedosos anseios de Maria Mazzarello que consagrava os momentos mais belos da sua meditação e toda a semana santa, à lembrança das dores da Virgem SS. e de Jesus.

## **DELICADEZA DE CONSCIÊNCIA DE MARIA MAZZARELLO**

Um dia viram-na correr ansiosa pelas ladeiras mornesinas. No seu coração soavam certamente as palavras de Jesus: “Bem-aventurados os puros de coração”.

O que havia acontecido? Alguma coisa a tinha perturbado e lá se foi, descendo e subindo ladeiras, à procura do Pe. Pestarino. Ele não estava. Talvez se encontre em Borgoalto onde possui um terreno e uma casa rústica. Costuma lá ir para cultivar as belas rosas com as quais enfeita o altar, e descansar um pouco. Maria chega a Borgoalto quase correndo. Ao seu encontro vem um certo Campi, o guarda das terras do Pe. Pestarino. É gago. Vendo a moça tão solícita,

quer saber se se trata de algum doente. Mas embaralha-se nas palavras e só com muito esforço consegue fazer entender que o sacerdote se encontra em Uccellaia, outra propriedade sua.

É preciso subir até a Valponasca, pois Uccellaia fica perto de um vinhedo que seu pai alugou. Para lá se dirige sem hesitar.

O Pe. Pestarino não se encontra também ali. Maria suspira e olha na sua frente: a estrada onde se encontra acaba em Cadopiaggio, um povoado distante, hora e meia de caminho. É longe, mas não para suas pernas dispostas a percorrer o mundo. É que está entardecendo e, nessa hora, ela costuma entreter os irmãozinhos, para que a mãe possa preparar a ceia com sossego.

Mas é preciso ir até lá. Como poderá dormir com aquele peso na consciência? Como ficar sem a comunhão no dia seguinte? “Anjos da guarda, façam as minhas vezes junto dos meus irmãozinhos e de mamãe”; corre em direção de Cadepiaggio.

Embora apresse o passo o quanto pode, chega à casa do pároco ao anoitecer, quando ele está jantando. A criada não quer chamá-lo mas está pronta a levar-lhe o recado. “Um segredo?”, olhando de soslaio para a jovem, arrasta-se para levar o recado ao patrão. Mal o vê, Maria o cumprimenta e lhe confia sua pequena angústia.

- Não é nada, minha filha; podia ter ficado tranqüila.
- Não cometi pecado? Posso fazer a santa comunhão?
- Certamente, porque...
- Muito obrigada, seja louvado Jesus Cristo.

O sacerdote queria ainda dizer-lhe alguma palavra tranqüilizante, mas ela já voa pela estrada.

Chegando em casa, diz com desevoltura: “Um pouco tarde, não é? Paciência, vamos...”. Ninguém lhe perguntou nada, tão grande era a confiança que os pais tinham no seu zelo. Como dava muito bem conta do seu trabalho em casa, merecia a benevolência dos seus e a liberdade de usar seu tempo como melhor lhe aprouvesse.

Quem reconheceria nela a menina que não gostava de confessar-se, vendo-a dizer assim uma falta ao sacerdote,

mesmo fora do confessional? Chegou a esse ponto o domínio sobre si mesma. Parece até que não foi um caso isolado. Conta Petronilla: “Se lhe vinha o receio de ter ofendido a Deus, não tinha mais paz e, se não o desaconselhava a prudência e ela não podia ir até a Igreja, ousava fazer parar no caminho o sacerdote, no qual via sempre o Senhor”.

## **DA VALPONASCA A MORNESE**

1858 — Nesse ano, sua família passou por uma provação. Um dia em que a mãe tinha saído com as crianças, o pai, Maria e o irmão Domingos trabalhavam no vinhedo, alguns ladrões penetraram na casa, remexeram tudo e roubaram cerca de setecentas libras que, naqueles tempos e para aquela família, representavam um capital.

Todos sofreram mas especialmente os pais. Na ousadia dos larápios, viam um perigo, não somente para seus haveres, mas também para suas pessoas. Tremeram pelas suas filhas. Resolveram deixar imediatamente a Valponasca, que ficava muito longe e isolada, comprando, no dia 16 de março de 1858, de um tal Bodrato Giovanni, apelidado Zanetto, uma casa na rua Valgelata, em Mornese.

Maria sofreu com o que acontecera porque via que os pais estavam acabrunhados. Mas nunca deixou que se investissem os ladrões: “Infelizmente, dizia logo, estão pior do que nós. Não falemos assim. Vamos antes perdoá-los e rezar para que Deus tenha piedade deles e lhes dê a graça de se converterem”.

No seu íntimo, dizia: de um mal nasce um bem. Aqui estamos mais perto da igreja... alguma missa, alguma visitinha ou bênção a mais. E dava graças a Deus.

## **ROSINA PEDEMONTTE**

Nos primeiros dias de agosto, tendo superado os exames, a Maccagno voltou a Mornese. Trouxe consigo, para os três meses de verão, uma jovem de vinte anos: Rosina Pedemonte, em cuja casa, em Genova, tinha passado o ano escolar de 1857-58. Rosina Pedemonte era uma exemplar Filha de Maria Imaculada de Gênova. Seu diretor espiritual era o próprio Côn. Frassinetti. Foi certamente a conselho deste último que aceitou o convite para buscar alívio nos ares balsâmicos

de Mornese. Ela sofria de um mal incurável, que lhe minava a juventude <sup>(1)</sup>.

## **A PRIMEIRA PROFESSORA PÚBLICA DE MORNESE**

As Filhas da Imaculada receberam festivamente a nova professora que, acompanhada de uma companheira visivelmente boa, voltava como que aureolada de uma nova luz que lhe aumentava a autoridade, pondo-a em condições de fazer um maior bem a todos, especialmente à juventude.

No dia 22 do mesmo mês, a prefeitura a nomeava professora da única escola feminina, com o ordenado anual de duzentos e cinquenta liras.

A Mazzarello gozou mais do que todas. Espírito esclarecido e aberto, honrava na Maccagno a inteligência que tinha conseguido cultivar-se e enriquecer-se. No seu grande amor à Pia União, via nela quem lhe proporcionava a felicidade de pertencer a Nossa Senhora de modo todo particular. Não sofria, antes, se comprazia ao ver projetar-se quem podia conhecer melhor o Senhor e, por conseguinte, estava em condições de fazê-lo conhecido e amado por tantas almas bem dispostas, e progredir na perfeição cristã.

## **CORDIAL DEPENDÊNCIA DA MACCAGNO**

Se antes mostrava todo respeito à Maccagno, agora parece que só pode pensar em unísono com ela. Consulta-a no que diz respeito à sua conduta externa, atendo-se fielmente às suas palavras. Chega ao ponto de não querer comprar um vestido novo ou um chale sem pedir sua opinião sobre a fazenda e a cor. Quer assim acorrentar sua liberdade de ação e de juízo, presa mais ao espírito do que à letra do regulamento abraçado.

As companheiras lhe dizem às vezes, brincando, que está caindo no exagero mas ela responde no mesmo tom: "Pois é, vocês não sabem ainda o que me convém". À mãe, um tanto enciumada de se ver posposta, de certo modo à Maccagno, ela diz: "Não faça caso, mamãe!", como se dissesse: a uma

---

(1) Frassinetti Giuseppe, *Opere ascetiche* (Roma, Poliglotta Vaticana 1912) IV 491.

Filha da Imaculada não faz mal que dobre a cabeça, não uma vez, mas duas.

## **AS PRIMEIRAS HORAS DE AULA DAS FILHAS DA IMACULADA**

Mornese não possuía um local especial para escola e, como na casa da Maccagno havia uma sala boa para tal fim, foi aí que ela começou a funcionar. Era belo, nos dias festivos, ver naquela sala de aula, sentadas naqueles bancos, as Filhas da Imaculada fazendo sua reunião. Em períodos diferentes, algumas aprendiam a ler, outras se exercitavam para ler melhor. Naturalmente, a Mazzarello também lá ia e, como o livro de exercícios era a História Sagrada, sua aplicação bem revelava uma alma enamorada das coisas de Deus.

## **FONTES DE RENOVADO FERVOR**

1859-1860 — Agitava-se a Itália na sua segunda guerra de independência da Austria, cujo eco doloroso ou festivo, segundo as derrotas ou vitórias, chegava também a Mornese. Para a Mazzarello, a notícia de tanto sofrimento, de tantas vítimas, era motivo para levar uma vida sempre mais recolhida, mais atenta em aperfeiçoar-se nas virtudes de cada dia, talvez inobservadas, mas preciosas aos olhos de Deus.

Sua piedade recebeu ainda outro estímulo durante esse ano.

1859, o Frassinetti tinha feito imprimir um dos seus opúsculos. Como Maria bebia sempre aquela palavra simples, direta, que ensinava os meios para aperfeiçoar-se e exercer o apostolado, o novo livrinho deve tê-la feito feliz. Chamava-se: **La monaca in casa** e ela, que tinha ouvido o chamamento de Deus, sentia imensa consolação ao ler que, se Deus a tinha deixado no meio do mundo, queria entretanto que ela erigisse na sua casa a celazinha, de maneira a ser toda dele e emular as virgens dos claustros.

Em apêndice, o opúsculo levava a **Regra da Pia União das Filhas de Maria Imaculada**. Ter para si a Regra e pensar que, assim impressa ela seria mais conhecida para vantagem da juventude, proporcionava a Maria tanta alegria que a compensava pelos muitos motivos de tristeza.

## O TIFO EM MORNESE

Uma prova dolorosa, porém, a esperava. O flagelo da guerra, com todas as suas tristes conseqüências, a fome que a acompanha, deixam atrás de si muitas misérias, sob a forma, às vezes de epidemias. Mornese foi vítima do tifo que cortou algumas vidas. Na família do tio de Maria, todos foram atingidos e viram-se na contingência de pedir socorro a estranhos. Recorreram ao Pe. Pestarino, o pai dos mornesios. A família era numerosa e a mãe, a que estava mais grave, desejava o auxílio da sobrinha. Naturalmente, o Pe. Pestarino ficou perplexo, Maria tinha vinte e três anos e era a mais velha da família, também numerosa; era o braço direito do pai; era também de grande auxílio para ele próprio, pelo zelo que desenvolvia. E a esperança do muito bem que ainda poderia fazer? Se acontecesse uma desgraça?...

O regulamento das Filhas da Imaculada prescrevia que elas deviam assistir os doentes do lugar. Mas agora não se trata apenas de doentes, trata-se de uma casa onde estão também rapazes: quem mandar? ... Pe. Pestarino pede Maria aos pais, para essa obra de caridade. Estes recusam: o pai, porque precisa dela para o trabalho no campo; a mãe, porque a ajuda em casa e também por temor do contágio. Uma mãe não esconde as ternuras do coração.

### MARIA ENFERMEIRA

Pe. Pestarino insiste. Sabe que obterá tudo daquela boa gente habituada a pospor os próprios interesses aos de Deus. Afinal, o bom José responde: "Mandar Maria lá naquela casa, isso não; quando muito, se ela quiser ir, eu não me oponho". Ao sacerdote, basta isso. Falou logo com Maria que, ávida agora por obedecer, sequiosa de renúncia, desta vez hesita. Oh, por que Pe. Pestarino não a mandava antes cuidar de alguma mulher da paróquia? Ao invés, mandava-a aos Mazzarells, no meio dos seus primos que ela procurava manter sempre à distância. Àquela casa onde, justamente por serem parentes, haveria maior liberdade. Ainda mais, sem saber por que, presente o contágio.

Timidamente, portanto, e sinceramente, responde: "Se o senhor manda, eu vou, mas estou certa de contrair o mal".

Pe. Pestarino bem compreendeu como era razoável a voz da natureza. Por um momento esteve para deixar-se vencer

pelo coração. Sentia, porém que Deus tinha falado pelo desejo da tia e que era preciso obedecer. Ficou firme, e Maria foi a enfermeira dos seus parentes.

Seu primo José escreveu o seguinte, em 1913: “Eu tinha dezessete anos quando grassou o tifo em Mornese. Todos os membros de minha família foram atacados pela terrível enfermidade. Quem ficou pior foi minha mãe. Recebeu o viático e teve que ficar de cama durante muito tempo. De maneira que tínhamos necessidade de uma mulher que não somente cuidasse dos doentes, mas também tomasse conta da casa. Pe. Pestarino mandou-nos nossa prima, Maria Mazzarelo, que tinha então cerca de vinte e dois anos. A princípio, pareceu-me que não era prudente ter ao lado uma pessoa tão jovem. Tive, porém, que persuadir-me de que Pe. Pestarino tinha sido inspirado pelo Senhor.

Na virtude, Maria não era jovem: fazia tudo com tal seriedade, com tanta prudência e, ao mesmo tempo, com tão jovial desinvoltura que levantava nosso moral. Parecia uma verdadeira irmã de caridade, daquelas que se dedicam aos hospitais.

Seria preciso ouvir as palavras com que nos preparou para a confissão. Como sabia ajudar-nos a sofrer resignados à vontade de Deus”.

## **DE ENFERMEIRA A ENFERMA**

Graças aos seus intilgentes cuidados e serena atividade, os doentes estavam em breve fora de perigo e puderam retomar a vida regular. Mas o receio manifestado por Maria tornou-se realidade, de maneira que a boa moça teve que inverter os papéis: de enfermeira passou a enferma.

Era a solenidade da Assunção de Nossa Senhora. Tinha planejado passar esse dia em mais prolongada oração, unida em espírito às glórias da sua celeste Mãe, já que sua presença não era necessária junto aos tios. Viu-se, ao contrário, atormentada por febre alta e o médico a declarou atacada por uma das formas mais violentas do tifo.

Costuma-se dizer que a doença é a pedra de toque da virtude. Maria, que era ouro puro, passou pelo cadinho sem deixar sombra de escória. Apenas compreendeu, pela aflição dos pais e pelas meias palavras do médico, que se tratava de uma doença longa e grave, pediu logo para confes-

sar-se. Preparou-se com tal fervor e sinais de arrependimento, que deixou claro que não teria podido fazer mais se estivesse de partida para a eternidade. Desejou depois fazer a comunhão e recebeu com a alegria a promessa de Pe. Pestarino que Jesus iria visitá-la todas as manhãs, bem cedo. De fato, todas as manhãs, antes que a aurora tingisse o horizonte, Pe. Pestarino ia à igreja e, escoltado pelas irmãs de Maria, precedido por alguma Filha da Imaculada levava Jesus àquele coração que, embora no delírio da febre, desejava somente a união eucarística.

Testemunharam os anjos: agitada pela febre e pelo delírio durante a noite, a doente se acalmava e parecia curada na expectativa da vinda de Jesus.

## ESCOLA DE VIRTUDE

Que arroubos de fervor! Que ações de graças recolhidas! Que paz na certeza de partir em breve para a eternidade! O que ela tinha não era resignação; era a alegria de poder oferecer alguma coisa a seu Deus, como penhor da própria fidelidade. Percebeu um dia que os pais se lamentavam, acusando-se de terem deixado que ela fosse assistir os tios, expondo-se ao perigo. Atalhou prontamente: “Por que vocês estão pensando que a doença me veio por esse motivo? Oh, se fosse verdade, eu morreria vítima da caridade. Mas não sou digna. Mártir! Como seria feliz! Não chorem. Vamos fazer com mérito a vontade de Deus. Ele nos premiará. Vocês hão de ver!”. Receosa de que os pais ficassem ressentidos com Pe. Pestarino, repetia muitas vezes: “Quanto bem tem feito o Pe. Pestarino! Muito trabalhou por Mornese e nós devemos ser-lhe gratos. Eu mais do que ninguém. Oh, que o Senhor o conserve ainda por muitos anos, para a salvação das almas! Que o deixe aqui em Mornese”.

Fazia muito calor. Entretanto Maria suportava com paciência qualquer incômodo, sem desmerecer do seu recato habitual.

Um dia, no delírio da febre, não permitiu nem mesmo que a mãe a aliviasse um pouco das cobertas, para suavizá-la do abundante suor.

Para dar um pouco de descanso à mãe, as Filhas da Imaculada vinham assisti-la durante o dia e velá-la durante a noite. Compreendiam melhor agora o tesouro de virtude

que nela se escondia, ao ouvir suas ardentes invocações ao Senhor, à SS. Virgem, na sua alegria de ir para o céu. Fazia recomendações aos irmãos e irmãs, quando iam vê-la: que fossem bons, obedientes, que fugissem do pecado, da vaidade, das más companhias.

Conta uma de suas companheiras: “Fora sempre muito zelosa, bem o sabíamos. Mas era preciso vê-la doente! que conselhos sabia dar!”. Uma outra: “Era um exemplo de mortificação que despertava admiração até no médico. Não pedia nada, nada recusava, por mais desagradável que fosse. Um dia, me disse com sua franqueza habitual: “Não me fale mais de remédios. Não preciso de nada, nada desejo a não ser ir para o céu”. Então o médico, que cuidava dela com carinho, desesperou de salvá-la”.

## **PERTO DA MORTE**

De fato, as semanas passavam e o mal, em lugar de ceder, recrudescia. No meio da consternação geral, Maria pediu os últimos sacramentos. Recebeu-os com o costumeado fervor, edificando a todos.

Deus mostrou que tinha aceitado o ardor do seu zelo e a oferta da jovem existência. Aproveitando uma oportunidade, apareceu na soleira da porta um vizinho, homem de certa idade mas de conduta reprovável e sem nenhuma religião. Parou e, com o chapéu na mão, quedou-se a olhar a doente com uma certa timidez, que certamente não estava nos seus hábitos. A mãe o vê, fica perplexa e apenas lhe aponta silenciosamente a filha toda absorta em Deus. Afinal, Maria volta-se e fixa nele um olhar profundo: “Veja, sim... a gente morre — disse-lhe com doçura — e quando menos se espera. E se lhe acontecesse essa desgraça?”. Abaixando depois a voz, mostrou-lhe o mau exemplo que dava à juventude, o perigo de ter uma morte má, seguida de uma atroz eternidade. Que era preciso arrepender-se e pensar seriamente na reparação, diante dos homens e diante de Deus. De cabeça descoberta, em postura humilde, o homem tudo ouviu compungido. No fim, duas pesadas lágrimas lhe sulcaram o rosto bronzeado e comovido. Reconheceu seu erro. Agradecendo a Maria, que lhe dissera a verdade, prometeu emendar-se. Foi fiel à resolução tomada.

A doente recebia sempre os pais com grande alegria. Mas um dia, em que a mãe lhe administrou, por engano,

uma dose dupla do remédio, fraca como estava, começou a delirar. Recomendou-lhes — a princípio com doçura mas com crescente veemência, chegando mesmo a ameaçá-los com os castigos divinos — que fossem constantes em educar bem os filhos; que os mandassem à escola, que os vigiassem e repreendessem, que não permitissem que vadiassem pelas estradas; deviam vigiar sobre suas amizades e fazê-los crescer amantes da igreja e de todos os seus deveres. Apenas a vermelhidão da febre, que lhe cobria o rosto, o olhar fixo, a ousadia, que não era habitual, indicavam que estava fora de si. A palavra, porém, era coerente, sincera, revelando um espírito unicamente ocupado com os interesses de Deus.

Entretanto o mal recrudescia e as companheiras, inscritas como ela na associação da Santa Infância, já pensavam no funeral. Encomendaram em Gênova uma coroa de flores artificiais, todas brancas, pensando que, se Maria morresse, deviam prestar-lhe essa homenagem; mas se, ao contrário, ela ficasse boa, a coroa serviria para outro funeral.

## **VOLTA LENTAMENTE À VIDA**

O céu não se abriu para Maria. Ela não tinha ainda completado sua missão sobre a terra e devia continuar entre os homens seu canto de louvor a Deus. Quando tudo parecia acabado e ela esperava o momento de alçar o vôo, a morte se afastou e voltou a vida. A princípio uma saúde frágil, combalida. O doutor compreendeu que a fibra robusta, que causava admiração um mês antes, se enfraquecera para sempre.

## **OLHANDO A IMAGEM DA AUXILIADORA**

No dia 7 de outubro, depois de cinqüenta e dois dias de cama, Maria podia sentar-se novamente entre os seus. Olhavam-na como uma ressuscitada. Era a festa de Nossa Senhora do Rosário e, como não podia ir à igreja como ardentemente desejava, chegou-se à janela para contemplar a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, pintada numa parede, defronte de sua casa. Uma pintura rústica com a inscrição apenas visível: “**Auxilium christianorum, con: la Gra: 1814 facet al meso di setembr allì 7 anno: 1841**”<sup>(2)</sup>. Mas nossa ressuscitada olhava para além das linhas imprecisas e das palavras mutiladas.

---

(2) É o mesmo afresco a que acenamos (pág. 29).

Quem sabe quantas vezes, com a lembrança apenas da-  
quela pintura, sua alma terá encontrado conforto, durante  
a doença! Quem sabe quantas vezes terá repetido à Santís-  
sima Virgem a oferta de si mesma e o desejo de ir para o  
céu a fim de vê-la e amá-la perfeitamente. Quem sabe terá  
perguntado o que significaria ter caído doente sob o olhar  
da Auxiliadora, como também crescera ao lado da capela  
que se construía em honra da mesma Senhora?

Os silêncios de uma longa convalescença são ricos de  
profundas e eficazes reflexões.

### **VOLTA PELA PRIMEIRA VEZ À IGREJA**

Finalmente Maria pôde voltar à igreja onde desafogou  
seus afetos e renovou seus propósitos, que tão estreitamente  
a ligavam a Jesus. “Colocou-se no último banco — conta  
Petronilla —, no ângulo mais escuro, e disse tantas coisas  
ao Senhor. Como estava mais resignada do que contente  
de voltar à vida, disse, entre outras coisas: “Senhor, se me  
dais ainda um pouco de vida, fazei que eu seja por todos  
esquecida. A mim me basta ser recordada apenas por vós”.

Passara o temporal mas a flor saíra vitoriosa e seu per-  
fume era ainda mais delicado.

### **DURANTE A CONVALESCENÇA**

1860-1861 — A convalescença foi mais longa do que se  
esperava, ainda mais que se aproximava o inverno. Que  
pensaria Maria de ter que levantar-se tarde e, por conse-  
guinte perder a missa e mesmo a comunhão? Mas era ordem  
do médico, era vontade do Pe. Pestarino e ela obedecia, espe-  
rando a hora de tirar a desforra. Pesavam-lhe os cuidados  
com que a cercava a família, as atenções das companheiras,  
quando ela desejaria tratar-se com dureza e ser por todos  
esquecida.

Não podia trabalhar porque as forças ainda não tinham  
voltado. Deu-se então à leitura, sem temor de descuidar  
seu dever.

Em 1860, tinha morrido a jovem Rosina Pedemonte, que  
viera buscar saúde em Mornese. Morrera como verdadeira  
Filha da Imaculada e seu diretor, Pe. Frassinetti, tinha escri-  
to uma bela biografia, como já o fizera para Rosa Cordone,

Filha também da Imaculada, morta igualmente em odor de santidade.

Os dois folhetos eram a leitura habitual de Maria, durante aqueles dias; faziam-lhe companhia, eram-lhe de conforto, seus mestres espirituais. Aquelas duas moças, jovens como ela e mais ou menos da mesma condição, tinham chegado a um tão elevado grau de virtude que os bons ficavam admirados. Tinham merecido que um sacerdote culto e ocupado com o Pe. Frassinetti as dirigisse enquanto vivas e lhes escrevesse a biografia depois de mortas. Interrompendo a leitura, Maria refletia: “Foi justamente observando o regulamento das Filhas de Maria Imaculada que elas se tornaram tão boas. Certamente foram logo para o céu, contemplar Nossa Senhora. E eu, se tivesse morrido daquela doença, teria ido logo para o céu? Oh, quem sabe quanto purgatório para mim! Entretanto... se elas puderam ser tão virtuosas e fazer tanto bem, especialmente entre a juventude, em tão poucos anos... Se o puderam, com a pouca saúde que tinham, e tendo que trabalhar mais do que eu para ganhar a vida, por que ficaria eu para trás? Não sou também Filha de Maria? Não tenho os mesmos deveres, os mesmos auxílios? Ao contrário, eu tenho maiores facilidades... Aquela pobre Rosa Cordone era empregada doméstica, coitada, com tanto desejo que tinha de se fazer religiosa! E agora está no céu! Se eu estou ainda na terra, quero fazer-me santa também, seja embora como monja em casa. Oh, não, não, não quero ficar para trás. Quanto bem aquelas duas fizeram ao próximo...”.

Lendo que a Pia União da Imaculada estava se espalhando e já chegara a Chiavare e Cremona, ficava toda contente: “Que bela coroa de corações ao redor de Nossa Senhora! E pensar que tudo partiu de Mornese, de um lugar escondido e ignorado. Mornese homenageia Maria santíssima e Maria santíssima ajuda nós todos”.

Como a vida só tinha valor para ela na medida em que dava glória a Deus e era de utilidade espiritual para o próximo, lia e relia com atenção, até saber de cor, o opúsculo **Industrie spirituali**, do Côn. Frassinetti. Queria tornar-se, ela também, uma abelha industriosa no espalhar o bem, assim que a saúde lhe permitisse sair de casa.

Não devia e não podia trabalhar. Mas quem teria podido frear-lhe a atividade sempre alerta? Parecia-lhe que já se concedia muito não indo mais ao campo, fazendo longas

leituras nos seus queridos livros e entregando-se à oração, sem a preocupação do tempo que fugia. Procurava ajudar a mãe na costura, na arrumação da casa, na cozinha. E quando, exausta, devia deixar para outrem o trabalho inacabado, e a mãe a olhava com angustioso temor, deixava escapar um como lamento: “Bem, vamos representar a madama... Mas vocês vão ver como vou ficar forte na primavera!”. Animava a si mesma e a todos com a esperança desse depois.

Todavia não abandonava o exercício da mortificação. Para obrigá-la a um alimento substancioso, o médico prescrevera um caldo de carne. Por algum tempo, tomou-o; depois, achando que já era suficiente, falou com Pe. Pestarino na esperança de que ele, amante da vida austera, a dispensasse daquele alimento. Mas o bom sacerdote lhe respondeu secamente que obedecesse ao médico. Ela então cogitou um meio de mortificar-se da mesma forma: comprar pouca carne e muito osso, fazer ferver e referver e tomar tranqüilamente o caldo de carne. Mas, na verdade, o que tomava era um caldo ralo, mais útil ao espírito do que ao estômago.

## **RENUNCIA AO TRABALHO NO CAMPO**

Passou o inverno; sorriu a primavera, mas as boas cores não voltaram ao rosto de Maria. Os braços, depois de tentar e tornar a tentar, recusavam-se a empunhar a enxada, a trabalhar na terra. Os operários nada mais tinham a temer de um confronto com ela. Se a vontade era grande as forças já não eram as mesmas e teve que renunciar ao campo que tanto amava. Mas sem lamúrias nem tristeza.

Maria pensava que, se Deus tinha permitido tudo aquilo, é porque desejava dela outra coisa e ia se dispondo a fazer sua vontade com abandono de coração.

Era de Deus que lhe vinha o desejo de ocupar-se das jovens, desejo cada vez mais vivo e insistente. Já tivemos ocasião de ver como a juventude a fascinava. Menina ainda, quando aprendia alguma coisa nova no catecismo, sentia a necessidade de comunicá-la às companheiras, insistindo para que aprendessem; em casa, ensinava aos irmãozinhos e às irmãzinhas tudo que sabia, especialmente as coisas de Deus; Filha de Maria Imaculada, compreendera que Nossa Senhora lhe pedia almas de jovens e nunca se recusara ao trabalho de postolado. Agora, o desejo era necessidade; necessi-

dade prepotente. Maria estuda a maneira de satisfazê-la. Como?

### “SE PUDESSE SER COSTUREIRA!”

“Se eu soubesse costurar melhor, se fosse costureira, quantas meninas poderia reunir! Às mais pequeninas ensinaria a fazer meias, a coser, a remendar; às maiores, a fazer seu enxoval, seus vestidos... Ao mesmo tempo estariam longe dos perigos, das conversas levianas, das vaidades... Faria com que amassem Nosso Senhor e Nossa Senhora. É preciso mesmo que eu consiga isso”.

Para reforçar-lhe o desejo de ocupar-se da juventude, aconteceu-lhe uma singular aventura, de que só muito mais tarde falou com algumas companheiras.

### VISÃO?

Passando um dia pela encosta de Borgoalto, julgou ver à sua frente um grande edifício que parecia um colégio de meninas. Parou para olhar, cheia de admiração e disse de si para si: “Mas o que é isto que estou vendo? Este palácio nunca esteve aqui! Que será isto? E ouvi como uma voz que me dizia: ‘A ti as confio’”.

Habituada a dominar-se, Maria se afastou rapidamente e procurou não pensar mais naquilo. Em vão. Aquelas meninas lhe estavam sempre presentes, sobretudo quando passava por aquele lugar. De nada lhe valia procurar distrair-se, atirando-se com mais ardor ao trabalho.

Para se livrar daquele pensamento insistente, experimentou falar com Pe. Pestarino, depois da confissão. Mas, quando começou a descrever o palácio, o santo sacerdote a interrompeu bruscamente, repreendendo-a de andar atrás de fantasias. Proibiu-a de pensar naquilo e de voltar a falar-lhe sobre tal assunto.

Mas como, se no coração da jovem a imagem perdurava insistente? Petronilla nos conta: “Estávamos as duas junto ao forno e Maria me disse: — Sabe, fui confessar-me com Pe. Pestarino e depois tive vontade de dizer-lhe uma coisa... a respeito de certas meninas... Mas mandou-me embora, chamando-me de visionária. — Via-se bem que Maria sofria, que tinha necessidade de desabafar, mas não que-

ria desobedecer. Eu só soube da coisa mais tarde, da boca de Ir. Laurentoni que a ouviu da própria Mazzarello. Naquele dia rematou suspirando: — Não vou mais pensar nisso”.

Não pensar mais! Deliberadamente, sim, e muito menos dar-lhe importância. Tanto é verdade que não disse uma palavra nem mesmo à Maccagno que tratava com deferente confiança. Porém, malgrado seu, de repente lhe surgiam na imaginação aquelas meninas, como para dizer-lhe: “Então, quando é que vai nos ensinar a coser?”.

Para isso contribuía o bem que a Maccagno ia fazendo por meio da escola, que Maria sinceramente admirava, querendo imitar. Mas pensava: “Esta escola termina cedo demais, porque justamente pelos dez ou doze anos é que a vaidade, as paixões despertam. As meninas precisam então de maiores cuidados, de assídua vigilância”.

## **PETRONILA RECEBE O CONVITE**

Encontrando-se uma manhã com Petronilla, ao saírem da igreja, levou-a para um atalho pouco frequentado, chamado das hortas. Pararam junto de uma nogueira e Maria disse à amiga: “Ouça, Petronilla, estou convencida de que o Senhor quer que nós duas nos ocupemos das meninas de Mornese. Veja: você não tem força para ir trabalhar no campo; eu, depois da doença, também não posso mais. Nós duas temos um vivo desejo de salvar nossa alma fazendo bem às meninas.

Não lhe parece que, se soubéssemos costurar, a coisa dava certo? Eu decidi aprender costura e ser costureira. Venha comigo. Vamos pedir a Valentino Campi que nos ensine. É um bom alfaiate e ótimo cristão; frequenta os sacramentos e tem apenas um filho de cinco anos. De maneira que, na casa dele não se encontram perigos”.

“Eu — disse Petronilla, que narra o episódio — olhava para ela admirada de um tão belo projeto, mas disse afinal:

— Por que aprender com o alfaiate? Por que não com uma mulher?

— É porque o Campi vende também a fazenda. Assim nós aprenderíamos também a fazer roupa para homens, o que é mais difícil. E não somente ficaríamos práticas no corte mas ainda no valor das fazendas, o que nos servirá

para marcar os preços. Muitas mulheres fáceis de contentar são suas freguesas e nem sempre ele pode atendê-las, tanto é o serviço. Nós pediremos a ele que nos confie o trabalho mais fácil e que ele recusaria. Levaremos a encomenda para casa, para cortar e costurar nas horas livres ou então de noite. Quanto à costureira, tem trabalho suficiente apenas para ela mesma e podia temer que nós lhe tirássemos as freguesas.

Assim que tivermos aprendido o suficiente para trabalhar sozinhas, deixaremos o alfaiate, alugaremos um quarto por nossa conta e aceitaremos alguma menina que queira aprender a costurar. Vamos ensinar, mas é preciso ficar bem claro que o fim principal é afastá-las dos perigos, ensinar-lhes o bem e, principalmente, a conhecer e amar Nosso Senhor. O que ganharmos, poremos em comum, para vivermos do nosso trabalho. Assim poderemos viver sem ser de peso para nossas famílias. Além disso, poderemos despende toda nossa vida em favor das meninas. Você aceita fazer o que lhe digo? Precisamos fazê-lo, mas ouça bem: desde agora devemos pôr a intenção que **cada ponto seja um ato de amor de Deus.** — Ao dizer estas últimas palavras, parecia inspirada.

Houve um momento em que pensei que fosse um devaneio, tal a segurança com que falava. Depois compreendi que era uma inspiração celeste. Então respondi que sim, que seu plano me agradava, mas que temia que minhas cunhadas levantassem algum impecilho, querendo que eu as ajudasse em casa. Maria respondeu com energia:

— As cunhadas! Fale só com seu pai. Ele é o chefe da família e quem manda é ele. Estou certa de que lhe dará licença. Agora vamos voltar à igreja pedir a Jesus e a Nossa Senhora que nos iluminem e nos ajudem.

## CONSENTIMENTO PATERNO

A proposta de Maria tinha me agradado muito. Naquela mesma noite, depois do jantar, falei com meu pai. Tremia um pouco, com medo de receber um não. Ao contrário, ele concordou que eu fosse trabalhar com Maria e aprender a costurar.

As cunhadas resmungaram um pouco mas meu pai encerrou a questão quase com as mesmas palavras de Maria: 'Enquanto eu viver, quem manda na minha casa sou eu.'

Você pode ir como deseja'. Toda contente, fui dar a notícia a Maria que logo falou a respeito com Pe. Pestarino, sem a licença do qual não teríamos começado nada. Também ele aprovou nosso projeto, bem como os pais de Maria. Fomos logo à casa do Campi e ficou estabelecido que frequentaríamos por alguns meses sua alfaiataria, isto é, da Páscoa ao Natal daquele ano de 1861. Trabalharíamos por sua conta durante as horas de serviço e, por nossa conta, o resto do tempo”.

## NA ALFAITARIA

1861-62 — Logo depois da Páscoa, o primeiro ou o segundo dia, os mornesinos riram um pouco da novidade: Maria Mazzarelo e Petronilla Mazzarelo, duas Filhas da Imaculada, na alfaiataria do Campi! Que pretendiam elas? iam costurar porque não queriam mais ser camponesas? Olhavam-nas de soslaio, incrédulos, com ar de mofa. Mas elas não se davam por entendidas. Inclinadas sobre seu trabalho, não pareciam ver as pessoas nem ouvir as caçadas. Depois, passou a novidade. Habituararam-se a ver as duas jovens empenhadas no seu trabalho, silenciosas, mas sempre corteses.

As mulheres, pelo contrário, gostaram da coisa. As mães, que tanto apreciavam Maria, dirigiam-se sempre a ela antes de fazerem as compras, gratas de conhecer seu gosto e ouvir seus conselhos. Ficaram bem contentes quando foram convidadas pelo próprio Campi a confiar algum trabalho às duas moças. Elas faziam assim: na hora marcada, mais ou menos 11 horas, voltavam para casa para almoçar e fazer algum trabalhinho caseiro. Encontravam-se depois e faziam juntas o caminho de volta, dando uma fugidinha à igreja, para visitar Jesus Sacramentado.

Ao entardecer, passavam novamente na igreja para as orações em comum e a leitura feita pelo Pe. Pestarino. Retornavam a casa para o jantar.

## O SERÃO NA CASA DA MACCAGNO

Iam ambas depois para a casa da Maccagno, fazer as costuras de encomenda. Por que na casa da Maccagno e não nas próprias casas? Porque, pouco práticas ainda, precisavam consultar-se mutuamente, experimentar e tornar a

experimentar. Isto não teria sido fácil na casa de Maria, entre tantos irmãos e tantas irmãs. Na casa de Petronilla, havia as cunhadas. A Maccagno, a quem tinham comunicado seu projeto, tinha-as convidado, com fraterna cordialidade, a irem trabalhar em sua casa, onde aliás, ela sozinha com a mãe, achava os serões muito longos. Trabalhariam todas sob a mesma lâmpada: as duas na sua costura e ela preparando suas aulas. A proposta fora aceita com gratidão. Retiravam-se não muito tarde porque Maria devia evitar a friagem da noite.

## **MARTA E MARIA**

Conta Petronilla: “Tanto na alfaiataria como na casa Maccagno, fazíamos sempre, ou quase sempre, silêncio. Era durante o trajeto que nos dizíamos nossas coisinhas, partilhávamos nossas dificuldades e os pensamentos espirituais que nos tinham vindo. Trocávamos jaculatórias e nos comparamos com a esperança de em breve podermos nos bastar a nós próprias. Os que nos viam tão acaloradas nas nossas conversas, chegavam a perguntar: — Mas o que é que vocês têm tanto para falar, se vocês estão juntas o dia inteiro? Nós dávamos uma risadinha e continuávamos nosso caminho”.

O que tinham elas para dizer-se? Talvez nunca tivessem tido tanto assunto como agora. A cada conhecimento novo que obtinham no ofício, correspondia uma palavra de expansivo contentamento. Aprender não significava para elas ter em mãos um meio seguro de fazer o bem? Era essa a única preocupação de Maria; com ela ia enchendo o coração e a mente de Petronilla, terreno aberto e preparado para receber as sementes que a amiga ia lançando.

## **CHEGAM AO CONHECIMENTO DAS URSULINAS**

Havia mais. Nas suas conferências, Pe. Pestarino devia ter aludido a uma coisa que enchia de contentamento o coração das Filhas da Imaculada; das duas mais do que todas. Tinha-se descoberto nada menos do que a semelhança da sua Pia União com uma outra União de virgens, a de Santa Ursula, fundada por Santa Angela Merici, em Brescia, e aprovada pelo Papa em 1544. De nada sabia a Maccagno quando tinha proposto seu regulamento. O próprio Côn. Frassinetti, quando tinha feito imprimir sua regra, não tinha

conhecimento do verdadeiro e único Instituto de Santa Angela Merici, formado justamente de moças solteiras, vivendo no mundo <sup>(3)</sup>.

Agora que a Pia União se divulgava, tinha-se descoberto que, a três séculos de distância, ela era uma derivação do espírito de Santa Angela Merici. Pe. Pestarino deve ter-lhes dito ainda que, tendo a Pia União despertado em muitos lugares a lembrança de Santa Angela Merici e das suas Ursulinas, o Santo Padre tinha emanado um decreto a 11 de julho de 1861. Por esse decreto, considerando que a obra dessa santa revivia em toda a Igreja e que, depois de mais de trezentos anos, uma instituição de tal gênero não podia conservar-se como era, pela necessidade de adaptar-se aos tempos, era claro que Deus queria se fundissem a Pia União, nascida em Mornese, e as Orsulinas.

Com essa bênção celeste, como se sentiam seguras as boas Filhas da Imaculada! Maria, que lhe era afeiçoada como filha terníssima, poderia calar sobre um fato tão importante? O caminho era sempre muito curto para comentar tantas e tão caras novidades.

## AS NOVAS URSULINAS

Entretanto, Pe. Frassinetti, secundando o movimento provocado pelo Santo Padre Pio IX e de acordo com Pe. Pestarino, modificou a primitiva regra de Mornese. Fundiu-a com a de Santa Angela adaptada aos tempos, formando uma só que mandou imprimir nesse mesmo ano, com o título: **Regra das Filhas da Maria Imaculada sob a proteção de Santa Ursula e de Santa Angela Merici.**

O novo opúsculo, anunciado pelo Pe. Pestarino (ou talvez pelo próprio Côn. Frassinetti) e que era esperado com tão grande entusiasmo pelas Filhas da Imaculada de Mornese, terá sido um presente da festa de Maria Imaculada? Ou então uma dádiva do Natal, solenidade prescrita pelo regulamento para a eleição anual da Superiora? Pode-se aceitar uma ou outra festividade; mais provavelmente os dias que as precederam ou sucederam, pois o Côn. Frassinetti necessariamente devia estar presente.

Entretanto, para não perturbar os ânimos e, ao mesmo tempo obedecer ao regulamento que prescrevia uma supe-

---

(3) Cf. *Regola della Pia Unione Figlie dell'Immacolata* (Genova, Tip. della gioventù, ed. 1867) 10.

riora, por aclamação unânime foi permitido à Maccagno continuar no superiorato moral que até então naturalmente lhe coubera.

O nome de **Novas Ursulinas** foi, ainda por alguns anos, mais oficial que de fato. Estava mais na boa vontade do que na realidade. Abraçando embora a nova regra, continuaram a chamar-se Filhas da Imaculada; Ursulinas, só mais tarde.

É fácil de imaginar o entusiasmo com que Maria leu a nova regra, para estudar quais as diferenças que tinha com a primeira e procurar cumpri-la de maneira exemplar. É interessante imaginá-la procurando descobrir se o seu desejo de apostolado era sancionado pela nova regra, e depois expandindo-se com Petronilla: “Você leu? O céu vaiabençoar mesmo o nosso trabalho; a obrigação de ocupar-se das crianças órfãs e desamparadas, das jovens, está tal e qual na nova regra. Mesmo como Ursulinas, nós podemos e devemos dedicar-nos à juventude. Agora me parece que Nossa Senhora está contente com os nossos projetos. Oh, que chegue depressa esse dia bendito!”.

Que tanto tinham as duas para conversar? Os moços jamais teriam imaginado o assunto daquelas conversas. Mas o céu respondia com os fatos: Assim seja!

## **INÍCIOS DA VIDA COMUM ENTRE AS FILHAS DA IMACULADA**

No dia 16 de novembro daquele mesmo ano — 1861 — morria o pai de Petronilla. Ainda nessa ocasião a Maccagno foi muito cortês. Sabendo que para a amiga o pai era tudo neste mundo, foi procurá-la e, depois de consolar os irmãos como pôde, levou-a consigo. Queria tirá-la do ambiente pesado e doloroso que sucede à morte do chefe da família.

Pe. Pestarino sabia muito bem que agora a vida de Petronilla seria mais espinhosa. As cunhadas haviam de querer que ela fosse também trabalhar no campo ou ficar em casa cuidando dos sobrinhos. Com o pretexto de que uma das Filhas da Imaculada, Teresa Pampuro, de trinta anos, abastada mas de saúde delicada, não tinha mais ninguém por si, disse a Petronilla que levasse sua cama para a casa dela. Tanto mais que o regulamento proibia que uma associada morasse sozinha. Petronilla obedeceu, permanecendo

lá também durante a noite. Ela e Maria deixaram então de ir à casa da Maccagno.

1862 — Para compensar os dias perdidos com a desventura que atingira Petronilla, frequentaram por mais algum tempo a alfaiataria do Campi e não somente até o Natal.

“Não nos sentíamos bem na oficina — nos conta Petronilla — se bem que o patrão fosse bom e nos ensinasse de boa vontade. Mas havia sempre homens que iam e vinham. Com frequência Maria me dizia: — vamos aprender depressa, para sairmos logo daqui”.

Depois que deram conta das encomendas mais urgentes para o Natal e Ano Bom, deixaram definitivamente a alfaiataria, começando na casa da Pampuro suas experiências, nem sempre felizes.

Eis um exemplo desse período de tirocínio

Uma boa senhora — cunhada do alfaiate com o qual tinham aprendido costura — trouxe-lhes um corte de fazenda de fundo preto com raminhos coloridos, para que fizessem um vestido. “Desembaraçada como era — conta Petronilla — Maria logo cortou e alinhou o vestido. Mas... surpresa: as suas mangas são ambas do braço direito. É preciso reparar o erro. Correm à casa do alfaiate para comprar mais fazenda. Igual? Nem mais um palmo!

Que fazer? Chamam a dona do vestido, expõem-lhe o ocorrido e o pesar que isto lhes causa. A pobre senhora, em vez de se preocupar, resigna-se. Então Maria lhe diz: — Talvez se possa cortar a manga da parte da frente e com os pedaços da manga errada, fazer uma guarnição que ficaria coberta pelo avental. Falava sorrindo com humildade e mansidão.

— Façam como puderem. Usarei o avental”.

Enfim, não obstante seus erros de principiantes, as mães estavam contentes. Os preços eram módicos e elas podiam mesmo mandar-lhes roupas já usadas para lavar e reformar. As duas recebiam tudo com o mesmo entusiasmo.

## **EM CASA DA COSTUREIRA**

“Passamos dois meses trabalhando assim às apalpadelas — conta Petronilla —. Uma manhã, depois da missa, Pe. Pestarino me chama e me diz:

— Sabe, Antonieta Barco deve ir embora de Mornese, porque seu marido alugou umas terras em outro lugar. Então...

— Então todo trabalho fica para nós?

— Justamente. Mas antes era bom vocês irem trabalhar por algum tempo na casa dela. Assim vocês se tornariam mais práticas no corte de roupas para senhoras, ficariam conhecendo as freguesas e ganhariam clientela, com vantagem tanto para elas como para vocês.

Corri para dar a boa nova a Maria. Agradecemos essa oportunidade ao Senhor e fizemos logo o que nos aconselhara Pe. Pestarino”.

## MARIA À FRENTE DA PRIMEIRA OFICINA

A costureira partiu. No dia primeiro de maio, as duas amigas voltaram à casa da Pampuro. Foram muito bem recebidas porque vinham acompanhadas de algumas meninas desejosas de aprender o ofício. Elas enchiam de vida aquelas silenciosas paredes e as três companheiras se achavam melhor inseridas no seu vardadeiro campo de ação.

Como anteriormente, Petronilla e Maria iam em casa para as refeições. Esta última, também para dormir.

Foi quando o demônio provocou vento contrário.

As cunhadas de Petronilla não se conformavam que ela não ajudasse em casa. Os familiares de Maria teriam preferido que ela tentasse voltar a ajudá-los, como antigamente, no trabalho do campo. O pai pôs logo fim à questão, ordenando que deixassem Maria livre para fazer o que lhe parecia melhor no Senhor. Um irmão de Petronilla obrigou-se a dar secretamente à irmã cinco liras por mês, para que esta as entregasse às cunhadas, como fruto do seu trabalho.

Ei-las finalmente costureiras! E logo tiveram trabalho porque as boas mulheres de boa vontade as procuravam. Mesmo que não tivessem muita confiança no seu trabalho, não tinham outro remédio, pois não havia outra costureira em Mornese. Certamente as duas não eram peritas na arte, embora tivessem aptidão e bom gosto. A serenidade e humildade de Maria tornavam as coisas mais fáceis: sabia tirar proveito de tudo sem se perturbar, porque não era apenas de cor que sabia as máximas de Santa Teresa: ‘Nada te per-

turbe, nada te desanime; tudo passa etc.'. Recordava-as muitas vezes durante o dia e, o que é mais, procurava pô-las em prática.

Possuíam ainda um dote pouco comum nas costureiras porque não agrada à juventude feminina: não tinham como as outras a preocupação de fazer vestidos vistosos. Muito ao contrário. Maria não queria mesmo adaptar-se aos caprichos da moda e contribuir para a vaidade feminina. Foi preciso que Pe. Pestarino interviesse: "Pois façam os vestidos como elas querem, contanto que não sejam imodestos. Se vocês duas não as contentam, essas jovens, não querendo usar vestidos fora da moda, irão procurar costureiras em outra parte, o que será ainda pior".

As mães estavam de acordo com as duas, davam-lhes mil razões, de maneira que as jovens, presas entre dois fogos, acabavam se contentando com vestidinhos não de todo fora da moda, graciosos e modestos ao mesmo tempo. O que não era pouco e dava enorme consolação a Maria.

"Eu era muito jovem — conta uma mornesina — gostava de fazer bela figura no meio de minhas companheiras e queria um vestido na última moda. Maria, avisada por minha mãe, soube apresentar-me tantas razões, soube tão bem aconselhar-me, que abaixei a cabeça e vesti com alegria um vestido muito, muito simples. Aliás, o que ela obteve de mim, alcançou de outras jovens e mães".

## PRIMEIROS QUARTOS ALUGADOS

Aconteceu então o que Maria desejava. As mães, satisfeitas com o trabalho e mais ainda com a virtude das novas costureirinhas, pediram-lhes que aceitassem suas filhas para se exercitarem na costura. Naturalmente, nenhum pedido foi recusado, ou por outra, foi tão bem aceito.

Cresceu o número de alunas. A sala da Pampuro, pequena e mal iluminada, já não dava para tanta gente. Então a Pampuro, sempre boa e generosa, ofereceu-lhes grátis uma sala no andar térreo, com entrada nos fundos, de maneira que se podia entrar e sair sem perturbar ninguém, nem mesmo ser visto pelos donos da casa. As duas aceitaram de boa vontade e aí ficaram cerca de dois meses, isto é, até que Pe. Pestarino aconselhou-as a saírem dali. Submeteram-lhe, então, o plano de se transferirem para o andar da casa que o pai de Petronilla lhe deixara em herança. O

pio diretor, iluminado por Deus, disse-lhes que deviam procurar alojamento livre de qualquer ingerência, sobretudo dos parentes. Obedeceram e alugaram de uma certa Birago um quartozinho escuro que tinha apenas a vantagem de estar perto da igreja. Mal, porém, fizeram a mudança, compreenderam que ali não podiam ficar e trataram de procurar coisa melhor.

O irmão da Maccagno tinha uma casa com pequenos apartamentos que costumava alugar a algumas senhoras de Gênova, que lá iam passar o verão. Ofereceu-lhes, por cinco liras mensais, uma sala espaçosa e arejada. Maria aceitou com gratidão, mesmo porque, bastante próxima à igreja, oferecia comodidade para ir visitar Jesus Sacramentado e acostumar as meninas à devoção à Eucaristia.

Além disso, a sala era muito indicada para oficina: bastava subir uma escadinha de três degraus e atravessar um pequeno corredor. As duas grandes janelas não abriam para a rua mas para um pequeno pátio interno onde nunca se via ninguém. Logo, liberdade plena e segura, coisa muito necessária quando se tem ao redor tantas jovens para educar.

## **ESCOLA-FAMÍLIA E COMO AÍ SE VIVE**

Uma vez no local apropriado, aumentou o número das alunas. Era uma verdadeira oficina de trabalho, com a mensalidade de uma lira, em dinheiro ou em gêneros.

Uma escola-família, bem entendido, aonde se ia sem a sombra de constrangimento. Assim, por exemplo, se uma senhora tinha necessidade de uma peça de roupa ou de um vestido, punha a fazenda na mão da filha e lhe dizia: "Vá procurar Maria de Valponasca; ela ensina você a fazer". Às vezes eram vestidos para reformar, que davam muito trabalho e pouco lucro. Maria, porém, nada recusava. Olhava bem e, se fosse peça de roupa interior, passava-a a Petronilla, mais habilidosa no ramo. Se eram vestidos, tomava a costura para si e, com toda paciência, ensinava, ajudava e dava à menina o prazer de voltar para casa com o trabalho pronto.

É claro que tudo isso era um meio para alcançar o fim, que nunca perdiam de vista, e que perseguiam com a discri-

ção do verdadeiro zelo. Maria queria as meninas para levá-las ao Senhor, mas não as entendia com orações, recomendações e proibições. No lugar mais iluminado, tinha posto uma estatueta de Maria Imaculada. Sem nada dizer, entrando em primeiro lugar, fazia o sinal da cruz e recitava devotamente uma Ave Maria. Isto passou a ser um programa, de maneira que, logo que uma menina entrava, dizia "Bom dia" e ia fazer sua prece diante da imagem. Tomava depois o seu lugar e Maria, que tanto amava o silêncio, deixava que conversassem como estavam acostumadas a fazer em casa. Apenas, se alguma abaixava a voz de maneira que não podia ouvi-la, dizia-lhe amavelmente: "Fale mais alto, de maneira que todas nós possamos ouvir o que você diz e participar da sua boa conversa". Todavia, nem ela nem Petronilla animavam a conversa, de maneira que na sala reinava o maior silêncio, interrompido apenas pelo barulhinho das agulhas diligentes. Então Maria recitava alto uma jaculatória, ou lia uma meia folha da vida de São Luís, ou de Rosina Pedemonte, de Rosa Cordone ou qualquer outro opúsculo do Frassinetti. Ensinava depois algum canto religioso. O dia voava, horas repletas de trabalho e de bons pensamentos, acolhidos sem esforço. Permanecia o bom exemplo das duas professoras, sempre tão humildes e ativas.

## **AS FILHAS IMACULADAS SÃO TAMBÉM ENFERMEIRAS**

Foi quando aconteceu uma novidade.

Adoecera uma senhora que mostrou o desejo de ser assistida pelas duas Filhas da Imaculada. Pe. Pestarino consultou-as. Como estivessem prontas a fazer tudo quanto ele ordenasse, animou-as a tentar a experiência. Assim se fez. Mas não se podiam dispensar as meninas, nem a Mazzarello perder as noites. Decidiu-se então que Petronilla assumisse as noites, bastando-lhe algumas horas de sono para retomar em seguida o trabalho na oficina, Maria ficou enfermeira durante o dia. Mas apareceram depois outros casos de pobres mulheres que estavam sozinhas, que ninguém preparava para a última hora nem assistia na dolorosa agonia. Pe. Pestarino enviou-lhes as duas. Surgiu depois um minúsculo hospital, por insistência de Pe. Pestarino. Quando era necessário, elas lá se alternavam. Mas bem depressa o bom diretor convenceu-se de que doentes e oficina não se con-

ciliavam; era preciso escolher entre uma ou outra coisa. Pensou sobre o caso e, certamente inspirado pelo Espírito Santo, ordenou às obedientíssimas moças que não mais fossem assistir as doentes, mas se entregassem inteiramente ao seu trabalho na oficina. Todavia, se achassem bom, podiam ocupar-se de uma pobre velha cega que morava sozinha. Ajudou-as nessa missão a companheira viúva, que preparava a comida e discretamente procurava de mil maneiras ir-lhes em auxílio.

**PE. PESTARINO SALESIANO E PRIMEIRO  
CONTATO DE DOM BOSCO COM AS  
FILHAS DA IMACULADA**

(1862-1864)

**PRIMEIRO ENCONTRO DO PE. PESTARINO COM DOM  
BOSCO**

Enquanto Maria e Petronilla se estabelecem na nova oficina e, esquecidas de si, nada mais pedem a Deus do que trabalho de agulha para ter trabalho de almas, Deus pensa nelas de maneira admiravelmente simples, como é próprio da sua economia. Prepara o encontro do Pe. Pestarino com Dom Bosco.

Pe. José Campi, cujo testemunho é geralmente acatado pela sua memória tenaz e por ter vivido, desde muito jovem, ao lado de Pe. Pestarino, assegurou muitas vezes: "Pe. Pestarino travou conhecimento com Dom Bosco no trem que ia de Acqui a Alessandria, por ocasião de uma festa ou reunião especial dos padres em Acqui. Durante a viagem, falaram de suas ocupações em benefício das almas.

Ouvindo Pe. Pestarino falar das Filhas da Imaculada, Dom Bosco lhe expôs sua intenção de fundar um instituto feminino, a conselho de vários bispos e sacerdotes exímios.

Em tom de brincadeira, Pe. Pestarino lhe ofereceu cordialmente as piedosas e ardorosas Filhas da Imaculada de Mornese — se entretanto... embora não passassem de ignorantes camponesas...".

**REUNIÃO EM ACQUI OU EM LERMA?**

Nenhum dos sobreviventes guarda memória, não há nenhum documento que comprove ter havido, em 1862, uma

especial reunião do clero em determinada cidade. De maneira que o fato — o encontro de Dom Bosco com Pe. Pestarino — embora incontestável, fica incerto em relação à circunstância de lugar.

O que é natural: um menino, como era então Pe. Campi, não costuma dar importância a certos particulares, para depois poder recordá-los. O que é certo é que o primeiro encontro de Dom Bosco com Pe. Pestarino se deu em 1862, entre os meses de agosto e outubro. Escreveu o Pe. Luís Frassinetti no volume único **Opere ascetiche — Memorie biografiche del sacerdote Luigi Sturla** <sup>(1)</sup>: Fui companheiro do Sturla, quando foi fundá-la (a Pia União das filhas de Santa Maria Imaculada) em agosto do ano de 1862. . . Durante os dias em que o Pe. Sturla esteve em Mornese, tendo-se reunido uns vinte sacerdotes dos arredores no próximo santuário da Rocchetta, perto de Lerma, ele insistiu também para que se estabelecesse entre eles uma congregação de Missionários Rurais, que evangelizassem a região”.

Portanto, se não houve festa e reunião em Acqui, uma reunião de sacerdotes deu-se certamente, e não muito longe.

Além disso, uma outra reunião de sacerdotes deve ter havido em Lerma, no dia 3 de setembro do mesmo ano.

A Congregação dos Missionários Rurais — que florescia em Gênova antes do ano de 1849, à qual desde então pertencia Pe. Pestarino e que Pe. Sturla tinha organizado, como vimos, na diocese de Acqui, em 1862 — prescreve no art. 64 do seu regulamento: “Ficam prescritas as reuniões gerais, uma na primavera, na quarta-feira depois do tempo pascal, e a segunda no verão, na quarta-feira depois do último domingo de agosto” <sup>(2)</sup>.

Naquele ano, o último domingo de agosto caiu no dia 31 e, por conseguinte, a primeira quarta-feira seguinte, caiu no dia 3 de setembro.

Ora, se é verdade que Pe. Pestarino compareceu, como missionário e amigo do Frassinetti, do Sturla e do pároco de Lerma — o Côn. Olivieri — à reunião, digamos, da fundação, no dia 26 de agosto, tanto que foi eleito para o cargo de segundo consultor <sup>(3)</sup>, pode-se presumir que não tenha faltado à primeira reunião regular do dia 3 de setembro.

---

(1) Escritas nos primeiros meses de 1866 e impressas em Gênova em 1871, três meses após a morte do Frassinetti. Vol. único p. 450.

(2) Frassinetti, **Opere** 299.

(3) Frassinetti, **Opere** 294.

Submisso como era e filialmente afeiçoado à primeira autoridade diocesana, é natural que tenha ido a Acqui, depois do dia 26 de agosto ou 3 de setembro, para prestar contas ao Bispo do andamento da União masculina fundada em Morne-se, como também do que se tinha feito em Lerma. Depois, voltou a Morne-se, passando por Alessandria.

Naqueles dias, Dom Bosco estava muito empenhado na venda dos últimos bilhetes de uma loteria em favor dos seus garotinhos recolhidos em Valdocco. Parece provável que, estando em viagem, tenha ido até Nizza Moferrato e arredores, onde tinha muitos conhecidos, entre os quais a condessa Corsi, sua benfeitora, ou mesmo até Acqui, onde era sempre festivamente recebido pelo Bispo e no Seminário.

No dia 6 de setembro, devia encontrar-se em Montemagno para um tríduo de pregações — espécie de retiro espiritual preparatório — para uma Confraria do Sagrado Coração de Maria, a erigir-se no dia 8 de setembro <sup>(4)</sup>.

Que durante essas viagens, num trem ou numa estação de estrada de ferro, se tenham encontrado Dom Bosco e Pe. Pestarino, nada mais natural. Apoiando-se no testemunho do Pe. José Campi, Pe. Lemoyne também nos diz: "... pelo ano de 1862, indo a Acqui para uma festa ou conferência, que reunia o clero presidido por Dom Contratto, Dom Bosco encontrou-se também com Pe. Pestarino e, acabada a reunião, viajou com ele de Acqui para Alessandria... etc." <sup>(5)</sup>.

Respingando ainda nas mesmas **Memorie Biografiche**, no vol. VII, lemos nas pág. 378 e 88 que, voltando de Mirabello Monferrato, Dom Bosco descia na estação de Alessandria, na tarde do dia 15 de outubro de 1862. Com seus alunos, que estavam em férias, hospedou-se no Seminário do bispado, na mesma cidade. Passara os dias 16 e 17 visitando as mais conspícuas personagens do clero e do laicato. Na manhã seguinte, tinha ido, com seus meninos, visitar no **Duomo la "Madona della Salve"**. De tarde — dia 18 —, acompanhado pelo numeroso grupo e pela música dos seus alunos, bem como de muitos sacerdotes, amigos e cooperadores, dirigira-se à estação para tomar o trem de volta a Turim.

Ora, a tal festa, ou reunião especial de padres, a que se refere Pe. Campi como tendo acontecido em Acqui, e da qual não resta memória, não seria essa de Alessandria?

---

(4) Cf. MB VII 246.

(5) MB IX 615.

## OCASIÃO FORTUITA MAS PROVIDENCIAL

De qualquer maneira, depois do que acabamos de dizer, podemos concluir que a divina Providência, servindo-se de uma ocasião fortuita, tinha posto em contato imediato os dois corações por ela escolhidos para realizar uma obra excelsa. Um deles, Dom Bosco, devia ser o idealizador de um monumento sublime: o outro seria simples operário. Era necessário que se pusessem de acordo para a fusão das forças.

Mas Pe. Pestarino já ouvira falar com admiração de Dom Bosco. Dois fatores contribuíram para favorecer o encontro com ele: em primeiro lugar, as relações existentes entre o apóstolo de Valdocco e o clero genovês, e o deste com o Pe. Pestarino; depois, as últimas viagens de Dom Bosco a Gênova<sup>(6)</sup>, visando especialmente encontros com o Pe. Francisco Montebruno, zeloso sacerdote que desejava a união dos seus “*artigianelli*” com os de Dom Bosco. Aliás, é o que nos assegura Pe. João Cagliari, dizendo que Pe. Pestarino conheceu Dom Bosco em Gênova, na casa do Prior de Santa Sabina (Pe. José Frassinetti)<sup>(7)</sup>.

No seu conhecido fervor, podia deixar o Pe. Pestarino de desejar conhecer melhor o providencial “pai dos garotinhos”? A resolução que tomou, em julho de 1857, de fazer os Exercícios Espirituais em Lanzo Torinese, sob a presidência do Pe. Cafasso<sup>(8)</sup>, não teria sido consequência desse desejo? Lá talvez pudesse ver aquele homem extraordinário; obteria notícias dele, do seu método de fazer o bem, por intermédio de quem o conhecia a fundo.

Também para Dom Bosco o nome do Pe. Pestarino não devia ser estranho, seja pelas razões a que acima aludimos, seja porque Mornese — que se tornara excepcionalmente célebre pelo fervor de sua piedade, graças justamente ao Pe. Pestarino — atraía admiração de toda a diocese e vizinhanças.

Tratando-se, pois, como velhos amigos, Pe. Pestarino passou logo a falar do que mais lhe estava a peito. Deve ter acenado de modo particular à Pia União das Filhas da Imaculada, instituída há poucos dias em Mornese, e do muito bem

---

(6) MB V 599 e Capecelaro Alfonso, *Vita della Serva di Dio Paola Frassinetti, Fondatrice delle Suore di s. Dorotea* (Roma, Desclée 1900) 306-307.

(7) Anexo n. 2 cf. ed. italiana p. 324.

(8) Anexo n. 3. cf. ed. italiana p. 324.

que prometia operar e até, quem sabe, cultivar algum futuro levita. Enfim, tratou das vantagens de consagrar especial atenção às mães de família, especialmente valendo-se da Pia União das Filhas da Imaculada.

Não terá Dom Bosco ouvido com crescente atenção o bom sacerdote narrar os frutos colhidos pela incipiente oficina de costura e pelo oratório, mantidos por aquelas moças, verdadeiras religiosas em casa?

Tudo isso não lhe terá lembrado o sonho feito dois meses antes, no qual declarara à marquesa Barolo que pretendia ocupar-se das meninas também? Não lhe provocaria a recorrdação das muitas inspirações recebidas de Deus que, aos poucos, iam dissipando suas últimas hesitações em relação a esse apostolado?

De maneira que o bom Pai deve ter-se demorado a considerar com Pe. Pestarino a necessidade de cuidar da juventude feminina também. Falando-lhe dos renovados pedidos feitos por exímios sacerdotes e bispos, deve ter-lhe afiançado que, com o tempo, ele se sentiria obrigado a providenciar assistência para as meninas, como já fazia para os meninos.

Terá sido nessa ocasião que Pe. Pestarino deixaria brotar do coração a oferta daquelas suas Filhas de Mornese... acrescentando, em tom de brincadeira, quase com temor de ter falado demais: “se entretanto... embora não passassem de ignorantes camponesas...”.

Um sorriso fugidio, expressivo, deve ter sido a resposta de Dom Bosco à nova proposta, como se ela tivesse um nexó com tudo o que lhe fermentava na cabeça. Concluiu com um convite espontâneo: “Venha, Pe. Pestarino, venha visitar-me em Valdocco”.

Oh, que sorriso! Talvez fosse justamente essa ignorância — que parecia talvez um impedimento ao Pe. Pestarino — que ia ao encontro do pensamento de Dom Bosco: naquele vazio, poderia lançar a mãos cheias os dons divinos; naquela ignorância, haveria tanta humildade a ponto de atrair a divina sabedoria.

## **PE. PESTARINO E SUA INCONDICIONAL ENTREGA A DOM BOSCO**

Pe. Pestarino retornou a Mornese com o coração leve e um grande desejo de voltar a Turim. A palavra de Dom

Bosco como que orientou toda a sua vida para uma única aspiração: colocar-se sob o jugo da obediência, a fim de assegurar, para si mesmo, uma maior perfeição; para o seu trabalho com as almas, o selo da vontade divina. Esta se manifestaria não mais no fervor do seu zelo, mas na palavra de uma regra. Teria como guia um Superior que representaria Deus diretamente. Queria voltar a Turim, não para fazer uma visita qualquer, não apenas para ver o apóstolo no seu reino, mas para concretizar suas aspirações; para entregar-se como filho ao pai, como instrumento consciente nas mãos do artífice que, empregando-o numa grande obra, o aperfeiçoa e valoriza.

“Antes de partir para Turim, foi ao Santuário de Nossa Senhora da Rochetta, em companhia do Côn. Olivieri, que lhe havia sugerido aquela peregrinação. O objetivo era pedir à celeste Mãe lhe manifestasse seu desejo. Ali sentiu-se inspirado a consagrar vida e haveres — que muitos os tinha — às obras de Dom Bosco”.

Por conseguinte, partiu. Chegando ao Oratório, “enamorado do espírito da Pia Sociedade Salesiana, quis dar-lhe logo o nome, começando a praticar as regras com fidelidade exemplar. Prometia ilimitada obediência a Dom Bosco, pronto a se estabelecer no Oratório. Mas o Servo de Deus, em vista do grande bem que operava no século, resolveu que ele ficasse na sua terra. Tinha pensado também na necessidade de não privar a União das Filhas da Imaculada, dentro e fora de Mornese, de tão piedoso e sábio diretor”<sup>(9)</sup>. De fato, as jovens dos arredores, onde não havia uma instituição para elas, o consideravam como seu guia.

Depois de ter aceitado o Pe. Pestarino entre seus filhos, Dom Bosco não o manteve perto de si, para não privar as Filhas da Imaculada da sua direção: isso significa que a impressão que ele tivera da Pia União não foi apenas coisa de momento. Na calma do santuário privado de Dom Bosco — seu pobre quatro — Pai e filho devem ter voltado sobre o assunto. Sem deixar transparecer seu pensamento, Dom Bosco deve ter compreendido que a hora da divina Providência, em relação à juventude feminina, estava se aproximando, porque já antevia as pessoas que talvez fossem seus instrumentos.

---

(9) MB VII 297.

## O PRIMEIRO PRESENTE DE DOM BOSCO A MARIA E A PETRONILLA

Tanto é verdade, que entregou ao Pe. Pestarino uma medalha de Maria Santíssima<sup>(10)</sup> para cada uma das duas “boas Filhas”, com a recomendação de conservá-las com carinho porque “as preservaria de muitas desgraças e lhes seria de válido auxílio em todas as vicissitudes da vida”. Ainda mais. Condescendo a um humilde pedido do Pe. Pestarino, Dom Bosco, depois de levantar os olhos para o céu, escreveu num pedaço de papel: “Rezem, sim, mas façam todo o bem que puderem à juventude; façam o possível para impedir o pecado, mesmo que seja apenas pecado venial”.

Desta vez, Pe. Pestarino voltou para Mornese com o coração leve e alegre, mais do que se tivesse descoberto uma mina de ouro. Voltou salesiano, filho de Dom Bosco, com a certeza de ver em breve o amado superior chegar a sua terra, para decidir com ele uma obra em benefício dos mornesinos. No seu íntimo, tinha uma vaga esperança de que aquelas Filhas da Imaculada poderiam fazer, um dia, verdadeiros milagres nas mãos de Dom Bosco.

Levou-lhes o presente do Pai que ainda não conheciam. Explicando o sentido da recomendação oral e do bilhete escrito, falou com tal entusiasmo de Dom Bosco que elas se sentiram impulsionadas a amá-lo. Repousaram, portanto, na sua oração protetora tanto que, se antes pouco pensavam no seu futuro, esqueceram-se agora completamente de si mesmas, para não cuidar senão da glória de Deus e do bem da juventude.

## AS DUAS ÓRFÁS NA ESCOLA DA MAZZARELLO

1863 — Pode-se dizer que uma confiança maior na divina Providência, a tranqüilidade de espírito, davam às duas, especialmente a Maria, uma serenidade mais alegre, mais comunicativa do que antes, como que mais terna.

As alunazinhas, felizes com a afeição que encontravam, espalharam elogios à oficina. Logo, um comerciante, que ficara viúvo com duas meninas, uma de seis e outra de oito anos, foi pedir às moças que as guardassem durante o dia,

---

(10) Nas memórias diz Madre Petronilla: medalhas de Nossa Senhora Auxiliadora; mas sabemos que tais medalhas não foram cunhadas antes de 1868.

pois ele estava sempre fora de casa. A avó ficou de enviar o almoço e de mandar buscá-las à noite. Duas órfãs! Naturalmente foram bem-vindas, embora fosse preciso modificar um pouco o horário.

## **MUDA O HORÁRIO E TROCA O TEOR DE VIDA DAS DUAS AMIGAS**

Como as filhas do comerciante não podiam ficar sozinhas, as donas de casa não puderam mais ver as duas amigas passarem pelo caminho com as meninas, seguindo depois cada uma para sua casa para almoçar. Agora, Petronilla ia primeiro e voltava logo à oficina ao encontro de Maria. Rezavam o Angelus e depois Maria saía com as meninas que se serravam ao seu redor. Era um quadro tão sugestivo, que as mães chegavam à porta e à janela para assistirem comovidas ao espetáculo. Petronilla ficava tomando conta das duas órfãs, dava-lhes o almoço, arrumava a sala e adiantava alguma encomenda.

Mais ou menos ao meio dia, Maria voltava, acompanhada pelas meninas que a esperavam nas esquinas e iam engrossando o grupo. Estas ficavam por algum tempo brincando no pátio. Pela janela aberta, a moça podia continuar a vigiá-las e participava da recreação, sem parar de adiantar o seu trabalho. De novo na oficina, as meninas retomavam sua costura, acompanhada da garrulice própria da sua idade, de jaculatórias fervorosas ou cantos sacros.

Ao anoitecer, um bom pensamento e voltavam para casa. Às vezes acompanhavam as duas amigas à igreja, onde Pe. Pestarino lia em voz alta uma meditação, seguida da coroa angélica e das orações em comum.

Cada uma jantava na própria casa. Depois, Petronilla ia dormir com a Pampuro, sempre queixosa de que sua pouca saúde a impedisse de ajudar numa obra tão útil. Em casa, Maria procurava ainda prestar algum serviço aos seus. As mais pequeninas — Assunta que aprendia com ela a costurar e Nicola, de apenas três anos e que ficava sentada num banquinho aos pés de Maria — ouviam suas lições de catecismo, gozavam com suas histórias e davam boas risadas. Por sua vez, eles lhe contavam as travessuras do dia, as repreensões recebidas da mãe e prometiam ser mais ajuizados no dia seguinte.

Os irmãos maiores participavam dos alegres serões mas, às vezes, pareciam contrariados porque, sem nada dizer, o olhar de Maria lhes perscrutava o íntimo, quando não haviam procedido corretamente. Por que artes aquela sua irmã vinha sempre a saber do seu procedimento? Tinha que ser ela que alertava os pais sobre as diabruras dos mais velhos. Não que a estimassem menos; isso não. Mas desejariam que fosse um pouco menos zelosa a seu respeito.

## **INTERNATO? COLÉGIO INCIPIENTE?**

As duas orfãzinhas só tinham elogios para suas mestras. O pobre pai, vendo como estavam contentes, pediu às duas Filhas da Imaculada que ficassem com elas de noite também. A missão tomava outro feitio. Que teria dito Pe. Pestarino?

Pe. Pestarino disse sim. Seu grande coração jamais teria criado obstáculo à obra de Deus, que ele via progredir de maneira admirável. Muito menos agora que, voltando de Turim, onde fora para a festa de São Francisco, trazia a alma cheia dos elogios feitos a Dom Bosco. Todos enalteciam sua caridade em aceitar qualquer menino que a Providência lhe enviasse. Dom Bosco — terá dito a si mesmo — não despede ninguém, por mais que isso lhe possa custar. Sem o supor, estas duas seguem suas pegadas, exercendo o mesmo apostolado. Por que haveria eu de obstacular o bem que fazem?

Dessa maneira, foram aceitas as duas internas.

## **AMPLIA-SE O LOCAL NA CASA DA MACCAGNO E NA CASA BODRATTO**

Para dormir, o local da oficina já não era suficiente. Foi preciso alugar outro quarto, que dava para o corredor, onde foram colocadas as duas caminhas das meninas e o leito de Petronilla. Esta despediu-se da Pampuro e ficou fazendo as vezes de mãe junto às orfãzinhas. Porém, para as refeições, continuou indo à sua casa; quanto às meninas, providenciava a avó.

As duas amigas estão, portanto, à frente de uma casa, à frente de um pequeno orfanato.

Mas o local não é ainda suficiente. Indaga-se, procura-se, até que Antonio Bodrato lhes oferece duas salas numa casa

defronte da propriedade da Maccagno. Era só atravessar a rua. As salas eram amplas, com capacidade para cinco camas cada uma. Alugadas, para lá se transportam os leitos, e as coisas ficaram assim: na casa Maccagno, a oficina, na casa Bodrato, o dormitório.

## ALMOÇO EM COMUM PARA ECONOMIA DE TEMPO

De posse do local, foi preciso providenciar uma cama para Rosina Mazzarello, uma sobrinha de Petronilla, que andava pelos quatorze anos. Órfã de pai, mostrou o desejo de ficar com a tia, não todas as noites, todavia, para não dar motivo a murmurações entre os parentes.

Crescendo a família, aumentava a necessidade de assistência. Para Maria, era cansativo ir e vir todos os dias para o almoço. Perde-se tempo e uma só não pode dar conta de tudo.

Um belo dia, depois da casa arrumada e distribuído o trabalho, Maria disse a Petronilla: “Escute, assim como estão, as coisas não vão bem. Você vai procurar o Pe. Pestarino e pergunte-lhe se nos dá licença de comprar o necessário para preparar um pouco de sopa. Assim ganhamos tempo, você não precisa sair todas as tardes e eu também... depois... Chega. Começemos pedindo isso e depois tudo se decidirá por si mesmo”.

Petronilla hesitou um pouco porque, embora Pe. Pestarino as tratasse com um desvelo igual à confiança que nele depositavam, era muito ocupado e receava incomodá-lo. Além disso queria evitar falatórios, observando à risca o regulamento das Ursulinas que aconselhava evitar falar individualmente com o confessor fora do confessionário. E o que é mais, Pe. Pestarino continuava a tratá-las com certa aspereza e poucas palavras. Entretanto, sempre dócil, respondeu: “Se você manda, eu vou”. E foi.

A princípio, o bom padre a ouviu como quem não está gostando da coisa, mas, depois de uma pausa, voltando à serenidade, respondeu: “Façam, façam como vocês querem”. Ouvindo a resposta, Maria exclamou — “Portanto, ele não disse que não. Na boca do Pe. Pestarino — façam como querem — significa que podemos fazer como queremos. Hoje mesmo vamos começar a almoçar aqui. Compraremos uma boa quantidade de massa para não ter necessidade de sair todos os dias. Isso também é lucro”.

Não tinham louça: Petronilla foi à casa da Pampuro que lhe forneceu o necessário. Num instante fizeram o almoço. Jamais as duas se tinham sentado à mesa com a alma tão singularmente alegre.

Desde aquele dia, Petronilla só voltou a sua casa raríssimas vezes, embora irmãos e sobrinhos insistissem para tê-la novamente em sua companhia. Também Rosina, que lá ia habitualmente para as refeições, procurava convencê-la, quase todos os dias, a retornar ao seio da família. Maria ia em casa para o jantar e para dormir, conforme o desejo do Pe. Pestarino que queria obrigá-la a tratar-se. Às vezes, ia também para o almoço, pois sua mãe não se conformava em separar-se de uma filha em quem depositava ainda tantas esperanças. Habitualmente, porém, Maria almoçava na oficina.

## MESA FRUGAL E CORAÇÃO CONTENTE

Seu alimento era verdadeiramente espartano: sopa, batatas já cozidas que Maria trazia de casa ou que a Pampuro e mesmo outras pessoas ofereciam, e um pouco de fruta. As vezes Petronilla preparava leite ou um ovo para Maria, aflita por vê-la cansada e magra. Nesse caso, tinha que preparar a mesma coisa para si mesma, se não quisesse ver Maria repartir o leite e o ovo, dizendo: “Eu não quero distinções”.

Devemos salientar que, naquele tempo, não lhes faltava nada: muitas mulheres do lugar pagavam-lhes em legumes, ovos, farinha, galinhas, e elas tinham o direito de aproveitar-se de tudo isso, embora querendo entregar o que ganhavam ao Pe. Pestarino, de acordo com o espírito do regulamento. Sugeria este depositar numa caixa comum o dinheiro e os gêneros, podendo cada Filha da Imaculada dispor do que precisasse, a conselho da Superiora ou do diretor.

“Mas — confiou Petronilla — Maria queria mortificar-se. Se tivesse podido, viveria de ar”.

Sabemos que tinham um pequeno galinheiro, pela seguinte anedota que Petronilla contava com verdadeiro prazer. Era mesmo uma encantadora vida de família que se levava naqueles tempos felizes. Conta Petronilla: “A menor das filhas do comerciante cuidava das galinhas. Um dia perguntei-lhe:

— Escute, onde estão os dois franguinhos que não estou vendo mais?

Ela, depois de dar uma olhadela pelo corredor, respondeu:

— Eles subiram pela escada e estão rindo!

Nós todas é que rimos de verdade... Os franguinhos estavam apenas ensaiando para cantar!”.

Pelas quatro horas, as meninas faziam a merenda, mas, quem queria, podia continuar trabalhando. Se o trabalho não era urgente, Maria corria à igreja para visitar Jesus, acompanhada por uma ou outra menina. De sorte que elas foram se habituando a essas visitinhas e nem mais era necessário convidá-las. Não podia ser de outra maneira, se ouviam Maria repetir: “Que belo seria se a gente pudesse estar sempre perto de Jesus! Se fosse possível ir costurar lá no último banco, para fazer-lhe um pouco de companhia! Ao menos, vamos visitá-lo quando podemos!”.

## **TRABALHO MANUAL E TRABALHO ESPIRITUAL**

Seguindo a recomendação de Dom Bosco de “fazer tanto, tanto bem”, as duas Filhas da Imaculada, certas de fazer a vontade de Deus e seguras da afeição das meninas, tinham tomado coragem para recitar o santo Rosário, sem interromper a costura. Antes que anoitecesse, Maria lia uma página, seja da *L'arte de farsi santi* do Frassinetti, impresso em Gênova em 1861, ou das *Massime Eterne* de Santo Afonso de Ligório. Sem parecer que dava uma aula de religião, ela de fato comentava e explicava o que tinha lido, de maneira fácil e acessível. Todas as meninas a entendiam muito bem. Era tal a força dos argumentos, dava tanto calor às palavras, que as verdades eternas ficavam impressas na mente das jovens, desafiando o tempo.

## **CARNAVAL QUE NÃO ROUBA A PAZ DA ALMA**

Entretanto, chegou o carnaval e com ele o temor de de que o baile estragasse o que as Filhas da Imaculada iam construindo com tanto carinho. Maria estava de sobreaviso e deu a entender que ia amadurecendo uma idéia.

“Dom Bosco nos recomenda de fazer todo o bem possível à juventude e de envidar todos os esforços para impedir

o pecado, nem que fosse um só pecado venial: Pe. Pestarino nos repete que é melhor cuidar da alma das meninas do que fazer a **Via Crucis** e rezar o terço, portanto...”. Aconselhou-se com Pe. Pestarino. Este não só aprovou seu projeto, mas se propôs ajudá-la, convidando uma Filha de Santa Maria Imaculada a exercitar-se na sua sanfona e levá-la à oficina para contribuir com um pouco de música.

Catarina Mazzarello atendeu ao convite da melhor boa vontade. Queria tanto bem às duas amigas que, se não fosse o pai idoso e necessitado dos seus cuidados, teria ido morar com elas, na oficina. Como isso não lhe era possível, ajudava-as de mil maneiras. Ao menos uma vez por semana, lhes enviava gratuitamente pão fresco e vinho; estava sempre pronta para qualquer serviço.

Dito e feito: todas as vezes que havia baile — público ou privado — um bom anjo da guarda, a pedido de Maria, ia avisá-la a tempo. Ela então convidava as meninas e a musicista. A casa ficava cheia de juventude que, soubesse ou não, se punha a dançar, ou melhor, a saltar alegremente, com a certeza de não ofender ao Senhor. Antes, dando louvor a Deus. Quando as pernas estavam cansadas, Maria contava um fato ameno, de fundo moral, e entoava um canto piedoso, que as meninas iam aprendendo. Depois faziam honra às **mentiras** bem quetinhas e torradas, que Petronilla havia preparado. Maria ainda fazia recitar breves orações, lia algum bom pensamento e elas, cansadas que nem tinham vontade de andar, voltavam para casa e iam direto para a cama, “com a alegria de sentirem-se puras”. No dia seguinte, as que já tinham feito a primeira comunhão podiam comungar, e todas se sentiam tranqüilas ao devassar o íntimo de suas consciências, juntamente com Maria, que era mestra no assunto.

Ela estava habituada a esses exames de consciência; queria que as meninas se acostumassem a conhecer-se a si mesmas e a nunca se irem deitar sem ter pedido perdão a Deus pelas faltas cometidas.

Os bailes na oficina repetiam-se todos domingos de carnaval. Se a princípio os homens tinham ficado admirados pela falta de meninas nos bailes públicos, sem entretanto saberem do motivo, abriram depois os olhos. As boas mães, que estavam bem contentes, naqueles dias gostavam de ir à casa das Filhas da Imaculada e foram elas que revelaram o segredo daqueles sons que escapavam pelas

janelas e enchiam as ruas vizinhas. Tanto os que promoviam o baile público como os que queriam dançar, ficaram irritados.

Então os moços combinaram entre si e foram esperar as meninas à saída do laboratório. Com boas maneiras, a princípio, e depois com ameaças, pretendiam arrancar-lhes a promessa de não irem mais dançar na “casa da Maria da Valponasca”. As meninas ficaram firmes e depois contaram tudo a Maria. Esta animou-as a não fazer caso das ameaças que, aliás, não podiam ter nenhuma consequência. Que seguissem seu caminho sem nem se darem ao trabalho de ouvir as intimidações dos rapazes. Para animá-las, prometeu-lhes um bom piquenique, que não ficou apenas nas palavras. Com o auxílio do Pe. Pestarino, às vezes do pároco ou dos próprios pais, fizeram-se mesmo os piqueniques, ou na oficina ou na Valponasca, onde havia mais espaço para as alegres brincadeiras. Os rapazes ficaram furiosos e repetiram as ameaças, dando a entender que, se não fosse por respeito ao Pe. Pestarino, saberiam bem o que fazer.

## **SÁBIAS PROVIDÊNCIAS DA MAZZARELLO**

Sem perder a calma, Maria recomendou às jovens que não se deixassem apanhar sozinhas. Ela mesma dividiu-as em grupos, de maneira que as que moravam numa mesma rua fossem juntas. À frente de cada grupo, pôs uma menina mais crescida e criteriosa. Às vezes, ela mesma as acompanhava por um bom trecho da estrada e voltava depois sozinha, sem que ninguém ousasse dirigir-lhe a palavra.

As jovens se mantiveram firmes. Uma mais corajosa que, apesar das recomendações de Maria de não responder nem a palavras afáveis nem a insultos, retorquiu com ar de mofa, levou um pescoção que até lhe quebrou o pentinho. Isso só serviu para que todas ficassem mais firmes no seu propósito e entrassem em cena, não somente Pe. Pestarino, mas os pais e os irmãos das meninas, que naturalmente tomaram as suas dores. Dessa maneira os bailes públicos ficaram definitivamente desertos.

Maria sofreu com o que havia acontecido, mas . . . dotada de uma tenacidade fora do comum, tomou este propósito: se Deus quiser, no ano que vem faremos tudo ainda melhor.

## **APOSTA QUE NÃO DÁ CERTO**

Num dos últimos domingos, aconteceu um episódio que bem revela o respeito que as duas amigas tinham sabido impor-se: Enquanto saltavam alegremente e a musicista tocava sentada sobre uma mesinha, para ser melhor ouvida, escancara-se a porta do corredor. Dois rapazes entram desastradamente dançando. Imediatamente cessa a música e as meninas encostam-se na parede, imóveis como estátuas. As duas amigas olham sérias para os intrusos, sem dizer palavra.

Os dois heróis dão alguns saltos. Depois, envergonhados por aquele eloqüente silêncio, retiram-se, calados eles também e desajeitados.

Tinham apostado com outros da mesma laia que iriam dançar na casa de Maria. Foram. Mas parece que as cinco liras que lhes valeu sua proeza não tentou mais ninguém. O carnaval terminou alegremente, tanto para a alma como para o corpo.

## **CATECISMO QUARESMA NA OFICINA**

Com a quaresma, veio a preparação para a páscoa e, para as mais jovens, a catequese da primeira comunhão. “Maria não dava propriamente catecismo — diz Petronilla — mas, sem aludir a ele, durante toda a quaresma não pensava noutra coisa. Ajudava a lembrar o que o padre tinha dito, repetia-o, fazia com que as mais travessas o recordassem e, mais que tudo, applicava-o às necessidades particulares de cada uma”. Conhecía bem as meninas, suas inclinações, seu lado fraco, e procurava torná-las responsáveis, ativas e sinceras.

## **ESTEIOS DO MÉTODO EDUCATIVO DA MAZZARELLO**

Os esteios da sua obra educativa eram os seguintes: “fugir da vaidade, que estraga tudo; ser sinceras a todo custo, porque a mentira é filha do demônio; jamais permanecer em ócio, pois o ócio é a ferrugem da alma”.

Não se descuidava de nenhuma. Mas, naturalmente, seus maiores cuidados iam para aquelas cujo ambiente familiar era duvidoso ou que haviam perdido a mãe. Para com estas, sua solicitude era constante. Como tinha recebido de Deus

a missão de substituir-lhes a mãe falecida, acompanhava-as com carinho, mesmo fora da oficina, preparando-as para receberem os sacramentos e para enfrentar a vida. Não lhes impunha muitas renúncias, preferindo ganhá-las pelo coração. Mas quando pedia alguma coisa, queria ser obedecida.

Conta-nos uma aluna daquele ano: “Eu era órfã de mãe e Maria me cercava dos mais delicados cuidados. Entretanto, desobedeci-lhe um dia. Não sei em que circunstância, deram um baile público e eu fui olhar, deixando minha irmãzinha em casa. Só queria olhar. Mas Maria o soube, chamou-me e me interrogou a respeito... Mas eu resistia e não queria reconhecer minha falta. Então ela me disse muito séria: ‘Quer dizer que você ainda não está preparada para a santa Comunhão. Pois bem, não a fará na festa de Páscoa’. Eu chorei, fiz mil promessas, mas como ela sabia que eu precisava de uma lição, ficou firme. Disse-me: ‘Agora você chora; mais tarde, porém, você irá agradecer-me essas lágrimas’. Vieram as festas pascais, veio a quarta-feira santa... as outras fizeram juntas a santa Comunhão mas eu não. Passados alguns dias, ela me preparou par receber Jesus. No dia aprazado me acompanhou ao altar e cercou-me de cuidados verdadeiramente maternos. Devo mesmo agradecer-lhe a firmeza. Não tive mais a tentação de ir ao baile, ou então soube vencer-me. O fato é que já estou velha e nunca fui ao baile”.

## O MÊS DE MAIO EM MORNESE

Passada a festa de Páscoa, chega o mês de maio. A força de trabalho e paciência, Pe. Pestarino conseguira torná-lo um mês solene.

A propósito, narra o Pe. Campi: “Pouco a pouco, Pe. Pestarino introduziu o costume de celebrar solenemente o mês de maio. A princípio, o pároco, Pe. Ghio, opôs alguma resistência porque a igreja era muito pobre e não podia arcar com a despesa de maior consumo de cera. Pe. Pestarino tranqüilizou-o: tudo o que fosse necessário viria sem onerar os cofres da igreja. De fato, uma mulher ofereceu algumas velas e seu exemplo foi imitado por muitas outras. Na função de encerramento, a capela estava toda iluminada e ainda sobrou cera para o resto do ano.

Nos primeiros tempos, limitava-se a função à leitura do livro do Muzzareli e à bênção com a relíquia de Nossa Se-

nhora <sup>(11)</sup>. Mais tarde, dada a afluência de povo, Pe. Pestarino fazia duas funções: pela manhã, a leitura e bênção com a relíquia; à noite, a leitura e bênção com a santa Píxide, seguidas de um canto sacro”.

## O “JARDINZINHO DE MARIA”

O que não teria feito Maria para que as jovens honrassem Nossa Senhora no mês a ela dedicado! Ao longo do dia, com que fervor terá falado de Maria Santíssima! Como as terá animado a oferecer-lhe o coração puro de todo pecado, desejoso de receber Jesus com amor! Introduziu também entre elas a prática do **Jardinzinho de Maria**. Numa visita a Mornese, Pe. Frassinetti a tinha ensinado e explicado, para que a aproveitassem com as meninas. Petronilla perguntou-lhe: “Nós também podemos fazer parte?”. Brincando ele respondera: “Por que não? As plantas mais velhas dão frutos mais saborosos!”.

De maneira que as duas amigas fizeram com as meninas o “Jardinzinho de Maria”; disso a Mazzarello se serviu para trabalhar nas almas das jovens e afervorá-las <sup>(12)</sup>.

## OS “SEIS DOMINGOS DE SÃO LUÍS”

O mês de maio trouxe para Maria e Petronilla outro fato importante que, sem que o imaginassem, as aproximava muito de Dom Bosco. Entre a obra dele e a delas surgiu outro ponto de semelhança: o oratório festivo. É claro que o nome veio muito tempo mais tarde, quando seu regulamento e funcionamento deram a entender o que era. Naquela ocasião, ele surgiu como uma necessidade, provocada pelos seis domingos de São Luís. Foi assim.

Fazia tempo que o Pe. Pestarino tinha introduzido a prática dos **seis domingos em honra de São Luís**. Seu sobrinho, Pe. José Pestarino, escreveu a respeito: “A festa de São Luís foi instituída mais para os meninos do que para as meninas, com toda certeza. Creio mesmo que essa festa foi

---

(11) Em algumas regiões da Itália setentrional, usava-se oferecer à veneração dos fiéis a assim chamada “**Reliquia della Madonna**”, ou seja, uma teca com a inscrição: “vel Mariae Virginis” na qual se conservava algum fragmento de tecido ou de outro material, de antiquíssimos e milagrosos simulacros marianos.

(12) Frassinetti, *Il Giardinetto di Maria em Opere Ascetiche*, IV 143.

instituída somente para os jovens mas que as jovens, santamente invejosas, insistiram para tomar parte nela. É natural, portanto, que, nos primeiros anos, ela ficasse limitada aos meninos. Naquele tempo, eu estava ainda no seminário e não me recordo de nada. Pe. Campi, que trabalhava no lugar e tem uma memória muito tenaz, deve lembrar-se muito bem dessa circunstância”.

“No dia da festa — afirma Pe. José Campi — Pe. Pestarino ou outro sacerdote por ele convidado, celebrava a missa no altar de São Luís, distribuía a santa Comunhão aos jovens e presidia a procissão em honra do Santo. Às vezes, porém, ia celebrar a missa em alguma capela campestre, os jovens faziam a santa Comunhão e depois tomavam um lanche ao ar livre. Mas sempre os meninos somente: os seis domingos e a festa de São Luís era para eles exclusivamente” (13).

Portanto, as mulheres estavam excluídas da função. Mas como a igreja era pública, ninguém impedia que participassem das cerimônias, ajoelhadas nos últimos bancos. Melhor ainda, podiam homenagear individualmente o Santo da pureza. Conta-nos Petronilla: “Começamos a fazer os seis domingos de São Luís com as meninas, depois de termos lido a vida do Santo e ao saber que se lucraria indulgência plenária. Como Filhas da Imaculada, nós já a fazíamos, mas de manhã, muito cedinho, antes que o povo viesse à igreja. Tanto é verdade que uma certa Bodrato — à qual a família não teria permitido sair tão cedo e que não era capaz de acordar-se sozinha — amarrava um cordãozinho no pulso e deixava a outra ponta pendurada do lado de fora da janela. De maneira que uma de nós, geralmente Maria, puxávamos pelo cordão na hora certa e nossa companheira podia levantar-se e vir à igreja”.

Era natural que uma tal prática fosse introduzida entre as alunas da oficina. É essa a razão pela qual, no segundo domingo de maio — dia 10 — Maria e Petronilla começaram os seis domingos em preparação à festa, com a participação de todas as meninas da oficina, o que não teria acontecido se elas já não estivessem habituadas a isso.

Por si mesma a coisa era bela. Tornou-se belíssima pelas circunstâncias que a acompanharam. A que horas ir à igreja para a piedosa prática? Como Pe. Pestarino — agora

---

(13) Depoimento de Pe. Giuseppe Campi sobre Pe. Pestarino (Arch. Gen. FMA).

todo de Dom Bosco — tinha trazido de Turim, para as duas amigas, **Il giovane provveduto** — impresso em 1847 — onde se encontravam belas considerações e preces a propósito, Maria desejava lê-lo para as meninas, feliz de fazer uma coisa que agradava a Dom Bosco. Decidiram então fazer como segue.

Depois da missa “solene”, à qual cada menina assistia ao lado da própria mãe, as que moravam nos arredores voltavam para almoçar em casa. As dos sítios mais afastados, se não dava para ir e voltr, traziam lanche e, em vez de acompanhar os pais depois da missa, saíam em companhia de Maria e Petronilla. Almoçavam na oficina e depois se divertiam no pequeno pátio. De tarde, lá pelas duas horas, iam todas à igreja, onde vinham chegando as outras. Depois de um fervoroso ato de adoração e uma comunhão espiritual, iam ajoelhar-se diante do altar de São Luís. Maria ou Petronilla liam então as orações dos seis domingos.

## OS PASSEIOS A SÃO SILVESTRE

Saindo da igreja, dirigiam-se à capela de São Silvestre, distante uns quinze minutos de marcha forçada. Caminhavam em grupos cerrados, para ficarem bem perto de Maria e Petronilla. Muitas vezes acompanhava-as Catarina Mazzarello, já então muito benquista pelas meninas.

Chegadas ao seu destino, sentavam-se na pequena praça defronte da capela. Maria as divertia e, ao mesmo tempo, as fazia refletir, narrando-lhes algum fato edificante. Brincavam depois de esconde-esconde, de pegador e outros jogos. Cansadas — a juventude gosta de variar os jogos — cantavam ou aprendiam novas cantigas, até que o sino do catecismo as advertia que era tempo de voltar para casa. Como as horas tinham voado! As duas moças brincavam com elas... Maria propunha sempre alguma novidade e punha no divertimento o mesmo ardor com que rezava ou trabalhava.

“Que risadas — conta Rosina Mazzarello — que alegria serena! Como fomos contentes para a igreja, onde se seguia o catecismo, as vésperas e a bênção com o SS. Sacramento! Sempre debaixo do olhar vigilante das duas moças. No inverno, voltavam ainda à oficina, para ouvir a “prática” da semana e depois cada qual retornava a sua casa. Maria acompanhava-as durante um bom percurso do caminho, de

volta, também ela, para junto dos seus. Mas quando o tempo era bom, iam de novo a São Silvestre e retomavam os jogos. Ao entardecer, apresentada a “prática” para a semana, todas se dirigiam para sua própria casa, pois Maria queria que lá estivessem ao soar do *Angelus*.

As que moravam por perto, seguiam em companhia de Petronilla e Maria. Esta voltava para casa e Petronilla, com as internas, ceavam e iam dormir”.

Conta outra aluna da oficina: “Durante toda a semana, nossa idéia fixa era o domingo; e como nossa conduta melhorava, como éramos mais piedosas! Maria sabia dizer-nos coisas tão lindas!”.

## O QUE AS ESTRELAS DIZEM À MAZZARELLO

Uma tarde, embora não tivesse ainda anoitecido, viam-se duas ou três estrelas brilhando no firmamento. Nós as olhávamos, continuando nossas conversas. De repente Maria parou e, apontando-as, disse com os olhos brilhando de felicidade: “— Oh como são belas! Como estão longe! Mas nós devemos subir mais alto do que elas, devemos ser mais brilhantes, ao redor de Nossa Senhora!

São coisas que a gente não esquece mais” (Carlotta Pestarino).

## PRIMEIRA CONSAGRAÇÃO DAS ALUNAS A NOSSA SENHORA

O mês de maio encerrou-se num domingo, com a Comunhão geral; de tarde, durante as orações dos seis domingos, Maria e Petronilla reuniram as meninas e as convidaram a fazer, todas juntas, uma singela consagração a Nossa Senhora, com as palavras: A vós entrego meu coração — **Mãe do meu Jesus, Mãe do amor**. Estavam presentes outras Filhas da Imaculada, ou novas Ursulinas, com a priora, Angelina Maccagno.

Depois do mês de maio, o mês de junho seguiu-se sem funções especiais. Todos os dias, porém, fazia-se a leitura do livro do Frassinetti **Per una figlia che vuol essere tutta di Gesù**. O fervor crescia à medida que se aproximava a festa de São Luís.

Era uma festa que não podia ter maior solenidade na igreja porque era reservada aos meninos, mas que, em compensação, provocava grande fervor interno e enchia de alegria o incipiente oratório.

Os seis domingos haviam sido o pretexto para que nascesse; agora que estava bem encaminhado e começava a dar frutos, devia-se deixá-lo morrer? Certamente que não.

Maria Mazzarello continuou a tratar tão bem suas alunas que elas já não queriam passar um só dia sem a sua presença; de tal modo tinha conquistado sua afeição que todas, mesmo as mais rebeldes, eram felizes em obedecer-lhe.

Agora, em Mornese, todos elogiavam suas recreações festivas. Por outro lado, se as alunas da oficina não podiam ser mais do que sete ou oito, que era o que permitia o local, as que vinham aos domingos eram muitas; ocupavam as escadas, a oficina e o pequeno pátio.

Como a casa só era ocupada por veranistas, que só vinham no tempo da colheita, no resto do ano ficava desabitada. De maneira que ninguém podia queixar-se do barulho.

Tanto durante as recreações como nas horas de trabalho, Maria dominava seu caráter. Tolerava tudo, mostrava-se paciente, contanto que as meninas não cometessem pecado e se encaminhassem pela estrada do bem. Sem saber que provinha dele, praticava a máxima de Dom Bosco: "Procurem fazer-se mais amar do que temer". Mas, se era necessário fazer uma repreensão, não a poupava. Se encontrava uma maçã estragada e não conseguia chamá-la ao bom caminho, antes que estragasse as outras, sabia afastá-la. Fazia-o com boas maneiras, sem transformá-la em inimiga, continuando a beneficiá-la, mas a afastava. Conseguia seu intento porque se mantinha em boas relações com as famílias, procurando ao mesmo tempo exercer benéfica influência sobre as mães.

## MARIA E AS MÃES DAS ALUNAS

Estas iam de boa vontade procurá-la para lhe fazer encomendas ou para falar-lhe sobre as filhas. Gozando da amizade de alguma um tanto fria em assunto de religião, Maria dizia-lhe: "Neste momento, não posso atendê-la.

Enquanto espera, quer ir fazer uma visitinha ao Patrão? Apenas cinco minutos e estou ao seu dispor”.

Da primeira vez, os rostos se anuviavam perplexos: — Patrão?... Então não sabe que não temos patrão?...

— Entretanto — ela sorria com bondade — entretanto... na igreja está nosso Patrão. Meu, de vocês, da casa, do vinhedo, da eternidade...

Riam ambas e a visitinha era feita. Depois Maria, muito afável, em atitude humilde conversava com elas, dava-lhes todas as satisfações pedidas e fazia-lhes ver as necessidades morais de suas filhas. Elogiava o que havia de bom e, com tanta caridade falava dos defeitos, que nenhuma ficava ofendida. Sugeriu o modo de corrigi-las, recomendava de incitá-las a freqüentar os sacramentos e as reuniões festivas. De tal modo falava, demonstrava tanto afeto, que as mães gostavam de ficar a seu lado para aprenderem a melhorar suas vidas.

## OS PRIMEIROS ESPINHOS DA VIDA DE APOSTOLADO

Acontece que as outras Filhas da Imaculada não estavam contentes. Ao contrário, queixavam-se, não do barulho que não chegava até elas, mas da nova forma de apostolado que por si mesmas faziam as duas amigas. A princípio tinham tido que fechar a boca porque, tanto Maria quanto Petronilla, eram assíduas às conferências, às funções e punham a Maccagno a par de tudo o que acontecia. Depois, porém, com a chegada das alunas internas, Pe. Pestarino havia-lhes recomendado que não as deixassem um minuto sozinhas. Vieram a seguir as reuniões dominicais e ele as dispensara de qualquer dependência direta, que não fosse a sua. As Filhas da Imaculada mais jovens, olhavam com agrado as duas amigas e até, como vimos, Catarina Mazza-relo as ajudava como podia. Mas as mais antigas, essas não. Consideravam as novidades como excesso de independência, como expressão do desejo de Maria de sobressair, de avançar-se. Não ousando falar-lhe diretamente, investiram contra a mansa Petronilla. Reprovavam que as duas se tivessem metido juntas numa aventura, quando ainda tinham família. Que isso não era contemplado no regulamento, que não era o que haviam combinado...; que Maria se tinha metido num caminho errado etc.

Petronilla apresentava as razões que podia e procurava salvar a reputação da amiga. Lembrava que a regra dispensava de todo compromisso, quando havia outros deveres a cumprir... Quando, porém, não tinha mais o que responder e percebeu que o mau humor crescia, abriu-se com Pe. Pestarino. Este respondeu simplesmente: “Não façam caso. Vocês não estão absolutamente faltando ao regulamento. Logo, façam o bem da melhor maneira que puderem e deixem falar”.

## **O REGULAMENTO DAS FILHAS DA IMACULADA CONTRA APOIO NAS “LEITURAS CATÓLICAS”**

Para manter uma tal indiferença, ele se apoiava, não somente no bem que faziam as duas moças — patente a quem não fechasse os olhos de propósito para não ver — mas também porque havia recebido, por aqueles dias, de Turim, o opúsculo das **Leituras Católicas** para o mês de julho: “**Vita ed Istituto di s. Angela Mereci — per G. Frassinetti, priore di s. Sabina in Genova**”. Isso, além de lhe inculcar confiança na obra das duas, lembrava-lhe, a par das lutas de Mornese, a grande oposição que Dom Bosco encontrava também no seu caminho. Portanto, lhes dizia: “O bem deve encontrar oposição da parte daqueles mesmos que o deveriam ajudar. Vão para a frente: Nosso Senhor há de ajudá-las”.

Ao mesmo tempo pensava que, se Dom Bosco recebia nas suas **Leituras Católicas** o regulamento das Filhas da Imaculada, era sinal de que ele começava mesmo, como lhe dera a entender, a ocupar-se da juventude feminina.

## **DOM BOSCO À SENHORINHA PROVERA**

Maior alegria teria sentido o caro Pe. Pestarino se tivesse podido saber o que, justamente naqueles dias, Dom Bosco tinha respondido a uma moça de Mirabello, Carolina Provera, desejosa de entrar para alguma Congregação religiosa: “Se quiser esperar um pouco, Dom Bosco vai ter em breve irmãs salesianas, como já tem seus clérigos e sacerdotes”<sup>(14)</sup>.

---

(14) Anexo n. 4 cf. ed. ital. p. 325; MB VII 297.

## AUTORIDADE MORAL DA MAZZARELLO

“Vão para a frente”, tinha dito Pe. Pestarino. E as duas iam para a frente como duas irmãs. A alma de tudo era Maria, embora não se desse ares de superiora. Sem o perceber, ela era a inteligência, era a clarevidência. A outra era mais o braço, a mão. Tudo com muita naturalidade, em perfeita harmonia.

Maria comunicava a Petronilla seu modo de pensar e nada fazia sem consultá-la. Petronilla, antes lenta em determinar-se e agir, mas piedosa e reta, encontrava em Maria o que lhe faltava de decisão e energia. Em ambas, a mesma bondade e as meninas recorriam indiferentemente a uma ou a outra para quanto pudessem necessitar no seu trabalho.

“... Mas — disse Carlota Pestarino — se queríamos uma licença, nos dirigíamos a Maria; ela não titubeava e dava logo a resposta precisa, convincente. Também quando tínhamos alguma dúvida de consciência ou algum perigo nos ameaçava, parece que ela lesse nosso pensamento, sem necessidade de muitas palavras. Sabíamos também que, se nos tivéssemos dirigido a Petronilla, ele teria dito logo: ‘Por que você não fala com Maria?’”.

Verificava-se nela a palavra de São Paulo: “Aqueles que Deus chamou, também os predestinou” (Rm 8,29-30). Chamada a se tornar um dia cabeça de uma grande família, recebera em dom todos os dotes requeridos para quem governa. Para um governo sábio, que põe como alicerce a felicidade dos súditos e o esquecimento de si mesmo; cujo limite para qualquer sacrifício é a perfeição própria e a dos outros.

Em meio a tantas inovações, que se poderiam chamar de obras apostólicas, chegou o santo Natal. Como terminava o triênio do superiorato da Maccagno (1860-1863) era preciso proceder a uma nova eleição.

## MARIA MAZZARELLO ÊMULA INCONSCIENTE DA MACCAGNO

Previa-se que, desta vez, as coisas não passariam tão de liso, como nos anos anteriores. Não era apenas a Maccagno que emergia. Maria tinha dado provas, não somente de virtude e piedade, mas também de energia, de fino tato, num

vasto círculo de trabalho, alcançando sempre um feliz êxito. A votação patenteou que esses méritos não haviam passado despercebidos. Entre as Filhas da Imaculada formara-se uma dupla corrente: uma punha a Maccagno na frente; outra apoiava Maria.

A mais antigas mostraram claramente que estavam descontentes sendo obrigadas a reconhecer tanta autoridade numa pessoa ainda jovem, cuja virtude e cujo zelo, saindo dos limites comuns, contrariando hábitos enraizados, parecia provir mais do desejo de sobressair do que de um chamamento divino. Além disso, colocar-se assim frente a frente com a Maccagno que, sem chamar a atenção, era realmente boa e beneficiara Maria, não era uma grande ingratidão? Maria desfez logo o nó da questão mostrando-se descontente que tivessem pensado no seu nome. O que ela desejava era ficar livre para dedicar-se inteiramente à oficina de costura. De maneira que, prudentemente e por amor à paz, Pe. Pestarino determinou que o priorado ficasse ainda com a Maccagno.

Quem não ficou satisfeita foram as mais jovens, porque seu voto não tinha valido para nada. Com a melhor das intenções, querendo mostrar a Maria seu afeto e apoio a seu trabalho, a importunavam com observações que afinal a penalizavam, por parecerem críticas ao que determinara Pe. Pestarino. Certo dia, uma perguntou-lhe:

— Mas o que você acha dessa eleição?

— Parece-me boa e acertada; não poderia ter saído melhor.

— Mas eu e outras mais queríamos que fosse você a eleita.

— É que vocês não vêm as cosas direito.

— Isso é o que você diz.

— Mas as coisas saíram... como deviam sair. O que resta fazer é agradecer a Nosso Senhor e corresponder à sua bondade.

De maneira que a humilde prudência de Maria desar-mava os ânimos e fazia calarem as dissidentes. O ano terminava em paz, numa serenidade um tanto fria, se quisessem, mas que prometia uma límpida aurora.

## UM NOVO PASSO PARA CHEGAR À VIDA COMUM

Mas 1864 surgiu envolto em denso nevoeiro.

As duas moças continuavam a dedicar-se à sua oficina de costura, da qual era também aluna Luísa Maccagno, filha do dono da casa e sobrinha da Priora das novas Ursulinas.

Antes que começasse o carnaval, Maria tentou dar um golpe corajoso: sua saúde melhorara, parecia-lhe poder começar a levantar-se cedo pela manhã e quis passar a dormir com as alunas e Petronilla. Queria oferecer a Deus o sacrifício da família que tanto amava. Queria viver na verdadeira pobreza de quem deve tudo ao próprio trabalho. Queria dedicar-se só e para sempre ao bem da juventude. Tudo o mais era nada para ela, que se sentia impulsionada à entrega completa de si, pelo reino de Deus nas almas juvenis. Nada lhe parecia demasiado penoso para alcançá-lo. Mas o pai não se deu por entendido, justamente ele, sempre tão disposto a secundar seus desejos. A boa moça, tendo que lutar entre o desejo de não contristá-lo e o impulso interior que a movia, cedeu no momento, com a condição, porém, de poder ficar com sua família de adoção, quando isso fosse necessário, por exemplo, nos próximos dias de carnaval.

Dessa maneira, sem chamar a atenção, começou a desapegar-se dos seus e, segura da licença, dela se servia com frequência. Mas que trabalho isso lhe custava! Conta Petronilla: “Tendo ido uma tarde a sua casa, não sei por que motivo, deveria prevenir também que talvez tivesse que dormir na oficina. Só voltou muito tarde e me disse aflita: ‘Até agora estive procurando convencer meu pai, que não queria me deixar vir. Faz-me pena contristar aquele santo homem; entretanto... a gente não pode ir de encontro à vontade de Deus. Espero que ele me dê um dia o seu consentimento’. Suspirava magoada mas não desanimada!”.

### **AINDA O CARNAVAL NA OFICINA, MEIO DE ATRAIR PARA FAZER O BEM**

As meninas começaram a falar do carnaval: na aldeia se faziam os preparativos para os bailes públicos e privados. Quando encontravam as duas moças, os rapazes olhavam-nas curiosos, querendo descobrir-lhes as intenções. Maria compreendeu que era preciso recomeçar e conceder muito, se não quisesse perder tudo, tanto mais que Pe. Pesarino se esforçava para reunir os moços.

“Mas aquela sanfona não serve — disse um dia a Petronilla —. Precisamos arranjar uma pianola. Evita-se aquela barulheira toda, consegue-se mais ordem e fica mais fácil pensar noutra coisa... Porque é preciso acabar com essa história de baile”.

Alugou uma pianola. Foi grande a alegria das meninas bem como de Catarina Mazzarello que podia ser mais facilmente substituída no instrumento e ajudar a preparar tudo o mais, bem como a manter a ordem.

Nela se ia revelando a fibra de educadora; sob a direção de Maria, adaptava-se a tudo, com o intuito de espalhar o bem.

Recomeçaram as reuniões carnavalescas, não menos alegres do que no ano precedente, não menos numerosas, ao contrário... Mas eram mais ordenadas e mais calmas. Mas as meninas, encorajadas pela bondade das duas, disseram-lhes um dia: Por que não vêm saltar um pouco conosco? Pelo que foi no ano passado, paciência... Nem nós ousávamos pedir tanto. Mas seria tão bonito se vocês duas dançassem também! Teríamos um duplo prazer.

Convinha ceder? Era preciso consultar Pe. Pestarino. Petronilla foi primeiro e trouxe uma resposta afirmativa: o diretor dissera, após um momento de reflexão: “Sim, você pode dançar”. Então, para obter uma vitória sobre o amor próprio e tendo em vista um bem maior, Maria se animou. Mas a ela, sem mesmo se dar o tempo para refletir, Pe. Pestarino respondeu: “Não, você não deve dançar”.

A pianola deu bom resultado. A suavidade do seu som levava a dar saltos menos arrojados. As meninas procuravam ser mais corteses no divertimento porque viam como Maria se esforçasse por sê-lo cada vez mais. Ouviam-na repetir que “da verdadeira devoção nasce a boa educação”. Além disso, queriam-lhe tanto bem que, mal fazia menção de dizer-lhes alguma coisa, logo paravam a brincadeira, sem dar mostras de contrariedade. Como se pode imaginar, Maria se aproveitava de tão boas disposições. Procurava atrair sobretudo aquelas que se mostravam mais entusiastas do baile; tinha sempre uma palavrinha amiga para elas, algum recado a ser dado. Se Maria gostava tanto de fazer as “mentiras”, por que as meninas não gostariam disso também? De maneira que interrompiam facilmente o baile para ir à cozinha. Lá entre boas risadas e erros felizes, provando o petisco antes da hora, o tempo passava em ruidosa alegria.

Em resumo, Maria ia conseguindo um máximo de alegria com um mínimo de baile. Fazia compreender que o carnaval pode ser muito divertido sem que a gente se canse pulando, e que o Senhor aprova e abençoa divertimentos durante os quais seu nome seja com frequência repetido com amor.

## **REACENDE-SE O MAU-HUMOR**

Mas, se os Anjos da Guarda das meninas estavam contentes, murmurava-se na aldeia contra aquelas reuniões que faziam concorrência aos divertimentos públicos e estancavam uma fonte de lucro.

“Alguns rapazes — conta Petronilla — foram esperarnos do lado do cemitério e, com máscaras no rosto, fizeram-nos ameaças. Nós, sabendo do que se tratava, trocamos de caminho”. Então, o mau-humor abafado explodiu.

Não eram poucas as “Novas Ursulinas” que reprovavam o procedimento de suas companheiras: “Estão vendo as belas proezas que inventam? Todo mundo é contra. Olha quantos descontentes. . . Por sua culpa, Maria, que fica inventando essas coisas. Com que fim? Veja o que vocês conseguiram por não fazer como os outros e por quererem ser originais! Nossa regra proíbe fazer reuniões barulhentas. Será que vocês não entendem?”.

Maria calava e deixava falar. Sua única preocupação era acalmá-las com mostras de uma grande humildade; era aproximar cada vez mais as almas de Deus.

## **A PAMPURO VEM REUNIR-SE ÀS DUAS AMIGAS**

Teresa Pampuro, alma sem fel, preciosa cooperadora, testemunha do trabalho e da abnegação de Maria, conservou-se alheia às críticas e às oposições movidas pelas suas companheiras. Ainda mais, embora tivesse uma natureza voltada para si mesma e, devido à pouca saúde, amante de uma vida tranqüila, sentiu a necessidade de dar uma maior cooperação. Começou indo passar todo o domingo na oficina. A noite, não, porque tinha interesses em jogo e não podia romper com eles definitivamente. Cuidava então dos pequenos afazeres caseiros, deixando a Maria e a Petronilla maior tempo para o resto.

O mesmo fez Rosina Mazzarello, que até então fora aluna, morando um pouco dentro e um pouco fora. Mudou-se para junto das duas amigas, com quem fazia também as refeições.

## CONSEQUÊNCIAS DOLOROSAS

Naturalmente, o fato de estar a família crescendo era como pôr lenha no fogo. Em vão Maria procurava fazer ver às companheiras que nada faziam sem o consentimento do Pe. Pestarino. Era inútil demonstrar suas boas intenções; a retidão dos seus intentos, sua confiança na Maccagno. Não adiantava defender Pe. Pestarino da acusação de parcialidade, embora admitisse que se ocupava delas de uma maneira toda especial, dado que eram mais necessitadas, porque ignorantes, mais inexperientes etc. Todas as suas gotas de óleo se perdiam no chão, sem diminuir o estridor das rodas, ao contrário...

Embora tivesse resolvido não dar importância ao falatório, Pe. Pestarino resolveu intervir. É verdade que toda aquela fermentação se limitava ao círculo das “Novas Ursulinas” e não chegava a desacreditar a piedade; mas separava os corações, exacerbava os esíritos e impedia de saborear a doçura da caridade fraterna. Mandou, pois, dizer às meninas que Maria precisava de um pouco de repouso — o que era verdade — e ordenou a esta retirar-se para a Valponasca. Não devia vir ao povoado senão para a missa e para as reuniões festivas das meninas. Para substituí-la, ficariam provisoriamente Petronilla e Teresa Pampuro. Como já tinha passado a Páscoa, entrara-se num período de maior tranqüilidade, sem encomendas de costuras.

## OBEDIENTE, MARIA VOLTA PARA VALPONASCA

Habituada a obedecer, contente com ter um grande sacrifício para oferecer a Deus, conhecendo bem o motivo de sua “villeggiatura”, Maria não disse uma palavra. Juntou todo o trabalho que podia levar e informou Petronilla: “Pe. Pestarino me mandou ir por algum tempo para a Valponasca”. Aí chegando, visitou todos os cantos da casa. Cada palmo do terreno lhe recordava suas travessuras de outra: revia os lugares onde, adolescente, ouvira os primeiros convites do Senhor e tinha aberto de par em par o coração

feliz e sereno. Recordou suas apostas com Felicina e Domingas, para ver quem seria mais boazinha.

Na Valponasca, para cuidar da terra, tinham ficado seus dois irmãos, Domingos, de dezoito anos e José de quatorze. O pai lá ia dormir às vezes. Mas, durante o dia, ficava sempre sozinha e não resta dúvida de que iria coser no seu quarto preferido, cuja janela olhava para a igreja da qual estava agora tão distante. Longe duplamente porque lá só podia ir pela manhã ao passo que o dia era tão longo.

Entre a igreja e a oficina, o pensamento e o coração de Maria estavam sempre sangrando, como exilado longe da pátria. — Será que as meninas estão bem? A estas horas já estarão todas nos seus lugares. Será que rezaram direitinho? Quem sabe se N... estará de bom humor... Petronilla terá podido acabar aquele vestidinho? Agora devem estar voltando para casa... queira Deus que não vão parando pelo caminho.

É certo que Petronilla não a deixava sem notícias. Todos os dias, ora sob pretexto de ir buscar o trabalho acabado e mandar um novo, ora para indagar sobre isto ou aquilo, uma ou duas das alunas mais ajuizadas iam à Valponasca, levar e trazer afetuosas lembranças. Além disso, esperta como era, Petronilla tinha dado jeito de fazer Maria passar uma vez ou outra pela oficina: "Para evitar falatório — conta Petronilla — durante todo o tempo que passou na Valponasca, Maria não se aproximou de mim nenhuma vez na igreja. Punha-se no último banco, muito recolhida, como se não conhecesse ninguém. Mas, de vez em quando, quando eu estava em alguma dificuldade, mandava uma menina de confiança pedir-lhe que viesse ver-me, pois estava precisando muito. Maria, pobrezinha, atendia ao meu pedido. Mas parecia estar sobre espinhos, com medo de desobedecer. Eu a punha a par de tudo; repetia-lhe quanto Pe. Pestarino me tinha dito durante aqueles dias; prestava-lhe conta do dinheiro recebido e recebia instruções sobre o que devia fazer. Ela voltava depressa, não sem ter lançado ao redor um olhar afetuoso. Mas não tem perigo que dissesse uma palavra de queixa, nem então nem mais tarde. Não tocava na provação que Deus lhe enviara por meio do Pe. Pestarino, embora soubesse que eu havia intuído a causa do seu sofrimento.

Durante aqueles dias, o maior prêmio que se podia dar às meninas era mandá-las à Valponasca. Estou convencida

de que, se estivessem com febre no domingo, eram capazes de escondê-la para não perder a oportunidade de ver Maria em São Silvestre. Alegre e bondosa como sempre, ela fazia esquecer aqueles dias de ausência, com uma palavra amiga”.

## **TERMINA A PROVA**

Pe. Pestarino não podia ignorar nem as idas e vindas à Valponasca nem a alegria que sentiam as meninas ao reencontrar Maria. Sabia das queixas das mães por causa do pesar de suas filhas. Passado pouco mais de um mês, vendo que os ânimos tinham serenado, disse a Maria que voltasse à oficina e à sua casa em Mornese.

Tinha, pois, terminado a prova. Pode-se imaginar que a humilde moça injustamente perseguida, tenha saído dela mais unida ao Senhor, mais resoluta do que nunca a fazer o impossível em favor das almas, mais desejosa de viver unicamente para Deus.

## **DOM BOSCO EM MORNESE**

(1864-1867)

### **ALEGRE NOTÍCIA QUE OS CORAÇÕES RECEBEM UNISSIONOS NO SENTIMENTO**

É uma lei que se repete: depois da tempestade, a bonança!

Um dia, talvez 15 ou 20 de setembro, Pe. Pestarino apresentou-se, radiante de alegria, às três Filhas da Imaculada. Disse-lhes ter recebido uma carta na qual Dom Bosco anunciava sua vinda a Mornese, nos primeiros dias de outubro, devendo aí passar a festa da Maternidade de Maria Santíssima. Não viria só, mas acompanhado de uma centena dos seus meninos. Encarregou-as de preparar tudo o que fosse necessário para o alojamento e a comida, na sua casa de Borgoalto. Ele teria pedido à população que fosse generosa em providenciar lençóis, colchões etc., bem como os gêneros alimentícios necessários. As três deviam organizar tudo e preparar o almoço, de entendimento com o prefeito Francisco Bodrato, secretário e confidente de Pe. Pestarino.

Dom Bosco em Mornese! E serem encarregadas dos preparativos! Era como assegurar-lhes que o teriam visto de perto. Que lhe importavam, a Maria, as penas passadas?

Naqueles dias foi possível dizer que a paz tinha voltado de fato: todas as Ursulinas se prontificaram a trabalhar com as três Filhas da Imaculada. Lá iam elas pelas casas das pessoas mais chegadas ao Pe. Pestarino e recebiam emprestados colchões, lençóis, toalhas, bem como ofertas de frangos, manteiga, farinha, queijo, peixe salgado. Além disso, prometiam pão vinho e tudo o mais que fosse necessário. Em camas não se falou: os colchões foram dispostos no chão, tanto dentro da casa como no apêndice. Improvisadas

sobre cavaletes, as mesas fizeram boa figura numa cocheira que se esvaziou e foi pintadinha de novo. O que faltava em comodidade, sobrava em festiva abundância, o que seria motivo de muita alegria para os garotinhos de Dom Bosco, pouco acostumados a essas larguezas.

## EXPECTATIVA E ACOLHIDA FESTIVA

Na sexta-feira, 7 de outubro de 1864, tudo estava pronto desde às 11 horas, na esperança de que Dom Bosco chegasse para o almoço. Mas a comitiva que, de Gênova a Serravalle Scrivia tinha vindo de trem, daí teve que seguir pelo único meio de transporte disponível então: as próprias pernas e, se estas não serviam, de uma cavalgadura qualquer. Chegou, portanto, apenas de noite. Dom Bosco montava um belo cavalo branco, propriedade de Pe. Pestarino. Alguns dos cantores se davam ao luxo de montar algum burrinho.

Dom Bosco logo percebeu que o coração de um filho devotado lhe tinha conquistado o coração do povo. “Todos lhe vinham ao encontro, precedidos pelo pároco Pe. Valle e pelo Pe. Pestarino. Este tinha-lhe ido ao encontro em Serravalle e, deixando-o em Gavi — onde o Côn. Alimonda lhe tinha preparado o almoço — precedera-o em Mornese. Vinha com a banda que enchia o ar com suas notas festivas. Todos se ajoelhavam à passagem de Dom Bosco, pedindo-lhe a bênção, e se persignavam. Entraram com ele na igreja paroquial, onde se deu a bênção com o Santíssimo e se rezaram as orações da noite. A seguir, ceia e repouso”<sup>(1)</sup>.

## PRIMEIRAS IMPRESSÕES RECÍPROCAS

“Naquela mesma noite — diz Petronilla — adivinhamos o coração de Dom Bosco porque, cansado como devia estar, quis verificar pessoalmente onde os meninos iam dormir. Com receio de que aqueles que ficaram no alpendre sentissem frio, recomendou-lhes que se cobrissem bem, que vestissem mesmo seus casacos. Insistiu para que dormissem tranqüilos até que os assistentes viessem chamá-los. Nós estávamos encantadas”.

No dia seguinte, 8, sábado, D. Bosco celebrou a santa missa, mal amanhecera. Depois entrou no confessionário, onde os homens e os jovens o prenderam até às 10. Mais

(1) MB VII 759-60.

tempo lá teria ficado, se Pe. Pestarino não o tivesse ido chamar para fazer a primeira refeição. Apresentou-lhe, a seguir, as Filhas da Imaculada que tinham ido à sua casa para desempenhar os serviços necessários. Pediu que as abençoasse. Dom Bosco acedeu de bom grado e, alegrando-se por quanto o diretor dissera a seu respeito, exortou-as a serem constantes na prática do bem e em fazer praticá-lo.

A esse primeiro encontro do apóstolo da juventude com as generosas Filhas da Imaculada, estava presente o jovem João Cagliero que Dom Bosco mesmo chamara com um afetuosos: “Venha você também”.

Dom Bosco se deteve por alguns momentos; suas breves palavras, simples, benevolentes, calorosas como tudo que lhe brotava do coração, bastaram para reacender o fervor, para fazer brotar uma nova alegria na alma das Filhas da Imaculada, sobretudo em Maria. Ela disse logo a Petronilla que tinha experimentado algo de extraordinário, que nunca sentira antes, que não sabia explicar, mas que lhe enchia a alma de uma felicidade celeste. Parecia-lhe que as palavras de Dom Bosco fossem o eco de uma linguagem que ouvia no coração, sem todavia saber exprimi-la. Era como uma coisa que se espera e que afinal acontece. Foram apenas dois minutos; nada de especial para ela e nem ousara esperá-lo. Mas tudo fazia crer que Dom Bosco ainda falaria em público; que, nas vizinhanças da casa e onde estavam os jovens, ainda teriam visto de perto aquele brilho dos olhos cheios de lampejos celestes, a luz do seu sorriso que fazia pensar em Jesus no meio da multidão. Era quanto bastava a Maria para viver num clima de santidade.

“Tínhamos tanta coisa para fazer durante aqueles dias — diz Petronilla — que quase não nos sobrava tempo para dormir. Passei uma noite inteira fazendo talharim para os meninos. Maria ajudava também, tanto de dia como de noite, desejosa apenas que sobrasse tempo para ir ouvir Dom Bosco. Era preciso vê-la, ao cair da noite, quando Dom Bosco dava a boa noite aos meninos! Sempre muito ativa, trabalhava por três e depois, arrumando-se bem, ia colocar-se num ponto do pátio de onde podia ver e ouvir bem Dom Bosco. Lá ficava muito atenta para não perder nenhuma palavra.

Todas as filhas da Imaculada, compreendida a Maccagno, a quem Dom Bosco causara ótima impressão — como, aliás, a todas nós — vinham ouvi-lo. Mas nenhuma se mos-

trava tão feliz como Maria. Se alguém lhe perguntava admirada: Onde você encontra coragem para ir se meter no meio dos meninos, de tantos homens e jovens? — ela respondia — **Mas Dom Bosco é um santo, é um santo; eu sinto que ele é um santo!**”.

Se Maria fosse instruída, de maneira a poder expressar plenamente o que sentia, se tivesse lido a **Vida de Santa Joana Francisca de Chantal**, teria feito suas as palavras desta santa a respeito de São Francisco de Sales: “Admirava o que fazia e dizia e o considerava um anjo. Sua postura tão cheia de dignidade, tão impregnada de santidade me comovia a ponto de não poder despregar dele os olhos. Não me edificavam menos suas palavras. Falava pouco, mas com sabedoria e doçura que satisfazia a quantos o escutavam. De maneira que eu considerava uma felicidade estar-lhe ao lado e ouvir as sábias palavras que saíam de sua boca; para poder apreciar de perto a santidade de suas ações, sentir-me-ia bem feliz de ser a última de suas domésticas” (2).

Se ela tivesse podido prever o futuro, quanto teria gozado com a delicadeza da Santíssima Virgem que favorecia um primeiro contato entre o coração das filhas e do Pai. justamente num sábado, véspera do dia consagrado a festejar a divina Maternidade. Era como patentear que era tudo um dom do seu amor.

No dia seguinte, Dom Bosco celebrou, na paróquia, a missa da comunhão geral. Ficou maravilhado com o fervor do povo e mais ainda com o zelo do Pe. Pestarino que, tendo entrado no confessionário ao cair da tarde, passara toda a noite confessando e, ainda às nove horas da manhã, continuava no seu posto (3).

À tardinha, durante as vésperas, pôde ainda observar a piedade das meninas reunidas ao redor de Maria e Petronilla. Via com seus próprios olhos o que Pe. Pestarino já lhe tinha dito naturalmente, ao tratar da oficina de costura e daquele incipiente oratório que tanto bem vinha fazendo à juventude feminina. O bom Pai olhava comovido e abençoava a pequenina Mornese, onde algumas pobres moças sem cultura semeavam a mãos cheias a mesma semente que ele espalhava, e já começavam a colher frutos escolhidos.

---

(2) Bougaud Emile, *Storia di S. Giovanna Fremyot Baronessa di Chantal e dei primordi della Visitazione*, Prima versione italiana sulla seconda francese del sac. Severino Ferreri (Turim, Marietti 1875) 174

(3) MB VII 764.

## PE. PESTARINO ALCANÇA O QUE QUERIA

Durante aqueles dias, Pe. Pestarino esteve sempre ao lado de Dom Bosco. Queria gozar na intimidade da presença daquele Pai que tanto representava para ele e do qual devia ficar longe por exigência do seu apostolado. Queria resolver com ele alguns problemas que lhe estavam muito a peito. Por dois motivos, de modo especial, o havia convidado a vir a Mornese: em primeiro lugar para aconselhar-se sobre uma obra que pretendia fundar em benefício público; queria também ter sua opinião sobre as Filhas da Imaculada, para atendimento das quais Dom Bosco o retinha em Mornese. Agora que tinha podido constatar o bem que estavam fazendo, julgasse ele, como Superior e Pai, do seu procedimento em relação a elas e lhe desse normas para melhor dirigi-las, com a finalidade de torná-las, quem sabe, menos inaptas à realização dos planos de Dom Bosco.

Tinha visto as Filhas da Imaculada; era preciso pensar agora em Mornese.

Estudadas bem as coisas e ouvido o parecer de muitos, Dom Bosco se decidiu pela abertura de um colégio masculino, prometendo vir inaugurá-lo, assim que estivesse acabado. Com isso, ganhou maior simpatia entre aquela boa gente que à porfia lhe vinha oferecer seus presentes campestres.

## DOM BOSCO RECRUTA UM GRANDE E QUERIDO FILHO

No dia 10, Dom Bosco, Pe. Pestarino e toda a comitiva foram a Lerma, onde eram esperados pelo pároco, Pe. Raimundo Olivieri, grande amigo de ambos. Foi aí que Dom Bosco teve um singular encontro com o Pe. João Batista Lemoyne <sup>(4)</sup>.

De noite, voltaram todos para Mornese. Veio também Pe. Lemoyne que, durante o trajeto, conversou com Dom Bosco por bem hora e meia, sendo logo recebido como um filho querido. No dia seguinte — 11 de outubro — depois do almoço, a caravana deixava definitivamente Mornese, onde Dom Bosco havia recebido dez meninos como alunos dos seus colégios de Turim e de Lanzo.

---

(4) Cf. MB VII 768.

## REALIZA-SE O DESEJO DO PE. PESTARINO

Estava para realizar-se o sonho do Pe. Pestarino, embora sofrendo profundas modificações. Como ele mesmo escreve na **Cronaca della fabbrica del collegio di Mornese** <sup>(5)</sup>, há muito tempo vinha pensando em obter que, na divisão dos bens paternos, tocasse a ele a Uccelaia di Borgoalto. Menos bela que as outras propriedades campestres, melhor correspondia aos seus planos. Pensava levantar aí uma casa com a capela e dez ou doze quartos onde abrigar algum sacerdote, algum bom jovem ou qualquer homem de Deus que estivesse decidido a consagrar-se inteiramente ao bem da juventude. Teria assim um valioso auxílio para realizar seu projeto de reunir os jovens da aldeia, para entretê-los com inocentes divertimentos; reunidos na capela, instruí-los, animá-los à prática da virtude, ao amor de Deus, ao respeito e amorosa submissão aos próprios pais e superiores.

Foi o que fez. Respigamos na **Cronaca**: “os irmãos ficaram contentes com o que lhes coube e eu com Borgoalto e as outras terras que eles recusaram... Em outubro desse ano (1864), passou por Mornese o rev. e célebre Dom Bosco de Turim... eu lhe confiei meu projeto de construção naquele lugar. Louvou o fim que eu tinha em vista; como lhe pedisse que me dissesse se aquele lugar poderia ser melhor utilizado, disse-me que sim, para um colégio também e casa de Noviciado para seus clérigos”.

Nada mais era preciso para apressar Pe. Pestarino! No domingo, 16 de outubro, deu na igreja a grande notícia, animando todas a darem sua contribuição, a fim de diminuir as despesas e apressar a construção. Como não podiam descurar seu próprio trabalho no campo, exortou-os a transportar, nos dias festivos, as pedras de suas terras até a estrada. Passariam carros para recolhê-las e levá-las ao lugar da construção.

Certamente o bispo daria a necessária licença e ele — Pe. Pestarino — de boa vontade se prestaria para fornecer a ração para os animais.

---

(5) Mais do que **Cronaca**, dever-se-ia chamá-la “apontamentos para crônica”, feitos ao acaso, sem ordem e sem pretensões literárias. É o que afirma o próprio Pe. Pestarino, escrevendo na pág. 17: “Estas memórias foram escritas por mim, Sac. Domingos Pestarino, em poucas horas, para não adiar muito e não esquecê-las: lancei-as no papel como me vinham à mente, verdadeiras e verídicas, mas sem a preocupação de ordem e de estilo, dada a importância de não mais as esquecer. Talvez tenha descuidado alguma coisa, não porém a verdade”.

No dia 21 do mesmo mês de outubro, os pedreiros começaram as escavações para os alicerces. No domingo seguinte, 24 — um 24 do mês de Nossa Senhora — nenhum faltou ao convite e toda aquela boa gente se manteve fiel até o fim <sup>(6)</sup>.

## SIGNIFICATIVA COINCIDÊNCIA

Comovente harmonia da divina Providência!

No mesmo ano em que, em Turim, Dom Bosco trabalha indefessamente para levantar uma grande igreja destinada a se tornar um monumento de especial amor e fervorosa devoção a Maria Auxiliadora <sup>(7)</sup> fazem-se em Mornese as escavações para outra construção. Uma construção modesta mas que, no pensamento divino, será como que a base do “monumento vivo” erigido pelo mesmo apóstolo de Maria Auxiliadora, para ser “penhor de perene gratidão pelos singulares e muitos favores obtidos de tão boa Mãe”.

## DOM BOSCO COLABORA COM OS INSTITUTOS DE TURIM, PARA A SALVAÇÃO DA JUVENTUDE FEMININA

Para deixar claro, mais uma vez, que Dom Bosco lança a mão de tudo quanto o possa ajudar no seu intento de ocupar-se mais tarde da juventude feminina, diz seu biógrafo: “Dom Bosco tinha determinado que um de seus sacerdotes fosse celebrar, todos os dias, a santa missa no Instituto de São Pedro, onde eram então recolhidas as pobres moças que saíam das prisões... De maneira que providenciava às irmãs do Bom Pastor... uma santa missa todos os dias, duas aos domingos e o confessor para as numerosas moças ali recolhidas e entregues aos seus cuidados. Mandava também os clérigos para as funções religiosas” <sup>(8)</sup>.

Oferecem outra prova, as seguinte cartas de duas irmãs do Instituto: escreve Irmã Madalena Verônica — “Julgaria faltar ao meu dever se não lhe escrevesse duas linhas para agradecer a bondade que me usou, vindo receber minha profissão religiosa... Dando-me o santo véu, disse-me de levá-lo sem mancha ao tribunal de Deus: ajude-me, por caridade,

---

(6) Cf. Pestarino D., *Cronaca*; cf. Carta D do seu sobrinho, Pe. José Pestarino ao Pe. Lemoyne, 12 de outubro de 1915 (Arch. Sales.)

(7) MB VII 652.

(8) MB VII 718-19.

a conservá-lo imaculado. Digne-se, para tal fim, visitar o pinheiro que plantou, para ver se nele brotou algum ramozinho que o impeça de alçar-se bem para o alto. Quanto a mim, procurarei dispor-lhe ao redor um jardim, de onde a rosa e a violeta emanem suavíssimo perfume... Hei de esforçar-me para imitar o girassol” (9).

Certamente ela repetia as palavras ditas por Dom Bosco, durante a cerimônia da profissão.

A segunda carta diz assim:  
Reverendíssimo Pai

a grande bondade com a qual V.R. se dignou aceitar meu velho pai no seu Oratório foi a causa da sua salvação. Fez ainda o que podia para reconduzir meu irmão ao bom caminho; mas até agora ele não correspondeu aos seus desvelos e, portanto, o recomendo às suas santas orações. Sou-lhe ainda muito grata pela caridade com que me ensinou a aritmética. Todos esses favores me impõem a obrigação de lhe patentear toda a gratidão de que sou capaz, durante o resto da minha vida.

Preciso agora de uma dupla graça, isto é, espiritual e temporal. Peço-lhe, pois, o favor das suas Ave Marias. Além disso, temos a felicidade de possuir uma ótima Madre superiora, que amamos ternamente e à qual desejamos todo bem. No dia 23 do corrente mês, ocorre seu onomástico: quem dera que Madre Emanuela tivesse a mesma sorte que teve Made Eulália! Isto é, que V.P.reverendíssima tornasse mais bela a festa, dirigindo-nos a palavra e reservasse depois um rápido quarto de hora para ouvir nossa boa Madre, que certamente terá muitas coisas para lhe dizer. Mas, se não dispuser de tempo para o dia 23, esteja certa V.R. que estará ainda em tempo se lhe sobrarem alguns minutos no dia de Natal.

Suplico a V.R. que faça o possível; trata-se de consolar uma comunidade e de libertar a superiora de um vício capital (inveja, mas santa). Termino apresentando-lhe minhas cordiais saudações pelas festas Natalícias, desejando-lhe bom fim e ótimo começo de ano. Digne-se conceder-me sua paterna bênção, para que desempenhe bem meu ofício de mestra das Madalenas, para a glória de Deus, vantagem do próximo e salvação da minha alma.

---

(9) MB VII 718.

Beijando-lhe respeitosamente a mão, me professo com a maior veneração, de vossa paternidade rev.ma  
Turim, 16 de dezembro de 1864

humil.ma filha e serva em C.  
**Ir.Madalena Teresa**

O fato de ir pessoalmente à casa das rimãs do Refúgio, ainda mesmo nos anos em que tinha a saúde combalida e estava sobrecarregado com toda espécie de trabalho, demonstra a delicada gratidão que Dom Bosco votava à marquesa Barolo, falecida em 1864. Leva-nos a pensar também que, convencido da necessidade de fundar um instituto de religiosas para a educação da juventude feminina pobre e abandonada, queria seguir, com seus próprios olhos, o andamento de Institutos a tal fim votados. Constatar o bem que faziam, para aproveitar-se dessa experiência; intuir com o próprio coração tudo quanto, afastando-se do seu sistema, poderia obstacular a obra educativa com que sonhava; adaptar preventivamente, às aptidões e às necessidades femininas, as normas educativas que tão bom resultado estavam dando em Valdoco.

## **DOM BOSCO E MARIA AUXILIADORA**

O ano de 1865 começou para Dom Bosco com uma dupla preocupação: ampliar o terreno destinado ao templo de Maria Auxiliadora e fazer executar o quadro da celeste Mãe, que deveria ser colocado por sobre o altar-mor.

O biógrafo de Dom Bosco conta os sacrifícios a que teve de submeter-se para conseguir construir o templo e como foi sempre sustentado pelo especial auxílio do Céu <sup>(10)</sup>.

Mas como se explica que ele seja tão fervorosamente amante de Maria Auxiliadora, se, em menino e na adolescência, era todo da Imaculada, cuja imagem se encontrava nos seus livros e no seu escritório?

Como nasceu em 1815, justamente no ano em que, por ordem de Pio VII, se celebrava pela primeira vez a festa de Maria Auxiliadora, compreendeu naturalmente que, entre ele e a Santíssima Virgem, existia uma relação especial: de um lado, singular proteção; de outro, ilimitada confiança. Antes

---

(10) Cf. Lemoyne, *Vita* (Turim SEI 1930) II — cap. I seguintes.

mesmo de ter plena consciência do fato, deve ter-lhe aflorado aos lábios, brotado do coração, o grito: Ó Maria, ajuda-me! Maria, obrigado pelo teu auxílio! Maria, tu és o meu único, o meu celeste auxílio!

Sabe-se que, desde 1858, Dom Bosco tinha pregado na parede do seu quarto um papelão... com duas imagens de Nossa Senhora com o Menino Jesus nos braços. Na parte inferior, tinha escrito: **Lembrança do mês de maio, celebrado na igreja da SS. Trindade em Turim, no ano de 1858; e mais abaixo: Mãe do belo Amor, eu te amo, tu o sabes: faze que te ame cada vez mais.** Por baixo da segunda imagem, lia-se: **Lembrança do mês de Maria celebrado na igreja das Adoradoras, 1858; Mais abaixo: Virgem Maria, Mãe de Jesus, fazei-nos santos.** Do mesmo papelão pendia uma terceira inscrição: **Ó Virgem Imaculada, tu que sozinha venceste as heresias, vem agora em nosso auxílio: é a Ti que recorremos, Auxilium Christianorum, ora pro nobis.** Dom Bosco acrescentara a lápiz: **Terribilis ut castrorum acies ordinata** <sup>(11)</sup>.

Há muitas outras razões, todas de muito valor e que trazem conforto a quem tem a felicidade de pertencer à família de São João Bosco: "... Durante sua vida, Dom Bosco devia palmilhar novos caminhos e sua obra era destinada a tomar proporções colossais. Era impossível realizar o que tinha em mente sem um auxílio extraordinário de Nossa Senhora. Nasceu daqui o pensamento de colocar o conjunto de suas obras sob a proteção da Rainha do Céu invocada sob o título de **Auxílio dos cristãos**".

"Ele amou sempre as glórias da pátria e se mostrava feliz quando tinha ocasião de decantá-las. Ora, esse título é certamente uma das glórias da pátria: quem primeiro o honrou foi São Pio V, piemontês; quem, mais eficazmente do que todos, dele se serviu para a libertação de Viena e fundou a primeira confraria de Maria Auxiliadora, foi Inocêncio XI, glória italiana; quem estabeleceu a festa de Maria Auxiliadora, foi Pio VII, outra fúlgida glória pátria... Enfim, o título e a festa de Maria Auxiliadora recordam vitórias italianas e, por conseguinte, podem chamar-se de glórias da pátria.

Sua predileção por tal título lhe foi certamente sugerida também pelo seu grande amor ao Summo Pontífice e pela guerra, declarada ou surda, que se movia contra o angé-

---

(11) MB VII 17.

lico Pio IX. Ele intuía que nada se podia opor a ela senão um auxílio semelhante ao que salvou Pio VII das perseguições de Napoleão.

No almanaque **II galantuomo** de 1860, tinha pela primeira vez indicado: '24 de maio, festa de Maria Auxiliadora'. No de 1861, no mesmo dia: a Santíssima Virgem com o título bem merecido de 'Auxiliadora dos cristãos: **Auxilium Christianorum**'. Da mesma maneira, as **Leituras católicas** — que também eram destinadas a celebrar as glórias e graças da Maria Santíssima — tiveram o mérito de serem as primeiras a indicar a data da sua festa" (12).

Desde então, portanto, Dom Bosco preparava o terreno. A tudo isso, aliás belo e convincente, poderíamos acrescentar o que Dom Bosco narrou aos seus meninos, na noite do dia 24 — precisamente 24 de maio de 1862 — em meio a intensa alegria: a prodigiosa manifestação de Maria, no ano anterior, nas vizinhanças de Spoleto. Ali o bispo mandou erigir um magnífico santuário, onde a Virgem seria venerada sob o título de **Auxilium Christianorum** (13).

Poderia ser motivo de admiração se ele, cômscio da imensa gratidão que devia à sua celeste Benfeitora, não quisesse ficar em segundo lugar na manifestação pública do seu amor?

Passados apenas seis dias, a 30 de maio, contava um sonho, aquele que se costuma chamar "das duas colunas". Viu que se debatia, no mar agitado (a vida), uma grande nau (a Igreja) assediada por muitos inimigos. De repente, "duas colunas elevaram-se no meio das ondas, muito altas e pouco distantes uma da outra. Sobre uma, estava a estátua da Virgem Imaculada, a cujos pés se lia num cartaz: **Auxilium Christianorum**. Sobre a outra, muito mais alta e sólida, via-se uma grande Hóstia, proporcionada ao tamanho da coluna, e pouco abaixo outro cartaz com as palavras **Salus credentium**" (14).

É clara a ordem do Céu: a Imaculada se apresentava a Dom Bosco como **Auxilium Christianorum**. Que mais podia fazer, o filho obediente da Virgem, senão obedecer e dar a conhecer ao mundo que Nossa Senhora, justamente porque Imaculada, é Auxiliadora poderosa?

---

(12) Barberis, Giulio, **II culto di Maria Ausiliatrice** (Turim SEI 192) 58.

(13) MB VII, 166.

(14) MB VII 169-70.

Aliás, temos uma prova de que Dom Bosco não esperou o templo de Valdocco para chamar Nossa Senhora com o título de Auxiliadora. Falando e escrevendo, no trato com os mais íntimos, há muito lhe dava o nome que é símbolo da bondade dela e sintetiza seu próprio programa. Conta-se o seguinte: “Ele (Dom Bosco) costumava pedir-lhe (à condessa Callori di Vignale) conselhos para muitas coisas, porque ela conhecia perfeitamente o espírito e o que tinha em mira o Servo de Deus. Quando ele decidiu a ereção do templo de Maria Auxiliadora, falou-lhe a respeito, sem todavia lhe dizer o título, e lhe perguntou: — A quem dedicaremos esta igreja? — A Maria Auxílio dos Cristãos — respondeu logo a condessa” (15).

Caridosa e muito piedosa, a condessa não era, porém, nem precipitada nas suas palavras nem era adivinha. O fato de ter respondido sem nenhuma hesitação: — a Maria Auxiliadora dos cristãos — revela que ela conhecia bem o pensamento de Dom Bosco e que muitas vezes o teria ouvido chamar assim a Santíssima Virgem.

Pe. Lemoyne diz ainda a esse respeito:

“Contou-nos o Pe. Albera. Num sábado do mês de dezembro, talvez no dia 6, (...) Dom Bosco estava sozinho com ele e lhe disse: (...) — nossa igreja está muito pequena: os jovens não cabem mais nela ou então ficam amontoados uns em cima dos outros. Portanto, vamos fazer uma outra muito mais bonita, mais espaçosa, uma igreja magnífica. Dar-lhe-emos o título de : **Igreja de Maria Santíssima Auxiliadora**”.

Assegura também o Pe. Cagliero:

“Em 1862, Dom Bosco me disse que estava pretendendo erigir uma igreja grandiosa e digna da Santíssima Virgem. Até agora — acrescentou — celebramos com solenidade e pompa a festa da Imaculada, e foi neste dia que começamos nossas primeiras obras dos oratórios festivos. Mas Nossa Senhora quer que a honremos sob o título de Maria Auxiliadora: os tempos são tão difíceis que temos mesmo necessidade de que a Virgem Santíssima nos ajude a conservar e defender a fé cristã. Você quer saber ainda outro motivo?

---

(15) MB VII 286-87.

— Creio, respondi eu, que será a igreja mãe da nossa futura Congregação. Será o centro de onde emanarão todas as outras nossas obras em favor da juventude.

— Você adivinhou — me disse ele — Maria Santíssima é a fundadora e será o sustentáculo das nossas obras” (16).

“Desde que se começou a construção do Santuário, essa sua devoção tornou-se tão patente que, entre os fiéis, falar de Maria Auxiliadora e falar de Dom Bosco era a mesma coisa. Sabem todos como o bellissimo título de Maria Santíssima Auxiliadora, na linguagem do povo, passou a ser **Madonna di Don Bosco**, título singularmente querido.

O próprio santo escreveu: — Enquanto estava pensando que título dar ao novo edifício, um incidente dissipou minhas dúvidas. O Pontífice Pio IX, ao qual não escapa nada que possa redundar em benefício da religião, informado da necessidade de uma igreja no lugar supra-indicado (em Valdocco), mandou sua primeira e graciosa oferta de 500 fr. insinuando que **Auxiliadora** seria certamente um título agradável à Rainha do Céu” (17).

Depois disso, não é de admirar a firmeza de Dom Bosco em querer o título de **Maria Auxiliadora** para a igreja em construção; perseverou inabalável no seu propósito apesar da insistência do engenheiro que achava tal título “impopular, inoportuno e cheirando a carolice”.

Era desejo do Vigário de Cristo que a Nossa Senhora de Dom Bosco se chamasse **Auxílio dos cristãos**; poderia Dom Bosco desejar uma sanção mais autorizada para seus desígnios e aspirações do seu grato coração?

## **PE. PESTARINO NO ORATÓRIO PARA A CONFERÊNCIA DOS DIRETORES SALESIANOS**

Em meio a tão confortadores acontecimentos — as contradições vindas do exterior em nada alteravam a alegria dos salesianos — no Oratório, por ocasião da festa de São Francisco de Sales, 29 de janeiro, “segundo o costume, mas de modo mais solene, realizou-se a conferência para todos os salesianos, prescrita pelo regulamento. Pe. Pestarino Domingos, vindo de Mornese, estava presente” (18).

---

(16) MB VII 333-334.

(17) Cf. Barberis G., 56-65.

(18) MB VII 20.

Pode-se imaginar a alegria que inundava a alma do Pe. Pestarino, no seu contato íntimo com a Família Salesiana, ao ouvir da boca dos Diretores, Pe. Rua e Pe. Rufino, todo o bem que se fazia nas casas de Dom Bosco.

Ele também fez sua relação. Os trabalhos do colégio estavam adiantados, graças à colaboração de todos os mornesinos, jovens e velhos, homens e mulheres, bem como das Filhas da Imaculada, que levavam suas meninas da oficina e das festivas reuniões dominicais.

“É assim que a gente fazia — conta Petronilla: de manhã depois da missa, íamos a casa, para alguma arrumação mais urgente; depois, uma de nós, quase sempre Maria, saía com as internas pela estrada e batia as mãos. Então, todas as meninas deixavam suas casas e a rodeavam. Todas juntas se dirigiam alegremente para o lugar que tínhamos escolhido antes. Depois chegavam também as mulheres. Em determinado momento, Pe. Pestarino fazia distribuir uma merenda a todos, homens e mulheres separadamente. De outro lugar, chegava para nós também a merenda. Lá pelas onze horas, interrompíamos os folguedos para ir assistir à Missa que ele celebrava justamente naquela hora, na igreja paroquial”.

Dom Bosco encerrou a reunião assegurando a todos a proteção de Nossa Senhora. Essa promessa, Pe. Pestarino levou a Mornese, e especialmente à oficina onde tal certeza e a saudação do Apóstolo de Valdocco encheu os corações de felicidade, dessa felicidade que torna leve qualquer trabalho e suaviza qualquer sacrifício.

## NOVAS LUZES

Terá sido, essa saudação e a bênção de Dom Bosco, que levaram novas luzes à Mazzarello? O que se deu foi o seguinte: o baile, que ele mesma tinha promovido e mantido, para escolher entre dois males o menor, tinha sido um expediente. Sentia que podia e devia dispensá-lo. Ela tinha visto muito bem os meninos de Dom Bosco alegres e satisfeitos apenas com um passeio; notara a reserva que usavam entre si; lera em seus olhos tanta pureza e piedade, unidas a uma grande alegria!

Pe. Pestarino também deixara entrever como todo o Oratório de Valdocco respirasse a mesma alegria, a mesma felicidade de viver e a mesma reserva de que Dom Bosco

dava prova com seu luminoso exemplo. Maria pensou consigo mesma: “vamos fazer a mesma coisa”. Aproveitou o pretexto das pedras para transportar e, mal se aproximou o carnaval, disse às meninas que, se elas concordassem, dispensariam a pianola para gozar das tardes unidas como boas irmãs, em doce amizade. “As pedras já nos cansam bastante. De que serve rodopiar e pular como bonecos de engonço? Vamos ficar aqui sossegadas, faremos nossas douradas “mentiras” e, quem sabe, uma boa ceia. Enquanto isso, cantaremos, vamos nos divertir bastante... Não acham que é melhor? Teremos belas coisas para mutuamente nos contarmos, brincaremos e descansaremos sob o olhar dos nossos anjos da guarda. Depois... para a cama, felizes por passar um carnaval santificado. Vamos experimentar?”.

Quando a juventude se sente amada — e logo o adivinha — não tem outra vontade a não ser a de quem a ama: de boa vontade as meninas renunciaram ao baile, trocando-o pelas tardes alegres no oratório. O carnaval não foi nunca tão alegre como o daquele ano e dos anos seguintes. Começaram a saborear a vida do espírito, prontas a renunciar a qualquer prazer, pelo contentamento que lhes dava a companhia de Maria. Ouvir suas palavras, era encontrar sua alma pura e fervorosa.

## OPERÁRIOS VOLUNTÁRIOS

“E março de 1865 — lemos num autógrafo do Pe. Pestarino — caiu muita neve. Como continuassem os trabalhos, alguns homens do lugar fizeram-me saber que, se eu quisesse, me teriam ajudado também nos dias úteis... Começaram quatro ou cinco, depois seis ou sete, depois dez ou doze, sem outra retribuição que uma merenda e um pouco de vinho. A seguir, vieram vinte, trinta e até sessenta entre jovens, adultos e velhos... O povoado vinha ao meu encontro, me animava, a mim, que já ardia em desejos. Mas faltava-me tudo o que era necessário, sobretudo dinheiro, pois começara a obra com cem “marenghi” apenas”.

Pobre Pe. Pestarino! Mas Dom Bosco não tinha começado a igreja de Maria Auxiliadora com oito soldos? Um pouco menos... e a obra era muito maior!

Entretanto, tinha ido para a frente: ajudada pelas larguezas dos ricos, alicerçada também ela sobre a esmola do pobre. Vem a propósito o seguinte episódio acontecido em

Valdocco e que envolve, na mesma luz de caridade, os pobres de Turim e os de Mornese.

Quando estavam levantando as paredes, aconteceu um fato que encheu de admiração os operários. “Um pobre vendedor de frutas tinha vindo negociar em Valdocco. Tendo sabido que a igreja de Maria Auxiliadora estava sendo construída com a colaboração dos fiéis, quis participar também ele. Chamou o mestre de obras e, com generoso sacrifício, lhe entregou toda a sua mercadoria, para que a distribuisse entre os pedreiros. Querendo ainda, segundo sua própria expressão, completar a obra, colocou sobre os ombros uma grande pedra e subiu pelos andaimes. O bom velho tremia sob o peso que lhe parecia leve, tal o fervor religioso que o animava. Já no alto, depôs a pedra e exclamou: “Agora morro contente porque poderei participar de algum modo de todo o bem que se fará nesta igreja”<sup>(19)</sup>.

Em Mornese, o objetivo era talvez mais utilitário, mas a caridade não era menos bela e abençoada por Deus. “O povoado, como também as regiões vizinhas, — continua a crônica do Pe. Pestarino — sobretudo S. Stefano, S. Rocco di Parodi, S. Remigio, Tramontana, Parodi, Lerma e um pouco Casaleggio, concorreram com carros de areia, para ajudar-nos: em alguns dias santos, chegaram até vinte e duas parelhas de bois, sessenta animais de carga, mais de duzentas pessoas trazendo pedras dos vinhedos sobre os ombros; mulheres e moças faziam ao meio dia, hora mais livre, uma ou duas viagens transportando pedras; de maneira que, até vinte pedreiros dispunham de material para uma semana ou até mais.

... Em algum domingo chegaram a consumir até três dornas de vinho; gastaram-se mil francos para a forragem dos animais e houve ainda outras despesas. Nada, porém, parecia difícil, tal era a união, a fraternidade.

Era uma coisa linda ver os que vinham dos arredores para ajudar serem recebidos com ramos de árvore pelos meninos. Ou então ao som dos sinos, ao pipocar dos foguetes. Nada de inconveniente aconteceu, nem houve dissabores, nenhuma nuvem toldou nosso céu. Ao contrário, foram alcançadas graças. Desde o mais velho, de oitenta e seis anos — que quis avantajarse aos jovens — até meninos de oito anos que queriam, quase todos os dias, trazer sua pe-

---

(19) Lemoyne G. B. *Vita* II 28-29.

drinha ou os carrinhos cheios de pedregulho, todos ajudaram de maneira comovente” (20).

## É ASSENTADA A PRIMEIRA PEDRA DO COLÉGIO

Com tantos auxílios, era natural que as coisas caminhassem rapidamente. Tanto mais que Dom Bosco tinha mandado a Mornese Pe. Sávio e Pe. Ghivarello, para desenharem a planta. Este último tinha lá ficado para dirigir o trabalho. De maneira que bem depressa puderam assentar a pedra fundamental. Para tal fim, Pe. Pestarino escolheu um dia de grande festa para a aldeia, a fim de que todos pudessem participar e a lembrança perdurasse inesquecível.

Ouçamos o próprio Pe. Pestarino: “... o dia 13 de junho, festa de Santo Antônio de Pádua e, naquele ano encerramento do mês de Maria, foi escolhido para ser assentada a primeira pedra no ângulo inferior que olha para a cidade. Um pergaminho, onde se acenava à finalidade da obra, as pessoas presentes etc., foi selado numa garrafa e encravado na própria pedra.

A bênção foi dada pelo pároco Pe. Carlos Valle, estando presentes eu, Pe. Domingos Pestarino, o arcipreste de Lerma Pe. Raimundo Olivieri, o reitor de Casaleggio, de Tramontana, de Parodi, o Prefeito e a Câmara Municipal

Salomone delle Scuole (um zelante Scolópio de Ovada, que muitas vezes ia pregar em Mornese — esclarece Petronilla) fez um discurso belíssimo, adaptado à circunstância. Embora chovesse e ameaçasse vir um temporal, era grande a concorrência de povo e pessoas vindas de fora. Colocada a pedra angular, o prefeito e os conselheiros que, por uma corda, sustentavam a outra pedra que devia cobri-la, deixaram que ela deslizesse, enquanto a banda de música, vinda de Lerma, nos alegrava com seus harmoniosos acordes” (21).

Como Pe. Pestarino deve ter se lembrado do lançamento da primeira pedra do templo de Maria Auxiliadora, quando fora tudo tão grandioso! A festa tinha-se realizado no dia 27 de abril, com a presença de S.A.R. o Príncipe Amadeu, de

---

(20) V. também carta D do Pe. José Pestarino, sobrinho do Pe. Domingos e preciosa testemunha ocular e auricular de muitos fatos.

(21) **Cronaca di don Pestarino.**

ilustres personagens da aristocracia turinense, de numeroso clero e, o que mais representava para o coração do Pe. Pestarino, com a presença de Dom Bosco. Em Mornese, a cerimônia tinha sido mais simples; mas... nada o impediria de refletir sobre os acontecimentos, comparando o grandioso templo de Turim e o humilde colégio, nascidos ambos ao mesmo tempo quase, com o único fim de salvar as almas e caminhando agora lado a lado para a meta almejada.

Essas considerações lhe davam tanto conforto que quase não sentia as cansaças e dissabores inerentes à construção; alegria muito maior teria sentido se lhe fosse dado rasgar o véu do futuro. Mas os humildes se contentam com alegrias simples, nas quais brilha também a luz divina.

## **AS FILHAS DA IMACULADA E SUAS ALUNAS NÃO FALTAM À FESTA**

Elas também tinham assistido ao lançamento da primeira pedra. O colégio não lhes dizia respeito diretamente mas tal festa não as podia deixar indiferentes, muito menos as meninas, para quem tudo era novidade. Aliás, tinham carregado tantas pedras!...

Porém, inimiga como era de toda ostentação, a Mazzarello reuniu as meninas da oficina e das reuniões festivas e, depois das necessárias recomendações, levou-as para o jardim da casa Carante. Uma casinha campestre ali se via, adjacente ao terreno do colégio, mas em nível mais elevado. Era, em parte, propriedade do Pe. Pestarino.

Sendo propriedade privada, o povo não podia ir misturar-se com as meninas que, do alto, podiam gozar do espetáculo, sem se afastarem das suas educadoras. Terminada a função, era fácil levá-las disciplinadamente para a igreja.

Vendo seus desejos satisfeitos, as meninas se esforçavam para contentar Maria. Graças a ela, a oficina de trabalho progredia e cada vez mais se ia tornando um templo de virtudes domésticas e sociais. As reuniões festivas enchiam a alma das meninas de uma alegria tão serena que já não sentiam prazer naquilo que outrora as ocupava. Mornese tinha adquirido um quê de seriedade e de piedade que alegrava o Céu. Pe. Pestarino não se tinha enganado

na tática adotada: conquistadas a mães e as jovens, os homens não tardariam a sentir sua influência.

## RESPOSTA DE DOM BOSCO À SENHORINHA PARIGI

No outono desse ano, justamente durante a novena de Nossa Senhora do Rosário, Dom Bosco deixou escapar uma frase que bem revelava como estivesse amadurecendo nele o pensamento de ocupar-se, em data mais ou menos próxima, da juventude feminina. Escreve o Côn. Augusto Parigi, ex-aluno do Oratório: “Estávamos no outono de 1865. Com um grupo de seus garotinhos, precedidos pela banda, Dom Bosco atravessou Chieri, dirigindo-se para Becchi, a fim de celebrar a festa do Rosário de Maria. Chegando com seu pequeno exército à rua Moretto, hoje Garibaldi, fez alto e entrou na minha casa... Mal havia cumprimentado todos, com aquele seu jeito afável e ao mesmo tempo cheio de dignidade, fixou nos meus olhos seu olhar perscrutador e me disse sem mais: — Você vai vir comigo para Turim... Poderá continuar os estudos e depois veremos o que o Senhor quer a seu respeito. — Lembro-me perfeitamente daquelas palavras, como também as recorda minha irmã mais velha. Perguntou-lhe esta se não pretendia abrir também uma casa para fazer (segundo sua expressão) um regimento de freiras. Dom Bosco sorriu e respondeu: — Sim, sim, quando for tempo, mas não para você” (22).

O silêncio de Dom Bosco sobre um argumento tão importante — silêncio rompido apenas de vez em quando, com alusões muito rápidas e cada vez mais precisas — faz-nos pensar num general que conhece bem o plano da batalha. Ele o tem preciso e claro na sua mente mas o revela apenas em momentos fugidios. Deixa entrever a certeza da vitória, sem revelar nem onde, nem quando, nem como.

## O CÉU ABENÇO A CONSTRUÇÃO DO COLÉGIO

Entretanto, a construção do colégio em Mornese progredia a olhos vistos. Escreve Pe. Pestarino na crônica: “O pároco, o prefeito, os conselheiros, vinham com frequência ao local para incutir coragem nos operários. Em quatro meses levantou-se a primeira ala, com seus pórticos, até o teto. Novas fadigas custou o transporte do pesado

---

(22) Bollettino Salesiano XLII (março de 1918) 47.

madeiramento, pelas péssimas estradas — se podem ser assim chamadas — e pelos caminhos tortuosos e íngremes. Eram proezas capazes, não somente de provocar acidentes, mas de deixar as pessoas esmagadas sob o peso dos barrotes. Entretanto nada aconteceu, embora fosse necessário trabalhar desde o entardecer até a meia noite e, às vezes, sob o sol escaldante do meio dia, em pleno agosto. Armou-se o teto com sólido madeiramento.

No dia 25 de outubro, estava terminada a primeira ala e cavados os alicerces da segunda, que olhava para a aldeia. Suspenderam-se então os trabalhos porque a estação estava demasiado fria.

### **RELAÇÃO FEITA PELO PE. PESTARINO DURANTE A REUNIÃO DOS DIRETORES**

1866 — Pe. Pestarino foi ao Oratório para a festa de São Francisco de Sales, que nesse ano celebrou-se no dia 4 de fevereiro, domingo da sexagésima. Devia participar também da reunião dos diretores, que em tal dia se realizava na antecâmara de Dom Bosco.

Estavam presentes todos os irmãos do Oratório para ouvir as relações de costume. Por motivo da morte do conde De Maistre, Dom Bosco estava ausente. Substituíu-o o Pe. Rua.

Pe. Pestarino foi o primeiro a falar, relatando a construção do colégio que se levantava em Mornese. Disse que o povo estava entusiasmado; que o bispo tinha dado licença para trabalhar nos domingos; que os pedreiros continuavam a construção gratuitamente, ao passo que mais de duzentas pessoas porfiavam no transporte do material. O desejo comum de ver a obra terminada tinha estreitado os vínculos de união entre pároco e paroquianos, autoridades e povo, famílias e famílias. Em vez de irem ao baile, os jovens gostavam dos serões passados em família ou das funções na igreja; aumentara a frequência à santa comunhão.

O Senhor mostrava, com especiais favores, que a obra lhe era agradável. Passou uma roda sobre o pé de um rapaz sem que ele sofresse o menor dano. Um ferreiro, tendo caído de um andaime sobre um monte de pedras, saiu ileso. Estava quase acabada a quarta parte do colégio”<sup>(23)</sup>.

---

(23) MB VIII 296-97.

Pelo que via com seus próprios olhos e pelo interesse que despertava nos irmãos tudo o que dizia respeito a Mornese, Pe. Pestarino voltou convencido de que o colégio deveria fazer um grande bem, uma vez que Deus o cumulava de favores. As graças que acompanhavam o ritmo do trabalho bem demonstravam a proteção da Virgem SS., presente ali como, aliás, em todas as obras de Dom Bosco. Uma vez que Pe. Pestarino tinha-se colocado, com tudo o que lhe pertencia, nas mãos do Pai, era natural que considerasse o colégio propriedade de Dom Bosco também, embora, por prudência, não o revelasse.

Coração grande e merecedor do afeto de Dom Bosco, o apóstolo de Mornese tinha necessidade de especiais auxílios celestes, sobretudo naquele ano. Via seus caros filhos mornesinos gemer sob o peso da guerra com a Áustria, muitas famílias em lágrimas pelos filhos em luta com o inimigo, o trabalho do campo privado dos braços dos homens. O conforto lhe vinha da virtude de seus próprios conterrâneos.

## **CARNAVAL DE GUERRA**

Naquele ano, o carnaval não se mostrava muito barulhento. Maria não precisou de muitas palavras para animar as jovens a um maior recolhimento. As reuniões da tarde fizeram-se normalmente: a Mazzarello queria conservar alto o moral das jovens, para que tivessem a força de suportar cristãmente as provas, as dolorosas notícias que todos temiam individual e coletivamente. Em caso de necessidade, precisavam também estar em condições de confortar os próprios pais. Diante do sofrimento, sua palavra ia direto ao coração, aduzindo os motivos sobrenaturais que alicerçam as almas na fé e, pela fé, na vontade divina.

## **MULHERES VIRIS**

A crônica do Pe. Pestarino nos revela de que fossem capazes as meninas:

“Um dos irmãos Buzzetti veio de Turim e ficou combinado levantar a ala que olha para a cidade bem como o corredor ao lado da capela. Tudo seria pago por metro cúbico. Começaram a fazer uma passagem sob o pórtico... mas todos estavam um tanto desanimados com a guerra iminente; quase todos os jovens tinham sido recrutados ou para

o exército, ou para a guarda nacional ou destinados ao trabalho do campo; pouco podiam ajudar. Não deixaram, porém, de me encorajar e de prestar-se para o que era possível. Foi então que as mulheres e moças da região, não obstante terem trabalhado muito no ano anterior, prestaram-se para substituir os rapazes; todas, animadas de um generoso espírito de colaboração, puseram-se a transportar o material, fazendo várias vezes o mesmo caminho, do campo para a construção". Esta não atrapalhava de modo nenhum as funções da igreja! O sexo fraco de Mornese soube achar tempo para tudo: os catecismos quaresmais tiveram a mesma frequência; foi igualmente fervorosa a celebração da Páscoa, à qual compareceram também os homens; com devoção celebrou-se o mês de maio, para pedir a proteção de Nossa Senhora. O número das alunas da oficina de costura subira para doze ou quinze. Os domingos e dias santos eram divididos entre a igreja, o trabalho no colégio e as reuniões com as Filhas da Imaculada, antes e depois das funções religiosas.

### **O MÊS DE MAIO COMO FORA SUGERIDO POR DOM BOSCO**

Durante esses dias, tendo que ausentar-se frequentemente de Turim para pregar, Dom Bosco escreveu as "flores" que, explicadas vez por vez, elas teriam oferecido a Nossa Senhora, durante o mês que lhe era consagrado. No Oratório, sempre fora grande a devoção à Virgem Santíssima e, durante o mês de maio, celebrava-se alguma função em sua honra, sobretudo aos sábados, quando se lia alguma coisa sobre suas glórias ou se fazia uma pequena prédica. Mas, desde o ano de 1852, "todas as noites passou a ser costume, nos dormitórios, no mês das flores naturais, oferecer-lhe flores espirituais. Todas as noites, Dom Bosco anunciava a 'flor' e a jaculatória para o dia seguinte" (24).

Já durava quatorze anos o esplêndido costume da "flor" diária no mês mariano. Como se explica que seu biógrafo tenha escrito por extenso, apenas as de 1866? Refletem todas o espírito do Pai, mostram como ele não visava apenas o fim imediato de uma boa conduta, no âmbito colegial, mas queria formar-lhes consciência reta, enérgica, capaz de olhar sem medo para o seu interior, de perscrutar as próprias ações. Queria ensiná-los a viver de fé, assumindo corajosamente o próprio dever.

---

(24) MB IV 405.

São uma síntese do seu sistema preventivo que entrança poderosas cordas de salvação moral com os fios das pequenas observâncias de cada dia, apoiando-se na razão iluminada pelo amor celeste e pela religião. Como remate, a devoção a Jesus sacramentado e o filial abandono a Maria santíssima. Podem ser consideradas como a expressão do seu coração e do seu tato psicológico em relação à juventude. Seu biógrafo achou bom torná-las conhecidas de toda a família Salesiana, para que aí encontre o Pai, e saiba onde ir buscar com segurança o material para preparar perfumados ramalhetes de flores para oferecer à Virgem Maria. Vamos, nós também, recolher essas pedras preciosas:

“1 — Passando diante do SS. Sacramento, fazer uma devota e respeitosa genuflexão, dizendo com o coração: — Seja louvado Jesus Cristo — Jaculatória: Maria, eu vos dou meu coração.

2 — Rezar com fervor a Nossa Senhora para que, durante este mês, nenhum dos nossos companheiros caia em pecado mortal. Jaculatória: Refúgio dos pecadores, rogai por nós.

3 — Cada um peça a algum companheiro, ou a outra pessoa criteriosa, que lhe sugira o que deve fazer para agradar a Nossa Senhora. Faça-o depois. Jaculatória: “Virgem Maria, concedei-me a graça de sempre progredir na virtude.

4 — Protestar o desejo de ser sempre devoto de Nossa Senhora. Usar ao pescoço a medalha de Nossa Senhora e beijá-la ao deitar-se. Jaculatória: Virgem Maria, acolhei-me sob vosso manto e defendei-me de todo perigo.

5 — Máxima atenção e diligência ao recitar as orações do bom cristão; de modo especial as que se rezam antes e depois das refeições, da aula, do estudo. Jaculatória: Virgem Maria, fazei que eu vos ame cada vez mais.

6 — Por amor a Maria, suportar com paciência os defeitos que descobrimos no próximo e que não se podem facilmente corrigir. Jaculatória: Virgem Maria, acendei no meu coração o fogo da caridade.

7 — Oferecer a Nossa Senhora as práticas devotas deste mês e pedir-lhe perdão pelas negligências de que somos culpados. Jaculatória: Virgem Maria, fazei que eu seja sempre vosso devoto.

8 — Ocupar bem o tempo. Procurar não passar nenhum minuto em ócio, mas empregá-lo para a glória de Deus. Jaculatória: Virgem Maria, ajudai-me a conquistar o Céu.

9 — Fazer algumas mortificação corporal ou espiritual, em honra de Maria. Jaculatória: Virgem Maria, dai-me um coração puro e limpo.

10 — Corrigir com mansidão algum companheiro no qual você nota algum defeito, seja no falar, seja no agir. Jaculatória: Virgem Maria, ajudai-me a guardar minha língua.

11 — Pela manhã, ao levantar-se, seu primeiro pensamento seja para Maria propondo-se ao mesmo tempo praticar, durante o dia, alguma boa ação em sua honra, Jaculatória: Oh como seria feliz se me comportasse bem como Maria!

12 — Fazer uma breve oração à SS. Virgem a fim de que nos ajude a tomar uma resolução firme de cultivar a virtude da modéstia. Jaculatória: Virgem Maria, enamoraime das vossas virtudes.

13 — Fazer um diligente exame de consciência e preparar-se para a confissão, como se fosse a última da vida. Jaculatória: Ó Maria, livrai-me sempre do pecado.

14 — Exata obediência aos superiores, especialmente ao confessor, para as coisas do espírito e ao professor para as coisas da escola. Jaculatória: Virgem Maria, sede da sabedoria, rogai por nós.

15 — Mortificar a língua, abstendo-se de qualquer palavra que possa ofender a caridade, a moralidade, os bons costumes. Jaculatória: Virgem Maria, tornai puro o meu corpo e santa a minha alma.

16 — Observar rigoroso silêncio nos dormitórios de manhã e de noite e, por quanto for possível, não levantar a voz quando se passa do parlatório<sup>(25)</sup> para o dormitório, depois das orações. Jaculatória: Virgem Maria, fazei que me sirva da língua para a glória de Deus.

17 — Todas as vezes que você rezar ou ouvir rezar o Glória Patri; incline a cabeça em sinal de adoração à SS. Trindade. Jaculatória: Virgem Maria, Templo da SS. Trindade. rogai por nós.

18 — Passe uma revista em seus escritos, gravuras ou livros, para ver se não contêm alguma coisa pouco decente. Em honra de Maria, jogue o que encontrar ao fogo para que se queime. Jaculatória: Ó Maria, porta do céu, rogai por nós.

---

(25) Isso faz pensar que a sala de visitas servia também para o recreio, nos dias chuvosos ou de muito frio.

19 — Pensar seriamente a quais dos nossos deveres faltamos com mais freqüência, pedir perdão a Deus e prometer a Nossa Senhora uma pronta emenda. Jaculatória: Virgem Maria, fazei que sirva fielmente a Deus.

20 — Diante do altar de Maria, prometer corrigir-se daquele defeito que cada um descobre no seu interior. Jaculatória: Virgem Maria, ajudai-me a me conhecer a mim mesmo.

21 — Cada vez que se entra na igreja, tomar a água benta e fazer com devoção o Sinal da Cruz. Jaculatória: Virgem Maria, fazei que não pratique nunca com indiferença os atos de religião.

22 — Por amor a Maria abster-se resolutamente de pôr as mãos sobre os companheiros nem que seja por brincadeira. Jaculatória: Virgem Maria, fazei que eu adquira a graça de conversar com prudência com os companheiros.

23 — Cada um convide um companheiro para fazer em sua companhia uma visita ao SS. Sacramento e a nossa Senhora. Jaculatória: Virgem Maria, ajudai-me a me fazer santo.

24 — Dar uma bom conselho a algum dos nossos companheiros e, quem o recebe, pô-lo em prática por amor de Maria. Jaculatória: Virgem Maria, alcançai-me o dom da piedade.

25 — Máxima diligência em fazer todas as tarefas que o dever nos impõe. Jaculatória: Virgem Maria, ajudai-me a cumprir bem todos os meus deveres.

26 — Muita prudência e grande modéstia ao despir-se antes de se deitar, à noite e ao vestir-se de manhã. Jaculatória: Virgem Maria, Mãe da santa pureza, rogai por nós.

27 — Não cometer a mínima falta contra o regulamento do colégio, especialmente no que diz respeito aos dormitórios. Jaculatória: Virgem Maria, alcançai-me a virtude da obediência.

28 — Assistir com a máxima atenção ao santo sacrificio da missa e fazer uma breve oração por aquele dos nossos companheiros que ama pouco Nossa Senhora. Jaculatória: Virgem Maria, alcançai-me a graça da virtude da humildade.

29 — Cada um pergunte, a quem melhor o conhece, qual o defeito de que deve corrigir-se para dar mais bom exem-

plo. Jaculatória: Virgem Maria, ajudai-me a me conhecer a mim mesmo” (26).

As práticas escritas para o querido colégio de Lanzo espelham também elas a devoção de Dom Bosco à Mãe Celeste, chamando a atenção para a piedade, para a santa missa, para a modéstia, a obediência, a paz com todos, a alegria e a correção dos próprios defeitos.

## COMO DOM BOSCO PREZAVA A POBREZA RELIGIOSA

De Turim passou a Cuneo, onde manifestou seu modo de pensar e fez uma profecia que não podemos deixar de referir. Ir. Arcângela V. e uma outra irmã da Caridade tinham sido chamadas a Cuneo para abrir uma casa destinada a recolher e educar nas prendas domésticas meninas pobres e abandonadas. Já tinham recolhido duas meninas. Mas não tinham nenhuma entrada, a casa era pouco adaptada às finalidades da obra, pouco segura, enfim, faltava tudo. “O instituto estava em tais condições quando Dom Bosco, encontrando-se em Cuneo, foi convidado pelo Pe. Cirivegna, Jesuíta, para visitá-lo.

Dom Bosco entreviu logo, na extraordinária pobreza dos inícios, uma obra abençoada por Deus, e disse às irmãs: — Vejo bem que o supérfluo não as atrapalha. É verdade que não podem ir para a frente dessa maneira, mas estejam tranqüilas que Deus as abençoará fazendo prosperar todas as suas obras. A seu tempo lhes dará um local estável e cômodo, onde poderão fazer um grande bem. — Depois, saindo, abençoou-as” (27).

Com que comoção se teria lembrado, naquele momento, do que a divina Providência tinha feito por ele, pobre, sozinho e perseguido. É que a chave do tesouro celeste é justamente ser pobre e estar só. Se fosse possível, ele teria amado mais ainda aquela pobreza que faz levantar, com toda confiança os olhos para o céu, de onde nos vem todo auxílio. Essa pobreza ele a queria em si e nas suas obras. Abençoava-a onde a encontrava serena, porque estava certo de que ali havia também a humildade da oração e o amor confiante.

---

(26) MB VIII 351-353.

(27) MB VIII 346.

## A SÚPLICA INSISTENTE A AUXILIADORA ESCONJURA O TEMPORAL

Durante esse mês, é digno de nota um fato que se deu com Dom Bosco porque manifesta a confiança que tinha na Auxiliadora, seu empenho em lhe propagar a devoção e como Maria respondia com maternal bondade.

“Nesse ano, Dom Bosco foi também a Revello di Saluzzo, quando, de repente, se armou um terrível temporal. O vento soprava furioso; o granizo ameaçava pôr a perder toda a colheita e o povo refugiava-se na igreja. O pároco foi logo buscar a sobrepeliz e a estola para Dom Bosco que, vendo o perigo iminente, convidou o povo a invocar Maria Auxiliadora. Ele mesmo começou a invocação: **Maria Auxilium Christianorum** a que o povo respondeu: **ora pro nobis**, querendo logo acrescentar outras orações. Mas Dom Bosco repetiu três vezes a jaculatória: **Maria Auxilium Christianorum, ora pro nobis**. À terceira invocação, o vento cessou improvisamente e apareceu o sol. O pároco e toda aquela gente ficou fora de si pela alegria, em vista de uma graça tão manifesta” (28).

Pode-se acrescentar que tomaram a resolução de invocar Maria Auxiliadora em todas as suas necessidades. Em todos os dias da vida, deve-se invocar Nossa Senhora com os mais doces nomes: todos lhe convêm, são todos seus; mas, na hora de maior necessidade, nos momentos de maior perigo, é preciso chamá-la de **Auxiliadora dos Cristãos**, parece ter querido insinuar Dom Bosco. Devemos chamá-la, não apenas uma vez, mas muitas vezes, tantas quantos forem necessárias para que nosso grito, rompendo talvez a barreira dos nossos deméritos, das nossas infidelidades e tibieza, das nossas dúvidas, chegue até Ela e nos obtenha a graça.

Com efeito, naquele momento, Dom Bosco não tinha deixado recitar outra oração a não ser: **Maria Auxilium Christianorum**, repetida três vezes. Quando voltou a calma, todos reconheceram a quem a deviam e, espontaneamente, a proclamaram rainha de seus bens, de suas famílias, de seus corações. Era isso que Dom Bosco queria.

---

(28) MB VIII 347.

## PROSSEGUE A CONSTRUÇÃO DO COLÉGIO

Parece que, em fins de maio ou princípio de junho, antes que se voltasse ao trabalho do campo, a segunda ala do colégio já tivesse chegado até o telhado, pois Pe. Pestarino escreveu: "...eu pensava que chegássemos até meia altura das paredes mas, ao contrário, chegamos ao telhado. Ficaram todos maravilhados e, como dizia o povo, parecia que elas se levantassem sozinhas, sem o concurso de ninguém, sem que ninguém se preocupasse. O fato é que chegamos ao telhado, com êxito completo... pude sempre pagar todas as despesas, sem me encontrar em apuros ou ter preocupações demasiadas. Ao contrário, o Senhor me ajudou... pelo que espero que o Senhor e a SS. Virgem continuem a proteger-me e aos meus colaboradores; que abençoem o que é nosso e nosso trabalho, pois esperamos seja tudo para a maior glória de Deus e bem das almas, sobretudo da juventude" (29).

### DOM BOSCO MANIFESTA AO PE. LEMOYNE SEU INTENTO DE FUNDAR UM INSTITUTO FEMININO

Em fins de junho, o biógrafo de Dom Bosco nos dá uma grande notícia, que deve ser transcrita na íntegra, embora possa parecer um tanto longa.

É uma página de capital importância.

"Na noite do dia 24, Dom Bosco já se havia retirado ao seu quarto. Tinha na mente um novo projeto, isto é, de fundar um Instituto feminino, destinado à instrução das meninas e a colaborar com os salesianos na sua missão. Manifestou seu pensamento ao diretor do colégio de Lanzo, que foi logo escrever o que tinha ouvido. Eis a narrativa.

Já se tinha deitado o sol do dia de São João Batista. Belíssima, a lua brilhava no céu, uma fresca brisa amenizava o calor do verão. Subi ao quarto de Dom Bosco e com ele permaneci sozinho pelo espaço de duas horas aproximadamente. Subia do pátio o borbórinho dos jovens que passeavam alegremente. Em todas as janelas do Oratório e nas balaustradas das sacadas, havia centenas de velas acesas dentro de copos coloridos. No meio do pátio estava postada a banda musical que, de quando em quando, executava as mais suaves sinfonias. Dom Bosco e eu nos aproximamos

---

(29) Cronaca di don Pestarino.

da janela e ficamos um em face do outro. O espetáculo era encantador: uma inefável alegria enchia os corações. Não podíamos ser vistos do pátio, porque estávamos na sombra. Mas eu, de vez em quando, estirava o braço e agitava meu lenço branco. Vendo-o, os jovens prorrompiam em gritos cheios de entusiasmo **viva Dom Bosco!**

Dom Bosco sorria. Ficamos longo tempo em silêncio, absorvidos dos nossos pensamentos, quando, afinal, exclamei:

— Ah, Dom Bosco, que noite tão bela! Lembra-se dos seus sonhos de outrora? Eis os jovens, eis os clérigos e os padres que Nossa Senhora lhe tinha prometido!

— Como o Senhor é bom! — respondeu-me Dom Bosco.

— Já se passaram vinte anos e o pão nunca faltou para ninguém. Tudo se fez do nada! Que representa o homem nessa obra? Se a empresa fosse humana, teríamos sido levados à falência cinqüenta vezes!

— E não é tudo. Observe como vai crescendo depressa nossa Pia Sociedade, tanto em número de indivíduos como no de obras! Todos os dias, dizemos: basta, vamos parar! e uma mão misteriosa nos empurra para a frente.

Assim falando, ele se tinha voltado para a cúpula que emergia das sombras e, recordando os sonhos do passado, fixava o olhar sobre aquela que, banhada nos raios da lua, parecia uma visão celeste. O olhar e a atitude de Dom Bosco tinham, naquele instante, um não sei que de inspirado. Voltamos ao nosso silêncio, dominados pela emoção.

Finalmente, retomei a palavra:

— Diga-me, Dom Bosco, não lhe parece que falta alguma coisa para completar sua obra?

— Que quer você dizer com isso?

Hesitei um pouco mas disse afinal:

— E pelas meninas, não fará nada? Não lhe parece que, se tivéssemos um Instituto de irmãs, filiado à nossa Pia Sociedade, fundado pelo senhor, isso seria a coroação da obra? Nosso Senhor também tinha as piedosas mulheres que o seguiam **et ministrabant ei**. Quanta coisa poderiam fazer as irmãs em benefício dos nossos pobres alunos. Além disso,

não poderiam fazer pelas meninas o que nós fazemos pelos meninos?

Eu tinha hesitado em manifestar meu pensamento porque temia que Dom Bosco fosse contrário a ele.

Mas o que me respondeu, depois de ter pensado um pouco, deixou-me maravilhado:

— Sim, faremos isso também, teremos irmãs, mas não agora; um pouco mais tarde”<sup>(30)</sup>.

Eis a terceira vez que Dom Bosco dizia sim, sem hesitação, sem reticências. “Se quiser esperar”, tinha dito à senhorinha Provera em 1863; “Sim, sim, quando chegar a hora”, à senhorinha Parigi, em 1865; agora, ao Pe. Lemoyne: “um pouco mais tarde”. Não resta motivo para dúvidas: o Pai quer mesmo fazer nascer uma outra família religiosa.

## COMO DOM BOSCO TRANQUILIZOU A SUPERIORA DE TOR DE' SPECCHI

No dia 29 de setembro, numa carta à Madre Madalena Galeffi, Presidente da Casa delle Nobili Oblate di Tor de' Specchi, Dom Bosco repetiu seu pensamento no que dizia respeito às religiosas: “Não se preocupe com o número de suas filhas, porque não é o número das pessoas, mas a caridade e o fervor que dão glória ao Senhor”<sup>(31)</sup>.

Aqui, Dom Bosco não encontrou a pobreza e, portanto, não devia recomendar a fé humilde no **panem nostrum quotidianum**. Faltavam vocações para uma vida recolhida, devota, mas não incômoda; então Dom Bosco se limitou a dizer de que maneira se poderiam intensificar a vitalidade do espírito nas poucas que restavam. Estas poderiam ainda levantar as mãos ao céu pelos operários evangélicos.

## AINDA A CONSTRUÇÃO DO COLÉGIO

Pe. Pestarino remata sua crônica daquele ano com as seguintes palavras: “... chegando ao telhado da ala que olha para a aldeia, cobrimos parte do pórtico e dos dois quartos

(30) MB VIII 416-18.

(31) MB VIII 475.

ao norte, que foram terminados para poderem ser habitados. Da mesma forma as rampas das escadas até o segundo andar. Os degraus serão postos na primavera seguinte, enquanto se faz o acabamento dos três quartos de cima.

Deve-se dizer ainda que as poucas famílias, que não ajudaram diretamente na construção do colégio, fizeram-no secretamente, colaborando de maneira direta ou indireta. Quis aludir a isso porque me agrada dizer toda a verdade”.

A um amor tão fiel à verdade nada mais nos resta acrescentar senão o verso de Dante: **“Oh dignitosa coscienza e netta!”**

## NOVAS ALUNAS

1867 — Iniciou-se o ano com uma mudança na oficina. As duas internazinhas, filhas do negociante, devem deixar as Filhas da Imaculada, que tanto amavam, para acompanharem o pai, estabelecido noutra região. Para ocupar seu lugar, entretanto, entram duas jovens de quatorze anos, providas da cidade vizinha, Santo Stefano. Chamam-se Maria Grosso e Maria Gastaldi: duas flores que lançam tão profundas raízes no novo jardim que não mais quererão deixá-lo, adornando-o com a beleza de suas corolas.

## PE. PESTARIONO EM TURIM

Nos primeiros dias de março, Pe. Pestarino foi ao Oratório para a conferência dos diretores, que geralmente se fazia no dia da festa de São Francisco de Sales. Festa e conferência tinham sido adiadas, para esperar Dom Bosco que fora a Roma.

Pe. Pestarino falou sobre os progressos da construção. Disse que algumas salas do andar térreo já podiam ser habitadas e que, pronta a escada, também outras do primeiro andar estavam em boas condições para serem aproveitadas. Ia agora empreender a construção da capela; nos dias festivos, reuniria os jovens no pátio para a aula de catecismo e alegres divertimentos.

## **TAMBÉM MORNESE SE CONSAGRA A MARIA AUXILIADORA**

Com o coração repleto do que vira em Valdocco, Pe. Pestarino voltou a Mornese e não pode abster-se de falar, em público e em privado, dos milagres que Dom Bosco alcançava apenas ao invocar o nome da Auxiliadora.

Talvez tenha narrado o fato do temporal que ameaçava Revello e que foi prontamente afastado graças à tríplice invocação dirigida à Auxiliadora. Parece que sim pois os mornesinos, preocupados eles também pela estiagem e temendo que um temporal semelhante lhes estragasse os vinhedos, prometeram à Auxiliadora o dízimo da colheita, se essa boa Mãe se mostrasse sua protetora. Pe. Pestarino ficou muito consolado e, voltando a Turim para a festa de Dom Bosco, levou-lhe a cordial promessa escrita e firmada pelos principais proprietários da região.

## **DOM BOSCO ASSEGURA A PROTEÇÃO DE MARIA AUXILIADORA PARA MORNESE**

Foi grata a Dom Bosco a confiança daqueles corações simples. Encarregou Pe. Pestarino de tranqüilizá-los, em seu próprio nome e em nome de Nossa Senhora.

No dia 15 de julho, partia de Mornese uma nova lista de adesões à promessa, acompanhando uma carta que convém transcrever:

Rev.mo e caríssimo Diretor,

apresso-me em enviar-lhe a assinatura de mais oito que voluntariamente se apresentaram, oferecendo-se para pagar o dízimo, para que V.S. as una às outras deste município, com o pedido que Maria Auxiliadora os livre das desgraças que ameaçam suas almas e suas propriedades. Estes, como os outros, pretendem oferecer o dízimo da colheita dos bichos da seda, alguns deles a partir deste ano, tendo em vista uma segunda colheita dos mesmos.

Sr. Pe Lourenço Pestarino — Giuseppe Pestarino do falecido Antonio — Sra. Ninna Ghio — Lourenço Mazzarello da falecida Josefina Lencin — Stefano Mazzarello do falecido Francisco Baroni — Luís Maglio — José Mazzarello de Valponasca (o pai de Maria Mazzarello) — Fratelli Mazzarello com o pai Biondin.

Ao mesmo tempo lhe dou a dolorosa notícia da morte do jovem Mazzarello, o organista, que morreu como um anjo. Plenamente resignado no Senhor morreu beijando o Crucifixo muitas vezes. No último instante, apertou contra si o Crucifixo e, não tendo mais forças para levantá-lo, expirou com o Crucifixo sobre os lábios.

A superiora do Instituto da Imaculada vai passando melhor do braço e já conhece a proteção de Maria Auxiliadora. Pediu-me para apresentar-lhe suas saudações e agradecimentos e que continue a fazer rezar junto a Nossa Senhora. Aproveito a ocasião para saudá-lo de todo coração, recomendando-me às suas orações. Da minha parte, não deixo de rezar pelo senhor.

o af.mo filho em J.C.

Pe. Pestarino D.co

Muitos desses nomes lembravam a Dom Bosco pessoas conhecidas e a ele muito caras. A Sra. Ninna Ghio, uma das mais abastadas e piedosas senhoras do lugar, é a mesma que, fazia anos, tinha levado para sua companhia, amando-a como filha, a irmã de Maria Mazzarello, Felicina. Quando Dom Bosco foi a Mornese, reservou para si a honra de providenciar a comida para ele e para os convidados, fazendo tudo chegar, quentinho e odorante, no momento exato. O jovem Mazzarello — Mornese está cheia de Mazzarello e Pestarino — era Mariano e muito querido de Dom Bosco. Tinha sido recebido no Oratório onde, entre outras coisas, aprendera a tocar órgão. Depois de ter dado belas esperanças de santidade, a falta de saúde o obrigara a voltar para o seio da família. Juntamente com outras filhas da Imaculada, a Maccagno o tinha visitado e, como sofria de uma artrite que lhe impedia o uso do braço direito — conta Petronilla — ele tinha rezado por ela, obtendo primeiro uma melhora sensível e depois a cura completa.

Ser lembradas por Dom Bosco, sua oração, feita embora por intenção de apenas uma dentre elas, era para as boas moças um penhor das bênçãos divinas sobre todas. Estavam habituadas a nunca se considerarem isoladamente, mas em conjunto, formando um só coração e uma só alma, unidas pelo vínculo da Pia União. Na Mazzarello, crescia aquela veneração que a possuía somente ao vê-lo; sentia uma necessidade nova de amar mais intensamente o Senhor e de desvelar-se

para que as meninas crescessem também no amor de Deus e no horror ao pecado.

## AS FILHAS DA IMACULADA SE INDUSTRIAM PARA FAZER O BEM

Quanta coisa inventavam para chegar até aquela menina que se deixava arrastar pela vaidade! Para ter uma conversa a sós com aquela outra que, coração fraco, cedia e correspondia com algum sorriso... guardando segredo para com a mãe. Não importa que morassem longe e que não mantivessem relações especiais com ela. A aldeia era pequena; Maria servia-se das amigas, das conhecidas, fazia o possível para encontrá-las ao saírem de igreja. Sabia que, dita a primeira palavra, era fácil obter que a acompanhassem por um bom trecho do caminho. Bastava isso para lançar a boa semente. Se não pegava logo, não a abandonava mas continuava a segui-la com gentil interesse, com a fecunda palavra de fé, sobretudo com a oração. Raramente o terreno, mesmo o mais árido, deixava de dar fruto.

Dona de um instintivo senso prático — dir-se-ia que o espírito de observação e o recolhimento o tornaram infalível — sabia adaptar-se ao que cada uma podia dar e contentar-se com isso.

Quando absolutamente não conseguia aproximar-se de alguma, que sabia em perigo, usava de um expediente aprendido com Pe. Pestarino e a que Dom Bosco também recorria. Conta Petronila: “Com Pe. Pestarino aprendemos também a maneira de nos tronarmos industriosas para fazer o bem. Uma vez, por exemplo, com o dinheirinho da Pia União, compramos cem cópias do opúsculo *Una figlia che vuol essere tutta di Gesù* <sup>(32)</sup>. Apresentando-se a ocasião, deixávamos cair um aqui, outro acolá ou fingíamos de esquecer algum. Quem recolhia o opúsculo, naturalmente o lia e geralmente a leitura produzia fruto. Também a sobrinha do Pe. Pestarino, Rosália, educanda das Madres Pias de Ovada, recolheu um que tínhamos deixado pouco antes sob sua porta, certas de obter bom resultado”.

Maria era naturalmente a primeira nessa ativa colmeia de abelhas. Quando o caso era grave e perigoso, mandava chamar a mãe daquela tal e, depois de a ter interessado com

---

(32) do Frassinetti, ed. 1851.

algum recado ou de a ter elogiado ou à sua família, ia-lhe aos poucos dizendo o que tinha no coração. Porque, diante do mal, não sabia calar. Prudente, mas insistentemente, movimentava céus e terra até que fosse conjurado. Ela tinha diante dos olhos as palavras que Dom Bosco havia escrito para elas e que depois repetira pessoalmente, ao passar em Mornese: “Trabalhem, trabalhem para impedir o pecado, mesmo que seja um só pecado venial”.

## **A CAPELA DO COLÉGIO**

Em agosto, a capela estava terminada: “... Esta capela — diz a crônica do Pe. Pestarino — foi feita em pouco tempo, com poucas despesas e quase sem que a gente o percebesse. Todo mundo ficou contente ao vê-la pronta quase sem esperar, discretamente bela, sobretudo quem conhecia os antigos aposentos velhos que estavam caindo aos pedaços.

O altar, o pavimento, tudo foi transportado da capela da casa paterna, que me coube em herança, bem como os paramentos, alfaias etc. Cada coisa ocupou seu lugar, com discreta harmonia”.

De maneira que, indo para fazer o retiro, que Dom Bosco marcara para os seus salesianos em Trofarello, pôde dar-lhe a boa notícia. Acrescentou que, se ele estivesse de acordo, mudar-se-ia para o colégio, onde poderia seguir mais de perto o trabalho dos pedreiros e o do campo anexo. Não lhe parecia conveniente deixar o local nas mãos dos camponeses, mesmo porque poderia servir-se dele para seus jovens.

## **DOM BOSCO APROVA QUE AS MOÇAS VÃO MORAR NA “CASA DA IMACULADA”**

Além disso, indo morar no colégio, deixaria livre a casa que atualmente habitava e que, como Dom Bosco sabia, ele tinha construído com a expressa intenção de que passasse a ser, mais tarde propriedade das Filhas da Imaculada.

De maneira que elas poderiam lá morar com suas alunas internas e manter a oficina de trabalho, com economia de aluguel e mais liberdade também para as reuniões festivas. Além disso, poderiam aumentar o número de alunas, porque o local era amplo e cômodo.

Dom Bosco refletiu um momento e depois, com a prudência dos santos, disse que sim: a proposta era boa e tudo devia ser feito logo.

Antes, porém, era preciso assegurar-se de que as Filhas da Imaculada estavam em condições de manter-se com o próprio trabalho e prover a todas as necessidades inerentes à vida, de maneira que não se encontrassem depois na desagradável situação de recorrer ao auxílio do Pe. Pestarino ou, pior ainda, de voltar atrás, com pesar para todos e deixando má impressão no povo.

Pe. Pestarino sabia de antemão que aquilo que as moças ganhavam dava para seu sustento e ainda sobrava. Todavia, ficou grato pelo aviso que o tornava mais acautelado. Mal chegou a Mornese, dirigiu-se ao colégio, acompanhado pelo fiel Francisco Campi, seu secretário — e empregado, conforme as circunstâncias — desde que o professor Bodrato se tinha feito salesiano.

Encarregado pelo Pe. Pestarino, o Campi registrava tudo quanto lhe era confiado pelas Filhas da Imaculada. De agora em diante, de acordo com as novas ordens recebidas, deveria saber, de modo geral, quanto gastavam para sua manutenção diária e quais as entradas, não apenas em dinheiro, mas também em gêneros.

Maria, ágil no manejo da agulha, dedicava-se mais à confecção de peças de vestuário e ganhava até duas liras, duas liras e cinquenta por dia. Petronila costurava de preferência peças de roupa branca, que exigiam mais tempo, e ganhava lira e meia, até duas liras, soma considerável para um mulher, naqueles tempos. Entrava ainda alguma coisa com a mensalidade das alunas e o que as internas podiam ganhar com seu trabalho. Era uma renda irrisória para quem gostasse de vida cômoda, mesa farta; mas elas não se preocupavam com essas coisas e sempre lhes sobrava com o que ajudar os mais necessitados. Pe. Pestarino podia estar descansado a seu respeito. Receberam, pois, o aviso de estar preparadas para, logo depois da vindima, transferirem-se para a casa que ficava ao lado da casa paroquial. Estava ela à sua inteira disposição bem como à de quantas Filhas da Imaculada o desejassem.

## A "CASA DA IMACULADA"

Variam as opiniões sobre a casa que veio a chamar-se "Casa da Imaculada": dizem uns que pertencia ao Pe. Pestarino e outros que era propriedade das moças.

Parece que devemos dar preferência ao que assevera Pe. José Pestarino. Devia estar bem informado porque era sobrinho do Pe. Pestarino e naqueles anos passava com o tio, seu mui querido tutor, todo o tempo em que estava fora do seminário.

Escreve ele: "A chamada Casa da Imaculada foi construída pelo meu tio. As Filhas da Imaculada concorreram de diversas maneiras. Mais do que todas colaborou Teresa Pampuro que generosamente ofereceu todo o dinheiro obtido com a venda dos seus bens. Também Angela Maccagno deu uma boa soma para esse fim. As outras contribuíram com pequenas somas, ou mesmo não deram nada porque eram moças de família muito pobre. O restante das despesas ficou, como é natural, por conta do meu tio" <sup>(33)</sup>.

Petronilla acrescenta: "Sim, a Maccagno deu mais do que todas porque era rica; também a Pampuro deu o que podia, isto é, uma certa soma e os juros do seu capital colocado no banco, uma vez que seu dote, que não era pequeno, empregou-o todo no colégio.

Quando Pe. Pestarino estava construindo a casa, Maria Mazzarello e eu ainda morávamos com nossas famílias e não podíamos dar nada; demos nossos braços. Sabíamos que a casa se destinava às Filhas da Imaculada e, por isso, nas horas livres, carregávamos pedras, areia, tijolos; até a cal levamos às vezes. O fato é que fomos nós que preparamos o material para os pedreiros. De maneira que, quando recebemos a ordem de nos mudarmos para lá, ficamos alegres mas não admiradas, porque sabíamos que, mais dia, menos dia, isso deveria acontecer. Pe. Pestarino avisou-nos com certa antecedência, mas nós só fomos para lá quando começou a esfriar".

Interrogada se todas as Filhas da Imaculada haviam sido avisadas da mudança, se Pe. Pestarino as interrogara pública ou privadamente para saber quais as que desejavam ir, Petronilla respondeu: "Não. As outras estavam com suas

---

(33) Carta F de Pe. José Pestarino à irmã Ir. Rosalia, no dia 11-1-1921 (Arch. Gen. FMA).

famílias e a casa era para as que estavam fora do lar; além disso, não tinha necessidade de nos interrogar para saber quem queria ou podia ir: não era ele que nos guiava?”.

De acordo com o que asseverou um ótimo ferreiro — Cecchin Mazzarello — que era então rapazola e ajudava o pai a preparar os ferros necessários à construção, a casa foi edificada no lugar onde antes havia um casebre cujo teto chegava quase até o chão. Pertencia a uma velhinha chamada Ciabattina. No ano de 1861, pela morte do pai, os irmãos Pestarino procederam à divisão dos bens. Pe. Domingos, enquanto esperava que se tomasse uma decisão sobre Borgoalto, desejou ver-se livre de qualquer pressão e, ao mesmo tempo, ficar perto da igreja, para comodidade sua e do povo. Contemporaneamente, as “Filhas da Imaculada” sofriam a transformação em “Novas Ursulinas” ao passo que Maria e Petronilla se punham a trabalhar como costureiras, e a Pampuro ficava só. Tudo fazia crer que estas seriam talvez as primeiras a valer-se do artigo 142 do seu regulamento. Rezava ele: “deve-se, porém notar que não é proibido, caso houvesse na Pia União algumas moças livres de dispor de si mesmas, unirem-se, quatro ou cinco no máximo, para viverem juntas como numa família”. Logo, era necessário providenciar o alojamento.

Assim que a casa ficou pronta, com oito ou nove aposentos, Pe. Pestarino passou a ocupá-la com seu secretário Francisco Bodrato — porque ficava muito próxima à igreja — enquanto esperava que as circunstâncias aconselhassem outra coisa.

## **MARIA SE SEPARA DEFINITIVAMENTE DA FAMÍLIA**

Recebida a notícia da nova habitação, Maria obteve de Pe. Pestarino a permissão de separar-se definitivamente da família. Ficou com isso muito contente porque, fazendo vida comum em tudo com as outras, parecia-lhe gozar de mais facilidade para o recolhimento e união com Deus. Mas não deixou de sentir-se perturbada com o pensamento do pesar que causaria aos seus, especialmente à mãe que desejava vê-la seguir o caminho comum, isto é, queria vê-la casada.

Quantas vezes a mãe voltara ao mesmo assunto! Quantas vezes, diante do que lhe parecia uma imprudência de Maria em face do seu futuro, lhe tinha repetido: “Que vai você fazer quando nós lhe faltarmos? Seus irmãos e suas

irmãs terão suas casas, mas você com quem vai ficar? Que será de vocês, pobres moças?”. Em vão Maria pedia-lhe que não se preocupasse, assegurando-lhe que Deus teria cuidado dela. O coração materno estava aflito e não sabia subir até às alturas de fé em que vivia aquela sua boa filha. Ora, como cortar-lhe toda esperança? Como convencê-la de uma coisa que contrariava seu modo de ver? Maria sofria com a mágoa que causava aos outros, mas no seu íntimo estava tão serena, tão contente e desejosa de resolver tudo depressa que, depois de se ter recomendado a Deus, falou com seu pai. Ele, que a amava com predileção, que havia depositado nela suas esperanças, teria compreendido logo o desejo imperioso que a movia e, sofrendo embora, não lhe negaria seu consentimento.

Assim aconteceu. O bom José sentiu toda a dor da separação e tentou mesmo demover a filha. Mas esta não se deixou comover nem pelos argumentos nem pelas lágrimas. De tal modo soube fazer valerem as razões de Deus, que a chamava por aquele caminho, e da sua própria alma, que queria seguir a voz divina, que o pobre pai, tendo se aconselhado com Pe. Pestarino, cedeu e levou a mulher a ceder também ela.

“Que fazer? — dizia-lhe — os filhos devem seguir suas inclinações e os pais só se devem opor quando praticam o mal. Maria, até hoje, só fez o bem; não podemos contrariá-la. Tanto, já não nos pode mais ajudar no campo por causa da saúde. Como costureira, ajuda-se a si mesma e aos outros e, se quer morar com suas companheiras, que temos nós contra isso? O caminho é bom e até o Pe. Pestarino disse para deixar que ela faça o que deseja porque a coisa é boa”. Ficou firme e ainda deu a Maria duzentas liras, como dote, para que pudesse prover às suas primeiras necessidades.

A filha agradeceu comovida. Para fazer, porém, sentir que eles continuariam sendo sua providência, acrescentou: “Mas esta continua a ser minha casa, vocês são sempre os meus entes queridos; na hora da necessidade posso vir e vocês me ajudarão, não é?”.

Essas palavras confortaram o coração amoroso dos pobres pais, de maneira que Maria pôde deixá-los mais tranquilos com a certeza de que, indo embora morar noutra casa, ela continuava a ser sua filha querida.

## AS FILHAS DA IMACULADA E A PATERNA SOLICITUDE DE DOM BOSCO

(1867-1870)

### NA CASA DA IMACULADA

Chegou o mês de outubro e foi feita a fácil mudança. Da oficina de trabalho da Macagno e do dormitório do Bodrato pouca coisa havia para transportar: as camas, uma mesinha e algumas cadeiras. O resto da mobília vinha da parte da Pampuro que, depois de pôr em ordem seus interesses, vinha morar definitivamente com elas.

De maneira que as novas hóspedes da Casa da Imaculada foram: Maria e Petronilla Mazzarello, Joana Ferretino, Teresa Pampuro. Bem desejaria acompanhá-las a célebre tocadora de realejo, Catarina Mazzarello, que não se cansava de dizer que as invejava. Vingava-se enviando, uma ou duas vezes por semana, os pãezinhos ainda quentes e bom vinho; de acordo é claro, com seu irmão, desejoso também ele de fazer algum bem.

O pai, já velhinho e incapaz de descobrir a caridade dos seus únicos filhos, dizia muitas vezes: “Mas que é isto? Antes, nós tínhamos tanta farinha e vinho. Agora somos sempre os mesmos e a coisa diminui. Como se explica? Tenho pesar por causa de vocês dois, mas não compreendo”.

Os filhos sorriam: “Não se preocupe, temos sempre o necessário e ainda sobra. Estamos contentes de como vão as coisas”.

Na Casa da Imaculada, entraram também as meninas: Maria Grosso, Maria Gastaldi e Rosa Mazzarello. Começou assim a nova família, pobre como a de Nazaré, igualmente serena e abandonada nas mãos da divina Providência.

Seguindo um conselho de Dom Bosco, Pe. Pestarino lhes havia dito: "Por enquanto, façam como estavam acostumadas a fazer na outra oficina e depois veremos. Mas, se alguma quiser voltar para casa, tem toda a liberdade de fazê-lo".

Nenhuma estava pensando nisso, ao contrário! Parecia-lhes que nunca se haviam sentido tão bem e que somente agora começavam a verdadeira vida.

Que lhes importava a pobreza, o trabalho não raro pesado, a falta de tanta coisa, em comparação com o fervor da sua oração, da doçura de suas comunhões, da paz que inundava suas almas?

## **VOLTA O DESCONTENTAMENTO**

Uma ou outra das Filhas da Imaculada — que certamente não tinha as luzes necessárias para compreender os desígnios de Deus — tinha procurado perturbar aquele céu sereno, semeando o mau-humor sob o pretexto do que tinha acontecido. Era patente que Pe. Pestarino dedicaria especiais cuidados à nova família e isto provocava um certo ciúme. Mas Maria dissera que não se devia tocar nesse assunto e, entre elas, não se tocou mesmo. Talvez tivesse aumentado o descontentamento o fato de Pe. Pestarino ter retirado da casa Maccagno, para pô-lo na casa da Imaculada, um quadro a óleo que ele mandara pintar: no centro estava a Imaculada e, de cada lado, Santa Teresa, protetora das mães cristãs e Santa Ângela Merici, Protetora das Filhas da Imaculada. Esse quadro tinha sempre ficado na sala onde estas se reuniam com as mães de família. Cuidavam elas que ele lhes pertencia; pobrezinhas!

Mas, ao contrário, ele tinha sido retirado sob suas vistas. Não chegavam a compreender que era mais do que justo que o quadro fosse levado para a Casa da Imaculada, isto é, para a sua Casa, a verdadeira Casa da Pia União, onde todas tinham o direito de morar, quando bem quisessem.

## **"NÃO É SUA INTENÇÃO FUNDAR UM CONVENTO..."**

Parece que se refere a esse tempo um elogio feito por Dom Contratto. Indo visitá-lo, Pe. Pestarino lhe falou, entre outras coisas, da família que tinha brotado, como uma flor, no meio das boas "Ursulinas". O bispo lhe disse: "Mas você

não tem a intenção de fundar um convento, não é? Toda a aldeia já é um convento! Construa um muro em volta e...”.

Não, Pe. Pestarino não tencionava fundar um convento, ao contrário. O que ele queria era formar colaboradoras ativas para o seu apostolado, na guerra sem tréguas contra o jansenismo que ainda envenenava o que não pudera destruir. Por experiência própria, sabia que, em muitos casos, a mulher chega onde o sacerdote não pode chegar. Queria preparar um certo número dessas humildes operárias do Senhor que, sem compromissos especiais; sem outra cultura a não ser um grande amor de Deus; sem outra riqueza a não ser os próprios braços; animadas de ilimitado espírito de sacrifício, porque desprendidas de si mesmas, estivessem prontas para ir ao encontro de todos e a fazer qualquer espécie de bem, sem pensar no dia de amanhã a não ser para preparar-se para a comunhão e espalhando o bem.

Então agora, que era salesiano até nas fibras mais íntimas, agora que via Dom Bosco interessar-se pela sua formação moral, pensava que, quanto mais salesianamente piedosas elas fossem, tanto mais se teriam tornado aptas para corresponder ao pensamento de Dom Bosco a seu respeito, fosse ele qual fosse.

A prova de que não queria fazer delas monjas no sentido estrito da palavra, é que as tinha separado aos poucos, obedecendo aos fatos, das Ursulinas — verdadeiras monjas em casa — e as reunira na Casa da Imaculada. Tinha disposto que, fora das horas das refeições, como, aliás, em toda família bem organizada, cada uma conservasse os próprios hábitos, até para as orações. Sem o saberem, os mornesinos entravam nas suas vistas. De fato, se antes haviam considerado Maria e Petronilla como muito piedosas — talvez um pouco demais — quando as tinham visto ir trabalhar com o alfaiate e recolher depois tantas meninas para fazê-las brincar, jogar, até bailar, tinham mudado de idéia. Não sem admiração, viam que elas eram muito diferentes das outras; que Maria ia se tornando uma santa muito simpática, feita para tornar mais fácil e alegre o caminho que conduz ao Céu.

## **COMO SE VIVE NO “IMACULADA”**

É bem verdade que ela tinha o dom de tornar agradável qualquer sacrifício. Na “Casa da Imaculada”, ia muito bem quanto dizia respeito ao espírito; em relação ao material, era

tudo muito medido. Para ir para a frente, era preciso usar mais do que de parcimônia. Entretanto, os rostos estavam sempre serenos e subiam cada vez mais fervorosos os louvores ao Senhor. A divina Providência as ajudava mandando sempre novas alunas à oficina, o que era motivo para Maria desatar o hino da sua gratidão, com tal entusiasmo, que contaminava as outras. Cada menina a mais era um novo coração para oferecer ao Senhor, era um novo lírio para adornar a família e isso lhe bastava.

Aliás, era providente quanto ao material. Aproximando-se o frio do inverno, foi fazer uma visita em casa e disse: — Mãe, não se preocupe com a lenha de tal vinhedo; vamos nós buscá-la este ano.

Havia os presentes da boa Catarina. Havia a boa viúva que, quando as sabia mais ocupadas ou que os recursos escasseavam, preparava-lhes o almoço e ia levar-lho, ou as trazia para sua casa. Havia, ainda, o pai da aluna interna, Maria Grosso, que dizia: “Minha filha sabe onde temos um bosque. Vão lá buscar lenha para o inverno”. A oferta não caía no vazio.

Quando a provisão de lenha estava para acabar, uma ou duas das Filhas da Imaculada, acompanhadas de uma ou duas meninas, iam de tarde ao bosque. Criteriosamente, cortavam os ramos de que precisavam, amarravam os feixes e voltavam à hora do jantar, trazendo tanta lenha quanto podiam. As vezes, para ganhar tempo, deixavam-se empolgar pelo desejo de preparar muitos feixes e trabalhavam até tarde da noite. Voltavam para casa a altas horas, deixando inquietas as que as esperavam, pois o bosque ficava longe e tinham que atravessar o Roverno, torrente ao sul de Mornese. Como corresse num áspero declive do terreno, o rio era de acesso difícil, muito perigoso no escuro.

No dia seguinte, levantavam-se alta madrugada, lá pelas três horas, e um grupo mais numeroso ia buscar os feixes de lenha. Depois de os ter empilhado com muita ordem, dirigiam-se para a igreja, a fim de assistirem à santa missa das oito. Cada uma retornava depois às próprias ocupações, que eram as mais variadas e correspondiam às próprias aptidões: além do trabalho regular, exigido pela oficina de costura, algumas se ocupavam em preparar colchas, fiar, varrer a casa, renovar as alfaias da igreja. Antes, este último trabalho era feito por elas na sacristia, nos dias festivos; achavam agora mais cômodo fazê-lo em casa.

## INÍCIO DE APOSTOLADO MASCULINO NO COLÉGIO

Enquanto isso, Pe. Pestarino tinha-se mudado para o colégio. Ocupava as salas do primeiro andar, usando o pátio e o pátio para reunir seus meninos e rapazes, que ia cada vez mais afeiçoando à igreja e a si mesmo, com o intuito de encaminhá-los para Deus. Era comovente. Para convidar o maior número possível, tinha escrito na porta: “**Venite o figli**”, em grandes caracteres. As letras não eram lá muito bem traçadas mas atraíam aquela prometedora juventude, por meio da qual esperava espalhar o bem na terra que lhe dera o berço.

### O PENOSO VETO

Foi quando, sem que menos se esperasse, armou-se um temporal sobre sua cabeça.

Não se sabe como nem de quem partiu; se oralmente ou por escrito; se vindo do bispo ou de alguém em seu nome; se sob a forma de conselho ou de ordem formal. O fato é que se devia abandonar o projeto de um colégio masculino em Mornese, para não prejudicar o incipiente pequeno seminário aberto em Acqui.

Para o pobre Pe. Pestarino foi como um raio em céu sereno. Não era de lá que lhe tinha vindo a licença de trabalhar nos dias santos? Naquela licença não estava subentendida a outra de edificar um colégio para rapazes? A que atribuir a mudança? Na Cúria todos lhe tinham demonstrado benevolência e sabiam que ele buscava apenas fazer o bem. Em todo caso, mesmo que fosse um simples conselho, para o obediente sacerdote era uma ordem. Era um **veto** que lhe amarrava as mãos, quando a obra já estava tão bem encaminhada e rica de promessas.

Entretanto, abandonando-se à divina Providência, esperou que o tempo lhe trouxesse alguma luz e não abandonou seu sonho. Talvez pensasse que adiar não significa nunca chegar. “Não se deve abrir o colégio? Bem, ele não está ainda acabado. A capela, sim, não prejudica ninguém e é útil a todos: vamos então benzer a capela”.

### PARA A BÊNÇÃO DA CAPELA NO COLÉGIO

Escreveu a Dom Bosco desejando que, como seu superior, estivesse a par de tudo. Convidou-o para a função e

que viesse receber o dízimo das colheitas que naquele ano tinham sido abundantíssimas, muito mais do que nos anos anteriores.

Dom Bosco respondeu congratulando-se com ele. Sugeriu que, se o bispo era favorável à bênção, se procedesse logo a ela, aproveitando a boa estação. Não deixou de se mostrar satisfeito com as boas colheitas <sup>(1)</sup>.

Os mornesinos sabiam devê-lo à intercessão de Maria Auxiliadora. Desejavam oferecer os gêneros ou o dinheiro prometido, porém queriam fazer a entrega pessoalmente a Dom Bosco. Mas o bom Pai, desejando embora condescender a tão justo desejo, não podia precisar quando estaria em condições de ir a Mornese. Talvez em dezembro.

Como medida de segurança, Pe. Pestarino resolveu então pedir, por intermédio do pároco Pe. Valle, a autorização de benzer ele mesmo a capela e o edifício. Quem sabe se a resposta não significaria mudança nas disposições da Cúria? O tempo é bom conselheiro. Fixou a data: 13 de dezembro, festa de Santa Luzia.

Nesse meio tempo, Dom Bosco escreveu ao Pe. Pestarino dizendo-se satisfeito com seu repetido convite. Pretendia chegar a Mornese no dia 9 de dezembro <sup>(2)</sup>.

Foi, porém, preciso modificar seu itinerário, pois D. Contrato, decano dos bispos da província eclesiástica de Turim, tinha caído gravemente enfermo e o desejava junto do seu leito.

Dom Bosco antecipou para sábado, 7 de dezembro, sua viagem para Acqui mas teve a dor de encontrá-lo já morto; falecera na véspera, com a idade de setenta anos <sup>(3)</sup>.

O bispo tinha desejado vê-lo! Talvez tivesse querido tocar no assunto do colégio?

## **DOM BOSCO EM MORNESE PARA A BÊNÇÃO DA CAPELA**

Depois dos funerais do bispo, Dom Bosco foi a Mornese. Lemos na crônica do Pe. Pestarino: "No dia 9 de dezembro chegou a licença para a bênção e tivemos também a opor-

---

(1) Anexo n. 5 cf. ed. ital. p. 325.

(2) Anexo n. 6 cf. ed. ital. p. 326.

(3) MB VIII 1009.

tuna e sempre preciosa visita de Dom Bosco, para aquela *feliz ocasião*. Foi recebido com mostras de extraordinária benevolência. Há tanto tempo era desejado! Chegou de noite, à uma hora aproximadamente, no coche de Novi para Montaldeo. Os meninos foram-lhe ao encontro, cantando o hino dedicado a Dom Bosco. Como fazia muito frio, acenderam fogueiras pela estrada, até Castagneta, o que dava à noite um toque de alegria festiva. Em S. Rocco, achava-se o pároco com o clero, o prefeito, a municipalidade, que o receberam com alegria. Dom Bosco queria descer mas, ao contrário, subiram com ele o pároco e o prefeito e foram juntos até os arredores da aldeia. Levou mais de três quartos de hora para chegar à construção, sempre acompanhado por imensa multidão que ia crescendo.

A construção estava toda iluminada com lampiões de querosene. Brilhavam os fogos de artifício, pipocavam os foguetes. O pórtico estava todo enfeitado e iluminado com quantos lampiões foi possível encontrar nas casas por onde não passava o cortejo, sobretudo dos Mazzarelli. Dom Bosco foi convidado a subir sobre um trono para ouvir algumas composições literárias, entre as quais dois sonetos do chefe de comuna, Ettore Ponassi <sup>(4)</sup>. Por causa do frio, o resto foi deixado para o dia seguinte”.

Antes de retirar-se, Dom Bosco disse poucas mas sentidas palavras de agradecimento pela calorosa acolhida, bem como de louvor pelo auxílio prestado para levantar o colégio, que ainda exigia muitas despesas e tempo para ficar acabado. Assegurou que ele mesmo queria ajudar da maneira que lhe fosse possível. Mas exortou-os a não se iludirem porque eram muitas as dificuldades: ao contrário...

Começava assim a lançar um pouco de água no fogo dos entusiasmos mornesinos, procurando evitar suspeitas, palavras intempestivas e mau humor contra quem — fosse embora por motivos justificáveis — estava pondo a pedra entre as rodas.

## **DOM BOSCO PRIMEIRO HÓSPEDE DO COLÉGIO**

Também desta vez, Dom Bosco foi hóspede do Pe. Pestarino, mas no colégio. Fizeram todo o serviço — atrás dos bastidores, como em 1864 — as Filha da Imaculada, ajuda-

(4) Anexo n. 7 cf. ed. ital. p. 328.

das pelas ofertas da população e da senhora Ninna Ghio, que mandava regularmente as iguarias mais finas e os doces.

Mornese parecia ser um só homem, num delírio de felicidade e gratidão. O tempo concorria para o contentamento geral porque, embora fazendo frio, o céu estava sereno e o ar seco.

“Muitos cartazes — continua Pe. Pestarino — estavam espalhados em vários pontos, obra do notário Antônio Traverso. Eram todos muito bonitos. Um estava à entrada do lugar da construção — Borgoalto — outro no ângulo da construção e outro na entrada da mesma.

No dia seguinte, muitos párocos e padres da vizinhança foram fazer companhia a Dom Bosco, também na hora do almoço, terminado o qual o mesmo sr. Traverso leu uma bellissima poesia, que Dom Bosco elogiou e pediu para levá-la consigo para Turim” (5).

## **OS MORNESINOS PARA MARIA AUXILIADORA E PARA DOM BOSCO**

Acrescenta o biógrafo de Dom Bosco: “No dia 10, reunia-se uma numerosa assembléa sob os pórticos do colégio. O serve de Deus, acompanhado pelo Pe. Pestarino, que o hospedava, foi recebido com grandes aplausos. Antes que lhe fossem apresentados os dízimos prometidos, pela mão dos meninos e das meninas enfileirados na frente, um cidadão dos mais notáveis da região apresentou, em nome de todos, os motivos de quanto estava acontecendo.

“Nós — disse ele — somos devedores de grandes favores à Virgem Auxiliadora. No ano passado, muitos deste lugar, devendo partir para a guerra, colocaram-se sob a proteção de Maria Auxiliadora suspendendo sua medalha ao pescoço. Foram corajosamente, afrontaram os mais graves perigos, mas nenhum foi vítima daquele flagelo.

Além disso, as regiões circunvizinhas foram assoladas pela epidemia do cólera, pelo granizo e pela estiagem mas nós fomos poupados. Foi quase nula a vindima dos nossos vizinhos, mas nós fomos abençoados com uma abundância que não se via há vinte anos.

---

(5) Anexo n. 8 cf. ed. ital. p. 329 ss.

Por esses motivos, somos felizes de poder manifestar deste modo nossa gratidão à grande Protetora do gênero humano.

Creio ser o fiel intérprete dos meus concidadãos assegurando que o que fazemos agora o faremos ainda no futuro, certos de nos tornarmos cada vez mais dignos das bênçãos celestes" (6).

Continua o Pe. Pestarino: "Dom Bosco se mostrava muito satisfeito e os outros sacerdotes estavam encantados com o que viam. Houve depois uma demonstração de gratidão da parte das mães de família que, pessoalmente ou por meio dos seus filhinhos, ofereciam cestinhos com frutas, ovos, manteiga, garrafas de vinho etc. Dom Bosco tudo aceitou com suas maneiras afáveis e se comoveu até às lágrimas.

Essas ofertas foram leiloadas, recolhendo-se cem francos que foram enviados a Turim, para a igreja de Maria Auxiliadora.

Dom Bosco foi o primeiro a celebrar a missa na capela e fez o discurso de ocasião. Benzeu ainda, com certa solenidade, o edifício do colégio e no fim deu a bênção com o SS.Sacramento, para alegria do povo".

## DOM BOSCO PARA OS MORNESINOS

Acrescenta o Pe. Lemoyne que, "durante aqueles dias, Dom Bosco esteve sempre ocupado. Celebrou a missa da Comunhão e pregou na igreja paroquial; confessou, visitou os enfermos, fez conferência para as Filhas da Imaculada, atendeu a todos quantos lhe vinham pedir conselho, distribuiu imagens de São Francisco de Sales, onde estava escrito: **Aos nossos caridosos benfeitores, Sac.Gio.Bosco.** Foi ainda a Lerma, visitar o pároco Olivieri, teve longas conversas, à noite com Pe. Pestarino a respeito de vários projetos e escreveu cartas" (7).

Dom Bosco externou a mais terna simpatia e sincera gratidão, prometendo várias vezes jamais esquecer-se de Mornese, sobretudo nas suas orações, "para que — disse ele — o Senhor abençoasse todos na alma e no corpo, suas terras, e lhes desse o cêntuplo de quanto tinham oferecido de tão

---

(6) MB VIII 1013.

(7) MB VIII 1014.

boa vontade em honra de Maria Santíssima Auxiliadora. Combinou com Pe. Pestarino os trabalhos que seriam feitos na primavera seguinte e, depois de quatro dias, voltou para Turim. Muitos o acompanharam até Castagneta, alguns até Montaldeo. Presenteou todos com medalhas e crucifixos, como lembrança. Àqueles que o foram receber e acompanhar em Montaldeo, mandou, depois de Turim, um belo livro” (8).

Fica por aqui a crônica do Pe. Pestarino. Se continuasse, teria que falar do que o fez sofrer e ele prefere o silêncio, o que o torna mais admirável e precioso aos olhos de Deus.

## **LÁPIDE COMEMORATIVA À ENTRADA DA CAPELA**

A capela fora dedicada a Nossa Senhora das Dores. Acima do altar, se admirava o belo quadro, tão caro ao Pe. Pestarino, que ele, como já dissemos, tinha transportado da casa paterna, juntamente com as alfaias e demais acessórios.

Junto da porta, uma lápide, que recordava o acontecimento, trazia a seguinte inscrição:

“No ano de 1867, no dia 13 de dezembro — com rito solemne — foi dedicada esta igreja — e o sac. João Bosco — exemplo singular de caridade e de zelo — foi o primeiro a oferecer aqui — a Hóstia imaculada — invocando sobre o colégio nascente — e sobre o povo de Mornese — as bênçãos de Deus”.

## **AS PALAVRAS DIRIGIDAS POR DOM BOSCO ÀS FILHAS DA IMACULADA**

Uma outra lápide, mais duradoura, mais preciosa e cara a Dom Bosco, guardava impressa, no coração das Filhas da Imaculada, a gratidão que votavam a Dom Bosco. Mais que todas o sentia Maria porque, mais unida ao Senhor do que as outras, mais possuída por um ardente desejo de perfeição, estava em melhores condições para entendê-lo e secundar-lhe os desejos. Quem poderá dizer seu reconhecimento ao recordar que Dom Bosco tinha-se dignado a fazer uma conferência para elas, pobres moças, adaptando-se à sua ignorância?

---

(8) Cronaca di don Pestarino e anexo n. 9 - cf. ed. ital. p. 333.

Tinha-lhes falado de pé, sob o pórtico, exposto ao frio, a fim de transfundir nelas o amor ao sacrifício, o espírito de humildade, o desejo de sofrer qualquer pena, com a condição de poder levar almas para Deus. Tinha começado e acabado com a recomendação de amar e invocar Maria Imaculada Auxiliadora, sem esquecer seu estribilho preferido: **Estejam alegres! Estejam alegres, porque Nossa Senhora gosta de vocês!**

## **COMO A MAZZARELLO ACOLHE A PALAVRA DE DOM BOSCO**

Naquela ocasião, porém, Maria não se tinha posto na frente como das outras vezes. Antes, tinha-se colocado atrás, bem escondida, para colher mais livremente cada palavra. Ela, geralmente pálida, ia ficando corada, à medida que Dom Bosco falava, tão grande era a alegria e o tumultuar dos sentimentos. Tinha-o ouvido com as mãos cruzadas, olhos baixos, que por vezes pareciam cintilar no ardor da aquiescência. Durante aquela meia hora, sua alma vibrou em uníssono com a de Dom Bosco, na certeza de receber uma orientação segura.

Nada disse, porém, da sua alegria interior, deixando-a somente intuir pelo empenho ainda maior de pôr em prática a palavra de Dom Bosco.

## **A MAZZARELLO É POSTA À FRENTE DA CASA "IMACULADA"**

Depois que Dom Bosco partiu, as boas moças voltaram ao trabalho assíduo na Casa Imaculada, onde as paredes transpiravam felicidade, onde reinava entre elas uma santa porfia para se conservarem puras e alegres, como lhes tinha sido recomendado.

Mas surgiu uma novidade. Talvez por sugestão de Dom Bosco, Pe. Pestarino fez-lhes ver que, sendo agora mais numerosas e com a possibilidade verem seu número crescer ainda mais, convinha escolher uma entre elas a quem se pudessem dirigir, bem como as pessoas externas. Como lhe perguntassem qual a sua opinião, respondeu: eu não me quero envolver nisso; façam como melhor lhes parecer. Penso que vocês poderiam sondar suas alunas internas e externas, para ver qual é sua opinião.

Dito e feito; um domingo, quando estavam reunidas em maior número, propuseram a escolha. Como era de esperar, o voto foi unânime para Maria. Então Petronilla levantou-se e, com muito carinho, lhe disse: “Muito bem! Eu quero ser a primeira a chamar você de senhora”. Foi para todas uma festa cordial, inclusive para Maria, que recebeu com simplicidade essa prova de confiança.

Quando no lugar se soube da coisa, riram-se como de uma extravagância. Mas as meninas acharam tão natural essa demonstração externa de respeito e adotaram aquele **senhora** com tanta deferência que, sem nada dizer, impuseram sua opinião mesmo aos menos bem dispostos.

## **MORRE O FRASSINETTI**

1868 — Em janeiro de 1868, morria repentinamente, vítima de uma pneumonia violenta, o Frassinetti.

Com imensa dor, Pe. Pestarino deu a notícia em Mornese. Ele perdia o amigo de juventude. Foi sincero o pesar de todos pela morte de um sacerdote que, freqüentes vezes, tinha aceitado o convite para confessar e pregar. As Filhas de Maria lhe prestaram um tributo de merecidos louvores, unidos a fervorosas preces. A repercussão foi maior na Casa da Imaculada, porque ali a vida do espírito era mais intensa, havia maior recolhimento, era mais cultivada a união com Deus, fonte inexaurível de afeto e de gratidão. Dom Bosco também sofrera por uma tal morte, tendo tido, mais de uma vez, ocasião de apreciar o zelo e a virtude não comuns do Frassinetti. Pela sua cooperação nas **Leituras Católicas**, dava-lhe o nome de benfeitor.

## **PREPARATIVOS PARA A CONSAGRAÇÃO DA IGREJA DE MARIA AUXILIADORA EM TURIM**

A tal pena, porém, misturavam-se em Dom Bosco motivos de grande conforto, nesse início de ano. Tudo estava pronto, afinal, para a consagração da igreja, da **sua igreja** que, se por um lado lhe tinha custado tantas preocupações, enchia-lhe agora o coração de alegria, pela glória que resultaria para a sua Senhora. Querendo que em tal ocasião tudo fosse belo e a propósito, em fevereiro, “ordenava que em Roma fossem cunhadas medalhas especiais: de um lado deviam estar a fachada da igreja com a inscrição: **Igreja de**

**Maria Auxiliadora** e, no exergo, **Turim**; no verso, a efígie característica de Maria Auxiliadora com a invocação **Maria Auxílio dos cristãos, rogai por nós**. As medalhas a serem distribuídas ao povo, eram menores e leves; tinham de um lado a efígie de Maria Auxiliadora e do outro o símbolo do SS.Sacramento”<sup>(9)</sup>.

## **DOM BOSCO RECEBE COM SATISFAÇÃO A PRESTAÇÃO DE CONTAS ANUAL DO PADRE PESTARINO**

Em meio aos preparativos, chegou a festa de São Francisco de Sales que, no Oratório, foi celebrada no dia 3 de fevereiro. Como de costume, Pe. Pestarino estava presente. Dos diretores, foi o primeiro a fazer sua relação anual. Entre outras coisas, disse o que ele e as Filhas da Imaculada estavam fazendo em meio à juventude, para impedir, ou ao menos diminuir, os perigos do carnaval.

Com satisfação, Dom Bosco aprovou o zelo que se desenvolvia em Mornese para afastar a juventude das festas carnavalescas. Externou o conforto que sentira com a piedade daqueles camponeses, encarregando Pe. Pestarino de mais uma vez agradecer as ofertas feitas para a sua nova igreja. Encorajou-o a prosseguir em suas nobres empresas<sup>(10)</sup>.

Pe. Pestarino recebeu depois em particular as normas seguras para continuar os trabalhos do colégio. O esqueleto, por assim dizer, estava pronto e o primeiro e segundo andar bem adiantados; mas havia ainda muito a fazer. Entretanto, era preciso andar devagar por dois motivos especiais.

## **DIFICULDADE SOBRE DIFICULDADE**

O primeiro era o veto sempre iminente; o segundo, não menos preocupante, era a falta de dinheiro.

Por morte do bispo, ficara à frente da diocese Mons. Francisco Cavalleri, vigário capitular, pároco da Catedral. Era um homem muito manso que, de igual modo que o falecido bispo seu superior, não teria perturbado seus planos senão induzido por motivos alheios à sua vontade. Não obstante isso, no momento era preciso não chamar a atenção sobre o colégio, para não exacerbar os ânimos dos que lhe

---

(9) MB IX 50-51.

(10) Cf. MB IX 67.

eram pouco favoráveis e quiçá provocar novos e mais graves impecilhos.

Os fundos! O dote que Teresa Pampuro tinha entregado inteiramente ao Pe. Pestarino, para a construção do colégio, tinha-se evaporado. Não era provável que outra Filha da Imaculada lhe seguisse o exemplo. Bem desejariam outras imitá-la e colocar nas mãos do Pe. Pestarino somas fabulosas. Mas quem, entre aquelas boas moças, possuía vinte mil liras como a Pampuro? A Maccagno; mas esta, além de ter a mãe ainda viva, não sentia entusiasmo pelo colégio a ponto de despojar-se. Nem mesmo possuía os ideais das Filhas da Imaculada que viviam em comunidade. Aliás, ela já tinha dado muito para a Casa da Imaculada.

As últimas mil liras de Petronilla tinham também desaparecido como um sopro. Mas como? Ela mesma no-lo diz: “Meu pai, vendo que eu não iria morar com nenhum dos meus irmãos mas, ao contrário, me preparava para ir viver com Maria, por sua morte deixou-me em herança um belo pomar com poço, só para mim, e um andar da casa, cômodo e independente. Quem morava na casa era meu irmão que pagava pontualmente o aluguel. Assim o determinara Pe. Pestarino, não pelo dinheiro — por mim, não receberia aquele dinheiro — mas por causa das cunhadas. Sabendo elas que eu era a dona, me respeitariam.

Vendi o pomar quando meu irmão foi para o Céu e os trabalhos do colégio estavam adiantados. Eu não entendia nada de negócios. Pe. Pestarino chamou-me um dia e me disse que havia um bom comprador para minha propriedade. Pagaria bem e imediatamente. Até mandou-me um tabelião para legalizar a transação. Eu não tinha falado com ninguém.

O mais bonito está aqui. Apenas tive em mãos minhas belas mil liras, fui depressa entregá-las ao diretor, para ter um pouco de mérito no bem que se faria no colégio. Quando vinha saindo, um homem me puxa de maneira indelicada pelo avental e me diz: — Como você é tola! Se Pe. Pestarino morre amanhã, você vai se encontrar no meio da rua sem um vintém no bolso, daquilo que foi seu dote.

No momento, fiquei olhando para ele, sem compreender onde queria chegar. Depois lhe disse: — Oh, quer dizer que a divina Providência não morre e para mim também ela existe — Ele ficou embaçado. Oh, foi mesmo a divina Providência!”.

Pe. Pestarino esperava ainda — e não era fora de propósito — alguma coisa da jovem viúva, Filha de Maria, que desejava também retirar-se para viver com as outras. Mas isso não seria suficiente e não havia mais nada em vista.

## CONFORTO EFICAZ

Animado pelos conselhos de Dom Bosco, Pe. Pestarino voltou de Turim disposto a ser a gota d'água que, caindo sobre a pedra, mal deixa seu vestígio e que, entretanto, com o tempo, vai cavando uma concha onde repousar tranqüila.

Faria o pouco que lhe fosse possível, sem barulho, inteiramente abandonado à divina Providência, dela esperando também uma solução da pendência com a Cúria.

Ele deve ter dito também ao superior como a Casa "Imaculada" ia para a frente de maneira edificante; como crescesse o número de alunas externas. Além disso, outra moça, Assunta Gaino de Cartosio, tinha ido aumentar o número de Filhas da Imaculada. Outra, Maria Poggio de Ponti estava para entrar, enviadas ambas pelo Côn. Olivieri.

De volta a Mornese, manteve-se fiel ao que combinara com o superior. Sem nada ampliar, antes, deixando incompleto o terceiro andar, dedicou-se a terminar apenas o que já estava começado. Empregando poucos operários, mas usando muita diligência, procurou ater-se aos desejos de Dom Bosco. Queria este que tudo fosse simples e prático, especialmente muito sólido, para resistir ao instinto destruidor dos jovens. Teve o cuidado de não deixar transpirar o que o preocupava, certo de que tudo se acomodaria e seus pobres camponeses teriam um colégio para seus filhos.

## PRIMEIRO OPÚSCULO DE DOM BOSCO SOBRE MARIA AUXILIADORA E PRIMEIRA NOVENA

Mas em Turim, tudo era alegria, uma alegria quase clamorosa. Para as **Leituras Católicas** de maio, Dom Bosco tinha preparado um opúsculo: **Maravilhas da Mãe de Deus, invocada sob o título de Maria Auxiliadora** distribuindo-o generosamente, mesmo a personagens distintas. No dia 14 de maio, ensinava aos alunos como fazer a novena de Maria Auxiliadora.

Privadamente, ele já a havia sugerido a muitas pessoas, obtendo resultados miraculosos. Prescrevia-a agora a toda a família de Valdocco: “Tenho uma boa notícia para vocês: amanhã, começa a novena de Maria Auxiliadora. Este ano, não podemos ainda celebrá-la na igreja nova mas, para o futuro, esperamos celebrá-la com grande solenidade. Nesta novena não faremos nada mais do que nos anos passados, mas devemos fazer tudo bem feito. Praticar bem as flores que são lidas de noite. Durante o dia, cada um se exercite em alguma prática de piedade. Cada um recite três **Pater, Ave e Gloria** a Jesus Sacramentado e três **Salve Regina** a Nossa Senhora. Peça cada um a Nossa Senhora a graça de que mais necessita. . . Quanto a mim, rezarei para que possa salvar as almas de vocês todos” (11).

## O “CATTOLICO PROVVEDUTO”

Naqueles dias, Dom Bosco podia oferecer outra flor à Auxiliadora: punha à venda um livro no qual trabalhara por vários anos: **Il Cattolico provveduto per le pratiche di pietà con analoghe istruzioni secondo il bisogno dei tempi** e o oferecia à Virgem com esta dedicatória, datada do dia 24 de maio. Nele encerra todo o afeto do seu coração: “**À augusta Rainha do Céu — À gloriosa sempre virgem Maria — Concebida sem a mácula original — Cheia de graça e bendita entre todas as mulheres — Filha do Eterno Pai — Genitora do Verbo incarnado — Esposa do Espírito Santo — Delícia da SS. Trindade — Fonte inexaurível de fé, de esperança e de caridade — Advogada dos abandonados — Sustentáculo e defesa dos fracos — Âncora de confiança — Mãe de misericórdia — Refúgio dos pecadores — Consoladora dos aflitos — Saúde dos enfermos — Conforto dos moribundos — Esperança do gênero humano — A vós que neste dia — A Igreja católica proclama — Auxílio dos cristãos — Um indigno vosso servo, não podendo fazer outra coisa — Este livro humildemente consagra — 24 de maio de 1868** (12).

Quisemos transcrever aqui essa dedicatória porque ela nos mostra, mais uma vez, o amor sem limites de Dom Bosco a Nossa Senhora. Depois de a ter decantado, com os títulos mais termos da mais doce gama musical, chama-a simplesmente de **Auxílio dos cristãos**. Fez isso para nos dar a entender que este único nome encerra ao mesmo tempo todo o

(11) MB IX 204.

(12) MB IX 222-223.

seu amor por Maria e todos os atributos dela em nosso favor. Além disso, essa gentil dedicatória leva a data do dia 24 de maio: data única nos fatos salesianos e que, a começar daquele ano, marcará o dia da mais bela, da mais querida festa de Nossa Senhora em todas as casas de Dom Bosco.

## REPETE-SE A REVELAÇÃO DO PROJETADO INSTITUTO

Para a glória de Maria Auxiliadora, ele prometia ainda uma outra coisa, na conversa que teve com o filho predileto, Dom João Cagliari. É o que este mesmo nos narra: "... em maio de 1868 — ainda em maio — ele (Dom Bosco) me tinha manifestado o projeto de instituir uma congregação de moças solteiras, com hábito religioso e votos simples, a qual, da mesma forma que os Salesianos, tivesse como finalidade educar as meninas do povo. Ao mesmo tempo, cuidariam da roupa dos meninos internados nas nossas casas"<sup>(13)</sup>.

Agora, não são mais os sonhos que falam, não são os filhos que o interrogam. Dom Bosco não tem mais dúvidas: sabe que se ocupará da juventude feminina e de que maneira o fará. Já marcou o caminho a seguir, os meios para alcançar o fim perseguido: uma congregação religiosa que, à imitação dos salesianos, salesiana ela mesma porque ramo do mesmo tronco, coopere para a salvação das almas juvenis.

Manifesta essa determinação quando todos os seus pensamentos e afetos estão voltados para a próxima consagração do seu templo. Isso revela que, para a Auxiliadora, não é suficiente um monumento de mármore. Quer oferecer-lhe um outro vivo. Um monumento que, no mundo inteiro, em nome e para a glória da Auxiliadora, acolha, para levá-los a Deus, jovens corações femininos, conservados na graça ou regenerados, para o bem das famílias e da sociedade.

## O QUADRO DE MARIA AUXILIADORA

Ferviam os últimos preparativos para a solene consagração, e Dom Bosco com seus filhos já podia admirar a esplêndida sagrada imagem para a qual "tinham colaborado o céu e a terra". Céu e terra pois, o próprio Lorenzone, que a pintou, afirmou ter sido sobrenaturalmente ajudado.

---

(13) *Memorie de mons. Giovanni Cagliari sugli inizi dell'Istituto*, Roma, 12 de janeiro de 1908 (Arch. Gen. FMA).

“Um dia — conta um padre do Oratório — eu entrei no seu estúdio para ver o quadro. Era a primeira vez que me encontrava com Lorenzone. Trepado na sua escadinha, ele dava as últimas pinceladas no rosto da sagrada imagem de Maria. Não se voltou ouvindo meus passos, mas continuou seu trabalho. Passados alguns instantes, desceu e se pôs a considerar o efeito de seus últimos retoques.

De repente, deu pela minha presença, segurou-me pelo braço e levou-me a um canto do estúdio de onde se via bem o quadro: ‘Veja como é bela — disse ele —. Não é mérito meu, não. Não sou eu que pinto. Uma outra mão dirige a minha. Creio que o senhor é do Oratório. **Diga então a Dom Bosco que o quadro vai corresponder aos seus desejos**’. Estava entusiasmado de fato. Dito isso, voltou ao seu trabalho” (14).

Diga a Dom Bosco que o quadro vai corresponder aos seus desejos! Sim, porque Dom Bosco lhe tinha feito dele a descrição minuciosa, não como quem explica uma imaginação intelectual, mas como quem descreve uma coisa que viu, e viu repetidas vezes, de maneira a recordar os mínimos particulares.

De fato, não apenas em um dos seus sonhos se tinha visto “diante de uma Senhora magnificamente vestida, de inenarrável beleza, majestade e esplendor, cercada por uma assembléia de anciãos, que mais pareciam príncipes, e rodeada pelo cortejo de nobres e numerosíssimos personagens, ornados de graça e riqueza deslumbrante” (15).

## CONSAGRAÇÃO DA IGREJA DE MARIA AUXILIADORA

Quarta-feira, 9 de junho, foi consagrada a igreja de Maria Auxiliadora. É impossível imaginar o que sentisse Dom Bosco ao ver um povo tão numeroso aplaudir comovido sua Rainha. Se o pintor Lorenzone, ao contemplar na igreja sua bela obra de arte, tinha caído de joelhos, em pranto (16), que lágrimas de alegria, de gratidão e súplica não terão subido do coração aos olhos de Dom Bosco, ao ver sua Senhora aclamada pela massa entusiasta do povo.

Inenarrável sua comoção quando o Arcebispo — acolitado pelo fiel admirador de Dom Bosco, o Côn. Olivieri, então

---

(14) MB VIII 5.

(15) Cf. MB II 343.

(16) Cf. MB VIII 5.

arcipreste em Acqui, e tendo por subdiácono o seu Pe. Lemoyne, diretor do colégio de Lanzo <sup>(17)</sup> — ofereceu o santo sacrifício no altar da Auxiliadora. Como se teria sentido mais no céu do que na terra quando, depois do Arcebispo, ele mesmo celebrou no mesmo altar a santa Missa e distribuiu a santa Comunhão! Seu biógrafo nada diz a respeito, considerando-se provavelmente incapaz de traduzir sentimentos que, por sua natureza, são indescrevíveis.

O seguinte episódio nos faz todavia entrever alguma coisa. “O cônego João Anfossi estava perto de Dom Bosco, atrás do altar-mór (de tarde, durante as vésperas, enquanto se cantava a antífona **Santa Maria** do Pe. João Cagliero). Jamais o tinha visto, durante as orações, dizer uma palavra na igreja. Nessa hora, porém, estando ajoelhado e olhando-me com os olhos úmidos de pranto, pela incontida alegria, me disse: ‘Caro Anfossi, não lhe parece estar no Céu?’”<sup>(18)</sup>.

Por que, num dia tão solene, Dom Bosco, foi celebrar atrás do altar? Talvez a sua humildade quis subtrair-se aos olhares cheios de admiração do povo que, no filho, excelente músico, queria aplaudir o pai? Ou o coração paterno o levou para o meio dos filhos que se refugiavam como podiam num lugar onde o povo não tem acesso? Ou teme, talvez, que a comoção, perante a glória da Auxiliadora, o traia diante dos olhares curiosos?

## MARIA AUXILIADORA, MÃE E RAINHA!

Foi realmente um dia de triunfo e, como o divino Mestre que se eclipsava diante da multidão que o queria aclamar rei, Dom Bosco se esconde. Ele quer que os corações se inclinem tão somente para a grande Senhora; que a **Ela** se preste todo louvor e glória. Olhemos, pois, comovidos, a doce imagem que ele nos deu; pensemos que, ao seu coração, à sua fé, à santa eficácia dos **seus sonhos**, é que devemos uma tela de tal modo celeste e devota.

É Mãe Auxiliadora e é Rainha! Dom Bosco sabe que a humanidade tem necessidade de um coração materno. À delicadeza dos seus sentimentos; à sua arte educativa, eminentemente psicológica; ao seu amor pela juventude; ao

---

(17) Cf. MB IX 245 seguintes.

(18) MB IX 248.

culto que ele consagrou à sua mãe e, por conseguinte, ao desejo de preencher esse vazio no coração de tantos jovens privados da mãe, devemos essa suave majestade, que ele nos apresenta com o divino Filho nos braços e no coração. A criança tem necessidade do Menino Jesus, pequeno também ele, pobre, amante das crianças pobres; bom, obediente, submisso à sua mãe. A criança nunca fica tão atenta e alegre do que quando ouve falar de Jesus. Precisa da Virgem santa, que é Mãe do Menino Jesus e é também sua Mãe, sempre sorridente, sempre pronta a perdoar, cujo olhar é doce e sereno, cuja mão acaricia.

A criança precisa também dos anjos: são seus bons amigos, amáveis e corteses. Bem o sabe Dom Bosco e faz seus jovens crescerem no amor e na devoção ao Anjo da guarda.

Maria Auxiliadora, portanto, qual a idealizou Dom Bosco, é Mãe; é uma doce mãe que aperta ao peito seu Menino Jesus; que, ao mesmo tempo, o apresenta carinhoso; que é circundada de anjos, numerosos e alegres, como as crianças das casas salesianas.

A sagrada tela representa tudo isso para a juventude. E para os filhos de Dom Bosco, para os continuadores da sua obra?

Eles devem ser religiosos, apóstolos, evangelizadores, defensores do Papa. É por isso que, aos pés e ao redor da celeste Mãe, estão os apóstolos e os evangelistas; mais em baixo, imponente, está Paulo, com a espada da pregação, e Pedro, o apóstolo que se perpétua no poder das "chaves".

Para os filhos do seu novo apóstolo, Maria Auxiliadora é Mãe e Rainha. Ela aponta os celestes protetores a quem imitar e recorrer, para alcançar uma sempre maior abundância de graças.

Sim, Dom Bosco pode recolher-se ao anonimato para gozar em silêncio toda a doçura dessas horas divinas. Está fixado na tela o rosto de quem é a luz da sua vida, desde a infância. Poderá contemplar-lhe a soberana beleza sem o temor de que se apague improvisadamente, como nos sonhos. A qualquer hora, entrando ou saindo do Oratório, antes de resolver um negócio, nos momentos de alegria ou de dor, poderá encontrar aqueles olhos amorosos que serão conforto e guia para ele e para seus filhos.

## **PARTICIPAÇÃO DE MORNESE NA FESTA**

Não podemos silenciar a participação cordial dos mornesinos nessa tão cara festa. Dom Bosco tinha obtido, da Sociedade Ferroviária, que fossem postos cinco vagões à sua disposição, de maneira que podiam ir e voltar, pagando apenas dois soldos. Quarenta somente puderam aproveitar da vantagem porque, justamente naqueles dias, se fazia a colheita do grão, que ocupava todos eles. Chefiando a caravana, foi o Pe. Pestarino. Nela tomaram parte o prefeito, os conselheiros municipais e os principais chefes de família <sup>(19)</sup>.

A humildade do Pe. Pestarino e a pressa com que redigiu sua crônica, o impediram de acenar ao bem que fizeram os mornesinos com o exemplo de sua piedade. Mas as **Memorie Biografiche** e o **Culto di Maria Ausiliatrice** do Barberis, o registraram.

“...os bons mornesinos... quiseram dar uma pública demonstração da sua devoção, vindo agradecer à sua celeste Benfeitora, no novo templo que lhe estava sendo consagrado em Turim. Portanto, quarenta chefes de família, tendo à frente o prefeito e um sacerdote, percorreram umas setenta milhas de caminho, para vir trazer, quais embaixadores, os obséquios de todos os demais, a Maria.

### **PE. PESTARINO EXPLICA O MOTIVO DE TAL PARTICIPAÇÃO**

Pe. Domingos Pestarino, que os acompanhava, foi o intérprete dos sentimentos de todos e, na presença de respeitáveis personagens, fez o seguinte discurso:

‘Não lhes cause admiração, senhores, ver aqui os representantes do povo de Mornese. Se não estivessem impedidos pelos trabalhos campestres, talvez aqui estivessem todos. Os que aqui estão fazem as vezes dos que ficaram nas suas casas. Aqui vimos para agradecer à santa Virgem Auxiliadora pelos benefícios recebidos. Maria é um grande nome para nós: escutai. Faz dois anos, devendo ir para a guerra, muitos jovens da nossa aldeia, puseram-se todos sob a proteção da santa Virgem, pendurando ao pescoço a medalha de Maria Auxiliadora. Foram, arrostaram corajosamente toda a sorte de perigos, mas não foram vítimas do terrível

---

(19) Cronaca di don Pestarino.

flagelo. Além disso, nas regiões vizinhas, muitos estragos foram provocados pelo granizo, pela seca e o **colera morbus**. Nós de tudo isso fomos preservados. Abençoados pelo Senhor e protegidos pela santa Virgem, ano passado tivemos uma colheita abundante como não tínhamos há muitos anos.

Este ano então aconteceu uma coisa que parece incrível para quem não a testemunhou. Forte granizo caiu em toda a região e nós pensamos que toda a colheita estava perdida. Em todas as casas, todas as bocas invocavam Maria Auxiliadora. Mas, continuando a cair, o granizo cobriu o terreno como se fosse neve em pleno inverno.

Alguns forasteiros, que entre nós se encontravam, vendo a consternação pintada em todos os rostos, diziam com malignidade: — Vão pedir a Maria Auxiliadora que lhes restitua o que o granizo levou.

— Não fale assim, respondeu um com bom senso. Maria nos ajudou no ano passado e nós lhe somos reconhecidos. Se, durante este ano, nos continua a proteger, terá duplo motivo para a nossa gratidão. Mas, se Deus nos achasse merecedores de castigo, diríamos como o santo Jó: **Deus nos deu, Deus nos tirou, seja sempre bendito seu santo Nome!**

Enquanto assim se falava na praça pública, mal parou a chuva de pedra, chegou um dos principais proprietários da aldeia e gritou ofegante: — Amigos e irmãos, não se aflijam! O granizo cobriu nossas terras mas não causou prejuízo. Venham ver como é grande a bondade do Senhor.

Imaginem com que ansiedade cada um correu para ver seus campos, seus prados, seus vinhedos, que representavam os tesouros e recursos de cada família! Certificaram-se de que era verdade o que o amigo tinha dito. De maneira que, em toda a aldeia, exaltavam todos o nome da Virgem auxílio dos cristãos!.

Eu mesmo — disse um deles, interrompendo Pe. Pestarino — vi num dos meus campos o granizo que formava montículos ao redor das plantas de milho, sem que estas nada sofressem.

‘É voz comum — continuou o sacerdote — que o granizo não somente não causou nenhum prejuízo mas até

trouxe um benefício, livrando-nos da seca que nos ameaçava. Depois de tantos sinais de proteção, poderá haver algum mornesino que não professe o maior reconhecimento a Maria?

Enquanto vivermos, conservaremos a lembrança de tantos favores. Será para nós motivo de grande consolação poder voltar a esta igreja, trazendo o óbulo da gratidão e um coração reconhecido pela bondade do Senhor'. Até aqui o sacerdote de Mornese.

Aqueles devotos embaixadores cumpriram sua missão de maneira muito edificante. Aproximaram-se dos sacramentos da confissão e da comunhão, tomaram parte em todas as práticas religiosas que se realizaram nos dias 13, 14 e 15 de junho. Ao meio dia desse 15 de junho, reuniram-se e, com alegria no coração e sorriso nos lábios, voltaram ao seio de suas famílias, deixando em todos nós um luminoso exemplo de religiosa e boa educação" (20).

Nenhuma das mulheres foi. Pe. Pestarino, que teria desejado proporcionar essa alegria a quem, mais do que nenhum outro, tinha o direito e a capacidade de apreciá-la, isto é, Maria e Petronilla, talvez lhes tenha dito — "Levarei vocês duas também; mas onde as ponho?". As duas ficaram felizes por poder oferecer essa **pequena grande** renúncia, como uma jóia que tornasse mais bela a glória da santíssima Virgem.

## DUAS PRIMEIRAS MISSAS EM MORNESE

Nossa Senhora não deixou de premiá-las com dois motivos de consolação.

O primeiro foi a narração minuciosa, exata, que do acontecimento lhes fizeram o alfaiate Valentim Campi e seu irmão. Contaram-lhes as maravilhas vistas e ouvidas em Valdocco, falaram-lhes da glória que circunda o trono da Auxiliadora, naquele seu reino predileto.

O segundo foi a chegada — no domingo, 20 de setembro — de dois filhos de Dom Bosco, que vinham celebrar sua primeira missa em Mornese: Pe. Tiago Costamagna e Pe. José Fagnano.

---

(20) Barberis G., **II culto** 99-101; e MB IX 270-273.

Dom Bosco tinha querido que no dia seguinte ao da ordenação — domingo, 20 de setembro — os dois se encontrassem em Mornese para aí celebrarem a primeira missa. Pe. Pestarino e os habitantes do lugar teriam feito uma digna coroa ao seu ardente fervor. O ar balsâmico e os cuidados com que os cercaria o bom irmão os fariam reaver-se das recentes fadigas.

“Chegaram a pé, perto de meia noite — escreve Pe. José Pestarino. Pe. Tiago Costamagna, na manhã seguinte, foi cantar a missa na paróquia, ao passo que Pe. Fagnano cantou a sua pelas 11 horas, na capela do colégio. A missa foi mais solene graças a alguns cantores que vieram de Turim. Entre estes, lembro-me do Gastini, que nunca faltava, sempre alegre e espirituoso. Embora improvisada, a festa foi muito solene, para consolação do tio e de quantos nela tomaram parte” (21).

Para as Filhas da Imaculada tudo isso representou um acréscimo de trabalho. Eram elas que, em tais casos, tinham a responsabilidade da cozinha e demais serviços a serem prestados aos hóspedes do Pe. Pestarino. Mas o que lhes poderia parecer pesado, tratando-se, direta ou indiretamente de Dom Bosco?

Esse nome teria dado à Mazzarello a energia suficiente para afrontar qualquer trabalho. É fácil, pois, imaginar com quanto afeto se esforçou para que a permanência dos dois novos sacerdotes em Mornese, fosse o mais possível proveitosa. Pe. Fagnano trouxera consigo sua boa mamãe que, naturalmente, passava a maior parte do tempo com as moças, na Casa da Imaculada, edificando-se com tanta virtude, revestida de tão alegre humildade, e capaz de operar milagres com tão poucos recursos.

## **DOM BOSCO EM ROMA E A APROVAÇÃO DA PIA SOCIEDADE SALESIANA**

1869 — A Auxiliadora quis consolar seu zeloso apóstolo obtendo-lhe finalmente, da Santa Sé, a aprovação da Pia Sociedade Salesiana. Para o alcançar, tinha feito repetidas viagens a Roma, tinha suportado recusas, sofrido humilhações. Voltara-se para a santa Virgem, suplicando-lhe que lhe aplainasse o caminho.

---

(21) Carta M do Pe. José Pestarino à irmã Rosalia, 2-4-1922 (Arch. Gen. FMA).

Antes de partir para Roma, Dom Bosco tinha recomendado orações especiais. Da cidade eterna tinha escrito pedindo que, no dia 19, os jovens fossem em turnos ficar em adoração diante do SS. Sacramento. Nesse mesmo dia, 19 de fevereiro, a Pia Sociedade de São Francisco de Sales era aprovada pela Sagrada Congregação, para a alegria de Pio IX.

A graça fora alcançada pela Auxiliadora, mas vinha por intermédio de São José, no primeiro dia do mês em preparação para sua festa. Não é sem razão que Dom Bosco e toda a família salesiana cultivam um terno e confiante amor ao santo Patrono da Igreja.

## **FESTA DE FAMÍLIA E NOVA INDULGÊNCIA**

No dia 5 de março, Dom Bosco voltou a Valdocco, para junto de seus filhos duplamente exultantes: pela aprovação alcançada e por terem novamente entre eles o Pai tão querido. No dia 7, pela primeira vez na nova igreja de Maria Auxiliadora, celebrava-se a festa de São Francisco de Sales. Foi feita também a costumada conferência para os membros e diretores da Congregação. Pe. Pestarino estava presente como de costume e não poderia mesmo ter faltado num dia de tanta alegria para todos.

Na noite do dia seguinte, 8 de março, narrando à comunidade tudo quanto tinha feito em Roma, pelos seus filhos, Dom Bosco lhes disse que o Santo Padre havia enriquecido com 300 dias de indulgência a jaculatória a todos tão cara: **Maria Auxilium Christianorum, ora pro nobis.**

Voltando a Turim, Pe. Pestarino levou o eco da alegria daqueles dias e o fervor que nele sempre se renovava em Valdocco. Transfundiou seu entusiasmo em todos os mornesinos, que já eram todos de Dom Bosco, especialmente Maria Mazzarello, cada vez mais interessada por tudo o que dizia respeito ao santo que, se estava longe do seu centro de trabalho, cada vez mais se fazia presente ao seu espírito.

## **BELA PROMESSA, PROMESSA CUMPRIDA**

Desta vez, Pe. Pestarino trazia também uma bela promessa: breve, muito breve, Dom Bosco viria a Mornese, para ver com seus próprios olhos como ia o colégio e tomar as disposições necessárias.

Quem o traria? São José? Maria Auxiliadora? Ninguém sabia. Que esperassem. E ficaram esperando, especialmente as alegres moradoras da Casa "Imaculada". É tão bom esperar uma pessoa querida!

Pe. Pestarino estava certo de que o seu superior ficaria contente com a virtude que se respirava naquela Casa. Como trabalhavam as moças e as meninas! Como estavam prontas para acudir a qualquer necessidade do povo, ao passo que reduziram ao mínimo suas próprias necessidades. Lá dentro, tudo eram sorrisos e tudo convidava à alegria. Até mesmo a caminhada ao Roverno, para lavar a roupa, e sem falar do pedido humilde de pagar adiantado, para se poderem prover do indispensável.

Dom Bosco chegou na segunda-feira, 19 de abril, ao entardecer, recebido com as costumadas demonstrações de júbilo.

Como da vez anterior, foi para o colégio, cujo edifício, mais adiantado do que em 1867, se prestava melhor para acolhê-lo. Aliás, o coração do Pe. Pestarino e a solicitude das Filhas da Imaculada porfiavam por recebê-lo o menos indignamente possível.

Durante os três dias que passou em Mornese, Dom Bosco celebrou na capela do colégio e na paróquia; fez pequenos sermões para afervorar o povo — isso entrava nos seus hábitos e Pe. Pestarino não deixava de aproveitar todas as ocasiões — confessou durante muitas horas e abençoou vários enfermos. No tempo que lhe sobrava, punha em dia a correspondência e visitava cada ângulo do colégio em construção, para determinar o uso de cada local; combinava com Pe. Pestarino a maneira de poder concluí-lo o mais depressa possível, superando as graves dificuldades financeiras. Faltavam ainda portas, janelas, fechaduras. Dom Bosco prometeu confiar o trabalho aos operários de Valdocco, bem como as carteiras para as salas de aula. No tempo devido, mandaria algum carpinteiro do Oratório, para o acabamento<sup>(22)</sup>.

## **PATERNAS EXORTAÇÕES**

Dirigiu a palavra às Filhas da Imaculada. Tinha tido ocasião de vê-las dentro e fora da igreja. Encareceu a ne-

---

(22) Cf. MB IX 613-14.

cessidade e vantagens de manter uma postura ao mesmo tempo correta e desenvolta, dando assim bom exemplo, sem necessidade de tantas prédicas. É uma maneira de mostrar a todos quais são as verdadeiras Filhas de Maria, à imitação da Mãe celeste. Aconselhou-as a não ficarem de cabeça baixa e encolhidas na igreja; que procurassem antes conservar o busto erguido e a cabeça ligeiramente inclinada, os olhos baixos ou dirigidos ao Tabernáculo. Insistiu sobre a obrigação de vigiar sobre os olhos, restando-lhes a curiosidade.

Recomendou ainda mortificar o paladar, não somente se mostrando satisfeitas com o que Deus nos dá por alimento, mas ainda nunca falando de comida e suportando com alegria qualquer provação. “Pensar em comida e falar a respeito, é degradar-se”, disse ele textualmente. E Petronilla acrescenta: “Falava com muita bondade e com uma seriedade cheia de doçura...”.

Teria talvez observado nelas e nas meninas, que nunca delas se afastavam, algum deslize a respeito? Não é para admirar.

O Pai, que via sempre mais próximo o dia em que aquelas moças poderiam tornar-se o instrumento designado por Deus para grandes coisas, queria que estivessem em estado de corresponder em tudo aos seus desígnios. Mas nada lhes dizia a respeito. Apenas seus olhos tinham um brilho diferente, cada vez que acenava ao novo colégio, deixando entrever que tinha grandes planos para a inauguração do edifício. Nada mais.

Voltou no dia 22, tendo podido constatar pessoalmente o quanto Mornese lhe era afeiçoado. Viu também como as Filhas da Imaculada estendiam sua ação às meninas dos arredores, encaminhando-as à piedade e à virtude, por meio da oficina; como sabiam superar qualquer obstáculo para arremeter um número sempre maior nos dias festivos; como diligenciavam para pôr em prática seu conselho: — **rezem, sim, mas trabalhem...** etc. Oh, aquele bilhete tinha operado milagres; constituía agora — ele bem o via — o programa da vida de quantas moravam naquela Casa da Imaculada.

Tudo o que viu revelou a Dom Bosco muito mais do que lhe diziam as palavras do Pe. Pestarino. Estava agora em melhores condições para uma direção mais imediata.

## HORÁRIO — PROGRAMA

De fato, desta vez ele se ocupou deliberadamente das Filhas da Imaculada e, de acordo naturalmente com Pe. Pestarino, escreveu de sua própria mão, num caderninho, uma espécie de horário, ou melhor, um “regulamento para o dia”. Umhas vinte páginas ao todo. Infelizmente perdeu-se o manuscrito de Dom Bosco, mas Petronilla o recordou muito bem e, em linhas gerais é, segundo ela, o seguinte:

1.º Assistência diária à santa missa, à que era celebrada para o povo, ao nascer do sol; durante ela, cada qual rezava em particular as orações que queria; não demorar na igreja mais do que trinta ou quarenta minutos.

2.º Trabalho e refeições possivelmente à mesma hora, seguidas de um tempo para recreação, que correspondesse às necessidades das meninas, tanto internas como externas.

3.º De tarde, também em hora marcada, um pouco de leitura espiritual, sem interromper o trabalho; ao anoitecer, reza do Terço, continuando, se necessário, as próprias incumbências.

4.º Antes de deitar-se, orações do bom cristão, cada uma por si, e, ao pé do próprio leito, sete Ave Marias em honra de Nossa Senhora das Dores.

Durante as ocupações, um moderado silêncio e, aos sábados, uma mortificação em honra de Nossa Senhora.

Os principais conselhos eram:

1.º Especial exercício da presença de Deus com uso freqüente de jaculatórias.

2.º Amor ao trabalho, de maneira que cada uma possa dizer a si mesma: sustento-me com o suor do meu rosto.

3.º Trabalho constante sobre a própria natureza para conseguir formar-se um bom caráter, paciente, alegre, de maneira a tornar a virtude amável e mais fácil a vida em comum.

4.º Grande zelo pela salvação das almas. Para isso, nas relações com as pessoas externas, colocar-se no seu ponto de vista, interessando-se prudentemente pelo que lhes diz respeito, para no fim introduzir uma boa palavra; exortar os pais a afastar dos perigos as próprias filhas.

Pelas meninas, fazer-se mais amar do que temer; que a vigilância seja solícita, contínua, amorosa, jamais pesada ou dando mostras de desconfiança. Mantê-las sempre ocupadas entre oração, trabalho e recreação. Formá-las a uma piedade séria, combatendo nelas a mentira, a vaidade, a leviandade”.

Pe. Pestarino levou esse tesouro às Filhas da Imaculada e não foi preciso recomendar-lhes sua observância: obediētissimas como sempre, ter-se-iam lançado ao fogo, se Dom Bosco o quisesse. Seria possível deixar de pôr em prática conselhos tão de acordo com seus próprios desejos, conselhos tão sábios e amáveis?

### **PRECIOSAS INDULGÊNCIAS PARA OS MORNESINOS**

1870 — 8 de fevereiro: em Roma, desde o dia 27 de janeiro, em razão de negócios assaz delicados junto à Santa Sé, Dom Bosco obtém muitas indulgências do Santo Padre. Como uma delas, muito especial, era para os mornesinos, mandou logo aviso ao Pe. Pestarino. Os habitantes de Mornese, alegres e comovidos por tal favor, quiseram comemorar sua lembrança na igreja paroquial, com uma lápide com a seguinte inscrição:

“D.O.M. — Quando o imortal Pontífice — Pio IX — aos votos — às preces — do exímio sacerdote dom João Bosco — com breve de 8 de fevereiro de 1870 — concedia — aos paroquianos de Mornese — vivos — quotidiana indulgência plenária — comungando — o clero e o povo — com voto — unânime reconhecido — com despesas comuns — este monumento — colocaram”.

### **PE. PESTARINO ESPERADO EM VOLDOCCO**

No dia 14 do mesmo mês, ao mesmo tempo que avisa Pe. Rua da sua chegada no dia 22 e pede que prepare a festa de São Francisco de Sales para o primeiro domingo da quaresma, Dom Bosco acrescenta: “... Como eu tenho muita necessidade e prazer de falar com os superiores das outras Casas, de Lanzo da Cherasco vêm aqueles que podem ausentar-se. De Mirabello, Pe. Bonetti e Pe. Cerruti. Creio que Pe. Pestarino também estará presente...” (23).

---

(23) MB IX 812-825.

Pode-se talvez imaginar que Dom Bosco não se lembre de Mornese e não tenha Pe. Pestarino entre o número dos seus filhos mais queridos?

Pe. Pestarino foi, no dia 6 de março. Não era necessário um convite para acorrer por ocasião das principais festas de Valdocco. Seria antes preciso receber uma ordem para não participar delas. É fácil imaginar como ele e os outros diretores salesianos se sentissem felizes, verificando, pelo que Dom Bosco contava, que a Família Salesiana recebia finalmente grandes e promissoras consolações.

## DELICADEZAS PATERNAS

Pe. Pestarino, em particular, tinha as suas, pois Dom Bosco, cedendo às suas instâncias, tinha-lhe prometido ir a Mornese para a primeira missa do sobrinho, Pe. José Pestarino. Voltou, pois, ao colégio, cheio de alegria e esperança.

Tinha razão. Dom Bosco, não somente o acompanharia pessoalmente mas, em ocasião tão bela, queria proporcionar-lhe ainda a visita do seu ex-secretário e amigo, que tinha seguido Dom Bosco, fazendo-se salesiano. Pe. Bodrato estava então em Lanzo e, por isso, escreveu ao Pe. Lemoyne, diretor daquela Casa: "... Creio que Pe. Pestarino esteja esperando Pe. Bodratto para domingo. Passando por Turim, lembre-se de que tenho alguma coisa para dar-lhe. Aí irei segunda-feira..."<sup>(24)</sup>.

Pelo que afirma Pe. José Pestarino, parece certo, ao contrário, que tenha partido de Turim na noite de sábado, para estar em Mornese no domingo de manhã. Talvez o tenha induzido a modificar seu plano a insistência do Pe. Bodratto. Este, com a linguagem do afeto, lhe teria feito ver como sua ausência teria causado um vazio penoso em um dia tão caro à família Pestarino.

## DUPLA FESTA EM MORNESE

Assim escreve Pe. José:

"Dom Bosco veio a Mornese para a minha primeira missa, no dia 8 de maio de 1870... e à festa que se fez no colégio, nessa ocasião, esteve presente também Pe. Costa-

---

(24) MB IX 867 e Anexo n. 10 - cf. ed. ital. p. 335.

magna. Ele não somente acompanhou o canto sacro durante a missa e à tarde, durante as Vésperas e a Bênção, como também, ao terminar o almoço, leu uma sua composição em prosa que foi muito apreciada” (25)

Como sempre, Dom Bosco foi o personagem mais admirado e circundado por muitos párocos — uns vinte — que vieram, não somente para festejar o neo-sacerdote, mas também para se aproximarem do apóstolo de Turim. “Nunca se viram as mesas tão bem arrumadas — conta Rosalia Pestarino, sobrinha do Pe. Domingos, presente em todos os dias de festa — porque continuamente chegavam presentes de frutas e vinho velho”.

## **COMO DOM BOSCO ELEVA O PENSAMENTO AO BANQUETE CELESTE**

Confirma-o Pe. Lemoyne dizendo que: “... ao ver sobre a mesa várias qualidades de frutas maduras e de tão agradável aspecto, um dos convivas perguntou brincando se haveria no Céu alimentos tão deliciosos.

Então Dom Bosco começou a falar do Céu: disse que os sentidos de um corpo glorificado teriam um prêmio infalível adaptado à sua nova condição, no soleníssimo banquete que o Senhor preparou para seus eleitos; que Ele mesmo os serviria com manjares celestes.

Citando as Sagradas Escrituras, expôs verdades tão profundas e ao mesmo tempo tão atraentes, que aqueles bons sacerdotes, esquecendo a comida que tinham na frente, ficaram ouvindo estáticos, comovidos, de mãos postas, como se ouvissem falar-lhes o anjo do Senhor” (26).

## **ALEGRIA DE JUVENTUDE SALESIANA**

Essa foi a parte séria: uma dessas elevações do espírito, tão espontâneas nos santos. Mas, na extremidade da mesa, sempre disposta a alegrar-se e alegrar os outros, a juventude sabia intercalar inocentes brincadeiras, para contentamento geral.

---

(25) Do testemunho verbal e escrito do Pe. José Pestarino.

(26) MB IX 868.

De comum acordo, o alvo foi o Pe. Costamagna, já conhecido em Mornese desde 1863 quando, jovem sacerdote, soubera fazer-se amigo de todos os sobrinhos do Pe. Pestarino, que tinham quase a mesma idade que ele.

Os párocos, que haviam sido convidados para a missa do Pe. José, possuíam uma certa autoridade e eram necessariamente circunspetos. Tinham-lhes tocado os primeiros lugares, ao passo que Pe. Costamagna, o mais jovem e mais de casa, ficara na extremidade da mesa, junto aos membros da família. Os amigos se recordavam da sua jovialidade e a punham à prova.

“Do primeiro dia — escreve Pe. José Pestarino — lembro-me ainda de um lépido episódio, imaginado pelo clérigo Campi (então clérigo Pipino), que fez rir todos os comensais. Estávamos acabando de almoçar e todos conversavam alegremente, quando apareceu o clérigo Pipino trazendo, numa travessa enorme, uma costela de boi descartada e lavadinha. Com toda solenidade, colocou-a diante do Pe. Costamagna. Todos os convivas aplaudiram entre boas risadas, cumprimentando Pe. Costamagna” (27).

“O resto veio no dia seguinte. Quase todos os pratos trouxeram sua surpresa. Primeiro o assado. Bem no meio da mesa estava um cordeirinho assado, todo enfeitado de flores. O trinchador fez seu ofício com perícia e o copeiro procedeu à distribuição com tal arte que todos ficaram bem servidos, ao passo que ao pobre Pe. Costamagna chegou apenas a arcada torácica inteira mas... apenas tendões e costelas, sem um pedacinho de carne. Com o assado, serviram-lhe a salada feita com verduras que ninguém era capaz de comer e condimentadas com água; a sobremesa... amarga e salgada, o vinho, água colorida. E quem tinha preparado isso fora justamente o Pe. Domingos, o último de quem o pobre perseguido poderia desconfiar. Entretanto!...

Faziam o ofício de copeiros alguns rapazes do lugar, Filhos de Maria. Mas quem servia os vinhos mais finos era o próprio Pe. Domingos. Quando chegou a vez de servir Pe. Costamagna, ele trocou rapidamente a garrafa com uma outra que lhe haviam preparado e encheu o copo da vítima de um líquido cor de âmbar; mas: **‘ahi, quanto a dir qual era è cosa dura!...’**

---

(27) De um escrito de Pe. Pestarino (Arch. Gen. FMA).

Na manhã seguinte, o pobre Pe. Costamagna, cansado certamente pelo o esforço dos dias anteriores, não ouviu quando seus amigos lhe bateram à porta do quarto nem percebeu quando eles entraram para acordá-lo e, não o conseguindo, rodearam-lhe o leito com velas acesas, como se fosse um catafalco. Só despertou ao som sonoro de um formidável **requiem**.

De maneira que o feliz Pe. Costamagna, já conhecido pela postura angélica com que celebrava a santa missa, bem como pela ligeireza das suas pernas, para cima e para baixo das colinas que circundavam o colégio, alcançava agora outra espécie de popularidade: sabia suportar toda espécie de brincadeira com... salesiana filosofia. É o mesmo que dizer: com alegria serena e comunicativa” (28).

### **DOM BOSCO FAZ UMA PRECIOSA AQUISIÇÃO PARA A PIA SOCIEDADE SALESIANA**

Enquanto a juventude se divertia, Dom Bosco recrutava para sua milícia um valoroso soldado. Escreve Pe. José Pestarino: “Lembro-me de que, no dia 9, se apresentou a Dom Bosco o jovem clérigo João Batista Marengo, para ser aceito na Sociedade Salesiana; aceitação facilitada pelos bons ofícios do tio”. Sim, habituado a ler as biografias antes de serem vividas, Dom Bosco tinha lido naquela frente aberta, naquele olhar franco, profundo, o grande bem que tão vivas energias de mente e de coração teriam realizado, quando o jovem clérigo fosse salesiano.

### **DOM BOSCO SE OCUPA DIRETAMENTE DAS FILHAS DA IMACULADA**

Não perdia também de vista o fim secreto de suas freqüentes visitas a Mornese. Falou em particular com Pe. Pestarino e várias vezes se dirigiu às Filhas da Imaculada. Durante aqueles dias, elas tinham naturalmente assumido todo o trabalho da casa, dando assim, sem o perceberem, ocasião para se avaliar, não somente o que sabiam fazer, mas sua desenvoltura e seriedade.

Algumas das menos ocupadas, puderam ir confessar-se com Dom Bosco e, sempre zelosas, levaram também a fazê-

---

(28) Das memórias de Rosália Pestarino, que estava presente e participou de todas as brincadeiras feitas à mesa e foi informada, cada vez, pelos próprios irmãos.

-lo a sobrinha do Pe. Pestarino, a boa e viva Rosalia. Somente para aproveitar da ocasião, ela tinha vindo do colégio de Ovada, onde era educanda. Ouvindo as moças, e especialmente o tio, falarem com tanto afeto que Dom Bosco era um santo, que lia nas consciências, que só com uma palavra tornava as pessoas felizes, Rosalia resolveu interrogá-lo sobre a própria vocação. Mas não queria confessar-se, com medo de ser reconhecida. — Enrole-se bem num chale — lhe foi sugerido. Assim camuflada, a jovem não tinha mais pretextos. Fez a confissão geral e, assim que acabou, ouviu as solenes palavras: “Faça-se irmã”!

## **NO MOMENTO DA PARTIDA DE DOM BOSCO E DO PE. COSTAMAGNA**

Os três dias passaram depressa. Dom Bosco tornou a partir para desconsolo do Pe. Pestarino que, enquanto estava presente o pai e superior, sentia que lhe tiravam dos ombros e do coração qualquer peso de responsabilidade. Pesarosas estavam também as Filhas da Imaculada, às quais tanta coragem e incitamento ao amor de Deus davam suas paternas palavras.

Com ele partia também Pe. Costamagna e os amigos quiseram dar-lhe mais uma prova de sua afeição. Quando o carro já estava para pôr-se em movimento, encarregaram Rosalia — uma menina toda graça e ingenuidade de entregar-lhe um respeitável embrulho de caramelos para a viagem. Ele agradeceu comovido. Mas, advertido talvez por um sorrisinho de Dom Bosco, examinou o pacote, assim que o carro se pôs em movimento... Quando este chegou a São Silvestre e lá encontraram os amigos com a irmã, que tinham tomado um atalho, Costamagna ameaçou-os com a mão e acrescentou, voltando-se para Rosalia que cumprimentava Dom Bosco: “Você me paga!”. É que os caramelos de carvão, que estavam no embrulho, eram mais numerosos do que os verdadeiros.

## **NOVO CONVITE DE DOM BOSCO AO PE. PESTARINO**

No dia 10 de julho, Dom Bosco escrevia ao Pe. Pestarino: “Nos próximos dias 20, 21 e 22 deste mês, teremos as quarenta horas na igreja de Maria Auxiliadora; se puder vir nessa ocasião, me dará muito prazer e teremos tempo

para tratar dos nossos negócios... Boa viagem e que Deus o abençoe" (29).

Os negócios de Dom Bosco com o Pe. Pestarino pareciam ser cada vez mais importantes, embora ninguém pudesse precisar quais fossem. Os mais íntimos supunham tratar-se de um plano que se delineava cada vez mais claramente a Dom Bosco.

## **DOM BOSCO REVELA AO PE. FRANCESIA SEU PROJETO EM RELAÇÃO ÀS JOVENS**

Foi justamente nesse ano que, sem ser interrogado e com uma certeza nunca dantes manifesta, expôs seu pensamento ao Pe. Francesia. É este que nos conta:

“Por esse mesmo tempo, pois estamos em 1870, Dom Bosco sentia a necessidade de prover à instrução e educação cristã das meninas — como tinha feito para os jovens — e de receber as operárias, nos dias festivos, para diverti-las e instruí-las nas verdades mais necessárias da religião.

Lembro-me de que uma vez, ao cair de uma tarde de outono, eu tinha ido buscar Dom Bosco que se encontrava numa casa próxima à igreja da **Gran Madre di Dio**.

— Agora, dizia-me, é preciso pensar nas meninas.

— De que maneira?

— Estabelecendo uma Pia Congregação que faça para as meninas o que os salesianos fazem pelos meninos.

— E vai fazer isso logo?

— Vai depender das disposições da Providência.

— Mas, querido Dom Bosco, o senhor não descansa e está sempre planejando coisas novas?

— O Senhor sabe que só procuro sua glória e há de ajudar-me. Se descobrisse em mim vistas humanas, havia de saber como anulá-las.

Como não costumava fazer violência a Deus e obrigá-lo a satisfazer seus próprios desejos, mas como, ao contrário, sua preocupação era submeter-se, e mesmo calcar aos pés sua vontade pessoal, para cumprir a de Deus, aguardava os acontecimentos” (30).

---

(29) MB IX 892.

(30) Francesia G. B., Suor Maria Mazzarello 76-77.

## DOM BOSCO SE REVELA CLARAMENTE PAI E FUNDADOR

(1871)

### VASTOS PROJETOS DE DOM BOSCO EM RELAÇÃO AO COLÉGIO

1871 — Em fins de fevereiro, Pe. Pestarino foi a Valdocco para a costumada conferência dos diretores. Revela-nos o que combinou com Dom Bosco, uma frase escrita por ele, no dia 28 do mês, ao sobrinho Pe. José: “Estive em Turim e ficou absolutamente decidida a abertura do colégio, em vastas proporções. Dom Bosco faz grandes planos; será preciso ampliar a construção, pelo que entendi; falta só a entrada; estamos tentando, mas o que fazer?...”<sup>(1)</sup>.

Portanto, Dom Bosco pensava em ampliações e assegurava a abertura do colégio **em vasto sentido**; Pe. Pestarino o secundava. Mas... e a proibição, ou pelo menos, as dificuldades levantadas pela Cúria de Acqui não poderiam interferir nos seus planos?

### CASA CARANTE

Na verdade, Acqui estava ainda sem bispo e ninguém tinha dado mostras de ocupar-se do colégio. O silêncio de Dom Bosco a respeito e seu projeto de abertura do colégio equivaliam a um confiante: **Vamos para a frente in Domino!**

Assim que voltou para Mornese, Pe. Pestarino sentiu-se na obrigação de satisfazer o desejo de seu superior. Para isso, porém, era preciso comprar a casa Carante, próxima

---

(1) Original do Pe. Domingos Pestarino (Arch. Gen. FMA).

ao colégio. Dois terços do terreno que separava este do palacete, pertenciam ao casal Carante e um terço ao Pe. Pestarino. As duas propriedades estavam separadas por um muro suficientemente alto e sem nenhuma abertura, de maneira que tal vizinhança era absolutamente inócua e não incomodava. Mas, se Dom Bosco tinha dito para ampliar a construção, não havia outro remédio senão comprar a casa e o terreno.

O negócio se fez em pouco tempo e com bom resultado, de maneira que, no dia 31 de março, ele podia escrever a Dom Bosco que “a compra fora feita no nome dele, com todas as prescrições legais; que em Mornese a notícia de tal aquisição tinha sido bem recebida, sobretudo pelo prefeito; que, graças a auxílios não solicitados e inesperados, as despesas tinham sido cobertas; que se ele (Dom Bosco) o julgasse oportuno, poderia mandar ao notário e ao escrivão — que tinham feito tudo gratuitamente — um livro, como prova de agradecimento, completando ele mesmo com garrafas de vinho; que a casa estaria desocupada em fins de junho mas que, de qualquer modo, o aluguel já corre em nosso favor; que, se pudesse mandar alguém para decidir sobre a propriedade, lhe daria um grande prazer; que, todavia, não deixa de rezar, mas rezará sempre, e terá a peito o que é necessário fazer para...”<sup>(2)</sup>.

## NOVA VISITA PRECIOSA DE DOM BOSCO A MORNESE

O desejo do Pe. Pestarino foi satisfeito mais do que ele podia esperar. Para combinar sobre as necessárias adaptações a serem feitas na casa Carante, o próprio Dom Bosco foi a Mornese, pelos fins de abril. É fácil imaginar como essa visita foi causa de alegria para o Pe. Pestarino e para as Filhas da Imaculada.

O povo também ficou contente com a vinda de seu grande amigo, que sempre era largo em bênçãos e conforto para com os mornesinos. É mesmo dessa breve permanência de Dom Bosco em Mornese que se conserva particular lembrança, graças a um fato prodigioso que então aconteceu.

Fazia já seis meses que um menino, filho de um tal Jerônimo Bianchi, não fazia outra coisa senão chorar por

---

(2) Cf. carta do Pe. Domingos Pestarino a Dom Bosco, Mornese, 31 de março de 1871 (Arch. Gen. FMA).

causa da fratura de um braço. O acidente tinha ocorrido quando contava apenas cinco dias e era enfaixado. O bracinho estava inchado e supurava dos dois lados do cotovelo. Primeiro os médicos tinham pensado em fazer sair o fragmento de osso, mediante uma operação cirúrgica, que deixaria o braço aleijado. Mas, como a infecção piorasse com ameaça de gangrena, julgaram que isso não seria suficiente e optaram pela amputação. A pobre mãe, porém, opôs-se, preferindo ver o filho morto antes que mutilado.

Numa hora de tamanha angústia, soube que Dom Bosco estava em Mornese e correu ao seu encontro com o filhinho nos braços, para que o abençoasse. Ao mesmo tempo fez-lhe uma generosa oferta (a aliança dos seus esponsais) e pediu-lhe que lhe dissesse quando o menino ficaria bom.

Sorrindo, Dom Bosco respondeu: “Porque você foi generosa com Nossa Senhora, creio firmemente que será ouvida e que, no fim de maio, seu menino estará curado. Mas continue a rezar”.

O estado do menino continuou grave durante todo o mês de maio e, mesmo na manhã do encerramento, o bracinho supurava. Naquele dia, toda a família foi assistir à missa solene, ficando em casa apenas a mãe com seu sogro. De repente, quando os sinos tocavam ao meio dia, a criança começou a mexer-se, tentando, com o braço doente — que até então não conseguia mover — afastar o cortinado que cobria o berço.

O avô correu a prevenir a mãe que, fora de si pelo estupor, viu que o braço estava perfeitamente curado, sem nenhum vestígio de ferida, o osso inteiro, enfim, são e sem defeito.

O menino, robusto, muito vivo e dotado de uma inteligência superior à sua idade, viveu ainda dois anos. Morreu de infecção intestinal. A mãe o chamava de “o filho de Nossa Senhora”<sup>(3)</sup>.

## **UMA NOTA DISSONANTE ENTRE AS FILHAS DA IMACULADA**

A alegria e a luz, que trouxera a nova visita de Dom Bosco entre as Filhas da Imaculada, não conseguiram im-

---

(3) Depoimento jurado de Jerônimo Bianchi e do filho Pe. José (Arch. Sales.).

pedir que, justamente naqueles dias, um espinho lhes ferisse o coração.

De Fontanille, o Côn. Olivieri tinha mandado a Mornese uma professora que se dizia desejosa de ficar para sempre com as Filhas da Imaculada. Mas era um elemento novo que, por ter maior cultura, se julgava superior às outras e custava a adaptar-se à vida simples de Mornese.

Habituada a mandar na escola, imaginava poder fazer o mesmo entre as paredes da Casa Imaculada onde, ao contrário, todas obedeciam, começando pela Mazzarello que era a primeira a se fazer serva de todas e não procurava o primeiro lugar a não ser no trabalho e no sacrifício. A recém-chegada observava, perscrutava, interrogava... gostaria de sair todos os dias a passeio; muitas vezes, de seus lábios crispados pelo desprezo, caíam expressões como estas: "Seria necessário... em lugar de... mas, era preciso uma maior instrução!".

As moças olhavam uma para a outra admiradas, ao passo que a Mazzarello interrogava Pe. Pestarino para saber se era necessário ceder a tais novidades e deixar que aquela professora, mais instruída e segura de si, dirigisse a casa...

"Continuem a fazer como faziam antes — respondia o Pe. Pestarino —. Dom Bosco viu como eu, o gênero de vida que vocês levam e não disse nada; portanto, fiquem tranqüilas. Não respondam às suas insinuações, que muito aproveitam à humildade de vocês, e não cedam a nenhuma novidade".

## **O QUE DOM BOSCO VIU ENTRE AS FILHAS DA IMACULADA**

Sim, Dom Bosco tinha visto isso e mais alguma coisa ainda. Tinha visto, por exemplo, a fidelidade daquelas moças ao regulamento-horário que ele lhes tinha dado no ano anterior. Tinha notado o progresso que faziam as meninas que freqüentavam a oficina e o incipiente oratório. Além de tudo, tinha podido constatar a perfeita concordância de vistas entre ele e o Pe. Pestarino, para não falar da solicitude e espírito prático da Mazzarello no seguir suas recomendações.

Tinha constatado que, se do altar e do confessionário, Pe. Pestarino sustentava o espírito, Maria, em toda parte e

sempre, alimentava as almas com sua piedade sólida, sua atividade constante, sua obediência, sua humildade e zelo.

Desde algum tempo, além dos mencionados livros do Ligório, do Frassinetti e do próprio Dom Bosco, circulava, entre as Filhas da Imaculada e as Novas Ursulinas, o livro (de Elisabete Girelli) **Indirizzo e pascolo alla pietà delle giovani** (4). Era um opúsculo de doutrina cristã segura, de estilo simples, capaz de orientar as jovens do povo, tanto na sua vida cristã como na familiar. Vida de oração e de trabalho, de renúncia e de apostolado, nas relações com os vizinhos e os estranhos, em espírito de simplicidade, de santa união com Deus e transparente alegria.

Naquele tempo, o povo desconhecia os termos “tempo litúrgico”, “festas e funções litúrgicas”. Mas o livro da Girelli, com suas breves instruções e práticas devotas para as principais solenidades do ano eclesiástico, encaminhava para a vida litúrgica, suscitando uma fervorosa atração para os mistérios de Cristo, para as glórias e virtudes da SS. Virgem e dos maiores santos protetores da juventude cristã.

Deixaria a Mazzarello de aproveitá-lo para as suas queridas alunas também, sobretudo depois que Dom Bosco marcara um tempo para leitura espiritual, na parte da tarde, durante a costura? Disso tirava muito fruto, para si mesma e para os outros.

Não escapou a Dom Bosco esse particular. Verificando com os próprios olhos que a Mazzarello sabia encaminhar para a virtude, que se fazia mais amar do que temer, voltou talvez para Turim com seus planos já agora concretizados no grupinho daquelas moças que poderiam bem dar corpo às suas previsões.

## **AUMENTAM AS PESSOAS E AS INDÚSTRIAS NA CASA DA IMACULADA**

Nesse meio tempo, entrou na Casa da Imaculado Virgínia Magone. Crescendo o número das jovens, aumentavam necessariamente as necessidades da casa. O trabalho já não era suficiente para ocupar todas as meninas, apesar de Petronilla ter-se prontificado a ir pela redondeza cortar camisas

---

(4) (Brescia Tip. Vescoville 1863 — 2.<sup>a</sup> edição).

e outras peças de roupa, trazendo alguma coisa para costurar em casa.

Para desempenhar essa tarefa, tinha obtido licença do Pe. Petsarino, com a condição de permanecer perto da porta; ela obedecia fielmente.

Mas isso também não bastava . Que fazem então? Combinando entre si, Maria e Petronilla compram bichos de seda. Daí por diante, vêem-se, tanto as pequenas como as adultas, saírem à procura de folhas de amoreira ou vigiando a criação. Surge então uma novidade. Sem deixar de ir em busca de trabalho, Petronilla vai também à procura de ramos de amoreira e, como a necessidade era muita, em vez de receber o pagamento do seu trabalho em dinheiro, prefere que o façam com as preciosas folhas de amoreira. Aceitando a oferta de um bom homem, que põe à sua disposição o próprio burrinho, lá vai ela, para baixo e para cima, com duas ou três meninas que a ajudam a carregar o animal.

É um trabalho a mais. Quem conhece a indústria do bicho da seda sabe o quanto é fatigante. Mas o que não teriam feito aquelas boas moças para pôr em prática o conselho de Dom Bosco: “procurem manter-se com seu próprio trabalho?”. Ainda mais, o que lhes poderia parecer penoso, quando se viam rodeadas de um número cada vez maior de meninas e de companheiras?

Estamos em maio. É o mês das maiores alegrias espirituais de Dom Bosco e também o das suas mais importantes decisões, pois é enorme sua ternura pela Rainha do Céu, sem a qual não empreende nada.

## **PRIMEIRA REVELAÇÃO DE DOM BOSCO EM PLENO CAPÍTULO SALESIANO**

Ao dar início ao mês de Maria Auxiliadora, Dom Bosco reuniu o Conselho da Pia sociedade Salesiana: Pe. Rua, Pe. Savio, Pe. João Cagliero, Pe. Durando, Pe. Chiavarello, Pe. Albera. Com os olhos cheios daquela luz que neles brilhava sobretudo nos momentos mais solenes, com a fronte serenamente pensativa e com voz comovida, adiantou que os havia convocado para uma comunicação importante. “Muitas pessoas, que gozam de grande autoridade, continuou ele, mais de uma vez me exortaram a fazer também pelas meninas aquele pouco bem que, com a graça de Deus, estamos fazen-

do pelos jovens. Se fosse seguir minha inclinação pessoal, não me entregaria a esse gênero de apostolado; mas como é grande a insistência, que parte de pessoas dignas de toda consideração, eu receio contrariar um desígnio da Providência se não levar a coisa a sério. A proposta está feita. Convido-os a refletir diante do Senhor, pesando o pró e o contra, para podermos tomar aquela deliberação que redunde em maior glória de Deus e vantagem das almas. Portanto, durante este mês, nossas orações comuns e particulares se dirijam para este fim: **obter do Senhor as luzes necessárias para essa importante empresa**" (5).

Como já tivemos ocasião de ver, a notícia não era nova para seus filhos. Todavia, naquele dia, o Pai tinha falado com tal solenidade que — escreve o Pe. Lemoyne — “os convocados se retiraram profundamente impressionados” e formulando logo a intenção de que todas as suas orações e boas obras, durante aquele tempo, não teriam outra finalidade.

Dom Bosco também rezava e fazia rezar e, embora nesse meio tempo convocasse o seu Capítulo para tratar de outros negócios urgentes, só no momento prefixado tratou do argumento relativo às meninas.

## CONSENSO UNÂNIME

“Transcorrido um mês — continua o Pe. Lemoyne — reuniu-os novamente e pediu a um por um seu próprio parecer, a começar pelo Pe. Rua, que respondeu: eu diria que sim porque, se uma jovem é boa, quanto bem pode fazer no seio da família e na sociedade! Se, ao contrário, é má, para quantos será motivo de perdição.

Quando o venerável interrogou o Pe. Cagliari, sorriram todos, sabendo com que eficiência de zelo ele já trabalhasse em vários Institutos femininos de Turim e quanta aptidão demonstrasse para esse gênero de apostolado. Sorriram, portanto, como para dizer que seu voto não podia ser senão muito favorável.

Todos foram unânimes em declarar que era conveniente que Dom Bosco providenciasse acerca da educação cristã da juventude feminina, como havia feito pela masculina.

---

(5) Lemoyne, Vita II 126.

## O COLÉGIO PARA AS FILHAS DA IMACULADA

“Pois bem — concluiu Dom Bosco — podemos agora estar certos de que é vontade de Deus que nos ocupemos também das meninas. E, para chegar a uma conclusão concreta, proponho que seja destinada para essa obra a casa que o Pe. Pestarino está concluindo em Mornese.

Estão todos cientes de que eram os meninos que deviam ocupar aquela casa; mas assim não pensa a Cúria de Acqui. Convidaremos o Pe. Pestarino, membro da nossa Sociedade, a levar para aquela casa as Filhas de Maria Imaculada, das quais é diretor naquela paróquia. As que quiserem pertencer ao novo Instituto, formarão o primeiro núcleo de uma família religiosa que abrirá oratórios festivos e institutos educativos para as meninas”<sup>(6)</sup>.

### DOM BOSCO DEIXA O PE. PESTARINO ENTREVER PARTE DO SEU PENSAMENTO

Tomada a decisão com seu Capítulo, “em meados de junho, o benemérito rev. sacerdote João Bosco expunha ao Pe. Pestarino de Mornese, em conversa privada no Oratório de Turim, seu desejo de prover à educação cristã das meninas do povo. Declarava que Mornese lhe parecia o lugar mais adaptado para tal Instituto, dada a salubridade do ar e o espírito religioso que ali reina. Além disso, tendo-se iniciado há vários anos a Congregação de Moças sob o título da Imaculada ou Novas Ursulinas, podia-se facilmente escolher, entre elas, as que estivessem mais dispostas e se sentissem chamadas a fazer vida comum, retirada do mundo. De fato, tendo já alguma idéia de vida mais regular e de espírito de piedade, poder-se-ia facilmente iniciar o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora que procurasse, com o espírito, com o exemplo, com a instrução salutar, cultivar as maiores e as pequenas, e promover — a exemplo dos oratórios que o próprio Dom Bosco instituiu na cidade de Turim, e dos colégios de jovens que sob sua direção se encontram em várias partes, feitas algumas exceções e variações indispensáveis ao seu sexo — o bem e a instrução cristã de tantas pobres meninas do povo. Depois de tal exposição, pediu ao Pe. Pestarino seu parecer: que deixasse o coração falar livremente.

---

(6) Memórias inéditas: — “Schiarimenti sugli inizi dell'Istituto” (Arch. Gen. FMA).

Pe. Pestarino respondeu sem hesitar:

— Se Dom Bosco aceita a direção e a proteção imediata e absoluta, eu estou nas suas mãos para fazer, de todas as maneiras, o pouco bem que me for possível nesse sentido.

— Muito bem — replicou Dom Bosco — por ora é suficiente. Rezemos, pensemos, reflitamos. Espero no Senhor que tudo resultará para sua glória e bem das almas.

Depois de mais algumas observações e reflexões sobre a escolha das Filhas da Imaculada e em relação às regras fundamentais que pensava formular, Pe. Pestarino se despediu e deixou o quarto de Dom Bosco” (7), não tardando em voltar a Mornese.

## DOM BOSCO EXPÕE AO PAPA SEUS NOVOS PROJETOS

No dia 23 desse mesmo mês de junho, Dom Bosco partia para Roma e, em audiência privada, manifestava ao Papa a luz que repetidamente recebera da “sua divina Inspiradora” para que cuidasse também das meninas. Disse-lhe os motivos que o tinham, até o momento, impedido de lançar mão à delicada empresa e os recentes acontecimentos que pareciam indicar-lhe a vontade divina, aplainando-lhe o caminho. Suplicou-lhe o aconselhasse a respeito.

O Vigário de Cristo escutou atentamente o que lhe dizia e respondeu: “Vou pensar a respeito e, em outra audiência, lhe darei a resposta”. Voltando, alguns dias depois, antes mesmo que tomasse a palavra, Dom Bosco ouviu da boca do Santo Padre: “Pensei na sua intenção de fundar uma congregação de religiosas; parece-me que isso redundará em maior glória de Deus e bem das almas. Segundo o meu modo de ver, devemos ter como objetivo principal fazer, para a instrução e educação das meninas, o que os membros da Sociedade de São Francisco de Sales fazem em favor dos meninos. Quanto à dependência, dependam do senhor e dos seus sucessores, da mesma maneira que as Filhas da Caridade de São Vicente dependem dos Lazaristas.

Nesse sentido, formule suas constiuições e comece a prova: o resto virá por si mesmo” (8).

(7) Manuscrito incompleto A bis de Pe. Domingos Pestarino ((Arch. Gen. FMA).

(8) Lemoyne, *Vita* II 127.

Tendo conseguido a aprovação e o conselho do Papa, Dom Bosco, que até então tinha andado devagar, achou que era chegado o momento de apressar-se.

## **DOM BOSCO REVELA INTEIRAMENTE SEU PLANO AO PE. PESTARINO**

Por isso, por ocasião talvez do seu onomástico, adiado para 9 de julho, Dom Bosco comunicou ao Pe. Pestarino o que lhe dissera o Vigário de Cristo, relativamente ao seu projeto de instituir uma congregação feminina. Insistiu na idéia do Papa, isto é, que fosse semelhante à de São Francisco de Sales, dependendo do mesmo superior.

Parece-nos estar presentes à paterna exposição que Dom Bosco fez ao Pe. Pestarino, todo olhos e ouvidos, para não perder uma única sílaba.

— Em tudo isso o meu Capítulo também está de acordo. Veja, Pe. Pestarino, antes mesmo de falar com o Santo Padre, quis saber o que a respeito pensavam meus fiéis colaboradores. Por isso, numa reunião especial do meu Capítulo, recomendei que, durante todo o mês de maio, se rezasse de modo especial a Nossa Senhora, para obter as luzes necessárias a respeito. Rezamos muito, especialmente na festa de Maria Auxiliadora, porque, afinal, trata-se sobretudo da glória da nossa celeste Mãe. Reunimo-nos novamente, antes que eu partisse para Roma, e todos estavam de acordo que se deva fundar uma Congregação feminina. Por conseguinte, estamos certos de ser esta a vontade de Deus e de obter os auxílios celestes. Resta-nos agora formular um esboço de regra, mais ou menos baseada na nossa, fazendo evidentemente as devidas modificações. As novas religiosas vamos dar o belo nome de **Filhas de Maria Auxiliadora**. Está satisfeito, Pe. Pestarino?

Quanto à casa... compreende... pensamos que, para evitar um possível descontentamento da Cúria de Acqui, elas poderiam ir morar no colégio.

## **PE. PESTARINO ENTRE A ESPADA E A PAREDE**

Enquanto falava, lia nos olhos do Pe. Pestarino a luta interna provocada por essas últimas palavras e, com expressões revestidas de afeto, deve ter demonstrado que compreendia sua angústia e queria consolá-lo.

— Acabaremos a construção; a casa Carante, poderá servir para o capelão ou diretor, para o senhor, caro Pe. Pestarino. Vai ver, vai ver...

O pobre Pe. Pestarino deve ter-se sentido entre a espada e a parede: de um lado via dificuldades insuperáveis; do outro estava a plena adesão do seu coração às disposições do Pai amado, do superior tão santo. O que pensariam em Mornese de tudo isso? Ansiavam todos por um colégio para meninos e iam ter, ao contrário, um para meninas! para irmãs! Não iriam clamar que isso era uma traição por parte dele, por parte de Dom Bosco?

Além disso, aquelas moças, por virtuosas que fossem, estariam dispostas a se fazerem irmãs? Sabia que todas estavam contentes no seu estado atual e nenhuma lhe havia falado em ser religiosa. É verdade que Maria Mazzarello tinha manifestado esse desejo, quando era ainda muito jovem. Sua extraordinária inclinação à maior perfeição de vida poderia ser um sinal manifesto. Petronilla também tinha sido aconselhada a se fazer Filha da Caridade, mas fora uma idéia passageira. E como tinham concorrido para o bem da paróquia, aquelas boas Filhas da Imaculada! E suas famílias?

#### **“QUE FAREI PARA CONHECER AS QUE TÊM VOCAÇÃO?”**

Não obstante tudo isso, sabemos apenas que, tendo Dom Bosco terminado de falar, dos lábios trêmulos do Pe. Pestarino saiu apenas uma pergunta: — Que farei para saber quais das Filhas da Imaculada têm vocação?

**Aquelas — respondeu o bom Pai — que são obedientes até nas mínimas coisas, que não se ofendem com as correções recebidas e demonstram espírito de mortificação.** Entretanto, Pe. Pestarino — deve ter continuado Dom Bosco — não se aflija; vamos fazer tudo com muita calma. Quanto à hora e o modo de pôr em execução nosso projeto, abandonemo-nos à divina Providência; iremos para a frente fazendo uma coisa depois da outra.

A conversa tinha acabado. Jamais, como naquele dia, Pe. Pestarino deve ter beijado com maior reverência e fé a mão do superior, que retinha a sua, como se quisesse dizer-lhe ainda palavras de sobrenatural conforto. Jamais talvez ele terá sentido o doce peso, que ao mesmo tempo agrilhoa, do voto de obediência. Sofrendo embora, ficou contente por ter

um sacrifício — o maior sacrifício de sua vida — para oferecer a Deus.

Voltou para Mornese. Desejava chegar, e ao mesmo tempo quisera que sua amada aldeia estivesse nos confins do mundo... Parecia-lhe que todos lhe haviam de ler no rosto o que, por amor de Deus e de Dom Bosco, estava para fazer. E não se enganava.

## **AS FILHAS DA IMACULADA SÃO POSTAS AO CORRENTE DO QUE LHES DIZ RESPEITO**

Na Casa da Imaculada, apenas o viram, olharam todas umas para as outras admiradas e assustadas. Elas estavam tão contentes em poder oferecer-lhe o fruto do trabalho com os bichos da seda: cerca de 500 liras! Mas a palavra morreu-lhes nos lábios ao ver seu diretor triste, como se tivesse envelhecido em poucos dias.

“Das outras vezes — disse Petronilla — ele voltava de Turim todo encantado. Mas agora... que teria acontecido? Alguma desgraça?

Quando ficou só com Maria e Petronilla, Pe. Pestarino não se conteve mais e disse:

— Coisas sérias, muito sérias! Se vocês soubessem! No colégio, Dom Bosco não quer mais colocar meninos, mas meninas!

— Meninas?!

— Pensem no que vai acontecer por aqui! Mas, por enquanto, não se deve dizer nada. Rezem somente!”

Quando Pe. Pestarino saiu, olharam uma para a outra, como se quisessem ler o futuro. Depois de um momento de silêncio, Maria disse: “Sim, vamos rezar. Vamos rezar muito por ele, pobre Pe. Pestarino! Que o Senhor o ajude. Mas nós... se Dom Bosco coloca as meninas no colégio, tanto melhor. Também nós poderemos ir para lá”.

Como sempre, Maria tomava as coisas pelo lado melhor e mais fácil. Entretanto, humildes como eram, nem podiam imaginar o que lhes estava reservado. Petronilla acrescenta: “Nem podíamos sonhar que pensassem em nós. Sabíamos somente que aquela mudança ia pôr a aldeia de pernas para o ar e causar muita dor de cabeça ao pobre Pe. Pestarino”.

## O SOFRIMENTO, QUE FAZ SANGRAR O CORAÇÃO DO PE. PESTARINO, NÃO LHE AMARRA AS MÃOS

O coração do Pe. Pestarino não se fechou sobre seu sofrimento. Comovido com a generosidade das moças que, mal tendo o necessário, lhe haviam posto na mão todo o lucro da indústria dos bichos da seda — com o que tinham perdido boas horas de sono — levou um presentinho para as meninas empregadas nesse officio. Prometeu ainda a Maria e a Petronilla um terço, do que, aliás, acabou se esquecendo. Mas a elas bastava ter-lhe dado uma prova do seu reconhecimento e ter constatado que lhe tinham dado prazer.

A surpresa fora-lhe de fato tão agradável que a considerou como resposta da divina Providência, a quem Dom Bosco tinha-lhe dito de abandonar-se, esperando a hora e o lugar para realizar seu projeto.

Começou logo um duplo trabalho: um, material, na casa Carante, empregando o subsídio que as Filhas da Imaculada lhe haviam entregue; o outro consistiu em estudar as moças e suas alunas, de acordo com as normas recebidas de Dom Bosco, para discernir com segurança as que Deus chamava para a vida religiosa.

### AS “LEITURAS CATÓLICAS” PARA A JUVENTUDE FEMININA

O verão de 1871 foi, para Dom Bosco, cheio de trabalhos e rico de consolações. Foi quando, por assim dizer, ele lançou as bases do Instituto de Maria Auxiliadora.

Como já tivesse em mente o desejo de preparar místicos jardins para sua celeste Inspiradora, tinha preparado tudo em tempo oportuno para que o oitavo fascículo das **Leituras Católicas** daquele ano oferecesse a seus leitores **La corona della verginità**, e o nono, **La giovane cristiana**.

Com o primeiro — traduzido do francês, de autor desconhecido pertencente ao século XV — apresentava uma grinalda composta de cinco flores: o lírio do candor, a violeta da humildade, a rosa vermelha da caridade, o muguê da fé, o girassol da paciência, entrelaçados no arco da obediência e presos com o fio da constância.

Com o segundo — aos cuidados de S.D.N.Z. — propunha reflexões e leituras a respeito de: as relações da jovem cristã

com Deus, com a família, com as amigas; a necessidade de se precaver contra a inconstância de humor, a leviandade, a afetação etc. Tratava ainda das normas a seguir nos estudos, das vantagens da limpeza, da ordem, da cortesia, da urbanidade.

Dessa maneira, os dois opúsculos, penetrando nas melhores famílias e aí depositando o germe de preclaras virtudes cristãs e civis, podiam também suscitar ideais sublimes de pureza, de consagração à Rainha das virgens. O apóstolo da juventude dava assim a **primeira forma regulamentar** ao seu projeto relativo às futuras religiosas.

## O PRIMEIRO ESQUEMA DE REGRAS

Ainda naquele verão, na casa da condessa Corsi, ou em Nizza Monferrato, ou talvez em Lanzo, durante os exercícios espirituais, Dom Bosco entregou ao Pe. Pestarino o esboço de regras que lhe tinha prometido, pedindo-lhe que as estudasse. Eram apenas linhas gerais que precisavam ser revistas e corrigidas... Mas serviam para dar início à formação daquelas boas moças, no espírito salesiano, bem como para discernir as inclinações para aquele gênero de vida. Nossa Senhora tinha manifestado sua vontade: aos poucos, tudo chegaria a bom termo.

Pe. Pestarino recebeu o caderno como um presente do céu e só pôde exclamar: Oh, agora, sim, com este caderno sei como devo proceder.

O bom Pai deve ter sorrido, ele que tinha uma tão larga visão das coisas e tão grande estima para com aquele seu filho, que sabia humilde e generoso.

De volta a Mornese e dedicando-se ao estudo do precioso caderno, Pe. Pestarino escreveu na capa uma data que diz tudo para ele e também para nós: 1871 — 24 de maio, como para significar que ele era uma flor nascida no dia da festa de Nossa Senhora Auxiliadora.

O caderno revelava o grande interesse de Dom Bosco pela nascente instituição. Madre Petronilla afirma que foi escrito pelo seu próprio punho <sup>(9)</sup>. Quem conhece os trabalhos

---

(9) Nas suas deposições, Madre Petronilla afirmou: nunca mais foi encontrado este caderno autógrafa de Dom Bosco; aquele ao qual Pe. Pestarino fez o acréscimo, a que nos referimos acima, não foi escrito por Dom Bosco. V. também correspondência do Pe. Lemoyne com o Pe. José Pestarino (Arch. Gen. FMA).

com que Dom Bosco estava sobrecarregado naqueles dias, sente-se realmente comovido perante essa nova fadiga assumida voluntariamente.

Acostumado a servir-se daquilo que dera resultado para outros e que, por conseguinte, prometia um bom êxito para ele também, Dom Bosco, para levar a termo esse trabalho, ateu-se às mesmas regras que seguira para compilar as Constituições dos Salesianos.

Lemos no volume V, pág. 693, das **Memorie Biografiche**: “Com muita dificuldade, tinha conseguido os volumes das Constituições das principais Ordens e Congregações religiosas... e quantas vigílias, quantas leituras, conversas e correspondência epistolar com pessoas eminentes que, graças à sua doutrina e experiência estavam em condições de fornecer-lhe esclarecimentos. Tanto mais que ele pensava que sua Congregação devia assumir formas externas que a distinguissem das outras, despindo-a de certas práticas e costumes demasiado ascéticos...”.

De fato, não se encontram, nesse primeiro esboço de regras, alguns traços comuns a outros Institutos femininos de vida ativa, sobretudo ao das Irmãs de S. Ana. Nele se nota, ao contrário, a preocupação pela formação do espírito, sobretudo no que diz respeito à pobreza, à obediência etc. Especifica a natureza, a finalidade do Instituto e o espírito que o deve animar, com dependência do Superior maior da Pia Sociedade de São Francisco de Sales. Determina o horário do dia; estabelece as práticas de piedade em comum, entre as quais, meia hora de meditação diária; a confissão semanal, o terço e a leitura espiritual, a visita ao santíssimo Sacramento, um especial obséquio às dores de Nossa Senhora. Prescreve o silêncio moderado durante o dia, exceto durante as recreações, e o silêncio rigoroso, desde as orações da noite até depois das que se rezam de manhã. Faz menção do hábito e contém vários artigos relativos à disciplina <sup>(10)</sup>.

Em tudo se faz sentir um Pai que, sem impor de uma só vez o desapego de antigos hábitos, abre o caminho que melhor condiz com uma religiosa.

---

(10) Anexo n. 11 cf ed. ital. p. 336 ss.

## TEMPO DE TRANSIÇÃO (1871-1872)

### NO MESMO CAMINHO, UMA NOVA LUZ

Como toda a população de Mornese, as Filhas da Imaculada estavam acostumadas a ir à igreja ao cair da noite, para a visita; Dom Bosco não tocou neste ponto do horário. Se solicitadas, iam às vezes assistir alguma doente, com licença do Pe. Pestarino, e Dom Bosco aceitou esse artigo, embora não fosse muito do seu agrado, tanto que foi suprimido mais tarde. Isso só ocorreria em casos excepcionais. As moças estavam habituadas a uma vida de muitas mortificações; Dom Bosco, adaptando-se à mentalidade da época, acena a uma licença que não se encontra nas Regras Salesianas, que de modo geral não obriga a todas, embora ele não lhe seja inteiramente contrário: a disciplina. Sabe-se com certeza que em casos extraordinários, ele a permitia, ou mesmo aconselhava.

Pe. Pestarino leu o trabalho com a atenção que ele merecia e, usando da liberdade que Dom Bosco lhe dera, fez algumas modificações muito superficiais. Parece-nos ouvi-lo falando consigo mesmo: Este título **Filhas de Maria Auxiliadora** é muito belo e as moças vão certamente gostar dele; mas . . . um pouco mais tarde. Por enquanto, penso eu, é preciso fazer que ele vá entrando sem que elas o percebam. Ainda não estão preparadas para perder seu nome de “Filhas da Imaculada”.

Por outro lado, Dom Bosco é todo da Imaculada. Este nome, junto com o outro, não altera nada e não fica mal. De maneira que o título: “Filhas de Maria Auxiliadora” fica modificado, no caderno, por sua própria mão: **Filhas de Maria Imaculada e de Maria Auxiliadora**.

De seu próprio punho acrescenta ainda, no frontespício: sob a proteção “de São José, de São Francisco de Sales e de

Santa Teresa”. São os mesmos santos lembrados no texto das Constituições, no título IX, como patronos do Instituto.

O caderno não deve ter sido apenas objeto de seu estudo mas foi o guia fiel que o encaminhou no prosseguimento da missão que lhe fora confiada.

## **PE. PESTARINO ABRE NOVOS HORIZONTES AS FILHAS DA IMACULADA**

Indo um dia à casa das Filhas da Imaculada, na hora do almoço das alunas externas, como se tratasse da coisa mais natural do mundo, deu-lhes a entender que Dom Bosco pretendia instituir uma Congregação religiosa para cuidar da juventude feminina. . . E o que é mais, escolheria entre elas as primeiras pedras para a nova obra.

A tranqüilidade com que a notícia foi logo acolhida o persuadiu de que não fora bem entendido. Mas não se preocupou, tanto mais que havia visto brilharem os olhos da Mazzarello às palavras “Congregação e Dom Bosco”. Bem sabia ele que o que ela tivesse entendido, mesmo sumariamente, seria entendido pelas outras.

## **PRIMEIROS PASSOS NO CAMINHO ABERTO**

De maneira que continuou dizendo que era conveniente irem-se preparando para aperfeiçoar a vida de cada dia. Por exemplo, começar a falar a língua italiana em vez do dialeto, porque começariam a chegar novas candidatas e isso traria mal-estar. Acrescentou que as práticas de piedade poderiam ser feitas em comum. “Voltando-se para mim — conta Petronilla — perguntou-me: — Você sabe os mistérios do rosário? — E fez com que eu os repetisse e tornasse a repetir, diante das outras. Como os não soubesse bem, mandou que os estudassem no livro.

Antes, nós rezávamos o terço com nossa família e era o pai que o guiava. Durante o carnaval, ao contrário, e durante todo o mês de maio, íamos rezá-lo todos juntos na igreja e era um homem piedoso que o guiava, creio que um médico. Estávamos habituadas a refletir sobre os mistérios sem nos preocuparmos com as palavras. Quando começamos a recitá-lo com as meninas, rezávamos o Pai nosso antes de cada dezena e, no fim, o **Glória Patri** ou o **Requiem**. Cada uma

meditava como sabia. Agora devíamos dizer como estava escrito no livro e nossa memória, que não estava exercitada nisso, era um tanto dura. Imaginem agora o fato de não podermos mais falar em dialeto! Tudo estava ficando mais difícil.

Pe. Pestarino voltou outras vezes para me fazer aprender também o *Angelus* e o *De profundis*. Quando viu que eu era capaz de os recitar bem, disse-me — Vamos ver se agora você está em condições de guiar as orações. De maneira que eu fui a primeira a fazer isso... e a dar, fora de casa, uma bela amostra de língua italiana.

Todo mundo sabe que o nosso italiano consistia em dar outra volta na língua e em acabar de pronunciar as palavras que, em dialeto, ficam truncadas. Quando estávamos sozinhas, tudo isso nos fazia dar boas risadas; mas, se alguém estava presente, eram as outras pessoas que se riam, enquanto que nós ficávamos vermelhas como cerejas.

Um dia, durante esses difíceis primórdios, encontrei-me com o pároco que me fez parar para perguntar-me não me lembro o quê. Quando me lembrei que devia responder em italiano, a ele, pessoa instruída, fiquei tão atrapalhada que não sei mesmo se ele entendeu o que respondi. Olhava para mim de um jeito que me causava mais vergonha do que as risadas dos mornesinos. Na primeira vez em que me encontrei com Pe. Pestarino, narrei-lhe o ocorrido, a minha coragem e a minha confusão. Ele apenas me respondeu secamente: — Muito bem, você não fez mais do que o seu dever!”.

As Filhas da Imaculada continuavam a ir à paróquia para a santa missa; mas, como não podiam rezar alto, recitavam as orações em casa, antes de sair. Se, por acaso, a missa tardava a começar, faziam um pouco de meditação. Depois, assistiam em silêncio ao santo Sacrifício, rezando cada uma por sua conta.

Mais tarde, Pe. Pestarino ensinou-lhes a verdadeira maneira de fazer meditação, na meia hora prescrita. A princípio, deixou que fosse feita uma leitura lenta, com algumas pausas. Para aquelas boas moças, habituadas a viver de fé prática, seria naturalmente desencorajante ter que, de repente, aprofundar durante aquela meia hora um pensamento, tirando conclusões e resoluções.

Praticamente, podiam ser, e realmente o eram para muitos, mestras em uma vida espiritual muito espontânea. Mas,

tratando-se de formas, de teorias, de sistemas, certamente não, pois nada conheciam a respeito. Na sua escrupulosa obediência, ter-se-iam extraviado, sem dúvida, se tivessem sido apressadamente conduzidas por outro caminho.

## SILÊNCIO ABSOLUTO?

A mesma coisa aconteceu com o silêncio. Recebendo o conselho de observar o silêncio durante o dia, exceto durante os recreios, fizeram disso uma obrigação de consciência, a ponto de não ousarem nem entoar um canto religioso. Como tinham sido sempre muito silenciosas, pela necessidade espontânea de sua união com Deus, imaginaram agora que deviam exigí-lo também das meninas. Naturalmente, estas o achavam pesado e, não raramente, o transgrediam.

Um dia, em que as meninas estavam mais alegres aconteceu que uma delas, mais tagarela, foi posta de lado pelas companheiras para que, calando-se, deixasse que as outras fizessem silêncio. Mas... venceu sua juventude e começou entre elas uma alegre conversa feita de mímica, que acabou em brincadeira, em estouros de riso. Afinal Rosina Mazzarello, que era mais de casa do que as outras, disse bem alto, como para desculpar-se e desculpá-las: "Isso de estar sempre com a boca fechada não pode continuar". Outra coisa não restava a Maria senão rir com elas. Depois falou com Pe. Pestarino que permitiu fazer uma boa leitura, quando as meninas dessem provas de cansaço. Era pouco, mas então pareceu alguma coisa e, quando não estavam rezando alto, as próprias meninas se revezavam para ler. Naturalmente liam as que sentiam maior necessidade de mexer com a língua.

## FÓRMULA NOVA E DEVOÇÃO ANTIGA

Era preciso aprender também as orações das sete dores de Nossa Senhora. Esta devoção tinha gozado das simpatias de Dom Bosco, desde a sua juventude: talvez a tivesse aprendido com a própria mãe. O que é certo é que um dos seus primeiros escritos sobre a Santíssima Virgem foi um opúsculo intitulado **Corona dei sette dolori di Maria com sette brevi considerazioni sopra i medesimi, esposta in forma di Via Crucis**; Tinha-o escrito em 1844, antes de sair do "Convitto" eclesiástico, por ocadião de uma novena e festa de

Nossa Senhora das Dores; trazia o seguinte prefácio: “A finalidade principal desta pequena obra é facilitar a lembrança e a meditação das acerbas dores do terno coração de Maria, coisa a ela muito agradável, como muitas vezes revelou aos seus devotos, e meio muito eficaz para merecer seu patrocinio”. Tinham mudado os tempos mas não tinha mudado o coração do Pai que quis inserir tal devoção também no **Giovane provveduto**.

Como já tivemos ocasião de observar, as Filhas da Imaculada tinham devoção a Nossa Senhora das Dores. Diante da sua imagem, exposta na capela da casa Pestarino, tinham recebido a medalha de Filha de Maria e deixado o coração extravasar de ternura para com a Rainha do Céu. Diante daquela bela imagem, alternavam-se na vigília da quinta-feira santa. Ainda mais: depois de terem recebido de Dom Bosco o primeiro horário, eram fidelíssimas à recitação das sete Ave Marias a Nossa Senhora das dores, antes do repouso. Como não lhes seria grato agora fazer, cada dia, em sete vezes distintas, a comemoração dessas dores que tanto tinham magoado o coração da divina Mãe? Com que fervor acrescentavam a oração tantas vezes repetidas durante o dia “Eterno Pai, nós vos oferecemos...” etc., tão cara ao coração cristão.

## **O SERENO ABANDONO DA MAZZARELLO: NÃO PERGUNTA NEM COMO NEM PORQUE**

Essas pequenas e impensadas consonâncias de desejos entre o Pai e as Filhas da Imaculada faziam com que a Mazzarello se sentisse feliz no seu novo caminho. Só desejava ver raiar logo a aurora do dia em que ela e as outras se poriam sob a dependência direta de Dom Bosco, em qualquer família religiosa que ele quisesse inseri-las.

Feliz abandono de um coração simples nas mãos da divina Providência; coração simples e otimista. Quando soube que Dom Bosco, juntamente com Pe. Pestarino, teria construído um colégio e, no colégio poria meninos, ela tinha dito cheia de alegria: “Oh que bela coisa! Vai chegar o dia em que não vamos mais ter que nos ocupar só com modas. Vamos trabalhar para os meninos”.

Mais tarde, fica sabendo que o colégio vai ser para as meninas e exclama logo: “Melhor, nós também vamos poder ir para lá”.

Finalmente, quando lhe comunicam que Dom Bosco está planejando fundar uma família religiosa e quer escolher, entre elas, as pedras fundamentais, não pergunta nem como nem porque. Não se demora em considerações sobre as dificuldades mas, se as descobre, acha logo o meio de superá-las. Está muito longe de pesar a importância das palavras **pedras fundamentais**, esperando somente ver chegarem as novas religiosas às quais deve unir-se na mais humilde dependência. Estava tão certa da maleabilidade das companheiras e das meninas internas que, não obstante as dificuldades criadas pela atitude altaneira da professora de Fontanile, ia dando à casa aquela característica serena de vida religiosa.

Pe. Pestarino, que observava em silêncio o trabalho da graça e procurava secundá-lo com o auxílio das Regras, tinha escolhido Petronilla em vez de Maria para guiar as orações, não tanto porque esta, de saúde delicada, era obrigada às vezes a levantar-se mais tarde, mas por uma razão mais forte. Graças à sua intuição natural e notável habilidade de governo, uma vez livre de guiar as companheiras com a voz, ela podia continuar a vigiar sobre a atitude, sobre o fervor, sobre aquelas nadas que fugiriam a uma outra, mas que dão a chave para conhecer as inclinações do espírito e poder guiá-lo nos caminhos do Senhor. Não revelou, porém os motivos da escolha e pôde assim admirar as indústrias de Maria para ajudar Petronilla a aprender depressa e bem desempenhar seu novo ofício. Cada dia, Maria confirmava mais as esperanças depositadas sobre ela.

## **CONFORTO E ESPERANÇAS DO PE. PESTARINO EM MEIO À TEMPESTADE**

Esse tesouro de virtude, suave e forte, que ia arrastando os ânimos na consecução do desejo de Dom Bosco, era, para o pobre Pe. Pestarino, o único conforto no meio da perturbação que a prevista tempestade causara. Sentia que ela tanto mais se avolumava sobre sua cabeça quanto mais o acoassavam os negócios. Parecia-lhe ouvi-la rugindo ao seu redor, todas as vezes que lhe falavam do colégio. Ele esperava que a bondade daquelas moças lhe obteria do céu a força para suportar tudo com mérito; esperava para o povo a graça de resignar-se à desilusão, sem prejuízo para a pie-

dade. Os mornesinos estavam longe de esperar uma tão amarga surpresa! Era para esperar tudo daqueles ânimos ativos que se teriam sentido vítimas de uma tremenda burla.

## UMA NOVA FLOR: CORINA ARRIGOTTI

Para distraí-lo um pouco de suas preocupações e negros pensamentos, o Senhor mandou mais uma flor para a famíliazinha da Imaculada.

Pe. Pestarino tinha conhecido o empreiteiro da estrada entre Mornese e Gavi, que lhe pedira aceitar, como aluna interna entre a Filhas da Imaculada, uma sua sobrinha, filha de sua irmã já falecida. O pai expunha a jovem aos maiores perigos, conduzindo-a de festa em festa, porque bonita e instruída. Com seus inexperientes dezessete anos, natureza ardente, a jovem corria para sua ruína. Foi aceita; como o pai fosse muito avesso à religião, para ganhá-lo disse-lhe o cunhado que a filha poderia adiantar-se no estudo do piano sem lhe dar despesas. Estudando ela própria, daria lições de música às outras meninas. O pai, negociante e organista, caiu na rede da ambição e do lucro. Bem contente que a sua Corina, sem agravar as despesas da família, se tornasse hábil pianista e destra em outros trabalhos, foi ele mesmo levá-la a Mornese.

Foi recebida festivamente, embora seu luxo destoasse com a simplicidade da Casa da Imaculada. O pai ficou tão comovido com o acolhimento, que nem reparou no clima de despojamento e piedade em que passaria a viver a sua Corina. Pe. Pestarino convidou-o para almoçar na sua casa, tratando-o com a generosidade que lhe era própria. Depois mandou que uma das Filhas da Imaculada o acompanhasse, e a filha, por um bom trecho da estrada. Isso acabou por conquistá-lo, de maneira que voltou para casa plenamente satisfeito.

Corina viera, portanto, para estudar música. Ficaram as moças bem contentes. Dissera Pe. Pestarino que havia agora alguém em condições de usar o piano, que sempre ficara na Casa da Imaculada porque seu dono, sobrinho de Pe. Pestarino, estava quase sempre ausente de Mornese. Os ensaios dos cantos iam ficar mais fáceis.

## O TRABALHO MATERNO DA MAZZARELLO EM TORNO DE CORINA

Novos hóspedes, necessidades novas e também, intuiu logo a Mazzarello, novos perigos. Corina possuía uma natureza ardente, era gentil mas teimosa. Que influência exerceria sobre as outras? Até agora, as meninas tinham-se mostrado muito dóceis.

Os hábitos contraídos com uma vida dissipada, como a que levara Corina, poderiam dissipar-se antes que o veneno do mau exemplo fizesse estragos? E aquela cabecinha tão bem enfeitada chegaria a inclinar-se com a mesma piedade que as outras? Sim, talvez. Maria compreendera que o fundo era bom; não tardaria o triunfo de Deus. Por enquanto, com o pretexto de não querer abrir a própria consciência com sacerdotes que a conheciam, com a desculpa de não querer narrar ao ministro de Deus suas loucuras passadas, Corina recusava aproximar-se dos sacramentos. Adaptou-se bem depressa às orações em comum, deixou de preocupar-se tanto com sua aparência pessoal; mas, confessar-se, não. Não queria mesmo!

A Mazzarello vigiava para que ninguém ficasse escandalizado; rezava para que aquela rosa silvestre se deixasse iluminar pela graça e, cercanda-a de cuidados maternos para ganhar-lhe o coração, procurava atingi-la com argumentos de fé. Uma noite, estando as outras já deitadas, procurou conversar com Corina, para vencer-lhe as últimas resistências. Tocou-lhe no coração, falando-lhe de sua falecida mãe.

Corina comoveu-se à lembrança do vazio que aquela morte lhe abrira na jovem existência... Então a boa Maria lhe disse: "E se sua mãe sofresse no Purgatório e tivesse necessidade de uma sua comunhão bem feita, você teria coragem de recusar? Deve-se sofrer no Purgatório. Não queira você, que tem tão bom coração, deixar sua mãe naquele lago de fogo".

A jovem ficou tocada e comovida. Prometeu que, no dia seguinte, cumpriria seu dever e foi fiel. Ajudada pelas luzes com que a Mazzarello lhe iluminava o espírito, graças à sua caridade materna, Corina conseguiu ler a fundo na própria consciência e fazer uma boa confissão. Comungou depois. O Senhor recompensou-lhe a generosidade. Em breve ela emulava com suas companheiras em obediência e fervor.

## VISITA DE DOM BOSCO A ALBISSOLA

Na sua primeira visita ao incipiente colégio de Varazze, aproveitando um dos primeiros dias de dezembro, Dom Bosco tinha ido até Albissola, para onde o chamavam insistentes convites do bom sacerdote Francisco Piccone.

Tinha este fundado, há pouco mais de quinze anos, o Instituto das Filhas da Imaculada e, ao que parece, sentia necessidade de uma palavra de estímulo, para prosseguir na não fácil empresa.

Visitando as boas religiosas, Dom Bosco encontrou a superiora ocupada em varrer os corredores. Disse logo: “Basta-me isto. O Instituto é pequeno mas os alicerces são bons. Crescerá. A princípio um pouco devagar, mas crescerá!”<sup>(1)</sup>.

## DOM BOSCO DOENTE EM VARAZZE

Na tarde do mesmo dia — 6 de dezembro — Dom Bosco voltou a Varazze. Infelizmente, porém, sentiu-se tão mal, que foi para a cama doente.

Tendo sido avisado, Pe. Rua comunicou logo a triste notícia a todas as casas, para que se unissem a ele em oração.

“Todos os dias chegava gente ao colégio e não se tinha mãos a medir — escreve Pe. Francesia — para responder aos telegramas e cartas que chegavam de todos os lados”<sup>(2)</sup>.

E o Pe. Pestarino? Como se não fossem suficientes as nuvens que se acumulavam sobre sua cabeça... Agora, a moléstia de Dom Bosco.

## PE. PESTARINO E AS FILHAS DA IMACULADA, POR DOM BOSCO DOENTE

O que então se passou no coração de filho e de apóstolo, transparece na seguinte carta:

Mornese, 17-12-1871

---

(1) Carta da Superiora Geral das “Figlie di Maria Vergine Immacolta”, Ir. Flávia Delfino, Savona, 31-3-1939 (Arch. Gen. FMA).

(2) Francesia, Suor Maria Mazzarello, 85.

Mui rev.do e caríssimo Pe. Rua.

causou-me profunda dor a notícia de que nosso muito amado e comum Pai está doente. Confiemos em Maria Auxiliadora.

Reuni ontem à tarde todas as Filhas da Imaculada. Mande avisar e vieram todas as da região. Comuniquei-lhes a dolorosa notícia, respondendo elas que rezarão o quanto puderem para obter a cura.

Combinou-se fazer um tríduo na igreja paroquial, em honra de Maria Auxiliadora, e todas concorrerão para as despesas; farão todas a santa comunhão para tal fim; as que estão livres, prometeram fazer todos os dias uma visita ao Santíssimo Sacramento. Tive ainda, na minha tristeza, a consolação de ouvir uma pedir-me para fazer ao Senhor o holocausto da própria vida, para obter a vida de Dom Bosco. Outras repetiram a mesma coisa, prontas a morrer para que o Senhor poupe a vida de Dom Bosco. Farão o holocausto durante a santa comunhão.

Eu aceitei de boa vontade tais propostas e ofertas e não pude mais continuar; encerrei a reunião.

Tal exemplo, devo confessá-lo, animou-me a fazer, também eu, o mesmo, durante o santo sacrifício.

Esperemos que o Senhor aceite a oração e a oferta dessas boas almas que espontaneamente, sem que ninguém o sugerisse, se dispuseram a tal oferta. Esta manhã fiz também a reunião dos homens e dos jovens, recomendando rezar e fazer a santa comunhão; o mesmo fiz em relação às mulheres e jovens, na reunião de Santa Teresa. Cantei depois a missa no altar da santíssima Virgem e encerrei com a bênção, recomendando de rezar e fazer rezarem suas famílias.

Escrevi para Acqui, ao senhor Arcipreste, para que comunique aos paroquianos e demais sacerdotes conhecidos, a desgraça da doença de Dom Bosco. Que avise também as Filhas da Imaculada que estão nas paróquias vizinhas, a fim de que todas rezem e façam rezar.

Espero que as reuniões das paróquias vizinhas já tenham recebido o aviso, como recomendei a algumas.

Espero, repito, tenhamos confiança que as orações de tantas almas obtenham do Senhor e de Maria Auxiliadora a

suspirada graça. Lembre-se de mim que igualmente não esqueço V.S. car.ma e me creia ex corde

Af.mo em J.C.  
Sac. Domingos Pestarino <sup>(3)</sup>

Não se sabe se esta carta revele mais a grande caridade do Pe. Pestarino ou a sua humildade; ambas, talvez. Não tem uma palavra voltada para si mesmo. Toda sua atenção se concentra num único fim: interessar as almas piedosas para que rezem e obtenham da divina misericórdia a saúde de Dom Bosco. Não esquece ninguém: homens, mulheres, jovens, sacerdotes seus amigos e amigos de Dom Bosco, Filhas da Imaculada da paróquia e de outros centros mais distantes. Todas as orações devem repetir o mesmo nome; todas as santas comunhões devem impetrar a mesma graça, todos os sacrifícios devem ter a mesma intenção.

E quem poderia ter sido aquela **uma** entre as Filhas da Imaculada, que espontaneamente tinha oferecido a própria vida por Dom Bosco, e sabia exercer tão grande influência em torno de si, que outras, e até o Pe. Pestarino, se apresentassem a Jesus, prontos para uma substituição? Vem logo ao pensamento o nome de Maria, tal a veneração que tributava ao apóstolo de Turim e sua inata necessidade de sacrificar-se pelos outros e pela maior glória de Deus.

Mas o Pe. Pestarino, com todo o afeto que nutria por Dom Bosco; com aquele novo projeto incerto em relação às Filhas da Imaculada; com a dolorosa perspectiva de uma possível perda do Pai, do Conselheiro, do apoio seguro e venerado, poderia ele ter-se limitado a cartas e telegramas, para obter notícias seguras e frequentes? Não terá secundado o coração, fugindo até Varazze, nem que fosse por breves instantes, para certificar-se do que tanto o interessava?

Não se tem notícia a respeito a não ser a da comoção que o Pe. Francesia diz ter experimentado, quando surpreendeu Dom Bosco ditando suas últimas vontades ao Pe. Pestarino <sup>(4)</sup>.

O que realmente sabemos é que o mês de dezembro passou-o em Mornese, dividido entre alternativas de esperanças e temores em relação à saúde de Dom Bosco. O certo é ape-

---

(3) Originale nell'Arch. Sales.

(4) Francesia, Suor Maria Mazzarello 86.

nas que a gruta de Belém, as palhas do presépio, as ternas adorações da Virgem, o canto dos pastores, tudo enfim tinha uma só voz de súplica daqueles corações dedicados: — Jesus, Salvador do mundo, salvai o nosso Dom Bosco!

## **NAS PEGADAS DE DOM BOSCO E PARA DOM BOSCO: A PRIMEIRA ÓRFÃ**

Para mover o Coração de Jesus a ouvir suas orações, a Mazzarello fez um ato de caridade que lhe grangeou ainda mais as simpatias da região e lhe mereceu as bênçãos do Céu.

Apesar das dificuldades em que se encontrava para alimentar tantas bocas, Maria recebeu na Casa da Imaculada uma menina de nove anos. Rosinha Barbieri, órfã de mãe. Morava ela sozinha com o pai que, vítima do alcoolismo, se tornara incapaz de desempenhar junto dela os deveres paternos.

Em Mornese chamavam-no de Cinin e à pequena de Cini-na, pobre florzinha pálida, exposta a ser tragada no torvelinho da vida. A Mazzarello quis guardá-la numa estufa segura, onde não lhe teriam faltado nem os cuidados amorosos do jardnieiro, nem a caridade que salva e regenera.

## **OS MORNESINOS VISITAM DOM BOM EM VARAZZE**

1872 — Superadas as várias crises da penosa enfermidade, começava Dom Bosco uma longa convalescença. No dia 2 de janeiro, Pe. Pestarino partiu para Varazze, onde pretendia passar alguns dias e, se possível, aproveitar daqueles preciosos momentos para tratar dos seus negócios e dos das suas Filhas da Imaculada. Acabou combinando realizar o projeto que, havia tempo, acariciavam no coração alguns fiéis mornesinos: um passeio de doze dentre eles a Varazze, para ver Dom Bosco e alegrá-lo.

Conforme o que narraram os que ainda sobreviviam, puseram-se a caminho depois de terem assistido à missa da Epifania. Aqueles valentes montanhese levavam apenas o bordão do Pobrezinho de Assis, um farnel para dois dias e mais alguma coisa para oferecer a Dom Bosco.

Depois de várias horas de uma caminhada fatigante e vencido o último trecho de estrada de ferro, chegaram a Varazze ao entardecer do mesmo dia. Foi grande o espanto dos varazinos ao ver aquele estranho e alegre grupo de homens

vestidos à moda antiga e animados do único desejo de ver Dom Bosco.

Foram festivamente recebidos no colégio e grande foi a alegria de Dom Bosco, mal soube que estavam em casa.

Foram introduzidos pelo próprio Pe. Pestarino no quarto de Dom Bosco que, embora convalescente, guardava ainda o leito, descansando sobre os travesseiros, sorridente e cordial. Pousou logo o olhar sobre cada um deles, chamando-os pelo nome, acolhendo as saudações que faziam em seu próprio nome e em nome dos mornesinos, e mostrou-se quase curioso de saber o que traziam consigo.

Não se pode imaginar nada mais alegre e interessante: uma verdadeira cena de pastores de Belém junto à mangedoura do Menino Jesus. Um oferecia pombos, outro frangos, aquele outro o bom vinho velho que se guarda para os amigos nas grandes ocasiões. Alegre, retendo as lágrimas de comoção, Dom Bosco agradecia com comovidas palavras.

Acabada a oferta dos presentes, sentaram-se em volta do leito e veio a hora das notícias. Dom Bosco gostava de estar a par do que acontecia com seus amigos e estes sentiam-se felizes em contar-lhe tudo, com os mínimos detalhes. Mas o bom Pai tinha também uma notícia para dar-lhes e que certamente iria ferir-lhes o coração, pobrezinhos. Por isso... os foi aos poucos preparando, porque, calar ainda, seria iludir sua confiança, o que repugnava a Dom Bosco, sempre tão leal, até com seus adversários.

Pe. Pestarino tinha afiançado a Dom Bosco que aqueles doze homens estariam prontos para tudo, antes de causar-lhe o mínimo desgosto. Com suma prudência, medindo as palavras e pesando os argumentos, Dom Bosco revelou-lhes o que ele e Pe. Pestarino haviam planejado a respeito do colégio e das Filhas da Imaculada.

Os doze homens inclinaram a cabeça. O Pe. Pestarino sentia o coração oprimido. Com a humildade, que lhe era própria, tornada ainda mais expressiva pelo abatimento causado pela doença e pela seriedade do momento, Dom Bosco ia falando lentamente, medindo as palavras e estudando seu efeito no rosto dos seus ouvintes.

Um dos que fizeram parte da comitiva lembra-se ainda da impressão que lhe causou aquele momento: "Parece-me reviver aquela meia hora que eu diria solene... Quanto

mais nos exaltávamos, falando do colégio, tanto mais Dom Bosco e o Pe. Pestarino hesitavam nas respostas, até que Dom Bosco, dando um profundo suspiro, revelou o grande segredo.

— O colégio!... A vocês, que me são tão afeiçoados, pode-se dizer a verdade, não é? Embora dura, embora contrária ao seu e ao nosso desejo. É isso mesmo!... Talvez não estivesse escrito no céu que o nosso Mornese tivesse um colégio masculino. Surgiram tantos obstáculos, tantas dificuldades que nem é bom mencionar. Os tempos são tão difíceis!... Quer dizer que seus filhos virão a Turim, virão aqui a Varazze; nos colégios de Dom Bosco haverá sempre lugar para os meninos de Mornese, vocês bem o sabem, não é verdade? Quanto ao colégio, se a Providência não dispõe de outra maneira... Vocês não ficariam contentes se Maria Auxiliadora tivesse escolhido Mornese para ter uma família religiosa com seu nome? Vocês, tão devotos de Nossa Senhora, não gostariam que suas filhas se tornassem irmãs e Filhas de Maria Auxiliadora?...

Vocês conhecem aquelas moças... Se Nossa Senhora nos ajuda, temos que pensar também nas meninas e então a Casa da Imaculada já não será suficiente porque virão meninas de fora igualmente. Quem sabe quantas!... Aliás, o colégio seria sempre de suas filhas. Nada está ainda certo e até é melhor não falar a respeito. É uma confidência entre amigos e deve ficar entre nós...

Posso afiançar que nós estávamos entre dois fogos: de um lado, a cólera reprimida; do outro, a vontade de aceitar as justas razões de Dom Bosco. Sentíamos pena do Pe. Pestarino que sofria visivelmente com a nossa desilusão mas que, ao mesmo tempo, nos animava com o olhar para aceitar as novas disposições da Providência e de Dom Bosco...

Finalmente, depois de nos termos tacitamente interrogado, e quando as nuvens se tinham dissipado, fizemos nosso ato de condescendência e pronunciamos o nosso penoso mas sincero: — o que o senhor faz, Dom Bosco, é sempre bem feito... — Um novo e profundo suspiro saiu do peito de Dom Bosco, um suspiro agora de satisfação, que alargou também o coração do Pe. Pestarino. Para nós, era como que um “muito obrigado”, depois que eles, como nós, tinham sofrido com a improvisa tempestade. O céu voltara a serenar; a alegria sucedia à tristeza”.

## “AGORA, AMIGOS, É PRECISO ALMOÇAR!”

Depois de trocarem amabilidades e de se terem saudado cordialmente, disse-lhes Dom Bosco: — Agora, meus amigos, é preciso almoçar e almoçar bem, porque vocês têm ainda um longo caminho a percorrer... e fatigante!...”<sup>(5)</sup>.

Durante o almoço, Pe. Pestarino, que não devia acompanhá-los a Mornese, fez-lhes companhia. De Varazze, ele devia dirigir-se a Canelli onde o sobrinho, Pe. José, caíra de cama com bronco-pneumonia. Aproveitou do tempo do almoço para insistir sobre a recomendação de Dom Bosco: — Por enquanto, é preciso guardar segredo sobre o que lhes foi confiado. Eu mesmo vou estudar o momento propício para divulgar a novidade em Mornese.

Entre duas ou três horas da tarde — 7 de janeiro — a comitiva pôde rever Dom Bosco para um último — Meus respeitos, Dom Bosco! Fique bom depressa! Abençoe-nos e às nossas famílias, abençoe Mornese!... — O bom pai respondia com um comovido “sim, sim” e a costumeira expressão: :Muito obrigado! Alegres, fiquem sempre alegres!”.

Depois que saíram do colégio onde, no espaço de vinte e quatro horas, tanto haviam gozado e sofrido, Pe. Pestarino ficou a sós com Dom Bosco e logo retomaram a conversa sobre as Filhas da Imaculada.

## A EPIFANIA DO INSTITUTO FEMININO DE DOM BOSCO

Agora que o nó mais duro — o do colégio — tinha-se desfeito diante dos maiores de Mornese, Dom Bosco achou que era chegado o momento de dar um passo avante. Tendo verificado que as Filhas da Imaculada davam fundadas esperanças de um bom resultado e que, a respeito das que viviam em comunidade, ele, Pe. Pestarino, se fazia fiador de que estavam dispostas a obedecer e a fazer qualquer sacrifício para o bem de suas almas e das almas do próximo, Dom Bosco concluiu: “Então podemos começar aquilo de que falamos neste verão em Turim. Se achar bom, voltando para Mornese, reúna as moças e faça com que dêem o voto para formar o Capítulo (Conselho). Chame também as que ali pertencem à Congregação da Imaculada ou Novas Ursulinas.

---

(5) Francesca, Suor Maria Mazzarello 89.

Diga-lhes que rezem e tenham coragem. Que tudo se faça para a maior glória de Deus e em honra da SS. Virgem. Daqui do meu leito, rezarei ao Senhor e à Virgem Maria para que abençoem o novo Instituto” (6).

No pensamento do Pai, portanto, o Instituto já tinha nascido, pois pedia ao Céu que o abençoasse, e era justamente no dia da manifestação de Deus aos gentios, por meio dos Magos, que o revelava.

**Epifania de 1872:** Devemos escrever com letras de ouro essa data que assinala o nascimento da segunda família de Dom Bosco! Tudo se faz no silêncio, sem alarde, mas nem por isso é menos importante. O céu falou a Dom Bosco por meio de sonhos; mostrou de maneira explícita sua vontade com a palavra do angélico Pontífice e ainda com a serena docilidade de Dom Bosco aos desígnios da Providência.

De nada sabe o mundo, como ignorou também o milagre que Deus operou no coração dos magos. Somente mais tarde, verá as formas exteriores, as modalidades para que uma obra tão bela possa estabelecer-se entre os homens. Mas foi nesse dia que nasceram as Filhas de Dom Bosco, levando ao coração do Pai, apenas convalescente, o sorriso de tantas esperanças jamais perdidas.

## **AS FILHAS DA IMACULADA TÊM EM MÃOS AS PRIMEIRAS REGRAS**

De Canelli, Pe. Pestarino voltou a Mornese e foi logo visitar as Filhas da Imaculada. Depois de lhes ter transmitido as saudações do superior, dizendo o quanto ele se preocupasse com seu futuro, entregou-lhes a cópia das Regras, nas quais as vinha exercitando há cinco meses. Acrescentou que, naturalmente, eram livres de escolher o que melhor lhes parecesse para a própria alma. Por conseguinte, refletissem e rezassem para conhecer a vontade de Deus a seu respeito.

Ler e entender! Não era uma empresa fácil decifrar o manuscrito, elas que estavam pouco familiarizadas com a palavra escrita.

Felizmente — dessa vez — havia a professora de Fontanile e ainda mais, aquelas que desejavam ouvir ler, reler,

---

(6) Cf. manoscritto A di Don Domenico Pestarino (Arch. gen. FMA).

explicar e comentar o manuscrito podiam contar com a jovem Corina. Já integrada na comunidade e sob o influxo benéfico da piedade e do afeto da Mazzarello, tornava-se ela cada dia mais condescendente e boa.

## **MARIA MAZZARELLO ADERE LOGO A DOM BOSCO**

A Mazzarello não precisou de muito tempo para refletir: se Dom Bosco tinha pensado e escrito, ou feito escrever tudo aquilo para elas, não havia dúvida de que era essa a vontade de Deus. Estava pronta a caminhar sobre brasas para anuir logo plenamente.

Tanto estava segura de estar no caminho certo que, chamando a irmã Felicina, induziu-a a deixar a senhora Nina para ficar com ela na Casa da Imaculada, decidida, desde então, a acatar o que Dom Bosco determinasse.

Há muito tempo, Felicina desejava associar-se à Irmã, atraída pelo mesmo ideal de perfeição e apostolado; as lágrimas da senhora Ninna, que a amava como filha, a tinham retido. Mas agora, contagiada pelo fervor de Maria, tornou-se eloqüente também ela. Tanto disse, tanto falou de Deus e de Dom Bosco que, sem desgostar aquela que, fazia dez anos, a guardava em sua companhia, foi armar sua tenda no Imaculada. Os pais ficaram admirados e um pouco aborrecidos. Sabiam, porém, que se Maria tinha falado em nome de Dom Bosco, nem eles nem mais ninguém poderia demovê-las, por pouco que fosse.

## **PETRONILLA REFLETE**

Para Petronilla, não era fácil ceder. Ser irmã, sim, era uma bela coisa, sobretudo numa Congregação de Dom Bosco. Mas isso de fazer tudo como as outras, e no tempo marcado... Parecia-lhe impossível confessar-se e comungar nos dias determinados. E, se justamente naqueles dias, não estivesse disposta? Todas iam ver que ela estava faltando. E o tal do uniforme, que significava ele? Quantas incógnitas, pobre Petronilla! E a "disciplina"? Este último problema foi resolvido. Todas, inclusive a Mazzarello, não concordaram com ela e, de comum acordo, tinham dito: — Oh, não; a isso, nós dizemos não. — Portanto, ao menos em relação a um ponto, Petronilla podia estar tranqüila.

Depois de ficar algum tempo indecisa, tomou coragem e foi dizer ao Pe. Pestarino que não estava disposta a abraçar aquelas Regras. Esperava receber um pito mas, ao contrário, ouviu que ele dizia quase indiferente: — Então você fica como é, simples filha de Maria. — Ela teria preferido que ele ralhasse, talvez esperasse uma imposição... mas isso de fazer como quisesse a deixava embaraçada. Ao ouvir que a voz mais autorizada ressaltava sua liberdade, começou a considerar as coisas de outra maneira. Depois de tantos anos que trabalhava com Maria, poderia agora separar-se dela? Que teria feito sozinha? Felicina ocuparia seu lugar? Viriam tantas outras jovens que, com tanto ardor, ouviam a Mazzarello expor as razões da Regra, falar da felicidade que Deus prepara para a alma religiosa, do que poderiam fazer, quando chegassem as irmãs e superiores enviadas por Dom Bosco? Pois Maria tinha certeza que Dom Bosco as mandaria. E dela, Petronilla, que faria Nossa Senhora? Afinal!...

A todas essas dificuldades, Maria respondia: — Que é tudo isso diante da graça de se consagrar ao Senhor?

Então Petronilla foi novamente apresentar-se ao diretor, para dizer-lhe que estava disposta a ser o que queria Dom Bosco, porque se convencera ser essa a vontade de Deus.

## **REUNIÃO DECISIVA COM AS OUTRAS FILHAS DA IMACULADA DO LUGAR**

Das novas Ursulinas, as que costumavam visitar as companheiras da Casa Imaculada é que foram avisadas do que pairava no ar e convidadas a ler as regras, para poder apreciar-lhes o valor. Pe. Pestarino pôs as outras ao corrente de tudo, animando-as a refletir, se por acaso alguma se sentisse chamada à nova instituição.

Depois, no dia 29 de janeiro, festa de São Francisco de Sales, fez o que lhe fora sugerido pelo seu superior. Sem nada dizer a estranhos, reuniu tanto as que moravam na casa contígua à igreja como todas as outras do lugar e, depois de repetir o que dissera Dom Bosco, recitou o **Veni Creator Spiritus**, com o Crucifixo exposto entre duas velas acesas. Passou-se então à votação.

Estavam presentes vinte e sete Filhas da Imaculada. A escrutinadora foi Ângela Maccagno.

Do escrutínio, resultaram vinte e um votos para Maria Mazzarello di Giuseppe, chamada da Valponasca; três votos para Petronilla, dois para Felicina, um para Joana Ferretino. Ficava, pois, eleita Maria Mazzarello, com quase a unanimidade dos votos, o que mostrava claramente o alto conceito em que era tida entre as Filhas da Imaculada, entre aquelas mesmas que não compartilhavam do seu ideal. Maria, porém, levantou-se e disse que agradecia a todas, mas pedia-lhes encarecidamente que a dispensassem de um peso que não se sentia com forças para carregar.

Algumas das eleitoras fizeram observar que, se a tinham escolhido, devia aceitar. Por melhores que fossem, porém, as razões apresentadas, Maria permaneceu firme na sua negativa, asseverando que só por obediência aceitaria o cargo. Pe. Pestarino objetou que apenas depois de ter consultado Dom Bosco, poderia dar semelhante ordem. Esse nome foi um raio de luz para a Mazzarello que, por sua vez, pediu às companheiras remeter a Dom Bosco a escolha da primeira superiora, o que seria de vantagem para todas. Veio o consentimento, com a condição de que ela ficasse sendo a primeira assistente, com o nome de vigária, como prescreviam as Regras. A proposta foi aceita.

Passaram depois à eleição da segunda assistente e foi eleita Petronilla, com dezenove votos. Excluídas essas duas, nomearam a mestra de noviças, recaindo a escolha sobre Felicina; a ecônoma foi Joana Ferretino. A Maccagno continuou a ser a superiora das Novas Ursulinas.

Publicados os nomes das eleitas e depois de ter acrescentado algumas palavras, seguidas do canto *Laudate Dominum*, Pe. Pestarino deu por encerrada a reunião. Ficou combinada que nada deveria transpirar em Mornese <sup>(7)</sup>.

---

(7) cf. Manuscrito di don Domenico Pestarino (Arch. Gen. FMA).

## PEDRAS FUNDAMENTAIS DO MONUMENTO VIVO DE MARIA AUXILIADORA

(1872)

### PRIMEIROS ENSAIOS DO HÁBITO RELIGIOSO

Seguindo o fio dos acontecimentos, é de supor que, estando Pe. Pestarino em Varazze, junto a Dom Bosco convalescente, tenha-lhe falado sobre sua recente visita a Albissola bem como da boa impressão que lhe causaram as boas Filhas da santa Virgem Imaculada. Seu hábito, muito simples, estava bem de acordo com religiosas que deviam acompanhar a vida das jovens e até compartilhar seus jogos. Ao mesmo tempo não destoava do modo de trajar das jovens empenhadas numa vida mais piedosa.

Isso posto, vem a propósito o que narra Petronilla: “Certa manhã, procurei Maria por toda parte para consultá-la sobre um vestido encomendado. Não houve meio de encontrá-la. Depois de várias horas, ei-la que aparece, e eu lhe faço sentir a minha impaciência. Maria então, com os olhos mais sorridentes do que de costume, me diz que esteve trancada para fazer, por ordem do Pe. Pestarino, um modelo de hábito religioso, como ele havia descrito. Dom Bosco diria depois se era assim que nos devíamos vestir. Mostrou-me então um hábito marron, parecido com o dos frades, mas sem cordão, e com uma capinha que descia até o cotovelo.

Só então compreendi o significado da palavra **uniforme** escrita na nosa Regra, e que tanto me intrigara. Naquela ocasião, meu amor próprio não deixou que eu manifestasse superiora, o que seria de vantagem para todas. Veio o conminhas dúvidas, porque não queria passar por ser a tal ponto ignorante”.

As memórias do irmão salesiano Pedro Enria, enfermeiro de Dom Bosco, nos fazem crer que o Pe. Pestarino fez provavelmente outra visita ao seu superior. Aproveitaria para

lhe prestar contas do êxito da reunião, mostrar o modelo do hábito e para falar de outros assuntos menos agradáveis, mas inevitáveis.

O que Enria depôs, após a morte de Dom Bosco, é o seguinte: “Naquela ocasião (ou seja, enquanto Dom Bosco esteve doente em Varazze), depois da visita dos mornesinos, Pe. Pestarino falou a sós com Dom Bosco acerca das futuras Filhas de Maria Auxiliadora. Como ainda não fora escolhido o hábito que elas usariam, Pe. Pestarino apresentou a Dom Bosco um modelo cor de café, porém, mais claro, para que decidisse se estava bem ou devia sofrer modificações.

Dom Bosco olhou-o com atenção e disse depois:

— Mas, para ver melhor, seria preciso que alguém o vestisse.

— Como faremos? — disse o Pe. Pestarino.

Olhando para mim, Dom Bosco propôs:

— Vista-o você! Vamos ver que bela figura você vai fazer vestido dessa maneira!

Eu obedeci. Dom Bosco, ao ver-me assim vestido, riu-se bastante mas achou que a coisa ia bem. Observou apenas que preferia que fosse um pouco mais escuro.

Foi esse o primeiro hábito das Filhas de Maria Auxiliadora.

Dom Bosco ainda conversou por algum tempo com Pe. Pestarino. Mas, como se trata de coisas delicadas, vou fazer ponto final!”.

## **SOBRE A TRANSFERÊNCIA PARA O COLÉGIO**

O que a prudência do bom Enria achou bom calar, podemos nós dizê-lo. Se, na Casa da Imaculada, cada uma retomava as próprias ocupações com a serenidade habitual, se lá se vivia de alegria, vendo abrirem-se novos horizontes ricos de promessas, o mesmo não acontecia do lado de fora.

Aqui e ali escapava uma palavrinha de dúvida sobre a abertura do colégio. A frieza estampada num rosto antes aberto e afetuoso, um grupo de homens que se dissolvia quando Pe. Pestarino se aproximava... um furtivo e triste olhar voltado para o colégio... tudo isso fazia o pobre filho

de Dom Bosco compreender que a dura verdade transpirava de algum lugar.

Seu coração era todo dos seus conterrâneos e a angústia que sem querer lhes causava fazia-o sofrer muito. Sensível como era por natureza, feria-o a mínima alusão ao fato.

As Filhas da Imaculada tinham também ouvido aqui e acolá alguma frase proferida contra seu diretor, sentindo-se feridas. Era, além disso, inconcebível que as moças piedosas, "Novas Ursulinas" ou não, que não se tinham querido filiar à nova família religiosa, gozassem com o rumo que tomavam os acontecimentos. Mostravam-no com uma certa parcimônia no cumprimento, com estudada frieza de trato, que deixavam magoada a alma sensível de Maria e das suas companheiras.

De todas as partes, portanto, lhes vinha o sofrimento e um convite a rezar e calar.

Pe. Pestarino deve ter referido a Dom Bosco o descontentamento que reinava em Mornese. Este teria dito:

— ... Então, Pe. Pestarino, não será bom que as Filhas da Imaculada saibam logo que devem transferir-se para o colégio? Sim, previna-as. Que vão de manhazinha... Mas, é lógico, com a devida prudência, para não dar motivo a palavras mais acerbas...

## DOM BOSCO VOLTA A TURIM

No dia 15 de fevereiro, Dom Bosco deixava Varazze para voltar a Turim. Atesta o Pe. Francesca que, entre seus companheiros de viagem, estava também o Pe. Pestarino<sup>(1)</sup>.

É muito provável pois, na mesma viagem, podia chegar até Canelli, onde o sobrinho, Pe. José, refazendo-se da longa enfermidade, já podia dar alguns passos.

A reunião anual dos diretores salesianos, em Voldocco, por ocasião da festa de São Francisco de Sales, deu-se nos dias que sucederam à chegada de Dom Bosco, ou seja, 17 e 18 de fevereiro. No seu já citado "**Promenoria**", Pe. Pestarino nos faz saber que, não apenas diante dos diretores, mas em presença de todos os irmãos da Pia Sociedade, leu sua

---

(1) Francesca, Suor Maria Mazzarello 100.

“Relação” sobre os inícios do novo Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e que Dom Bosco o ouviu com muito prazer <sup>(2)</sup>.

## AINDA SOBRE O HÁBITO RELIGIOSO

Não é, pois, de estranhar que surgisse entre os ouvintes a pergunta que nos foi transmitida pelo Pe. Francesia:

— Dom Bosco, como as fará vestirem-se, aquelas suas Filhas?

O bom Pai, que sabia sempre arranjar uma boa resposta, quando não era ainda tempo de manifestar todo o seu pensamento, respondeu:

— “Por ora, contentemo-nos que elas usem o hábito das virtudes...” <sup>(3)</sup>.

Todavia, conhecemos o gracioso episódio, narrado pelo Pe. José Pestarino, de Enria experimentando o “modelinho”. Por ele, ficamos sabendo que Dom Bosco não desprezava inteiramente a questão do hábito para suas novas religiosas.

Depois de ter falado com Dom Bosco, Pe. Cagliero — que conhecia todos os Institutos femininos de Turim — tentou obter emprestado o hábito de cada um. Não era para imitá-lo, ou pior, para reproduzi-lo, mas para ter uma idéia mais clara e não se expor ao perigo de se afastar demais do que então usavam as religiosas. Mas não foi bem sucedido porque, cortês, e habilmente, todos se abstiveram de contentá-lo.

De maneira que, tendo fracassado a tentativa, ficou decidido que se ficaria com o “modelinho” de que falamos, podendo ser modificado segundo as exigências, ou as conveniências, dos tempos e das circunstâncias <sup>(4)</sup>.

Nessa ocasião também — de acordo com o depoimento verbal de Petronilla — Pe. Pestarino encarou o lado prático:

— Quanto à fazenda, devo eu pensar e combinar com o ecônomo do Oratório, ou Dom Bosco acha melhor encarregar alguém de sua confiança?

---

(2) Cf. manuscrito A do Pe. Pestarino (Arch. Gen. FMA).

(3) Francesia, **Suor Maria Mazzarello** 100-101.

(4) Cfr. carta do Pe. José Pestarino, 10 de maio de 1922 (Arch. Gen. FMA).

— Providencie o senhor, Pe. Pestarino, providencie o senhor diretamente, conforme já combinamos.

— Então, Dom Bosco, se o senhor não tem nada em contrário, poderíamos dar às Filhas da Imaculada o prazer de pagar a fazenda com o produto da indústria dos bichos da seda. Nestes dois ou três anos, elas me têm entregue o lucro intato. Creio que ficariam muito contentes com isso.

— Sim, estou de pleno acordo. Use tudo o que for necessário. Nosso ecônomo poderá indicar-lhe uma loja onde encontrar o artigo por um preço mais razoável. Digo-lhe isto para não precisar mais voltar sobre o assunto. Note bem que, antes de tudo, é preciso estarmos seguros da transferência para o colégio e termos certeza quanto à data da primeira vestição. . .

— Esperamos que a decisão possa ser tomada quando Dom Bosco for a Mornese pagar a visita dos mornesinos. Lembre-se de que o estão esperando. O senhor prometeu e não pode faltar.

— Sim, irei, mas não será tão cedo.

## ESPERANÇA FILIAL

Foi essa conversa que deu asas às esperanças do bom Pe. Pestarino? Não resta dúvida já que, para musicar o hino de circunstâncias, recorreu ao Pe. Constamagna. Queria notas vivas e vibrantes como o coração daquelas moças, já inteiramente todas de Dom Bosco <sup>(5)</sup>.

Deve-se registrar um outro particular dessa visita do Pe. Pestarino ao Oratório de Dom Bosco: a aquisição de uma bela e grande imagem de Maria Auxiliadora com que presentear as futuras religiosas. Já era tempo de terem sob os olhos, durante todo o dia, a imagem daquela a quem dariam, dentro de pouco tempo, o doce nome de Mãe.

Mas, se o bom diretor voltava desta vez a Mornese com a imagem, que recordava a celeste fonte onde Dom Bosco ia buscar segurança para todos os seus empreendimentos e virtude para seus milagres, se trazia outros pontos de apoio para sua confiança, não se deve imaginar que estivesse livre das preocupações anteriores e das que se anunciavam.

De fato — lembra Petronilla — “a primeira imagem, de maiores proporções, da Nossa Senhora venerada em Val-

---

(5) Anexo n. 12 cf. ed. ital. p. 354.

docco, chegou à nossa casa quase em segredo. Para não provocar as **vepas**, que não cessavam de picar o pobre Pe. Pestarino e um pouco a nós também, foi discretamente colocada na capela do colégio em construção.

Vejo-a ainda numa falsa janela, à direita de quem se dirige para o altar. Teria pouco mais de um metro de altura. Era linda e representava Nossa Senhora com o Menino Jesus.

Para nós era sinal de uma alegria que se aproximava. Com o pensamento e com o coração, desejávamos que se apresentasse a ocasião favorável à realização dos planos de Dom Bosco”.

Acrescenta o Pe. Campi: “Era um quadro numa espécie de nicho. Pestarino colocou diante uma cordinha para aí pendurar os **ex-voto**”.

## ALEGRIA E APREENSÕES

Pe. Pestarino contou às moças o que de belo e bom tinha visto em Turim, disse-lhes como Dom Bosco ouvira com satisfação a notícia de que elas continuavam firmes no propósito de serem todas de Deus e de Nossa Senhora Auxiliadora. Concluiu com as seguintes palavras — “Ele me encarregou ainda de dizer a vocês: eu irei e faremos juntos a grande promessa de viver e morrer trabalhando pelo Senhor, com o belo nome de Filhas de Maria Auxiliadora”<sup>(6)</sup>.

Pode-se imaginar a explosão de alegria que essas palavras suscitaram.

Quanto à mudança para o colégio, por mais que a nova moradia parecesse magnífica, e animadora a previsão de Dom Bosco, repetida a elas pelo Pe. Pestarino, isto é, que “para lá teriam ocorrido jovens também de longe”, elas não podiam gozar com desafogo dessa promessa — Como faremos para nos mudarmos sem provocar um temporal e até chuva de pedra? — diziam entre si. — Pobre Pe. Pestarino e pobre Dom Bosco quando chegar o dia; aí é que vamos ver!

Do hábito, o bom diretor nada disse, no momento, mas intensificou seu trabalho de formação espiritual das moças, animando-as a uma sempre maior união com Deus, a uma vida de obediência simples e pronta, mesmo nas pequenas

---

(6) Francesca, Suor Maria Mazzarello, 101.

coisas, de humildade, de mortificação e sacrifício. É o que havia sugerido Dom Bosco, a fim de conhecer melhor as que estavam mais dispostas para a vida consagrada. A quem, impressionada com os boatos e com o mau humor dos mornesinos, lhe confiava palavras de temor, respondia logo entre compreensivo e brusco: “Quem quer estar com Dom Bosco, cala, reza e deixa que Nossa Senhora arranje as coisas”.

## CIRCUNSTÂNCIA PROVIDENCIAL

Nossa Senhora fez ver como seja fácil aplainar as dificuldades e quanta razão tinha Dom Bosco para repetir ao Pe. Pestarino: “Esperemos tranqüilos; quem sabe, o tempo...”.

Fazia algum tempo que a casa paroquial de Mornese estava exigindo reformas, sempre deferidas por falta de dinheiro. Mas agora ameaçava ruir e era urgente providenciar outra habitação para o pároco, se se queria evitar uma desgraça. Mas uma casa suficientemente grande e decorosa próxima à igreja, onde encontrá-la? Pensava-se logo na que o Pe. Pestarino fizera construir e que cedera às Filhas da Imaculada.

Quando os hebreus viram o profeta Balaão subir ao monte, temeram que proferisse uma maldição; mas foi justamente dali que lhe veio a alegria pois, não obstante seu desagrado, Balaão teve que bendizê-los. Foi o que aconteceu em Mornese. Aqueles mesmos, e não eram poucos, que manobravam contra o Pe. Pestarino e procuravam obstaculizar suas empresas, é que abriram o caminho para que se realizassem os planos do Senhor.

No dia 8 de maio, reunia-se o conselho municipal para decidir, entre outras coisas, a escolha da casa paroquial. Foi quando um dos conselheiros “... lembrou que, uma vez que era necessário demolir a velha casa paroquial, tornava-se necessário encontrar um alojamento provisório para o pároco. Voltando-se então para o também conselheiro Pe. Pestarino, ali presente, pediu-lhe que alugasse ao município a casa de sua propriedade, a que ficava perto da igreja, a única que podia servir para tal fim.

Pe. Pestarino faz ver que, como todos sabem, naquela casa ele acolheu as Filhas da Imaculada, que se dedicam ao trabalho, com o fim de se tornarem úteis à cidade. É

verdade que, não tendo caráter religioso, aquela associação poderia mudar-se para outro local, mas que isso traria transtornos. Pedia, pois, ao conselheiro, quisesse disso dispensá-lo" (7).

O conselheiro Mazzarello retruca que aquelas moças poderiam mudar-se para o colégio, onde já havia locais disponíveis, cedendo ao mesmo tempo sua casa ao município, para uso do pároco. Desta maneira, teriam adquirido um novo título à benemerência pública, elas que tanto já se vinham dedicando ao bem comum, com sacrifício de suas pessoas e de seus bens.

Pe. Pestarino agradece e declara que, se é assim, queira o município dispor de sua casa. Mas, prudente e delicado, acrescenta que não deseja tomar parte nas deliberações... Como conclusão, ficou decidido que ele deverá entregar as chaves da casa no dia 25 do corrente mês de maio.

Finezas da bondade divina! Sabe Deus quantas vezes Pe. Pestarino terá pensado na maneira de sair-se daquele embaraço! Quantas vezes terá pesado o pró e o contra, achando sempre que qualquer solução estaria erizada de espinhos! E a Providência tinha aberto uma saída tão inesperada!

"É preciso notar — escreve Pe. Campi — que aquele conselheiro, que se levantou para insinuar ser conveniente transferir as Filhas da Imaculada para o colégio, era notoriamente contrário ao Pe. Pestarino, o que deu melhor a conhecer que era mesmo essa a vontade de Deus".

Além de avisar Dom Bosco, Pe. Pestarino apressou-se a dar essa notícia às Filhas da Imaculada, a fim de que preparassem seus poucos haveres, de maneira que, sem dar muito na vista, estivessem prontas para deixar a casa desocupada e limpa para o dia 25 do mesmo mês.

Que dia melhor, para a mudança, poderia ter escolhido um filho de Dom Bosco, a não ser o mais próximo da festa de Maria Auxiliadora? Não foi por acaso que ele optou pelo dia 25. Nem antes nem depois. Com seu salesiano amor pela Auxiliadora, deve ter determinado o dia 23 para as moças deixarem a "Casa da Imaculada", depois de se terem apresentado ao pároco para agradecer-lhe por tudo o que tinha

---

(7) Cópia da ata da reunião do Conselho municipal do dia 8 de maio de 1872 (Arch. Gen. FMA).

feito pelas suas almas. Deviam, ao mesmo tempo, adverti-lo de que, transferindo-se para o colégio, fariam naquela capela suas práticas de piedade, de acordo com o desejo de seu superior Dom Bosco.

## **SE É PARA FAZER A MUDANÇA, FAÇAMO-LA**

— Mas... e os bichos da seda? — objetam tímidas as moças — Este ano, temos mais do que de costume, porque as despesas aumentam; se eles ficam prejudicados, o prejuízo é grande, senhor diretor.

— Os bichos de seda? Mudam de casa eles também. Apenas vamos fazer isso ao escurecer, para não chamar a atenção. Vão ver que eles não sofrerão porque... a obediência fará milagres para eles também.

Como sempre, as moças obedeceram. Na noite marcada, depois de esperarem que todos se tivessem retirado às suas próprias casas, para não expor ao público seus pobres trastes, cada uma pôs aos ombros tudo o que podia, e lá se foram para a nova habitação. Refizeram a estrada uma, duas vezes, em perfeito silêncio, até que a casa ficasse vazia. Voltariam no dia seguinte para limpá-la, antes de entregar as chaves ao Pe. Pestarino.

Tudo o que pertencia à oficina foi colocado numa grande sala ao rés-do-chão, onde ficariam todas durante o dia pois, como dissemos, Pe. Pestarino ocupava o primeiro andar desde 1867. O resto foi transportado para a Casa Carante, à espera de que o colégio ficasse terminado e posto inteiramente à sua disposição.

Alguns dias antes, Maria e Petronilla lá tinham ido para fazer a necessária limpeza e preparar os quartos, que, para dizer a verdade, eram um pouco escuros. Naquela mesma noite, tudo ficou relativamente pronto. É de esperar que o cansaço as tenha vencido; do contrário, só o pensamento dos comentários de dia seguinte, lhes teria tirado o sono.

## **O PRIMEIRO 24 DE MAIO NO COLÉGIO**

Não obstante as nuvens, que se adensavam no horizonte, que alegria, no dia seguinte, ao atravessarem o jardim para ir assistir a missa celebrada especialmente para elas e rece-

ber a comunhão na devota capelinha do colégio! Ali, ao lado de Nossa Senhora das Dores, que parecia perguntar: — Serão suas penas semelhantes às minhas? E as minhas não terão a força de afugentar as suas? — sorria a Auxiliadora. A bela imagem, que Dom Bosco enviara, mostrava-lhes o cetro do seu poder e lhes apresentava Jesus, o onipotente e misericordioso Jesus. Era justamente o dia 24 de maio, ao mesmo tempo que, em Turim, Dom Bosco celebrava a festa da SS. Virgem, no seu santuário.

O que diria Jesus àqueles corações que a Ele se achegavam felizes, prometendo um amor ainda maior em agradecimento pelos seus favores, preparando-se para novos combates, só o saberemos no Céu. Pe. Pestarino não terá deixado de dirigir-lhes a palavra, desafogando o coração comovido. Não importa que, no dia seguinte, o inferno se desencadeasse contra ele: hoje era dia da divina Mãe e, na sua ternura, ela tinha querido ver as filhas reunidas na casa preparada para elas pelo seu amor preveniente. Sem dúvida, o coração de Dom Bosco batia unísono com o da sua família mornesina, para a qual pedia serenidade viril e ilimitado amor.

Terminada a missa, Pe. Pestarino leu-lhes uma página do Muzzarelli, como costumava fazer todos os dias na paróquia. Depois deu a bênção com a relíquia de Nossa Senhora e avisou que o mesmo faria até o fim do mês de maio.

Apressaram-se depois em arrumar a oficina para receber festivamente as meninas, ansiosas com a novidade e bem contentes de ter aquele belo colégio, especialmente para elas, embora por breves horas. Pretender o silêncio e normalidade no trabalho daquele dia, seria absurdo. Elas tinham mil coisas para dizer, mil elogios a fazer, exagerando as comodidades da grande casa.

## **A SERENIDADE NÃO ERA COMPLETA**

As moças ouviam tudo em silêncio e seu sorriso era comedido. Sabiam que a ignorância das meninas, sobre a verdade, duraria pouco e — quem sabe? — mudariam de atitude. Talvez se afastassem e a oficina ficaria... vazia? Menos trabalho, portanto, menos trabalho sobretudo sobre as almas, que era o que mais desejavam. Além disso, passariam a ganhar menos porque, sem as meninas, desapareciam as encomendas. A vida passaria a ser ainda mais pobre,

mais mortificada, e nem todas poderiam resistir... Mas, não: não queriam duvidar da Providência; uma fervorosa jaculatória, e a serenidade voltava aos corações.

## AS DUAS PRIMEIRAS NOVAS VOCACIONADAS

Antes de anoitecer, tiveram uma prova palpável do auxílio celeste: Rosina Mazzarello, a sobrinha de Petronilla, e Maria Poggio, que as haviam seguido ao colégio mas ainda estavam indecisas, apresentaram-se a Maria, decididas a fazer parte da família religiosa de Dom Bosco. A Mazzarello já o esperava e não se admirou mas alegrou-se no seu coração porque as sabia ativas e de muito bom espírito.

Para essa feliz decisão pode ter contribuído a presença em Mornese do bom Côn. Olivieri, do cabido de Acqui.

A suposição não carece de fundamento porque, depois da morte do benemérito Pe. Frassinetti, ele tinha sido escolhido como confessor das Filhas da Imaculada, tanto internas — chamemo-las assim — como externas. Justamente naqueles dias — 22, 24 e 25 — caíam as tēmporas de Pentecostes.

Grande amigo de Dom Bosco e confidente íntimo do Pe. Pestarino, não poderia ele ter sido convidado a comparecer no colégio, para onde sabia terem as moças se mudado, a fim de levar sua paterna e autorizada palavra, tanto para umas como para os outros?

## A REGRA É LOGO OBSERVADA

Uma vez discretamente sistematizadas no novo domicílio, Pe. Pestarino avisou as moças de que deviam começar a observar exatamente a regra, mesmo no que dizia respeito às práticas de piedade. Como o terço e a leitura espiritual estavam marcados para as 16 h 45, interrompiam todas o trabalho e se dirigiam para a capela. As alunas externas ficavam na oficina, assistidas por uma das moças. De noite, outra novidade: depois de terem recitado as orações, uma delas lia o argumento da meditação para o dia seguinte.

“Uma vez no colégio — recorda Petronilla — começamos a fazer séria e regularmente a meditação mas na hora mais cômoda ao Pe. Pestarino”.

Cômoda é modo de dizer. O bom diretor tinha-se licenciado, sim, de celebrar a missa no oratório — a capela anexa à paróquia — mas não podia deixar as confissões, que ficavam quase todas a seu cargo. O próprio Dom Bosco lhe tinha dado essa permissão, seja para não interromper um ministério muito importante e eficaz, seja para não dar maiores motivos à murmuração. Já havia quem dissesse, em alto e bom som, por não ver Pe. Pestarino na paróquia: Como? Por causa daquelas quatro marmotas, todos nós temos que ficar com uma missa a menos? Logo, era preciso ir para a frente com prudência.

A parte pior tocava sempre ao Pe. Pestarino: ainda de madrugada, corria à paróquia para confessar os homens; voltava depois para o colégio, a fim de celebrar a missa a que assistiam as Filhas da Imaculada. Terminada esta, ia novamente à paróquia para a confissão das mulheres.

Além das moças, iam geralmente à capela do colégio algumas alunas da oficina e, não raramente, uma ou outra das fiéis à Maccagno.

“Rezavam-se as orações contidas no **Giovane Proveduto** — conta Petronilla —; depois, se o Campi não acendia as velas, isto é, se o Pe. Pestarino ainda não tinha voltado, fazíamos meia hora de meditação de joelhos. Se ao contrário, o sacerdote estava pronto, tínhamos primeiro a missa e depois a meditação. Isso porque Pe. Pestarino não podia esperar.”

É interessante lembrar a cena que precedia a missa.

Como não tinham ainda licença para conservar a santíssima Eucaristia em casa, era preciso consagrar, cada manhã, o número certo de hóstias. Para não criar embarços, Pe. Pestarino tinha mandado colocar, junto da porta de entrada da capela, uma mezinha crivada de buraquinhos, por cada um dos quais passava um cordão. Quem queria comungar, puxava para baixo os cordões. O clérigo Campi contava-os e levava para o altar outras tantas hóstias para serem consagradas.

Durante a missa, cada uma rezava ainda por conta própria. Mas, logo depois da elevação, Petronilla entoava um canto em preparação à comunhão. Estabelecia-se, deste modo, o belo costume salesiano que revela o fino senso psicológico de Dom Bosco, pois o canto é para a alma o que o sol é para os olhos.

Ao meio dia, a pequena comunidade reunia-se novamente para o exame particular de consciência e para recitar o Angelus.

Depois, como vimos, às 16h45, rezavam o terço e faziam a leitura. Finalmente, às 21h30, faziam uma visita ao SS. Sacramento e rezavam as orações da noite.

## **A FESTA DO CORPO DE DEUS**

Aproximava-se, entretanto, a festa do Corpo de Deus e, obedecendo à ordem recebida do diretor, as Filhas da Imaculada se esmeraram em ornamentar as janelas e os muros externos para esperar a procissão que, saindo da paróquia, devia passar pelo colégio. Todas as meninas ajudaram, mesmo as das reuniões festivas. Já tinham gozado bastante em poder lá ficar no domingo, sem precisar ir a São Silvestre. Como correram pelo pátio, como cantaram, que esfusiante alegria! Chegou depressa demais a hora de ir à paróquia para rezar as vésperas e para o catecismo, acompanhadas sempre pelas moças com as quais faziam o caminho de volta.

No dia do Corpo de Deus, ficaram realmente felizes. O fato de irem da casa Carante ao colégio, de subirem as escadas que levavam ao primeiro andar, de escancarar as janelas e debruçar-se nelas como em sua própria casa, coisa que nunca tinham imaginado, parecia-lhes um sonho, um belo sonho.

Passou a procissão. Jesus abençoou o colégio que, engalanado, parecia cantar seus louvores. Abençoou as humildes moças, ajoelhadas em oração pela juventude que as circundava; por aquele povo que elas amavam e que em breve as faria sofrer; pelo seu diretor, prestes a ser ludíbrio de tantas línguas discordantes, por Dom Bosco de quem esperavam a realização de uma grande promessa.

Jesus passou e abençoou. Daqueles humildes corações, incertos pelo futuro e, não obstante, felizes por doar-se inteiramente, subiu o incenso do mais confiante amor.

## **A PROCURA DE TRABALHO**

A festa do Corpo de Deus pusera remate ao mês de maio e, com a chegada de junho, diminuíam as alunas da

oficina, porque aumentava o trabalho no campo. Não diminuía o fervor daquelas moças, não diminuía sua esperança nem seu intenso desejo de dedicar-se ao trabalho, embora sob a ameaça de não o haver suficiente para todas. Estava também para interromper-se a preocupação com os bichos da seda que, aliás, tinham dado razão ao Pe. Pestarino. Em vez de ressentir-se com a mudança de ambiente, parece que tinham assumido o encargo de afastar qualquer preocupação. Foi tão abundante a produção que se pôde comprar a fazenda para os hábitos religiosos das moças.

Era, pois, necessário encontrar outra ocupação, outra fonte de recursos. Então Petronilla, acompanhada por uma das meninas mais crescidas, foi procurar costura nas regiões circunvizinhas. Como todos sabiam que seus preços eram módicos, suas idas e vindas eram frutuosas, de maneira que a mais serena confiança reinava em casa.

## OS FALATÓRIOS

Às vezes, alguma menina, certa de agir corretamente, repetia as fofocas que corriam pela aldeia: “Dizem que onde já se viu umas mulheres se trancarem assim... O povo está dizendo que breve vão se cansar... que era melhor não inventar novidades...”. As mais jovens se assuntavam um pouco, mas a Mazzarello, sempre serena e jovial, respondia: “Digam o que quiserem; o que nós queremos é fazer-nos santas”. Não queria ver fronte pensativas; tinha o dom de fazer o sol nascer nos dias mais sombrios e de mudar em prazer, não apenas os trabalhos monótonos, mas também os mais fatigantes.

No seu fervor, era uma dura privação para elas, e especialmente para Maria, não ter Jesus sacramentado em casa. Não podiam visitá-lo durante o dia, a não ser quando tinham que fazer alguma encomenda e passavam pela igreja paroquial. Mas o amor, especialmente o amor alegre como o seu, é engenhoso. Ela entusiasmava as meninas, convidando-as a fazerem um passeio até Casaleggio, onde havia uma igreja com Jesus sacramentado. Dez minutos de visita ao Rei dos reis, uma conversinha com Nossa Senhora, um canto... e voltavam ao trabalho com o coração mais leve e o sorriso mais alegre.

Oração e trabalho, o programa de Dom Bosco passa a ser também o das felizes moradoras do colégio. Elas não

sabem que já amam, com surpreendente afinidade de vistas, os mesmos ideais de Dom Bosco; não sabem que percorrem, com insuspeito sucesso, a mesma estrada. Oração e trabalho! Uma oração nunca interrompida porque, enquanto as mãos trabalham, o coração palpita por Deus somente. Um trabalho que é oração porque, enquanto se ocupam ativamente para ganhar o escasso pão de cada dia, o espírito repousa em Deus e repete amorosamente: — Por ti, Senhor; tudo por ti e pelas almas que custaram o preço do teu sangue divino.

Maria Mazzarello precede todas na piedade e na atividade; com seu caráter vivo, amável, espirituoso, mantém as companheiras alegres mesmo quando, depois de um trabalho esfalfante, devem contentar-se com um pouco de polenta. Precede todas alegremente na prática das virtudes. Animadas com seu exemplo, suas companheiras fazem alegremente os mais duros sacrifícios, suportam as mais graves privações.

## **A ARTE DE TRANSFORMAR TUDO EM ALEGRIA**

Espírito eminentemente sereno, sabia tirar de tudo motivo para alegria.

Por exemplo: agora era possível lavar a roupa em casa porque no colégio havia muita água. Mas, como todos iam fazê-lo no Roverno e elas mesmas lá tinham sempre ido... Vamos, pois, ao Roverno. Ela era a primeira a partir, a primeira a meter as mãos na água, a primeira a interromper o trabalho com uma palavra espirituosa. Ali mesmo comiam o que tinham trazido. Às vezes, acendia-se o fogo entre duas pedras, para fazer ou esquentar um pouco de sopa.

Como se não estivesse tão cansada quanto as outras, toda se desvelava para que cada uma fosse servida de acordo com suas necessidades. Ia e vinha entre os grupos, armada de tanta caridade e jovialidade que, até as menos afeitadas a essa frugalidade, sentiam vontade de que se multiplicassem os dias de lavar roupa no Roverno.

## **POR MOTIVO DE SAÚDE, O BISPO DA DIOCESE IRÁ A MORNESE**

Chegaram dias de muito trabalho: era preciso esfregar todos os cantos do colégio, ajudar os pedreiros para os últimos retoques nos quartos do segundo andar, limpar o assoalho, esfregar as janelas, todas as portas.

Camas e mobília — o que de mais belo tinha Pe. Pestarino — deviam ser transportadas para cima, as cortinas deviam ser estendidas. Sem esquecer que a comida devia obedecer às exigências de um estômago muito fraco. Enfim, o bispo da diocese, Dom José Maria Sciandra, seria por algum tempo hóspede do colégio.

Dom Sciandra “um dos que estavam na lista apresentada por Dom Bosco ao Sumo Pontífice e julgados aptos a serem pastores de almas naqueles tempos difíceis”, tinha ingressado solenemente na diocese, na Epifania daquele mesmo ano de 1872. No dia do Corpo de Deus, depois do pontifical e da longa procissão — dia 20 de maio — muito suado, tinha ido descansar num quarto cuja janela estava aberta. A consequência foi contrair uma bronquite aguda e persistente. Entrando em convalescença, precisava de um lugar fresco e saudável para restabelecer-se. Ir à vila episcopal de Strevi não podia porque não tinha ainda recebido o “placet” régio, e não lhe restava o que escolher.

Em vista disso, o Côn. Olivieri, que conhecia o devotamento de Dom Bosco e do Pe. Pestarino pelos príncipes da igreja, pensou logo em Mornese. Feita a proposta, o bispo a tinha logo aceito.

Pe. Pestarino ficou contentíssimo com essa disposição da Providência, que vinha facilitar a fundação do Instituto<sup>(8)</sup>. Escreveu logo a Dom Bosco, não tanto para pedir sua licença — da qual estava certo — mas sobretudo para chegarem a possíveis acordos sobre o que ele, como superior, achasse bom decidir a respeito das Filhas da Imaculada. A inesperada oportunidade parecia-lhe muito favorável.

### **DOM BOSCO MANDA PREPARAR A PRIMEIRA FUNÇÃO RELIGIOSA PARA SUAS FILHAS**

Dom Bosco que, em todas as suas obras, esperava que Deus lhe indicasse de alguma maneira o momento de agir, acolheu a oportunidade como uma ordem do céu.

Vieram, portanto, naturais as seguintes deliberações: depois de ter dado ao prelado o tempo necessário para restabelecer-se e ir, ao mesmo tempo, conhecendo as moças, a missão a que eram chamadas, o caminho andado, as regras

---

(8) Lettere C di don Giuseppe Pestarino: a don Lemoyne, 30 agosto 1915; alla sorella Rosalia, 19 aprile 1921 (Arch. Gen. FMA).

recebidas a título de experiência, o Pe. Pestarino marcasse, com seu beneplácito, um curso de Exercícios espirituais. Convidasse, para pregá-los, o mesmo Côn. Olivieri, que estava bem a par de tudo e conhecia a alma das moças, bem como o vigário forâneo Pe. Marcos Mallarini. No dia do encerramento dos exercícios, aquelas que já tinham feito o pedido de pertencer à nascente congregação, receberiam o hábito religioso. Algumas poderiam também pronunciar os votos religiosos, isto é, as mais antigas ou que já pertenciam às Filhas da Imaculada, ou precedentemente ligadas por votos privados. Antes, porém, Dom Bosco teria ido a Mornese.

## O BISPO HÓSPEDA DE PE. PESTARINO

O bispo chegou com seu secretário, Pe. Francisco Berta, e se instalou com prazer no apartamento para ele preparado no segundo andar. Apreciou muito a luminosidade do lugar, o ar puro, a vastidão do horizonte e a liberdade de que poderia gozar, longe de um grande centro.

Aliás, nem Pe. Pestarino nem seu sobrinho Pe. José nada poupavam para tornar-lhe a estada agradável, bem como penetrados da honra que isso representava para eles, para o lugar e o colégio. Quanto às moças, teriam feito de joelhos o que lhes era pedido, tanto era seu empenho em fazer tudo do melhor modo possível.

O serviço pessoal do bispo estava a cargo do seu empregado, chamado Franchino. Pela cozinha, respondiam as moças, especialmente Felicina, que contava com o auxílio de sua madrinha e ex-patroa. Como já fizera para Dom Bosco, esta preparava e enviava as iguarias mais finas. Para preparar a mesa, ornamentar a capela, dar uma nota de distinção à hospitalidade — coisas estas que Pe. Pestarino não queria absolutamente para si mas exigia para o seu superior diocesano — tinha vindo especialmente de Ovada sua sobrinha Rosália.

Multiplicava-se o trabalho mas não faltavam as satisfações. Todos aqueles sacerdotes celebravam a santa missa e as moças se revezavam para assistir a quantas podiam.

O bispo celebrava tarde, mas freqüentemente podia ver as moças, especialmente Maria, com alguma das meninas mais crescidas, absorvida em fervorosa oração. Sem o dar a

perceber, observava as moças durante o dia, notava sua fiel observância da regra, a seriedade e desenvoltura com que se sacrificavam por um ideal de santidade. De maneira que, não só aprovou mas encorajou a proposta feita pelo Pe. Pestarino, em nome de Dom Bosco, de admiti-las à vestição e profissão religiosa.

Talvez o bispo também percebesse nisso uma aprovação do céu à sua permanência em Mornese. Era um conforto, uma espécie de contrapeso às muitas dores que a cruz de bispo — e bispo naqueles tempos — lhe punha sobre os ombros. Quis que se apressasse a cerimônia. Interrogado, Dom Bosco deixou-lhe plena liberdade para decidir a respeito. A data do retiro foi, pois, marcada para o dia 1.º de agosto, festa de São Pedro “in vincoli”.

## GRATOS PREPARATIVOS

Pe. Pestarino avisou logo as moças que se dispusessem para o passo decisivo, terminassem os trabalhos mais urgentes e preparassem os hábitos das felizardas que fariam a vestição. Durante o retiro, nada as deveria preocupar.

A fazenda já estava em casa. Alguns dias antes justamente, Petronilla, sem que lhe dissessem do que se tratava, tinha recebido a incumbência de ir buscar no correio um volume expedido pela firma Quenzati de Milão. Pouco depois, oh, a grata surpresa!

Parece que deveriam ser dezesseis as felizes escolhidas para fazer a primeira vestição. Entre elas, estava Corina que tinha pedido com insistência para iniciar o postulado. A respeito de uma delas, porém, a Mazzarello não estava muito tranqüila, porque era aferrada ao seu próprio modo de ver, sobretudo em relação às práticas de piedade. De maneira que demorou para fazer-lhe o hábito esperando que, ao ouvir as práticas do retiro, ela mesma pedisse para retirar-se ou para falar com Dom Bosco.

Durante esse tempo, tão rico em novidades para o colégio, qual seria a conduta da Maccagno?

Segundo o que nos contaram Angelina Pestarino e Maria Livia Gastaldo, viúva Gandino — ainda hoje (1938) duas velhinhas bem conservadas — a Maccagno, pesarosa embora com o “enxamear de suas abelhas tendo à frente **Main**”, mantinha boas relações com cada uma delas. Ao mesmo

tempo, não parecia disposta a renunciar inteiramente ao próprio ideal em relação às suas “Novas Ursulinas”.

O regulamento, que temos debaixo dos olhos <sup>(9)</sup> e a breve notícia sobre as origens das “Novas Ursulinas” da diocese de Acqui <sup>(10)</sup>, deixam margem para se supor que a Maccagno se tenha aproveitado justamente da permanência de Dom Sciandra em Mornese, para apresentar-lhe uma nova tentativa de organização, em parte modificada, das “Novas Ursulinas”. Pensava garantir-lhes a existência, com o apoio de Dom Bosco.

Mas seus caminhos eram muito diferentes dos que a Providência indicara a Dom Bosco. Teve que resignar-se a viver de esperança. Recebeu, todavia, a confortante palavra do bom bispo, que animava umas a continuarem alegremente no novo caminho, e a todas exortava a considerarem-se como irmãs, no serviço de Deus, em benefício do próximo.

### **ALGUMAS SENHORAS PARTICIPARAM DO PRIMEIRO RETIRO ESPIRITUAL**

Ao conforto de verem os ânimos serenados, um outro motivo de consolação espiritual vinha juntar-se naqueles dias, tanto para Maria como para o colégio.

Algumas senhoras de Acqui, benfeitoras de Dom Bosco e penitentes do Côn. Olivieri, tendo sabido, por intermédio deste último, o motivo de sua ida a Mornese, suplicaram o favor de participar dos santos exercícios. Desejavam também assistir às funções da vestição religiosa e profissão. Dom Bosco não disse não, ao contrário! Vieram, pois, ao colégio e ficaram hospedadas em quartos e refeitórios próprios. As práticas de piedade, porém, podiam fazê-las em comum. De maneira que, ao lado da nova família de Dom Bosco, nascia outra obra a que ele dava particular importância: o retiro para senhoras.

Iniciado o retiro, o cuidado das jovens foi entregue a uma certa viúva Maccagno que tinha obtido a permissão de morar no colégio, sem todavia pretender ingressar na vida religiosa. A casa transformou-se num cenáculo; serenas e

---

(9) Anexo n. 13 cf. ed. ital. - p. 335 ss.

(10) Anexo n. 14 cf. ed. ital. - p. 363.

absortas em Deus, esperavam todas a hora da grande graça.

## O FUNDADOR NÃO DEVE FALTAR E NÃO FALTA

O bispo queria que Dom Bosco estivesse presente. Este, porém, alegando sua pouca saúde e um curso de retiros em Turim, procura eximir-se de comparecer. Às instâncias do Pe. Pestarino, respondia que, para a função, bastaria o bispo; o resto, fizesse ele próprio.

Então o bispo, uma vez que as cartas não surtiam efeito, mandou seu secretário, Pe. Berta, a Turim, com a ordem de trazer Dom Bosco no dia seguinte, 4 de agosto.

As esperanças, porém, iam diminuindo, à medida que se aproximava a hora da chegada. De maneira que o pregador do retiro achou bom preparar as moças para a desagradável notícia, animando-as a aceitá-la generosamente. No seu íntimo, as pobrezinhas se queixavam mansamente ao Senhor, quando se ouviu no pátio o ruído de cascos de cavalo batendo no pavimento e o rumor de um carro que se aproximava.

Os carros não eram freqüentes em Borgoalto. Aquele parou ali mesmo, de maneira que não passou despercebido nem das exercitandas nem do pregador que, rematando o que dizia, apressou-se em sair. As moças ficaram para a bênção, com o coração suspenso entre a esperança e o temor, até que os passos apressados do bispo e dos sacerdotes, o nome do pai ouvindo distintamente junto às portas da capela e repetido com alegria, encheram-nas da mais terna gratidão a Jesus que as abençoava <sup>(11)</sup>.

Dom Bosco estava em Mornese! Nem o trabalho, nem a pouca saúde, nem sua profunda humildade o haviam impedido de obedecer ao bispo, que agora o abraçava, ao descer do carro.

Depois dos cumprimentos, de uma breve conversa com o prelado, Dom Bosco entrou na capela para adorar o Senhor e ver as moças que ainda lá se encontravam. Estavam presentes também as poucas senhoras que participavam do retiro. Dirigindo-se a elas, expressou-lhes o prazer de tornar a vê-las advertindo-as, ao mesmo tempo de que, devendo vol-

---

(11) Anexo n. 15 cf. ed. ital. - p. 364.

tar a Turim no dia seguinte, o bispo decidira alterar um pouco o horário daquele dia, para proceder à vestição e profissão. Acrescentou que, sendo o retiro coisa importantíssima, não devia ser interrompido mas, como a proposta viera do bispo, devia ser recebida como expressão da vontade de Deus. Aliás, como a Igreja celebrava, no dia seguinte, a festa de Nossa Senhora das Neves, nada mais natural do que iniciar naquela data uma família religiosa que deveria ser toda da Mãe de Deus. O retiro prosseguiria depois regularmente e ele estava certo de que a pequena interrupção não o prejudicaria, ao contrário, ganharia com o fervor provocado pela grande graça concedida pelo Senhor.

Concluiu dizendo — era evidente sua satisfação — que seriam chamadas de **Filhas de Maria Auxiliadora** e que o seu Instituto deveria ser o **Monumento vivo de sua gratidão à santíssima Virgem sob o título de Auxílio dos cristãos**.

Foi depois cear com o bispo e com os outros sacerdotes. Em seguida, reuniu — como devia estar cansado! — apenas Maria Mazzarello, Petronilla e Joana Ferretino que, como se sabe, estavam à frente da pequena família. “A respeito daquelas dentre nós — explica Petronilla — que deviam fazer a vestição ou também a profissão, já se pusera de acordo com Pe. Pestarino; compreendemos logo que seriam admitidas à profissão apenas as que já tinham feito algum voto em privado.

Entre outras coisas, falamos-lhe então da postulante que queria fazer a vestição, mas da qual não nos fiávamos porque, possuindo embora ótimas qualidades, tinha um apego obstinado às suas devoções particulares; por exemplo, queria absolutamente rezar todos os dias o ofício de Nossa Senhora, embora nós soubéssemos, como havia dito Dom Bosco, que as sete alegrias e as sete dores bastavam para substituí-lo.

Como estávamos esperando a resposta de Dom Bosco, nem tínhamos feito o hábito religioso para ela, mas por ser pessoa recomendada pelo bispo de Biella, não queríamos desgostar aquele prelado. Nosso santo Pai respondeu que ele mesmo falaria com Dom Leto; que era de opinião que a jovem não deveria fazer a vestição porque não teria perseverado. Para mitigar-lhe o pesar, sugeriu que lhe déssemos a fazenda do hábito, explicando que, com a antecipação da cerimônia, não havia tempo para fazê-lo; enfim, que haveria outra em breve.

Abaixando a voz, como se falasse consigo mesmo, Dom Bosco concluiu 'não tardará muito e irá embora espontaneamente'.

Depois de ter conversado conosco, Dom Bosco dirigiu a palavra a todas, com exclusão das senhoras. Explicou com poucas palavras a importância da função e como se desenrolaria; — disse o nome das que fariam a vestição e das que também professariam.

Depois nos fez ler a resposta que deveríamos dar, de acordo com o formulário que o previdente Pe. Pestarino tinha feito preparar para cada uma de nós e nos obrigara a estudar, quase de cor, antes do retiro.

Para ganhar tempo, fez-nos ler, todas juntas, a fórmula dos votos, advertindo, porém, que na igreja teríamos que lê-la cada uma por sua vez. Ensinou-nos como deveríamos levar o hábito ao altar e aproveitou da ocasião para nos falar sobre a compostura que deveríamos guardar para honrar o hábito religioso e o novo título de Filhas de Maria Auxiliadora.

'O passo — disse ele. — deve ser moderado, nem apressado nem lento demais; devem ter uma postura modesta, recolhida, não contrafeita mas antes desenvolta e que revele a serenidade do coração de cada uma. A cabeça deve estar erguida, os olhos baixos, de maneira que, não somente o hábito, mas toda a pessoa revele uma religiosa, alguém consagrada a Deus. Olhem, é assim que vocês devem caminhar'.

Como a sala era grande e Dom Bosco sabia muito bem que pobres moças éramos nós, teve a incrível bondade de ficar andando de cá para lá, a fim de que víssemos como a maneira de andar pode ser grave e desenvolta ao mesmo tempo. Continuou dizendo que se deve ser muito reservada no falar, sem nunca levantar a voz, e rir sem chamar a atenção; que ser alegre não significa fazer barulho e dissipar-se, coisas essas que devemos decididamente evitar.

Ensinou até a maneira de nos cumprimentar, lembrando que São Francisco de Sales tinha dito às irmãs da Visitação: 'Os jesuítas cumprimentam-se tirando o chapéu, mesmo que se encontrem cem vezes. A seu exemplo, sou de parecer que nossas irmãs se saúdem sempre, inclinando a cabeça'. Dom Bosco concluiu dizendo que não seria mal que

seguíssemos um exemplo sugerido por um santo que deve ser nosso particular protetor.

Depois, como já era tarde e ainda tínhamos algumas coisas para fazer, dispensou-nos com estas consoladoras palavras: — Então amanhã, às nove horas, vocês serão religiosas!

## **OS ÚLTIMOS PREPARATIVOS**

Nós, felizes e comovidas, fomos para os nossos pequenos quartos da Casa Carante, tentar ler novamente as respostas, a fórmula dos votos e fazer tudo o mais que nos tinha ensinado Dom Bosco.

Nós duas, a Mazzarello e eu, tínhamos ainda que preparar as bandejas onde colocar as medalhas para as noviças e os crucifixos destinados às professoras. Alguns dias antes, Dom Bosco tinha enviado uma caixinha contendo tudo isso e, apenas no último momento, Pe. Pestarino no-la entregou, recomendando que, tanto as medalhas como os crucifixos, ficassem bem dispostos para receber a bênção de sua Excelência. As medalhas eram de metal amarelo, espessas, pesadas; de um lado, tinham a imagem de Maria Auxiliadora e a inscrição: Maria Auxiliadora, rogai por nós; no verso, a fachada da igreja de Valdocco. Também os crucifixos eram de metal amarelo, não eram grandes, e a cruz era de madeira preta. Esses preparativos nos davam tanta alegria que nem sentíamos cansaço e muito menos sono”.

Terão podido dormir durante aquela noite, à espera do grande momento? Seu anjo da guarda terá mantido as asas abertas para levar ao trono de Deus os atos de amor daqueles corações felizes, o protesto de sua indignidade, as promessas da mais fiel correspondência.

Mal amanheceu, a casa Carante estava toda em movimento.

## **DOM BOSCO INTEIRAMENTE À DISPOSIÇÃO DE SUAS FILHAS**

Durante o retiro, o bispo costumava levantar-se tarde, por estar ainda em convalescença; celebrava a missa da comunidade e dava, de sua mão, a santa comunhão. Naquela

manhã, porém, quis que o fizesse Dom Bosco, para obrigar o Pai a dar esse conforto às suas filhas.

Depois da missa, Dom Bosco falou em particular com algumas e voltou ao confessional para atender aquelas que o desejavam. Aliás, já confessara durante a meditação.

“Eu pensava fazer a confissão anual — conta Petronilla — mas Dom Bosco foi logo perguntando: — Não quer fazer sua confissão geral? Embora o desejasse, Maria não pôde confessar-se com Dom Bosco. Havia ainda muita coisa a fazer, com uma festa antecipada de três dias, e nós éramos tão sem experiência! Mas ela, generosa como era, habituada ao sacrifício, não deixou transparecer seu desejo, nem o pesar de não poder realizá-lo. Sorridente e ativa como sempre, preparou tudo para a cerimônia”.

## CHEGA A HORA DE DEUS

A função começou às nove horas, assim que acabou a missa celebrada pelo bispo. Envergando as vestes pontificais, Dom Sciandra tinha à sua direita Dom Bosco e à esquerda o Pe. Pestarino. Acolitavam-no ainda seu secretário Pe. Francisco Berta, Pe. Tomás Ferraris vice-pároco de Cannelli, os pregadores Côn. Raimundo Olivieri e Pe. Marcos Mallarini, e o pároco de Mornese, Pe. Carlos Valle.

Ao abrir-se a porta interna, a orquestra e o clero entoam o **Veni Creator Spiritus**. Vestidas com o que tinham de melhor, entram as quinze candidatas, olhos brilhantes de alegria, trazendo nos braços o hábito religioso. Vão ajoelhar-se nos degraus do altar.

Pergunta o bispo: “Minha filhas, o que pedis?”. Elas respondem alegremente que pedem para receber o hábito religioso das Filhas de Maria Auxiliadora.

Sua Excelência aprova, torna a perguntar e, finalmente, pronuncia a solene palavra: “Ide, pois, depor as vestes seculares e revestir-vos do hábito religioso”. Em seguida, benze solenemente os hábitos que as moças lhe apresentam.

Desfila novamente o pequeno cortejo e sai, ao passo que o bispo e o clero permanecem junto do altar, em oração.

Poucos minutos depois, a porta se abre e entram quinze noviças, humildemente vestidas de seu hábito marron escuro,

a cabeça coberta por um amplo véu azul claro, a recordar seu título de Filhas da Imaculada.

Com os olhos baixos, entre o murmúrio surpreso e comovido dos presentes, mãos postas sobre o peito, vão ajoelhar-se defronte do altar.

O bispo benze as medalhas e as apresenta dizendo: “Eis, minhas filhas a imagem daquela que quereis imitar. A Santa Igreja Católica proclama esta Mãe celeste auxílio seguro do povo cristão. Amai-a, imitai-a, recorrei a Ela com freqüência. Ninguém jamais a invocou sem que tenha sido logo atendido”.

Depois, seguido por Dom Bosco, que lhe passa as medalhas, as vai impondo às quatro noviças: Corina Arrigotti, Maria Grosso, Rosina Mazzarello e Clara Spagliardi, que respondem com voz trepidante, no meio da comoção geral: “Virgem santíssima, querida Mãe do meu Jesus, poderoso auxílio dos cristãos, conforto da minha alma, coloco-me neste momento entre vossas mãos. Protegei-me, defendei-me e ajudai-me a perseverar no serviço divino”.

As quatro noviças deixam o altar. Então o bispo torna a perguntar às que permaneceram ajoelhadas:

— Minhas filhas, o que pedis?

Respondem com firmeza onze vozes:

— Pedimos professar as regras da congregação das Filhas de Maria Auxiladora.

Ouve-se um sussurro abafado e o bispo continua:

— Já praticastes essas regras?

À resposta afirmativa, acrescenta outras perguntas:

— Já considerastes o que significa professar as regras dessa congregação? . . . Estais dispostas a professar com voto o que acabais de dizer?

— Sim, estamos prontas, é o que de coração desejamos e, com o auxílio do Senhor, esperamos cumprir nossa promessa.

— Por quanto tempo entendeis emitir os votos?

— Embora seja nossa firme resolução passar toda a vida nesta congregação, todavia, para nos conformarmos com

o que está estabelecido pelas regras, começamos a obrigá-los por três anos.

O bispo continua:

— Deus abençoe essa vossa resolução e vos conceda a graça de poder ser-lhe fiéis.

Colocai-vos agora na sua presença e proferi a fórmula dos votos de castidade, pobreza e obediência, segundo as regras da congregação.

Até aqui, as onze tinham respondido em coro e, na compreensível confusão do momento, começaram a dizer também juntas a fórmula dos votos. Mas o bispo disse baixinho a Dom Bosco: “Não, juntas assim, não”. O bom Pai sorriu e acenou para as noviças.

Levantou-se então, firme e comovida, uma voz: “Eu, Maria Domingas Mazzarello, conhecendo a minha fraqueza e temendo a inconstância da minha vontade coloco-me na vossa presença, onipotente e sempiterno Deus, e implorando as luzes do Espírito Santo, a assistência da B. V. Maria e do meu Anjo da guarda, prometo a vós, Excelência reverendíssima e faço voto de castidade, pobreza e obediência por três anos. Vós, ó misericordioso Jesus, me inspirastes a fazer estes votos, ajudai-me com a vossa santa graça a observá-los. Virgem Imaculada, poderoso auxílio dos cristãos, sede a minha defesa e meu guia em todos os perigos da vida. Meu Anjo da guarda, santos e santas do Céu, rogai por mim”. Assim seja.

Aquela que precede a todas no amor, que a todas precedeu e estimulou com a palavra e com o exemplo a seguir o novo caminho, é justo que seja a primeira a ser chamada com o belo título de irmã, pronunciando publicamente os votos que a consagram a Jesus.

Depois dela, pronunciam a fórmula dos votos a fiel companheira Petronilla, depois Felicina Mazzarello, Joana Ferretino, Teresa Pampuro, Felicita Arecco, Rosa Mazzarello, Catarina Mazzarello, todas elas de Mornese, e Angela Jandet, de Turim, Maria Poggio de Acqui, Assunta Gaino de Cartosio. Uma depois da outra são recebidas pelo Pastor da diocese, assistido pelo Fundador. Pela Auxiliadora, são apresentadas a Deus.

O bispo abençoa os crucifixos e, sempre acompanhado por Dom Bosco, que sucessivamente os vai passando a S. Excelência, suspende-os no pescoço de cada uma.

## **DOM BOSCO FALA E DÁ O NOME AO SEU “MONUMENTO”**

Dom Bosco volta-se humildemente para o bispo e lhe pede: “Excelência duas palavras para as novas religiosas”. Mas este responde logo: “Não, não, Dom Bosco; fale o senhor com suas irmãs” e vai sentar-se no meio dos sacerdotes.

Evidentemente comovido, Dom Bosco fala, lembra a importância do ato que acabam de realizar, a santidade dos votos, os deveres que eles impõem. Embora veladamente e com prudência, dá-lhes a entender que poderão provocar mau humor, pois as coisas de Deus levam a marca do sofrimento. Acrescenta, porém, que isso servirá para sua santificação, ajudando-as a se conservarem verdadeiramente humildes.

“Entre as plantas mais pequenas, há uma muito perfumada: o nardo, mencionado muitas vezes na Sagrada Escritura. No Ofício da Bem-aventurada Virgem Maria, dizemos: **Nardus mea dedit odorem suavitatis**, o meu nardo exalou suave perfume! Sabem, porém, o que é preciso para que o nardo nos ofereça seu perfume? Deve ser bem esmagado. Não tenham receio, portanto, de terem que sofrer. Quem sofre por Jesus Cristo, com Ele reinará eternamente.

**Vocês passaram a fazer parte de uma família que é toda de Nossa Senhora;** vocês são poucas, desprovidas de meios materiais e não têm o apoio da aprovação humana. Nada as perturbe. As coisas mudarão e vocês terão tantas educandas que não saberão onde colocá-las. E não somente educandas, mas tantas postulantes que ficarão embaraçadas para fazer a escolha.

Sim, posso assegurar-lhes que o **Instituto terá um grande futuro, se vocês se mantiverem simples, pobres, mortificadas.**

Observem, pois, todos os deveres da sua condição religiosa e, com o socorro da nossa Mãe Maria Auxiliadora, não de passar ilesas entre os escolhos da vida, com grande vantagem para suas almas e para as almas do próximo.

Seja glorioso para vocês o título de **Filhas de Maria Auxiliadora**. Pensem muitas vezes que o seu Instituto deve ser o monumento vivo da gratidão de Dom Bosco à grande Mãe de Deus, invocada sob o título de **Auxílio dos cristãos**".

Mais algumas orações, a tríplice bênção do bispo, e a função está terminada. Maria Auxiliadora já tem a Família que há tantos anos vem pedindo a Dom Bosco. Nesse mesmo dia, como acontecera em Roma, renovou-se nas colinas de Mornese a nevada de flocos nívios e puros, que se consumirão no altar de Deus, para difundir candor de virtude e a luz da fé.

### **EM MORNESE TAMBÉM, A NEVADA PROVOCA ADMIRAÇÃO E... MURMURAÇÕES**

Saem todos da igreja. Saem as novas irmãs com os olhos ainda úmidos, o sorriso nos lábios e o céu no coração. Todas queriam falar, algumas preferem guardar o segredo da sua alegria. Finalmente, a nossa irmã Maria rompe o silêncio com a única palavra que lhe brota do coração; "Oh, vamos nos fazer santas; é preciso que nos tornemos grandes santas!".

As meninas internas e externas, os parentes, rodeiam as novas religiosas. Estas ouvem, sem compreender, certos comentários pouco lisonjeiros de alguns dos presentes. Nem reparam nos rostos aborrecidos, que tentam em vão esconder, sob um sorriso, o amargor que têm na alma. As novas religiosas sentem-se demasiado felizes, é demasiado profunda a alegria de saberem que a divina Bondade se inclinou sobre elas até chamá-las de suas esposas.

### **RETOMA-SE A VIDA, CORAÇÕES SEMPRE VOLTADOS PARA O ALTO**

Bem que elas gostariam de permanecer na capela, cheia ainda das vibrações de seu juramento. Mas... é preciso retomar a vida. É preciso lembrar-se dos deveres de hospitalidade para com as senhoras retirandas, que vão almoçar com elas num ambiente de festa. A refeição é menos pobre do que de costume e nem faltaram os doces, como exigiu Dom Bosco. No meio da alegria geral, ouve-se de quando em quando a voz de irmã Maria Mazzarello, levada pelo seu

entusiasmo característico: Viva Maria Auxiliadora! A filha sabe a quem deve o hino festivo da seu reconhecimento.

Depois do almoço, foram servir os sacerdotes e pôr em ordem a cozinha, cantarolando um louvor a Nossa Senhora. Cantarolando baixinho, porque não se esquecem de que o retiro continua e temeriam faltar a um dever se dessem livre expansão à sua alegria.

## A VIGÁRIA DE NOSSA SENHORA

Dom Bosco devia voltar a Turim às 17 horas. Por isso, enquanto o bispo descansava, conversou com Pe. Pestarino. Recomendou-lhe de limitar sua ação, dali por diante, apenas ao ofício de conselheiro, a uma direção puramente espiritual, deixando que, para o governo interno, as irmãs se governassem por si mesmas, com as superiores que tinham eleito no dia de São Francisco de Sales. Naturalmente, se Pe. Pestarino nada tivesse que dizer em contrário.

Em contrário? Pe. Pestarino, que não esperava outra ocasião para tecer elogios à Mazzarello, aproveitou bem da oportunidade, podendo expor o que abaixo, deixou escrito no memorando.

Entre outras coisas, lê-se: “Maria Mazzarello deu sempre provas de bom espírito e de um coração muito inclinado à piedade. Frequentou sempre os sacramentos da confissão e da comunhão e era muito devota de Nossa Senhora. Seu caráter ardente foi sempre moderado pela obediência. Fugiu sempre das comodidades e moleza de maneira que, se não fosse contida pela voz da obediência, ter-se-ia deixado consumir pela mortificação e penitência. É um lírio de pureza, simples, franca, reprova o mal onde quer que o veja; despida de respeito humano, trabalha só tendo em vista a glória de Deus e o bem das almas. Quase não sabe escrever, pouco ler, mas sabe falar tão bem do que diz respeito à virtude, com tanta persuasão e clareza, que se diria inspirada pelo Espírito Santo.

Aceitou de boa vontade entrar no novo Instituto e foi sempre a mais diligente na prática do bem e submissa aos superiores. Possui uma índole franca e ardente, um coração muito sensível. Mostra-se sempre disposta a receber qualquer observação que lhe façam seus superiores, dando-lhes provas de submissão e respeito. Durante o tempo em que

teve que fazer as vezes de superiora, mostrou sempre conformidade de vontade e juízo à minha vontade e ao meu próprio juízo, e tão unida a mim e às minhas ordens, que se declarava pronta a dar a vida e a sacrificar tudo para obedecer-me e promover o bem. Ocupando o posto de superiora, foi fervorosa em propor e sustentar o que lhe parecia razoável; mas acabava sempre humilhando-se e pedindo às companheiras que a avisassem quando incorresse em falta” (12).

Dom Bosco deve ter-se lembrado do elogio que São Francisco de Sales fez da Chantal, por tantos aspectos semelhantes à humilde moça de Mornese: “Ela é simples, sincera como uma criança e muito criteriosa; alma grande e corajosa para santos empreendimentos, como é pouco comum nas pessoas do seu sexo...

Encontrei em Dijon o que Salomão custava achar em Jerusalém: encontrei a mulher forte, na senhora de Chantal” (13).

Dom Bosco tinha encontrado em Mornese a mulher forte de que necessitava para sua obra; tinha-a encontrado na pessoa de Maria Mazzarello. Por isso, quando cumpriu, breve mas afetuosamente, suas filhas, assegurando que voltaria breve ou mandaria alguém para fazer suas vezes, apresentou-a como superiora.

### “A VERDADEIRA DIRETORA É NOSSA SENHORA”

“Desejo — disse ele — que, por enquanto, seja essa mesma que, gozando da confiança dos seus superiores, foi a primeira entre vocês a afrontar as dificuldades provocadas pelo novo estado de coisas. Agora já começou a funcionar a pequena comunidade e, no santo nome de Deus, por meio do seu bispo, vocês receberam o santo hábito; a maior parte fez a santa Profissão e não resta senão perseverar na resolução tomada.

Para comum alegria, não posso dizer outra coisa senão que continuem a depender dela, que queiram reconhecer como superiora irmã Maria Mazzarello e, como tal, ouvi-la e

---

(12) O manuscrito do Pe. Pestarino, que não foi mais encontrado, foi entretanto transcrito pelo Pe. Lemoyne na primeira breve biografia que escreveu de Madre Maria Mazzarello no *Bollettino Salesiano* (dezembro de 1881) p. 16.

(13) Bougaud, *Storia* I 175.

obedecer-lhe. Por enquanto, ela terá o título de vigária, porque a verdadeira diretora é Nossa Senhora”.

Com que doçura e força, ele sublinhou estas palavras: **a verdadeira diretora é Nossa Senhora!**

Disse depois às outras que continuassem nos seus ofícios: irmã Petronilla como primeira assistente; irmã Felicina Mazzarello como segunda assistente, com a responsabilidade das postulantes e noviças; irmã Joana Ferrettino, ecônoma. Como estavam presentes ao Capítulo apenas quatro e não cinco, como prescrevia o regulamento, para as votações, disse-lhes que, se conheciam alguma irmã capaz de ajudá-las, fizessem a escolha. Recordou, enfim, a necessidade de estarem bem unidas entre si e de ajudar a vigária Ir. Maria Mazzarello na sua missão. Fez menção de sair, repetindo seu refrão preferido: “**Alegres, estejam sempre alegres**”.

Foi quando Ir. Maria se adiantou e lhe pediu filialmente que mandasse depressa a superiora, pois não se sentia capaz de exercer esse cargo. Com seu luminoso sorriso, Dom Bosco respondeu que se abandonasse ao Senhor, na certeza de que Ele haveria de providenciar.

## COMOVIDA DESPEDIDA DO FUNDADOR

Às 17 horas Dom Bosco partiu e do seu coração se elevava um hino de agradecimento à Auxiliadora que o havia guiado e sustentado na não fácil tarefa de fazer nascer uma nova Família religiosa.

Mas o descontentamento dos mornesinos, daquela boa gente à qual ele era realmente afeiçoado, feria dolorosamente seu coração terno e sensível. Naquele mesmo lugar, onde tinha sido recebido com honras principescas, aqueles mesmos que tinham atravessado os Apeninos para ir visitá-lo quando estivera doente, hoje o recebiam com indiferença, com frieza, com palavras que, embora querendo simular a antiga estima, estavam prestes a se transformarem numa terrível acusação contra ele e o Pe. Pestarino: “Fomos traídos!”.

Dom Bosco não se ilude: “Mornese não aceita o fato consumado e não compreende ainda o dom de Deus. O nascimento da Sociedade Salesiana, em meio a tantas lutas para obter o pão, a casa, a necessária instrução; aquele primeiro núcleo de filhos que se formou no seu pobre quarto, na cala-

da da noite, apenas sob o olhar do crucifixo, não lhe tinham sido causa de mágoas; ao contrário, fora como que um raio de sol que pela manhã dissipa as nuvens do temporal e anuncia um dia tranqüilo. Dir-se-ia que Dom Bosco caminhava entre rosas. Viera depois a tempestade acompanhada de grizo, ameaçando dispersar e pôr a perder todo o seu trabalho.

A nova pequena família, ao contrário, nasce numa manhã tempestuosa e se prepara para recolher muitos espinhos. Lembra a pérgola de rosas que Dom Bosco viu em sonhos: <sup>(14)</sup> desde os primeiros passos, os espinhos o ferem; mas a obra pertence à **Auxiliadora** e Nossa Senhora será o seu conforto.

Na sinceridade de seu afeto Dom Bosco, deveria dizer consigo mesmo: pobre Pe. Pestarino, ele foi para mim um poderoso auxílio, coração fiel, capaz dos mais heróicos sacrifícios e que o Senhor pôs no meu caminho para facilitar-me o abandono à divina Providência nesta obra das Filhas de Maria Auxiliadora: involuntariamente, eu lhe sou motivo de pena. Entretanto, foi esta a vontade do Céu. Bem feliz seria se a cólera dos mornesinos se voltasse apenas contra mim.

## **PROSSEGUE O RETIRO**

O Pai voltou de trem para Turim, deixando, porém, o coração em Mornese. As Filhas de Maria Auxiliadora voltaram ao seu querido retiro, bem contentes com o silêncio que as ajudava a refletir na grande graça que o Senhor lhes concedera e impedia que as críticas e murmurações chegassem até elas. Dois dias ainda de completa paz. Aliás, o bispo não devia partir logo e elas poderiam ainda gozar da paz de Deus e do Deus da paz. Depois... seria o que Deus quisesse, nada mais. Para que pensar no amanhã, se o amanhã ao Senhor pertence?

## **POBRE PE. PESTARINO!**

Pe. Pestarino não fazia retiro e, tendo partido Dom Bosco, sentiu o peso da solidão, embora tivesse a casa cheia de

---

(14) MB III 32.

gente. Seria de esperar que seus conterrâneos se iludissem sobre a sorte do colégio <sup>(15)</sup> e pensassem que as moças lá estavam apenas de passagem? A insólita frieza com que tinham recebido Dom Bosco já era uma clara manifestação do que estavam pensando. Que atitude tomariam em relação às moças? Em todo caso, as famílias das irmãs, embora engolido amargo, saberiam defendê-las.

A presença do bispo, durante as funções, colocava as irmãs sob uma poderosa proteção. Nem os mais afoitos ousariam ir contra ele, mesmo quando se tivesse retirado. Permanecia, porém, o pesar de saber que o povo estava irritado e convencido de ter sido enganado, sem que se lhe pudesse absolutamente dizer toda a verdade. Em vez de ajudar, ele iria agora prejudicar as pobres irmãs? Na sua profunda humildade, temia ser um impecilho e era com apreensão que via chegar o dia do bispo ir embora e ele ficar sem a sua preciosa proteção.

## LUISA ARECCO

Na manhã do dia 8 de agosto, o bispo celebrou, como de costume, para as irmãs que tinham sido avisadas para não cantar em coro com o costumado fervor, para não comover o Bispo ainda não de todo restabelecido. Certas, porém, que a voz de Luisa Arecco teria chegado ao coração do bispo sem incomodá-lo, julgaram não faltar à recomendação convidando-a a entoar os louvores do Senhor, nos momentos mais solenes da missa. Luisa Arecco era uma jovem que ficara órfã, sozinha e pobre, exposta a mil perigos porque era muito bonita e possuía, além disso, uma voz capaz de se tornar uma isca para irremediáveis extravios.

Desde quando estava na casa da Imaculada, a Mazzarello a tinha adotado. Durante o dia, conservava-a na oficina, evitando que fosse levar recados, para tirá-la de ocasiões perigosas. Repartia com ela o escasso pão quotidiano.

Na festa da profissão, sua voz despertara a atenção do bispo que, chegado ao conhecimento do seu desamparo, ofereceu-se para ser seu protetor e pai. Pensavam as irmãs que, renovando-se a suave impressão recebida, o bispo se recor-

---

(15) Quis a Providência que — depois de cem anos — fosse satisfeita a aspiração dos bons mornesinos: o Colégio agora está aberto (1974) também para os meninos de Mornese e arredores, que o frequentam na seção anexa da **Scuola media**.

daria do bem que se tinha prometido fazer. Além do mais, era uma satisfação que lhe davam.

## ENCERRAMENTO DO RETIRO E GRATAS LEMBRANÇAS DO PASTOR

Pelas dez horas mais ou menos, voltaram à capela para o **sermão das lembranças**, que foi feito pelo Côn. Olivieri. Como lembranças, recomendou-lhes agradecer cada dia ao Senhor tê-las chamado à vida religiosa e a fazer parte da família de Dom Bosco.

Mal ele tinha acabado de falar, o bispo, que tudo ouvira da sacristia, adiantou-se e, enquanto acendiam as velas para a Bênção, dirigiu, ele também a palavra às religiosas. Na ausência de Dom Bosco — o pai — queria ele — seu bispo — mostrar às irmãs o quanto se interessava por elas. Sentia-se orgulhoso de que um Instituto, para com o qual “um cúmulo de circunstâncias demonstravam uma especial providência do Senhor” — são suas palavras — tivesse nascido na sua diocese e sob seus olhares, ou melhor, com a sua colaboração. Por tudo isso, agradecia comovido ao Senhor. Deixou como lembrança três pensamentos que bem mostram seu carinho pela nova obra de Dom Bosco.

1.º Que se conservassem na humildade de coração, para que Deus, que as havia escolhido como alicerces de um instituto, justamente porque eram pobres de nascimento e de recursos, pudesse cumprir nelas seus adoráveis desígnios.

2.º Que procurassem cada dia mais se aperfeiçoar na obediência, a fim de se tornarem capazes de tomar a forma que o Fundador lhes queria dar.

3.º Que cada uma se propusesse praticar a santa regra de maneira a servir de modelo para as que viessem no futuro.

Depois de cantarem o **Te Deum**, o prelado deu-lhes a bênção eucarística, deixando transparecer no rosto a confortante alegria que lhe ia no coração. Do harmônio, Ir. Corina tirava sons festivos e solenes, com aquela arte que bem lhe merecia a honra de ser a primeira professora de música do Instituto.

## ATA DE FUNDAÇÃO

Saindo da capela, o bispo quis que, para perpetuar a memória de quanto se tinha feito na sua presença, durante

os dias 5 e 8 de agosto, se redigisse uma ata que, firmada por ele e por todos os sacerdotes presentes, passou a ser uma prova da benevolência do prelado para com as Filhas de Maria Auxiliadora, a ele perpetuamente gratas.

### **Ata relativa à fundação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora erigido em Mornese, diocese de Acqui**

No ano do Senhor mil oitocentos e setenta e dois, no dia oito de agosto, em Mornese, na casa do novo Instituto das **Filhas de Maria Auxiliadora**, na presença dos abaixo-assinados, redigiu-se a seguinte ata:

Há muito tempo o Rev.mo Dom João Bosco, Fundador e Diretor Geral de muitos colégios para a educação cristã e civil dos jovens, desejava abrir uma casa que fosse o início de um Instituto que estendesse os mesmos benefícios às jovens, especialmente às do povo, e finalmente esse seu desejo se realizou.

No dia cinco do corrente mês, na capela desta casa, vestiam o hábito da nova Congregação: Mazzarello Maria di Giuseppe, Mazzarello Petronilla fu Francesco; Mazzarello Felicina di Giuseppe; Ferretino Giovanna fu Giuseppe; Pampuro Teresa fu Lorenzo, Arecco Felicina fu Giovanni Antonio, Mazzarello Rosa di Stefano, Mazzarello Catarina fu Giuseppe, todas de Mornese; Jandet Angela di Luigi di Torino; Poggio Maria fu Gaspare, di Acqui; Gaino Assunta di Antonio, di Cartosio; Mazzarello Rosa di Stefano, di Mornese; Grosso Maria di Francesco, di Santo Stefano di Parodi; Arrigotti Corina di Pietro di Tonco; Spagliardi Clara di Lorenzo, di Mirabello; das quais as onze primeiras fizeram profissão religiosa com votos por três anos, emitidos nas mãos de Sua Excelência Rev.ma Dom José Maria Sciandra, bispo desta diocese, o qual tinha, pouco antes, abençoado o hábito religioso por elas vestido, impondo às noviças a medalha de N. S. Auxiliadora, e às professoras, o crucifixo.

A função foi muito comvente e, por especial graça do Senhor, esteve também presente o muito Reverendo Dom João Bosco, que já não se esperava em razão de seu precário estado de saúde; e as novas religiosas tiveram a consolação de receber de sua boca as mais importantes advertências para corresponder à graça da vocação ao Instituto religioso por elas escolhido. Um cúmulo de circunstâncias atestam uma especial providência do Senhor por este novo Instituto.

O maior número das supracitadas moças já tinha recebido em Mornese a medalha de Maria Santíssima Imaculada,

das mãos de Dom Modesto Contratto, de venerada memória, e Dom Sciandra, seu imediato sucessor, sem disso cogitar, tendo-se dignado aceitar a hospitalidade nesta casa, que lhe foi oferecida unicamente para que, neste clima salubre, se restabelecesse de uma recente doença, completou a obra, presidindo ele mesmo à aludida função.

Esta deveria ter sido feita no fim do Retiro espiritual, pregado pelo Rev.mo Senhor Pe. Raimundo Olivieri Cônego, arcepreste da Catedral de Acqui, pelo Rev. do Senhor Prior Pe. Marco Mallarini Vigário Forâneo de Canelli e começado no dia 31 de julho próximo passado; mas, em vista da presença do Muito Rev.do Dom Bosco, que devia logo voltar para Turim, foi antecipada, tanto mais que o dia cinco era consagrado a **Maria Santíssima das Neves**.

O retiro acaba hoje. O Sr. Bispo, que durante ele tinha celebrado a S. Missa para a Família Religiosa, e fizera a distribuição da SS. Eucaristia, assistiu de modo mais solene ao seu encerramento, coroando com algumas palavras de encorajamento e salutares lembranças que dirigiu a essas suas novas Filhas em Jesus Cristo; com toda a efusão do coração deu-lhes sua Bênção Pastoral.

E para que conste o que acabamos de dizer, lavramos a presente ata, cópia da que será deposta, por ordem do Senhor Bispo, no Arquivo Paroquial de Mornese, e outra cópia na Cúria Episcopal de Acqui.

**José Maria, Bispo**

sac. Domingos Pestarino, Diretor do Instituto

Olivieri Raimundo C., Arcipreste da Catedral de Acqui

Marcos Mallarini, Prior Vic. for. di Canelli

Carlos Valle, Pároco de Mornese

Pestarino sac. José, testemunha

Ferraris Tomás, sacerdote testemunha

sac. Francisco Berta, Secretário do bispado

## **BENEVOLÊNCIA DO BISPO PARA COM AS NOVAS RELIGIOSAS**

Antes de partir, Dom Sciandra, como se quisesse dar uma prova concreta do bem que esperava do Instituto, entregou inteiramente ao cuidado das irmãs a jovem Luisa Arecco,

para que a educassem segundo o sistema do Fundador e dela fizessem uma mulher recatada, útil a si mesma e aos outros, onde fosse por Deus colocada. Ao Pe. Pestarino, entregou a soma de dinheiro necessária.

Um outro presente, porém, que fez às irmãs, foi por elas devidamente apreciado. Como, durante sua permanência em Mornese, Jesus tinha ficado na capela do colégio e as irmãs e alunas tinham dado provas de que sabiam fazer companhia ao Hóspede divino, concedeu-lhes o direito de conservá-lo de modo permanente.

O bispo partiu logo depois da festa de São Nicolau Tolentino, protetor especial da região — 10 de setembro — abençoado pelas irmãs e alunas comovidadas. Comovido também ele, prometeu voltar no próximo verão para novamente gozar dos bons ares de Mornese e da hospitalidade salesiana.

## **NÃO SEREMOS MENOS DA IMACULADA, SENDO DA AUXILIADORA**

O colégio volta à regularidade da vida de cada dia e as Filhas de Maria Auxiliadora à piedade ativa e serena, que já se pode dizer salesiana. Consagram-se à mais fiel observância das Constituições que devem fazer com que a pequenina semente do Instituto chegue a expandir-se com a força do grão de mostarda.

Nas recreações em comum, como para rebater a acusação, que lhes foi feita em público, de infidelidade ao compromisso assumido como Filhas da Imaculada, ou Novas Ursulinas, comentam alegremente: “Não, não, sendo Filhas de Maria Auxiliadora, não deixamos de ser Filhas da Imaculada, ao contrário... A própria fórmula dos votos se encerra com a bela invocação: Ó Maria, Virgem Imaculada, poderoso auxílio dos cristãos... Não terminamos nenhuma das nossas práticas de piedade sem a jaculatória ‘Bendita seja a santa e Imaculada Conceição da bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus’, seguida da outra não menos cara: **Maria Auxilium Christianorum, ora pro nobis?** Disse-nos Pe. Pestarino que, em todas as casas salesianas, a festa de Maria Imaculada é tão solenemente celebrada como a de Maria Auxiliadora. Nas Constituições, Dom Bosco recomenda uma terna devoção a Maria Santíssima Imaculada.

Sim, Dom Bosco não nos desligou da nossa primitiva devoção, mas apenas a aperfeiçoou. Somos hoje Filhas de Maria Auxiliadora, porque muito amamos Maria Imaculada.

Quem sabe, também, se todas as Filhas de Maria Auxiliadora, que virão depois de nós, não professarão igual amor à Imaculada, por já terem sido suas Filhas, desde os primeiros anos de sua juventude?”.

Tinham razão em querer fundir os dois aspectos da devoção mariana.

Dom Bosco também, desde a sua adolescência, tinha sido todo da Imaculada, e não deixou de sê-lo quando passou a ser todo da Auxiliadora. Fundiu em uma as duas devoções, chamando sua **Madonna**, ora de **Imaculada Auxiliadora dos Cristãos**, ora a **Virgem Auxiliadora Imaculada**, ora a **Imaculada Mãe nossa, Auxiliadora dos Cristãos**.

Dom Bosco quis que, na cúpula externa do seu santuário, resplandecesse aos raios do sol o simulacro dourado da Imaculada, na atitude de abençoar Turim, ao mesmo tempo que fez pintar para o altar-mor a belíssima imagem da Auxiliadora, Mãe e Rainha das suas obras.

É o que claramente intuía irmã Maria Mazzarello. Tudo isso se tornava para ela uma fonte perene de alegria, que lhe tornava agradável a observância das Constituições, doce arrastar consigo as irmãs a ela confiadas, fácil atrair as alunas, com irresistível eficácia, para seguir o exemplo de suas virtudes.

Para os "Anexos" (Allegati) — consultar:

**CRONISTORIA — VOL. 1**

Scuola Tipografica privata FMA, Roma, 1974 — p. 321-365

**Í N D I C E**

APRESENTAÇÃO .....	7
INTRODUÇÃO .....	9
<b>Como a Divina Providência prepara o Fundador do Instituto (1828-1862)</b> .....	15
Joãozinho Bosco e a pequena Moglia. 1828 .....	15
1844-45 Dom Bosco no "Befúgio" .....	17
Dom Bosco sonha trabalhar como alfaiate .....	18
"Hinc Inde gloria mea" .....	19
Dom Bosco nas águas-furtadas, nos dormitórios do "Cottolengo" .....	20
Dom Bosco se ocupa da juventude feminina. 1856 .....	20
A morte de mamãe Margarida .....	21
Dom Bosco propõe aos jovens convidar religiosas para tomar conta da rouparia .....	22
Dom Bosco e as detentas de Santa Maria dos Anjos. 1858 .....	23
Formação da Pia Sociedade Salesiana .....	24
Dom Bosco diz em sonho à Marquesa Barolo que deve ocupar-se das jovens .....	26
<b>Como a Divina Providência prepara a Primeira Filha de Maria Auxiliadora (1837-1857)</b> .....	28
Maria Mazzarello .....	28
A Auxiliadora em Mornese .....	29
Dos Mazzarelli à Valponasca .....	30
Padre Domingos Pestarino, 1847-1848 .....	32
A pequena catequista .....	34
Como aprendeu a ler .....	35
Faz a primeira comunhão. 1848 .....	35
Recebe a crisma .....	37
Como Maria julgava os defeitos próprios da infância .....	38
Sua formação a um caráter viril. 1850 .....	40

Trabalha no campo com o pai .....	41
Fazer bela figura .....	43
O ABC da vida espiritual .....	45
Progressos na mortificação .....	45
Mortificação da vontade .....	46
Confissão geral. 1852 .....	47
Voto de castidade .....	49
Trabalho — Oração .....	51
Adoração vespertina .....	52
Com Jesus, desde o despontar da aurora .....	53
Espírito de virginal apostolado .....	53
Piedade que não se torna pesada à família .....	56
Zelo fecundo .....	57
Primeiros sinais da vocação religiosa .....	58
Angelina Maccagno .....	59
O primeiro Regulamento das Filhas da Imaculada .....	60
A primeira consagração como Filhas da Imaculada .....	63
A ação do Cônego Frassinetti .....	64
Frutos da Pia União em Mornese .....	65
A Companhia da Imaculada no Oratório de Valdocco .....	66
Dom Contratto em Mornese .....	67

**O zeloso Diretor das Filhas da Imaculada e as duas entre elas escolhidas (1857-1862)** .....

As piedosas reuniões das Filhas da Imaculada .....	69
As Filhas da Imaculada e as Mães Cristãs .....	69
Zelo da Mazzarello como Filha da Imaculada .....	70
Na ausência provisória da Maccagno .....	71
Petronilla Mazzarello, Filha da Imaculada .....	72
A Mazzarello e seu espírito de mortificação e união com Deus .....	72
Devoção a Nossa Senhora das Dores .....	73
Delicadeza de consciência de Maria Mazzarello .....	74
Da Valponasca a Mornese. 1858 .....	74
Rosina Pedemonte .....	76
A primeira professora pública de Mornese .....	76
Cordial dependência da Maccagno .....	77
As primeiras horas de aula das Filhas da Imaculada .....	77
Fontes de renovado fervor. 1859-1860 .....	78
O tifo em Mornese .....	78
Maria enfermeira .....	79
De enfermeira a enferma .....	79
Escola de virtude .....	80
Perto da morte .....	81
Volta lentamente à vida .....	82
Olhando a imagem da Auxiliadora .....	83
Volta pela primeira vez à igreja .....	83
Durante a convalescença. 1860-61 .....	84
Renúncia ao trabalho do campo .....	84
“Se pudesse ser costureira!” .....	86
Visão? .....	87
Petronilla recebe o convite .....	87
Consentimento paterno .....	88
Na alfaiataria. 1861-62 .....	89
O serão na casa da Maccagno .....	90
Marta e Maria .....	90
	91

As Novas Ursulinas .....	92
Inícios da vida comum entre as Filhas da Imaculada .....	93
Em casa da costureira .....	94
Maria à frente da primeira oficina .....	95
Primeiros quartos alugados .....	96
Escola-família e como aí se vive .....	97
As Filhas da Imaculada são também enfermeiras .....	98

**Pe. Pestarino Salesiano e primeiro contato de Dom Bosco com as Filhas da Imaculada (1862-1864).**

Primeiro encontro do Pe. Pestarino com Dom Bosco .....	100
Reunião em Aqui ou em Lerma? .....	100
Ocasão fortuita mas providencial .....	103
Pe. Pestarino e sua incondicional entrega a Dom Bosco .....	104
As duas órfãs na escola da Mazzarello .....	106
Muda o horário e troca o teor de vida das duas amigas .....	107
O primeiro presente de Dom Bosco a Maria e a Petronilla Internato? Colégio incipiente? .....	108
Amplia-se o local na casa da Maccagno e na casa Bodratto .....	108
Almoço em comum para economia de tempo .....	109
Mesa frugal e coração contente .....	110
Trabalho manual e trabalho espiritual .....	111
Carnaval que não rouba a paz da alma .....	111
Sábias providências da Mazzarello .....	113
Aposta que não dá certo .....	114
Catecismo quaresmal na oficina .....	114
Esteios do método educativo da Mazzarello .....	114
O mês de maio em Mornese .....	115
O "Jardinzinho de Maria" .....	116
Os "Seis domingos de São Luís" .....	116
Os passeios a São Silvestre .....	118
O que as estrelas dizem à Mazzarello .....	119
Primeira consagração das alunas a Nossa Senhora .....	119
Maria e as mães das alunas .....	120
Os primeiros espinhos da vida de apostolado .....	121
O Regulamento das Filhas da Imaculada encontra apoio nas "Leituras Católicas" .....	122
Dom Bosco à senhorinha Provera .....	122
Autoridade moral da Mazzarello .....	123
Maria Mazzarello êmula inconsciente da Maccagno .....	123
Um novo passo para chegar à vida comum .....	125
Ainda o carnaval na oficina, meio de atrair para fazer o bem .....	125
Reascende-se o mau-humor .....	127
A Pampuro vem reunir-se às duas amigas .....	127
Conseqüências dolorosas .....	128
Obediente, Maria volta para a Valponasca .....	128
Termina a prova .....	130

**Dom Bosco em Mornese (1864-1867)**

Alegre notícia que os corações recebem em uníssono .....	131
Expectativa e acolhida festiva .....	132
Primeiras impressões recíprocas .....	132
Pe. Pestarino alcança seu fim .....	135
Dom Bosco recruta um grande e querido filho .....	135

Realiza-se o desejo do Pe. Pestarino .....	136
Significativa coincidência! .....	137
Dom Bosco colabora com os Institutos de Turim, para a salvação da juventude feminina .....	137
Dom Bosco e Maria Auxiliadora .....	139
Pe. Pestarino no Oratório, para a conferência dos diretores salesianos .....	143
Novas luzes .....	144
Operários voluntários .....	145
É assentada a primeira pedra do colégio .....	147
As Filhas da Imaculada e suas alunas não faltam à festa ...	148
Resposta de Dom Bosco à senhorinha Parigi .....	149
O Céu abençoa a construção do colégio .....	149
Relação feita pelo Pe. Pestarino, durante a reunião dos Diretores. 1866 .....	150
Carnaval de guerra .....	151
Mulheres viris .....	151
O mês de maio como fora sugerido por Dom Bosco .....	152
Como Dom Bosco pregava a pobreza religiosa .....	156
A súplica insistente à Auxiliadora esconjura o temporal ...	157
Prossegue a construção do colégio .....	158
Dom Bosco manifesta ao Pe. Lemoyne seu intento de fundar um Instituto feminino .....	158
Como Dom Bosco tranqüilizou a superiora de Tor de'Specchi	160
Ainda a construção do colégio .....	160
Novas alunas. 1867 .....	161
Pe. Pestarino em Turim .....	161
Também Mornese se consagra a Maria Auxiliadora .....	162
Dom Bosco assegura a proteção de Maria Auxiliadora para Mornese .....	162
As Filhas da Imaculada se industriam para fazer o bem ....	164
A capela do colégio .....	165
Dom Bosco aprova que as moças vão morar na "Casa da Imaculada" .....	165
A "Casa da Imaculada" .....	167
Maria se separa definitivamente da família .....	168
<b>As Filhas da Imaculada e a paterna solicitude de Dom Bosco (1867-1870) .....</b>	<b>170</b>
Na Casa da Imaculada .....	170
Volta o descontentamento .....	171
"Não é sua intenção fundar um convento" .....	171
Como se vive na "Imaculada" .....	172
Início de apostolado masculino no colégio .....	174
O penoso veto .....	174
Para a bênção da capela no colégio .....	174
Dom Bosco em Mornese para a bênção da capela .....	175
Dom Bosco primeiro hóspede do colégio .....	176
Os mornesinos, para Maria Auxiliadora e para Dom Bosco	177
Dom Bosco para os mornesinos .....	178
Lápide comemorativa à entrada da capela .....	179
As palavras dirigidas por Dom Bosco às Filhas da Imaculada	179
Como a Mazzarello acolhe a palavra de Dom Bosco .....	180
A Mazzarello é posta à frente da Casa "Imaculada" .....	180

Morre o Frassinetti. 1868 .....	181
Preparativos para a consagração da Igreja de Maria Auxiliadora, em Turim .....	181
Dom Bosco recebe com satisfação a prestação de contas anual do Pe. Pestarino .....	182
Dificuldades sobre dificuldades .....	182
Eficaz conforto .....	184
Primeiro opúsculo de Dom Bosco sobre Maria Auxiliadora e primeira novena .....	184
O "Cattolico proveduto" .....	185
Repete-se a revelação do projetado Instituto .....	185
O quadro de Maria Auxiliadora .....	186
Consagração da igreja de Maria Auxiliadora .....	187
Maria Auxiliadora, Mãe e Rainha! .....	188
Participação de Mornese na festa .....	190
Pe. Pestarino explica o motivo de tal participação .....	190
Duas primeiras missas em Mornese .....	192
Dom Bosco em Roma e a aprovação da Pia Sociedade Salesiana. 1869 .....	193
Festa de família e nova indulgência .....	194
Bela promessa, promessa cumprida .....	194
Paternas exortações .....	195
Horário-programa .....	197
Preciosas indulgências para os mornesinos. 1870 .....	198
Pe. Pestarino esperado em Valdocco .....	198
Delicadezas paternas .....	199
Dupla festa em Mornese .....	199
Como Dom Bosco eleva o pensamento ao Banquete celeste .....	200
Alegria da juventude salesiana .....	200
Dom Bosco faz uma preciosa aquisição para a Pia Sociedade Salesiana .....	202
Dom Bosco se ocupa diretamente das Filhas da Imaculada .....	202
No momento da partida de Dom Bosco e do Pe. Costamagna .....	203
Novo convite de Dom Bosco ao Pe. Pestarino .....	203
Dom Bosco revela ao Pe. Francesia seu projeto em relação às jovens .....	204
<b>Dom Bosco se revela claramente Pai e Fundador (1871) .....</b>	<b>205</b>
Vastos projetos de Dom Bosco em relação ao colégio .....	205
Casa Carante .....	205
Nova visita preciosa de Dom Bosco a Mornese .....	205
Uma nota dissonante entre as Filhas da Imaculada .....	207
O que Dom Bosco viu entre as Filhas da Imaculada .....	208
Aumentam as pessoas e as indústrias na Casa da Imaculada .....	209
Primeira revelação de Dom Bosco em pleno Capítulo Salesiano .....	210
Consenso unânime .....	211
O colégio para as Filhas da Imaculada .....	212
Dom Bosco deixa o Pe. Pestarino entrever parte do seu pensamento .....	212
Dom Bosco expõe ao Papa seus novos projetos .....	213
Dom Bosco revela inteiramente seu plano ao Pe. Pestarino .....	214
Pe. Pestarino entre a espada e a parede .....	214
"Como farei para conhecer as que têm vocação?" .....	215
As Filhas da Imaculada são postas ao corrente do que lhes .....	

diz respeito .....	216
O sofrimento que faz sangrar o coração do Pe. Pestarino não lhe amarra as mãos .....	217
As "Leituras católicas" para a juventude feminina .....	217
O primeiro esquema de Regras .....	218
<b>Tempo de transição (1871-1872) .....</b>	<b>220</b>
No mesmo caminho, uma nova luz .....	220
Pe. Pestarino abre novos horizontes às Filhas da Imaculada .....	221
Primeiros passos no caminho aberto .....	221
Silêncio absoluto? .....	223
Fórmula nova e devoção antiga .....	223
O sereno abandono da Mazzarello: não pergunta nem como nem por que .....	224
Conforto e esperanças do Pe. Pestarino em meio à tempestade .....	225
Uma nova flor: Corina Arrigotti .....	226
O trabalho materno da Mazzarello em torno de Corina .....	227
Visita de Dom Bosco a Albissola .....	228
Dom Bosco doente em Varazze .....	228
Pe. Pestarino e as Filhas da Imaculada, por Dom Bosco doente .....	228
Nas pegadas de Dom Bosco e para Dom Bosco: primeira órfã .....	231
Os mornesinos visitam Dom Bosco em Varazze. 1872 .....	231
"Agora, amigos, é preciso almoçar!" .....	234
A Epifania do Instituto feminino de Dom Bosco .....	234
As Filhas da Imaculada têm em suas mãos as primeiras Regras .....	235
Maria Mazzarello adere logo a Dom Bosco .....	236
Petronilla reflete .....	236
Reunião decisiva com as outras Filhas da Imaculada do lugar .....	237
<b>Pedras fundamentais do monumento vivo de Maria Auxiliadora (1872) .....</b>	<b>239</b>
Primeiros ensaios do hábito religioso .....	239
Sobre a transferência para o colégio .....	240
Dom Bosco volta a Turim .....	241
Ainda sobre o hábito religioso .....	242
Esperança filial .....	243
Alegria e apreensões .....	244
Circunstância providencial .....	245
Se é para fazer a mudança, façamo-la .....	247
O primeiro 24 de maio no colégio .....	247
A serenidade não era completa .....	248
As duas primeiras novas vocacionadas .....	249
A Regra é logo observada .....	249
A festa do Corpo de Deus .....	251
À procura de trabalho .....	251
Os falatórios .....	252
A arte de transformar tudo em alegria .....	253
Por motivo de saúde, o bispo da diocese irá a Mornese .....	253
Dom Bosco manda preparar a primeira função religiosa para suas filhas .....	254
O bispo hóspede do Pe. Pestarino .....	255
Gratos preparativos .....	256
Algumas senhoras participam do primeiro retiro espiritual .....	257
O Fundador não deve faltar, e não falta .....	258

Os últimos preparativos .....	261
Dom Bosco inteiramente à disposição das suas filhas .....	261
Chega a hora de Deus .....	262
Dom Bosco fala e dá o nome ao seu "Monumento" .....	265
Em Mornese também, a nevada provoca admiração e... murmurações .....	266
Retoma-se a vida, corações sempre voltados para o alto ...	266
A Vigária de Nossa Senhora .....	267
"A verdadeira diretora é Nossa Senhora" .....	268
Comovida despedida do Fundador .....	269
Prossegue o retiro .....	270
Pobre Pe. Pestarino! .....	270
Luiza Arecco .....	271
Encerramento do retiro e gratas lembranças do Pastor ....	272
Ata da fundação .....	272
Benevolência do bispo para com as novas religiosas .....	274
Não seremos menos da Imaculada, sendo de Maria Auxiliadora	275



Composto e impresso nas  
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS  
Rua da Mooca, 766 (Mooca)  
Fone: 279-1211 — P. A. B. X.  
Caixa Postal 30.439  
SÃO PAULO

